

REVISTA DO GEL



Grupo de Estudos Linguísticos
do Estado de São Paulo

Grupo de Estudos Linguísticos
do Estado de São Paulo

REVISTA DO GEL

ISSN 1984-591X

Revista do GEL	São Paulo	v. 18	n. 1	262 p.	Abril 2021
----------------	-----------	-------	------	--------	------------

DIRETORIA DO GEL / 2019-2021 (UFSCar)

Presidente: Prof. Dr. Luiz Andre Neves de Brito

Vice-Presidenta: Profa. Dra. Mariana Luz Pessoa de Barros

Secretário: Prof. Dr. Renato Miguel Basso

Tesoureira: Profa. Dra. Rosa Yokota

REVISTA DO GEL

revistadogel@gel.org.br | <https://revistas.gel.org.br/rg>

COMISSÃO EDITORIAL EXECUTIVA

Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto, Prof. Dr. Eduardo Penhavel, Prof. Dr. Oto Araújo Vale,
Profa. Dra. Lúcia Regiane Lopes-Damasio e Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira

EDITOR RESPONSÁVEL

Prof. Dr. Marcelo Módolo

PROJETO GRÁFICO

Prof. Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann

REVISÃO, NORMATIZAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, EDIÇÃO E ARTE



CONSELHO EDITORIAL

Antônio Alcir Bernárdez Pécora (UNICAMP), Carlos Subirats Rüggeberg (Universitat de Barcelona), Danilo Marcondes Souza Filho (PUC/RJ), Evani Viotti (USP), Helena Nagamine Brandão (USP), Ieda Maria Alves (USP), Jacques Fontanille (Université de Limoges), José Borges Neto (UFPR), Kanavilil Rajagopalan (UNICAMP), Marco Antonio de Oliveira (PUC/MG), Maria Célia de Moraes Leonel (UNESP/FCLAr), Filomena Gonçalves (Universidade de Évora), Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP), Marta Luján (The University of Texas), Mirta Maria Groppi Asplanato de Varalla (USP), Otto Zwartjes (University of Amsterdam), Pierre Swiggers Katholieke (Universiteit Leuven), Raquel Santana dos Santos (USP), Renata Coelho Marchezan (UNESP/FCLAr) e Wilmar da Rocha D'Angelis (UNICAMP).

Catálogo na Publicação elaborada por

Gildenir Carolino Santos (CRB-8ª/5447)

Revista do GEL. – v.1, n.1 (2004-). – São Paulo, SP: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 2002-
1 recurso digital : il.

Periodicidade quadrimestral desde volume 13, 2016 (atual).

Periodicidade semestral até volume 12, 2015.

Periodicidade anual até 2006.

e-ISSN 1984-591X (online).

Publicada no formato impresso ed. especial n. 0, 2002.

Disponível online a partir do volume 1, 2004.

Título abreviado: Rev. GEL

Preservada digitalmente no LOCKSS.

Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

1. Linguística (Teoria e análise) – Periódicos. 2. Linguística aplicada – Periódicos. 3. Literatura – Periódicos. I. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo.

20-018

CDD: 410.05

CDU: 81 (05)

SUMÁRIO / CONTENTS

APRESENTAÇÃO	7
Marcelo Módolo	
TIPOLOGIA DE MARCADORES ILOCUCIONÁRIOS E SEU PAPEL NO ESTUDO DAS RELAÇÕES DE DISCURSO	10
<i>TIPOLOGY OF ILLOCUTIONARY MARKERS AND THEIR ROLE IN THE STUDY OF DISCOURSE RELATIONS</i>	
Gustavo Ximenes CUNHA	
ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DE <i>SENHORIO</i> NO ÂMBITO DA FAMÍLIA PATRIARCAL: O NOME E A TRANSMISSÃO DE BENS	35
<i>SEMANTIC-ENUNCIATIVE ANALYSIS OF SENHORIO IN THE PATRIARCAL FAMILY: THE NAME AND TRANSMISSION OF GOODS</i>	
Liliana de Almeida Nascimento FERRAZ e Jorge Viana SANTOS	
A NOÇÃO DE SUJEITO NA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO	56
<i>THE NOTION OF SUBJECT IN THE SEMANTICS OF EVENT</i>	
Kelly Cristini GRANZOTTO WERNER e Eliana Rosa STURZA	
BREVE PERCURSO HISTÓRICO DE ABORDAGENS LINGUÍSTICAS QUE ANTECEDEM E INFLUENCIAM A CONSTITUIÇÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	68
<i>BRIEF HISTORICAL ROUTE OF LINGUISTICS APPROACHES THAT PRECEDES AND INFLUENCES THE VARIATIONIST SOCIOLINGUISTICS' CONSTITUTION</i>	
Marcela Langa LACERDA	
JORNALISMO DIGITAL EM PERSPECTIVA DIALÓGICA: UMA ANÁLISE DO GÊNERO EDITORIAL NA <i>FOLHA DE S.PAULO</i>	101
<i>DIGITAL JOURNALISM IN A DIALOGICAL PERSPECTIVE: AN ANALYSIS OF THE EDITORIAL GENRE IN FOLHA DE S.PAULO</i>	
Helois Mara MENDES e Marina Célia MENDONÇA	

ENTRE CHEIROS E TEXTURAS, TRIAGENS E MISTURAS: A EXCLUSÃO SOCIAL DA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA TENSIVA NO CONTO “O BIFE E A PIPOCA” 129

AMONG SMELLS AND TEXTURES, SCREENING AND MIXTURES: SOCIAL EXCLUSION FROM THE SEMIOTIC TENSIVE PERSPECTIVE IN THE SHORT STORY “O BIFE E A PIPOCA”

Sonia MERITH-CLARAS

FORMS OF ADDRESS AMONG LAW STUDENTS IN 19TH CENTURY SÃO PAULO: SYMMETRICAL RELATIONSHIPS 145

O TRATAMENTO ENTRE OS ACADÊMICOS NA SÃO PAULO OITOCENTISTA: AS RELAÇÕES SIMÉTRICAS

Marilza de OLIVEIRA e Enedino SOARES

VOLDEMORT E BOLSONARO: DIÁLOGO ENTRE ARTE, MÍDIA E POLÍTICA 169

VOLDEMORT AND BOLSONARO: DIALOGUE BETWEEN ART, MEDIA AND POLITICS

Luciane de PAULA e Giovana Cristina de MOURA

ASPECTO VERBAL NAS CONSTRUÇÕES COM VERBO-SUPORTE 204

VERBAL ASPECT IN SUPPORT-VERB CONSTRUCTIONS

Larissa PICOLI, Oto Araújo VALE e Eric LAPORTE

CONTRIBUIÇÕES DE UM CURSO EAD PARA O LETRAMENTO EM AVALIAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS ADICIONAIS PARA CRIANÇAS 230

CONTRIBUTIONS OF A DISTANCE-MODE COURSE TO THE ASSESSMENT LITERACY OF TEACHERS OF ADDITIONAL LANGUAGES TO CHILDREN

Gladys QUEVEDO-CAMARGO e Juliana Reichert Assunção TONELLI

CROFT, William. Ten lectures on construction grammar and typology. Leiden/Boston: Brill, 2020. 249

Andre Vinicius Lopes CONEGLIAN

ÍNDICE DE ASSUNTOS	258
<i>SUBJECT INDEX</i>	260
ÍNDICE DE AUTORES / <i>AUTHORS INDEX</i>	262

APRESENTAÇÃO

Este primeiro número do volume dezoito da *Revista do GEL* traz dez novos artigos e uma resenha crítica. São dez estudos nos quais se discutem as materializações do fenômeno linguístico, por meio de análises diversas.

Em “Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso”, Gustavo Ximenes Cunha explicita o papel dos marcadores ilocucionários – conforme a tipologia proposta por Roulet – na definição das relações ilocucionárias, com base na análise de um excerto de peça teatral.

No texto “Análise semântico-enunciativa de *Senhorio* no âmbito da família patriarcal: o nome e a transmissão de bens”, Lílina de Almeida Nascimento Ferraz e Jorge Viana Santos discutem sentidos da palavra *senhor* circulantes em cartas de alforria no Brasil durante o período de 1841 a 1888 e em textos da imprensa baiana durante o período de 1870 a 1888.

O artigo “A noção de sujeito na semântica do acontecimento”, de Kelly Cristini Granzotto Werner e Eliana Rosa Sturza, apresenta uma reflexão sobre a noção de “sujeito” na Semântica do Acontecimento, proposta e desenvolvida pelo pesquisador brasileiro Eduardo Guimarães, como uma Semântica Histórica da Enunciação. Para tanto, parte da leitura de duas obras relevantes publicadas por esse autor: *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação* (2002) e *Semântica, enunciação e sentido* (2018).

Mudada a perspectiva para a Sociolinguística Variacionista, Marcela Langa Lacerda, em “Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista”, resgata uma parte da história dos estudos linguísticos que antecedem e influenciam a constituição desse campo do saber linguístico. Para tanto, retoma brevemente a história da Linguística dos séculos XVIII, XIX e XX, considerando fatos que interessam ao tema *variação e mudança linguística*, no âmbito das seguintes abordagens: (i) os estudos comparados, (ii) os histórico-comparados, (iii) os neogramáticos, (iv) os dialetológicos, (v) Estruturalismo e (vi) Gerativismo. As ideias de Humboldt e Whitney e de Meillet e Martinet também foram consideradas.

Heloisa Mara Mendes e Marina Célia Mendonça, com o artigo “Jornalismo digital em perspectiva dialógica: uma análise do gênero editorial na *Folha de S. Paulo*”, analisam, a partir da perspectiva dialógica, com base em escritos de Bakhtin e Volóchinov, editoriais publicados na edição digital do jornal *Folha de S. Paulo*. A escolha de enunciados pertencentes ao campo do jornalismo justifica-se pelo fato de que os gêneros discursivos

não permanecem indiferentes às especificidades de sua atualização no campo da comunicação social a que pertencem.

A percepção da afetividade é o tema da reflexão de “Entre cheiros e texturas, triagens e misturas: a exclusão social da perspectiva da Semiótica Tensiva no conto ‘O bife e a pipoca’”. A autora Sonia Merith-Claras discute as modulações sensíveis dos atores do enunciado no conto “O bife e a pipoca”, de Lygia Bojunga, demarcando como as diferenças sociais são articuladas no projeto enunciativo do enunciador. Isto é, uma vez que as escolhas enunciativas recaem sobre o *crer* do enunciatário, a autora observa como as modalidades epistêmicas, articuladas em percursos figurativos e temáticos, reforçam uma leitura sensorial na busca da adesão afetiva do leitor.

Na sequência, em “Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships”, Marilza de Oliveira e Enedino Soares analisam formas de tratamento no viés da análise sócio-histórica da linguagem, alicerçadas na abordagem de comunidade de prática (ECKERT, 2000) e na teoria da interpretação das culturas que concebe o comportamento humano como ação simbólica (GEERTZ, 2011). A análise mostra que, usado para expressar comportamento agressivo e ataque de fúria, o pronome *você*, na visão bakhtiniana de carnavalização, sinaliza o baixo na escala de tratamento.

Também em torno da análise bakhtiniana, temos o artigo de Luciane de Paula e Giovana Cristina de Moura: “Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política”. O intuito da reflexão é pensar sobre as simetrias entre vida e arte, semiotizadas por Voldemort e Bolsonaro, além de verificar como essa correlação se tornou debate na comunidade de fãs de HP, com relação à associação da obra à política. O método adotado é o dialético-dialógico bakhtiniano. As concepções mobilizadas são: diálogo, enunciado, vozes sociais, reflexo e refração, forças centrípetas e forças centrífugas, arte e vida.

O estudo do aspecto verbal pode ser observado no artigo “Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte”, de autoria de Larissa Picoli, Oto Araújo Vale e Eric Laporte. Esse artigo discute o aspecto verbal nas construções com verbo-suporte (CVS) e com extensões de verbo-suporte, focalizando a função semântica que os verbos podem ter quando exprimem aspecto.

No término da sequência de artigos, temos “Contribuições de um curso EAD para o letramento em avaliação de professores de línguas adicionais para crianças”, de Gladys Quevedo-Camargo e Juliana Reichert Assunção Tonelli. O escopo desse artigo é apresentar uma análise temática (MINAYO, 2007) de diários reflexivos (REICHMANN, 2013) de participantes de um curso na modalidade de ensino a distância (EAD) sobre avaliação em contextos de ensino-aprendizagem de línguas adicionais para crianças,

cuja escrita foi orientada por perguntas-guia. Buscaram-se evidências de impacto de um dos módulos do curso nas reflexões das cursistas sobre cinco conceitos básicos da área de avaliação: autenticidade, confiabilidade, efeito retroativo, praticabilidade e validade (ISAACS, 2013; GREEN, 2014).

Finalizamos o presente número com a resenha de “Ten lectures on construction grammar and typology”, de William Croft, elaborada por André Vinícius Lopes Coneglian.

Esses trabalhos – reunidos e dispostos em ordem alfabética pelo último sobrenome do autor (ou do primeiro autor) no corpo da revista, salvo a resenha que segue no final do volume – apontam para diferentes vertentes do pensamento acerca da linguagem e dialogam com linhas de pesquisa constantemente presentes nos dezessete volumes da *Revista do GEL* que foram já publicados. Reiteram, assim, nosso compromisso com a diversidade e com a qualidade do pensamento acadêmico em nossos campos de estudo, sendo, portanto, índices de caminhos já trilhados, mas, ao mesmo tempo, ainda potencialmente produtivos para o desenvolvimento de investigações que contribuam para a construção de um pensamento, em todos os sentidos, inovador e revigorante.

Novamente, agradeço à Letraria e a todos os seus colaboradores, a Milton Bortoleto – nosso auxiliar editorial –, aos autores e aos pareceristas, cujos ânimo e contínua resistência têm dado prosseguimento a este projeto científico, mesmo em momento tão adverso.

Desejamos excelente leitura a todos.

Marcelo Módolo¹
Editor da Revista do GEL,

São Paulo, 4 de abril de 2021,
domingo de Páscoa.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; modolo@usp.br;
<https://orcid.org/0000-0001-5808-9368>

TIPOLOGIA DE MARCADORES ILOCUCIONÁRIOS E SEU PAPEL NO ESTUDO DAS RELAÇÕES DE DISCURSO

TIPOLOGY OF ILLOCUTIONARY MARKERS AND THEIR ROLE IN THE STUDY OF DISCOURSE RELATIONS

Gustavo Ximenes CUNHA¹

Resumo: Neste trabalho, explicitamos o papel dos marcadores ilocucionários, conforme a tipologia proposta por Roulet, na definição das relações ilocucionárias. Na abordagem desse autor, o estudo das relações de discurso (ilocucionárias e interativas) se realiza em duas etapas. Inicialmente, estudam-se as relações genéricas e, em seguida, as relações específicas. No intuito de tornar a identificação das relações ilocucionárias mais precisa, propusemos neste trabalho que, em cada uma dessas etapas, sejam consideradas as instruções de determinados tipos de marcadores. Assim, os marcadores de orientação ilocucionária devem ser considerados na etapa de identificação das relações ilocucionárias genéricas. Já os demais marcadores – os marcadores de ato ilocucionário (denominativos, indicativos e potenciais) – devem ser considerados na análise das relações específicas. Com base na análise de um excerto de uma peça teatral, verificamos que, atuando nessas diferentes etapas, os marcadores ilocucionários permitem não só uma identificação mais precisa das relações ilocucionárias, mas também a percepção dos vínculos de ordem interpessoal existentes entre as personagens.

Palavras-chave: Marcadores discursivos. Relações de discurso. Interação.

Abstract: In this work, we explain the role of illocutionary markers, according to the typology proposed by Roulet, in the definition of illocutionary relations. Roulet proposes that the study of discourse relations (illocutionary and interactive) should be carried out in two stages. Initially, generic relationships are studied and then specific relationships. To make the identification of illocutionary relations more precise, we have proposed that, in each of these stages, certain types of markers are considered. Thus, markers of illocutionary orientation must be considered in the stage of identifying generic illocutionary relations. The other markers - the markers of illocutionary acts (denominative, indicative and potential) - should be considered in the analysis of specific relations. Based on the analysis of an excerpt from a play, we verified that acting in these different stages, the illocutionary markers allow not only a more precise identification of the illocutionary relations but also the perception of the interpersonal relations existing between the interlocutors.

Key-words: Discourse markers. Discourse relations. Interaction.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; ximenes Cunha@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0001-9953-1204>.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

No âmbito dos estudos do texto e do discurso, a abordagem cognitivo-interacionista constituída em torno de Eddy Roulet tem por finalidade central o estudo da estrutura e da complexidade de toda forma de discurso: oral, escrita, monologal, dialogal, polilogal, literária ou não-literária (ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; FILLIETTAZ; ROULET, 2002)². Nessa abordagem, o estudo das relações de discurso entre constituintes do texto (atos, intervenções e trocas) desempenha papel central, uma vez que essas relações são entendidas como recursos que permitem aos interlocutores interagir ou, nos termos de Roulet (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), participar do processo de negociação. Mais especificamente, por meio dessas relações, os interlocutores podem atender a dois tipos de restrições a que, ao longo da interação, estão submetidos: a restrição de completude dialógica – ligada ao modo como desenvolvem a troca elaborando proposições, contraproposições e reações e chegam a um acordo sobre a possibilidade de encerrá-la por meio de uma ratificação – e a restrição de completude monológica – ligada à elaboração de cada intervenção constitutiva da troca (cf. ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2021).

Para o alcance de cada um desses tipos de completude, Roulet propõe uma categoria de relações textuais. A categoria das relações ilocucionárias (*iniciativas* – pergunta, pedido e asserção – e *reativas* – resposta e ratificação) permite o alcance da completude dialógica, enquanto a categoria das relações interativas (argumento, contra-argumento, comentário, preparação, reformulação, sucessão, topicalização e clarificação) permite o alcance da completude monológica. Essas relações podem ou não ser sinalizadas por marcadores discursivos, como conectores, estruturas sintáticas e determinados itens lexicais (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; MARINHO, 2002, MARINHO; CUNHA, 2018; CUNHA, 2015, 2021).

Em diferentes trabalhos, valemo-nos desse arcabouço teórico no estudo das relações interativas (CUNHA, 2015, 2017a, 2020, 2021; CUNHA; BRAGA, 2018; MARINHO; CUNHA, 2018) e de alguns de seus marcadores, como *mas* (CUNHA, 2017b), *quando* (CUNHA, 2014), *com efeito* e *seja como for* (MARINHO; CUNHA, 2012) e *na verdade* (CUNHA; MARINHO, 2017). Complementando esses trabalhos, nosso objetivo na presente contribuição é abordar as relações ilocucionárias e seu papel no

² Também conhecida como Escola de Genebra e Modelo de Análise Modular do Discurso, essa abordagem, cujo objetivo inicial, nos anos 1980, era o estudo da articulação dos atos de fala na estrutura de discursos dialógicos e monológicos (ROULET *et al.*, 1985; MOESCHLER, 1985), amplia-se a partir dos anos 1990 para dar conta da complexidade da organização de toda forma de discurso. Nessa perspectiva, que considera outros planos da organização do discurso, como o tópico, o sequencial e o praxiológico (acional), o discurso é concebido como interação verbal situada e como a convergência de informações de três dimensões distintas – linguística, textual e situacional (ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; FILLIETTAZ; ROULET, 2002, CUNHA, 2019, 2021; CUNHA; PICININ, 2018).

desenvolvimento e encerramento da troca ou no alcance da completude dialógica, focalizando seus marcadores. Particularmente, buscamos explicitar o papel que os tipos e subtipos de marcadores ilocucionários, propostos por Roulet (1980, 2002; ROULET *et al.*, 1985), exercem na definição das relações ilocucionárias (ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

Nesse arcabouço teórico, o estudo das relações de discurso (ilocucionárias e interativas) presentes em uma produção discursiva e de seus marcadores se realiza em duas etapas, a partir da combinação de informações sintáticas, lexicais, referenciais e hierárquicas. Na primeira, estudam-se as relações com base nas categorias de relações interativas e ilocucionárias anteriormente mencionadas, as quais são entendidas como categorias genéricas de relações de discurso. Na segunda etapa, descreve-se a relação específica que liga um constituinte do texto (ato, intervenção ou troca) a uma informação previamente estocada na memória discursiva³. A descrição da relação específica se realiza por meio de um cálculo inferencial que será apresentado mais adiante. Assim, se na primeira etapa da análise uma relação foi definida genericamente como sendo de pergunta, na segunda verifica-se de forma mais precisa, por meio do cálculo, se a relação é de convite, ameaça ou conselho (ROULET, 2002, 2003, 2006; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2021).

Apesar de Roulet (1980, 2002; ROULET *et al.*, 1985) ter proposto uma caracterização detalhada dos marcadores ilocucionários, caracterização que apresentaremos no próximo item, seu papel em cada etapa do estudo das relações de discurso não foi objeto de maiores especificações. A fim de contornar essa lacuna, no intuito de que a definição das relações ilocucionárias ganhe em precisão, propomos neste trabalho que determinados tipos de marcadores sejam considerados em cada uma das etapas do estudo das relações. Nessa proposta, os marcadores de orientação ilocucionária, que, como veremos, correspondem às construções sintáticas básicas da sentença (declarativa, interrogativa e imperativa), devem ser considerados na primeira etapa da análise, quando se identificam as relações genéricas. Já os demais marcadores – os marcadores de ato ilocucionário (denominativos, indicativos e potenciais) – devem ser considerados na análise das relações específicas, que constitui o desenvolvimento da etapa anterior.

3 Na acepção de Berrendonner (1983, p. 230), a memória discursiva corresponde ao “conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores”. Ela compreende “os diversos pré-requisitos culturais (normas comunicativas, lugares argumentativos, saberes enciclopédicos comuns, etc.) que servem de axiomas aos interlocutores para conduzir uma atividade dedutiva” (BERRENDONNER, 1983, p. 230-231) e é alimentada tanto pelos acontecimentos extralinguísticos como pelas enunciações sucessivas que constituem o discurso.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

Para alcançar o objetivo de explicitar o papel desses tipos de marcadores ilocucionários nas etapas do estudo das relações de discurso, apresentaremos inicialmente a tipologia de marcadores delineada por Roulet (1980, 2002; ROULET *et al.*, 1985), baseando-nos, em especial, em seu trabalho de 1980. Em seguida, mostraremos como as categorias dos marcadores de orientação ilocucionária e dos marcadores de ato ilocucionário podem ser integradas em cada uma das etapas do estudo das relações de discurso, constituindo recursos preciosos para a definição das relações genéricas e específicas. Por fim, para revelar o interesse de uma tal abordagem no estudo de textos autênticos (ou seja, não fabricados para fins de análise), essa abordagem será utilizada no estudo de um excerto extraído da peça teatral “Anti-Nelson Rodrigues” (RODRIGUES, 1981).

Tipologia de marcadores ilocucionários

Como parte de um projeto de pesquisa que buscou a inter-relação de recursos linguísticos (lexicais e gramaticais), estrutura do texto e interação (ROULET *et al.*, 1985), a tipologia de marcadores ilocucionários proposta por Roulet (1980) resulta da combinação de estudos sobre trabalho de face (*face work*) e sua contraparte linguística (GOFFMAN, 1967/1955; BROWN; LEVINSON, 1978/1987, LAKOFF, 1977), sobre o implícito e os atos de fala (AUSTIN, 1962; SEARLE, 1995/1979; GRICE, 1975) e sobre a descrição linguística de marcadores discursivos (ANSCOMBRE; DUCROT, 1983; DUCROT *et al.*, 1980). Com essa tipologia, propõe Roulet (1980) instrumentos para a descrição das marcas que especificam o valor ilocucionário do ato (pedido, ordem, crítica, etc.), bem como para a explicação das funções que elas exercem na estrutura do discurso e no trabalho de face.

Para isso, parte o autor da percepção, fortemente ancorada em Lakoff (1977) e Brown e Levinson (1978/1987), de que o locutor, diante da tarefa de realizar um ato ameaçador para uma das faces envolvidas na interação⁴, deve optar por uma destas duas grandes estratégias: i) ser o mais claro e direto possível, assegurando a compreensão do valor ilocucionário do ato pelo interlocutor e correndo o risco de agredir uma das faces em jogo; ii) ser ambíguo e menos direto, evitando se impor, para poupar as faces em jogo, e correndo o risco de não ser compreendido.

4 Os atos (ou os valores) ilocucionários podem ser ameaçadores para as faces (face positiva) e os territórios (face negativa) dos interlocutores (BROWN; LEVINSON, 1978/1987). Assim, há atos que são tipicamente ameaçadores para a face positiva do locutor (*desculpa*), para a face negativa do locutor (*oferecimento*), para a face positiva do interlocutor (*crítica*) e para a face negativa do interlocutor (*pedido*) (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992).

Cada uma dessas grandes estratégias abarca subestratégias. De um lado, é possível assegurar a compreensão do valor ilocucionário do ato de duas formas: abertamente (*dizendo*) ou não abertamente (*indicando*). De outro, é possível poupar as faces em jogo também de duas formas: orientando (*dando a entender*) ou não orientando (*deixando entender*) a compreensão do valor ilocucionário do ato. As quatro subestratégias dão origem a um contínuo quanto ao grau de explicitude do valor ilocucionário do ato (Quadro 1). Para Roulet (1980), as subestratégias intermediárias seriam as mais interessantes, por assegurarem, ao mesmo tempo, a compreensão do valor ilocucionário pretendido e a preservação das faces dos interlocutores.

Quadro 1. Contínuo de subestratégias

Assegurar a compreensão (<i>ser claro</i>)		Poupar a face (<i>não se impor</i>)	
Abertamente (<i>dizendo</i>)	Não abertamente (<i>indicando</i>)	Orientando a interpretação (<i>dando a entender</i>)	Não orientando a interpretação (<i>deixando entender</i>)

Fonte: Elaborado a partir de Roulet (1980, p. 83)

Com base em Grice (1975), Roulet distingue quatro modos de realização linguística dessas subestratégias. O valor ilocucionário de um ato pode ser explicitado (comunicado de forma explícita) ou implicado (comunicado de forma implícita). No primeiro caso, o ato é denominado (verbo *pedir* no exemplo (1) abaixo). Quando comunicado de forma implícita, o valor ilocucionário pode ser implicado convencionalmente ou conversacionalmente. Diferentemente da implicatura conversacional, a convencional é independente do contexto e não pode ser anulada. No exemplo (2), o marcador *por favor* torna inequívoco e não anulável o valor de pedido do ato. Quando o valor ilocucionário é comunicado por implicatura conversacional, a implicatura pode ser generalizada ou particularizada. Ao contrário da implicatura particularizada, que é totalmente dependente do contexto (exemplo 4), a generalizada está ligada ao emprego de formas linguísticas, como exemplifica (3). Nesse ato, a construção *Você pode X?* é uma forma típica de se realizar um pedido, mas, diferentemente do que ocorre na implicatura convencional, a inferência de que, dizendo (3), o locutor faz um pedido pode ser anulada (ROULET, 1980).

- (1) Eu peço a você que feche a porta.
- (2) Feche a porta, por favor.
- (3) Você pode fechar a porta?
- (4) Está ventando muito.

Como se pode notar, cada um desses quatro modos de realização linguística das estratégias de comunicação dos atos corresponde a um tipo de *marcador de ato*

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

ilocucionário. O modo explícito corresponde aos *marcadores denominativos de ato ilocucionário*. Nesse caso, o locutor *diz, nomeia* claramente o valor ilocucionário do ato por meio de verbos performativos. Já a implicatura convencional corresponde aos *marcadores indicativos de ato ilocucionário*. Com esses marcadores, que abarcam sintagmas adverbiais, sintagmas adjetivais, interjeições etc., o locutor, também de forma clara e direta, *indica* o valor do ato. Por sua vez, a implicatura conversacional generalizada corresponde aos *marcadores potenciais de ato ilocucionário*. Enquanto recursos de proteção de face, esses marcadores permitem ao locutor apenas orientar a interpretação, *dando a entender*, com algum grau de ambiguidade, o valor do ato e possibilitando ao interlocutor escolher entre pelo menos duas interpretações. Esses marcadores abarcam verbos modais: *dever, poder, querer, crer* etc. Apenas a implicatura conversacional particularizada não possui marcadores característicos, em razão de sua total dependência do contexto. Por isso, um enunciado como (4) apenas *deixa entender* o valor do ato e se caracteriza por uma ausência total de imposição sobre o interlocutor.

Opondo-se a abordagens que, a partir da hipótese performativa de Ross (1970), associam cada construção sintática fundamental da sentença (declarativa, interrogativa, imperativa) a um ato específico (respectivamente, asserção, pergunta – demanda de informação – e ordem), Roulet (1980) observa que cada uma dessas construções pode expressar diferentes valores ilocucionários e não apenas um. Por exemplo, uma construção declarativa pode veicular uma asserção, uma confirmação ou uma crítica. Já uma construção imperativa pode veicular uma ordem, uma sugestão ou um oferecimento. Por isso, essas construções não constituem marcadores de atos ilocucionários, ainda que cada uma delas seja especializada em veicular determinados valores ilocucionários (ROULET, 1980; PERINI, 1998).

Baseando-se em Benveniste (1976/1964) e Halliday (1973), Roulet (1980; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001) entende que as construções declarativa, interrogativa e imperativa expressam aspectos importantes das relações inter-humanas ou interpessoais e, desse modo, dão indicações preciosas sobre o tipo de relações de papéis existentes entre os interlocutores. Nos termos do autor:

- o emprego da construção imperativa situa o locutor em uma posição de força em relação ao interlocutor e coloca este na situação de reagir por uma ação, de fazer;
- o emprego da construção declarativa situa o locutor em uma posição de força ou de igualdade com o interlocutor e coloca este na situação de reagir, considerando o que foi dito ou crendo no que foi dito;

- o emprego da construção interrogativa situa o locutor em uma posição de dependência, de inferioridade em relação ao interlocutor e coloca este na situação de reagir por uma resposta, de dizer. (ROULET, 1980, p. 90).

Indicando tipos de relações de papéis, essas construções exibem uma natureza mais geral do que aquela dos marcadores de ato ilocucionário. Mas, assim como eles, sinalizam parte dos direitos e deveres que associam os interlocutores e, por isso, constituem um quarto tipo de marcadores, os *marcadores de orientação ilocucionária*.

Assim constituída, a tipologia dos marcadores ilocucionários de Roulet (1980, 2002, ROULET *et al.*, 1985) possibilita a compreensão de que todo ato se caracteriza por um marcador de orientação ilocucionária (construção declarativa, interrogativa ou imperativa) e pode se caracterizar ainda por um ou vários marcadores de ato ilocucionário (denominativos, indicativos e potenciais). Dessa forma, enquanto o marcador de orientação ilocucionária define a relação de força existente entre os interlocutores, demandando do interlocutor um tipo de reação (agir, crer, responder), os marcadores de ato ilocucionário, se empregados, comunicam, de forma mais ou menos clara, o valor ilocucionário do ato.

A clareza máxima se obtém com os marcadores denominativos de ato ilocucionário (verbos performativos), como no ato: “Peço/Ordeno que você feche a porta”, os quais, no entanto, são raramente empregados, sobretudo, por razões de polidez (BROWN; LEVINSON, 1978/1987; ROULET, 1980; KERBRAT-ORECCHIONI, 1992; LEECH, 2014). Já nos atos abaixo, enquanto as construções imperativa (5), interrogativa (6) e declarativa (7) expressam diferentes tipos de relações, mais ou menos coercitivas, entre os interlocutores, o marcador indicativo *por favor* expressa claramente que se trata, nos três casos, de pedidos (ROULET, 1980).

- (5) Feche a porta, *por favor*.
- (6) Você poderia fechar a porta, *por favor*?
- (7) Eu gostaria que você fechasse a porta, *por favor*.

Por sua vez, a utilização de marcadores potenciais torna a definição do valor ilocucionário mais ambígua ou mais dependente do contexto. Por exemplo, o clássico enunciado “Você pode me passar o sal?” comporta o marcador de orientação ilocucionária interrogativo, que atribui ao interlocutor o dever de responder, bem como o marcador potencial de pedido *Você pode X?*. Como a instrução dada por esse último marcador não é convencional, mas conversacional generalizada, o interlocutor tem duas possibilidades: compreender o ato como um pedido ou compreendê-lo como uma demanda de informação (sua capacidade física para realizar a ação).

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

Já em um enunciado desprovido de marcadores de ato ilocucionário, por exemplo, “Estou achando a comida sem sal”, o valor ilocucionário do ato se torna ainda mais obscuro, alusivo (pedido, crítica ou mera asserção?) e dependente do contexto. E, como o marcador de orientação ilocucionária declarativo, diferentemente do imperativo, não coloca o interlocutor no dever de agir, desaparece o grau de imposição sobre ele, que pode até permanecer em silêncio (ROULET, 1980; LEVINSON, 2007/1983).

Nessa perspectiva, a compreensão do valor ilocucionário de um ato se beneficia fortemente da análise dos marcadores ilocucionários e de sua combinação em contexto. Por isso, Roulet (1980, p. 96) considera desnecessária a noção de ato de fala indireto, entendendo que “não existem atos diretos e atos indiretos, mas somente atos marcados (de diferentes maneiras) e atos alusivos (em diferentes graus)”.

Como informado, nosso intuito neste trabalho é evidenciar que as diferentes categorias de marcadores ilocucionários definidas neste item podem exercer papel relevante em cada uma das duas etapas em que se desenvolve a análise das relações de discurso na perspectiva de Roulet para o estudo da organização do discurso (ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). Enquanto os marcadores de orientação ilocucionária atuam na primeira etapa, auxiliando na identificação das relações genéricas, os marcadores de ato ilocucionário (denominativos, indicativos e potenciais) atuam na segunda, quando do cálculo da relação específica. O papel desses marcadores em cada etapa será evidenciado no item a seguir.

O papel dos marcadores ilocucionários no estudo das relações de discurso

Como informado na introdução, na abordagem de Roulet (1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), o estudo das relações de discurso (interativas e ilocucionárias) presentes em uma produção discursiva e de seus marcadores se realiza em duas etapas. Na primeira, correspondente à análise das relações genéricas, o estudo das relações ilocucionárias se faz com base em dois tipos de categorias de relações: as *iniciativas* – pergunta, pedido e asserção – e as *reativas* – resposta e ratificação.

A distinção entre relações iniciativas e reativas é ligada à posição que os atos ocupam na estrutura da troca, já que o valor ilocucionário de um ato se define, em grande medida, pela relação que ele estabelece com os atos que o antecedem e o sucedem

(MOESCHLER, 1994; HERITAGE, 2012)⁵. Assim, o primeiro ato de uma troca se liga ao seguinte por uma relação genérica iniciativa (por exemplo, pergunta). Por sua vez, os atos intermediários de uma troca se caracterizam por duas relações genéricas. Por exemplo, o segundo ato pode se ligar ao anterior por uma relação genérica reativa de resposta e ao terceiro por uma relação genérica iniciativa de asserção. Por fim, o ato com que um dos interlocutores finaliza a troca, indicando seu encerramento, se liga ao anterior pela relação reativa de ratificação (ROULET, 2006).

Neste trabalho, entendemos que os marcadores de orientação ilocucionária (construções declarativa, interrogativa e imperativa) que caracterizam os atos da troca auxiliam na identificação das relações ilocucionárias genéricas. Para compreendermos o papel desses marcadores na identificação das relações genéricas, é preciso estabelecer correspondências entre esses marcadores, as relações ilocucionárias genéricas iniciativas e reativas e a posição (inicial, intermediária e final) dos atos na troca⁶.

O ato que abre uma troca constitui a proposição inicial do locutor. Nessa posição, o ato que se caracteriza pela construção declarativa (8), interrogativa (9) ou imperativa (10) estabelece relação iniciativa de asserção, pergunta ou pedido, respectivamente, com o ato que o sucede.

- (8) Preciso saber as horas.
- (9) Que horas são?
- (10) Me diga as horas.

5 Na estrutura da troca, cada etapa do processo de negociação (proposição, reação e ratificação) constitui uma intervenção que pode ser formada por um ato apenas, mas que também pode ser formada por vários atos, intervenções e mesmo trocas subordinadas. Assim, o valor ilocucionário caracteriza toda a intervenção, independentemente da complexidade de sua estrutura interna (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). No entanto, como as relações que se estabelecem entre os constituintes internos de uma intervenção são interativas e como nosso objeto de estudo neste trabalho são as relações ilocucionárias e seus marcadores, em nossa exposição faremos referência apenas à noção de ato. Nosso intuito é, assim, tornar mais clara nossa exposição.

6 Para maior clareza em nossa exposição, as correspondências propostas na sequência serão ilustradas com atos criados por nós, os quais simulam as diferentes etapas de uma troca. Mas, no próximo item, essas correspondências serão verificadas na análise das relações genéricas de um texto autêntico: um excerto de uma peça teatral. Além disso, as correspondências sugeridas por nós se baseiam nas regras de estruturação da troca e de articulação de atos formuladas no âmbito da abordagem teórica em que nos inserimos (cf. ROULET, 1999; ROULET *et al.*, 1985; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; MOESCHLER, 1982, 1985, 1996), a partir da análise de textos autênticos, como interações comerciais, peças teatrais, entrevistas e programas televisivos.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

O ato que segue o ato inicial corresponde à reação do interlocutor, reação que pode ser positiva (exemplo (11)) ou negativa (exemplos (12) e (13)). Esse ato pode ser marcado pela construção declarativa (exemplos (11) e (12)) ou pela imperativa (exemplo (13)) e se caracteriza por duas relações: ele se liga ao ato anterior pela relação reativa de resposta e ao seguinte pela relação iniciativa de asserção (construção declarativa) ou de pedido (construção imperativa)⁷.

- (11) São novas horas.
- (12) Não sei.
- (13) Pergunte à Maria! / Olhe seu próprio relógio!

O ato que segue a reação pode exercer duas funções na estrutura da troca, o que depende da natureza (positiva ou negativa) da reação que o antecede. Se a reação foi positiva, o ato que a segue pode constituir uma ratificação do locutor, sinalizando o fim da troca e o alcance da completude dialógica. A ratificação será abordada adiante. Se a reação foi negativa, o ato que a segue pode constituir uma contraproposição do locutor, ou seja, a retomada da proposição inicial, mas formulada diferentemente (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; HERITAGE, 2012). Esse ato pode ser marcado pela construção declarativa (14), imperativa (15) ou interrogativa (16) e também se caracteriza por duas relações: ele se liga ao ato anterior pela relação reativa de resposta e ao seguinte pela relação iniciativa de asserção (construção declarativa), pedido (construção imperativa) ou pergunta (construção interrogativa).

- (14) Você pode muito bem olhar seu relógio!
- (15) Olhe seu relógio!
- (16) O que te custa olhar seu relógio?

A contraproposição do locutor pode motivar uma contrarreação do interlocutor, cujas propriedades relacionais são as mesmas da primeira reação, apresentadas anteriormente. Assim, como raramente uma troca se reduz a três atos (proposição, reação e ratificação), podendo comportar número bem mais elevado de etapas, a produção de

⁷ O ato que, posicionado logo após o ato inicial, é marcado pela construção interrogativa não constitui uma resposta, mas um pedido de esclarecimento necessário à resposta, como nesta troca:

A: Que horas são?

B: Por que você quer saber?

A: Porque acho que estou atrasado para o trabalho.

B: São nove horas.

Nesse exemplo, o ato “Por que você quer saber?” não constitui uma resposta à pergunta “Que horas são?”, mas o primeiro ato de uma troca de clarificação subordinada à pergunta. A resposta (“São nove horas.”) é dada apenas quando a troca subordinada se encerra. Vale esclarecer que trocas de clarificação podem ser subordinadas a qualquer constituinte da troca e não apenas ao ato inicial (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2019).

contraproposições e contrarreações é o mecanismo responsável pela extensão da troca (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2019).

O ato que, em posição final na troca, expressa seu encerramento e, portanto, o alcance da completude dialógica pelos interlocutores se liga ao anterior pela relação de ratificação. Nesse caso, o ato se caracteriza ou pela construção declarativa, exigindo do interlocutor apenas considerar/aceitar o fim da troca (17), ou pela construção imperativa⁸. Nesse caso, o locutor, por meio dessa construção, tenta impedir que o interlocutor dê sequência à troca, forçando seu encerramento, e o coloca na posição de realizar uma ação não verbal. Por exemplo, a troca cuja reação negativa é o ato “Pergunte [as horas] à Maria!” pode ter como ratificação atos no imperativo como em (18). Nesse sentido, encerrar a troca com ato marcado pela construção imperativa pode constituir uma maneira de expressar discordância com o interlocutor.

(17) Agradeço a informação (Obrigado!)

(18) Veja como fala! / Seja mais educado! / Não seja grosseiro!

Na segunda etapa do estudo das relações de discurso, como exposto, descreve-se a relação específica que liga um constituinte do texto a uma informação previamente estocada na memória discursiva (cf. nota 3). Nessa etapa, que desenvolve a anterior, interpreta-se o valor ilocucionário dos atos em análise e de seu papel na interação. A descrição da relação específica se baseia em um cálculo inferencial informal. A partir de contribuições da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 1995), Roulet propõe um modelo para o cálculo do percurso inferencial que leva à interpretação de uma relação específica, cálculo que se realiza em duas fases, a de explicitação e a de implicação (ROULET, 2002, 2003, 2006; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2021). A fase de explicitação corresponde a um enriquecimento informacional do ato (sua forma lógica enriquecida) que se obtém por meio da identificação dos argumentos de itens lexicais, bem como dos referentes de pronomes, expressões nominais definidas e desinências verbais (MOESCHLER *et al.*, 1994; CUNHA, 2021).

Completando a fase anterior, a de implicação conduz à interpretação final e corresponde a uma análise pragmática e inferencial, por possibilitar uma interpretação completa do segmento de discurso em estudo. Conforme Cunha (2021, p. 5),

⁸ O ato que encerra uma troca não pode ser marcado pela construção interrogativa, já que nesse caso tem-se ou o prolongamento da troca (contraproposição) ou a abertura de uma troca subordinada com o pedido de clarificação sobre o ato anterior.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

A obtenção dessa interpretação resulta da combinação destas informações de ordem linguística, textual e referencial: i) o material linguístico fornecido pela forma proposicional na fase de explicitação, ii) se houver um marcador (conector ou estrutura sintática), as instruções que o caracterizam, iii) informações da memória discursiva procedentes do cotexto, do contexto físico imediato e/ou da memória enciclopédica (conhecimentos de mundo) (MOESCHLER, 1994; MOESCHLER *et al.*, 1994; ROULET, 2003). As informações envolvidas nesse cálculo inferencial constituem premissas que conduzem à conclusão (interpretação) sobre a relação específica em exame.

Neste trabalho, propomos que nessa segunda etapa sejam considerados os demais marcadores apresentados no item anterior, os marcadores de ato ilocucionário (denominativos, indicativos e potenciais). Para isso, as instruções desses marcadores participam do cálculo inferencial como uma premissa de natureza linguística (sintática ou lexical), auxiliando na identificação do(s) valor(es) ilocucionário(s) que um ato pode expressar.

Estudo das relações ilocucionárias (genéricas e específicas) de um excerto de uma peça teatral

Para evidenciar como uma análise na perspectiva exposta nos itens anteriores pode ser realizada e o papel que os marcadores ilocucionários exercem nessa análise, estudaremos as relações ilocucionárias presentes em um excerto de um texto escrito e dialogal: o início da peça teatral “Anti-Nelson Rodrigues” (RODRIGUES, 1981, p. 275)⁹. No excerto, Tereza, mãe de Oswaldinho, flagra seu filho roubando joias (“pulseiras, colares, brincos”) de seu cofre.

- (19) *Tereza (assombrada)* – Que é que você está fazendo aí?
Oswaldinho (atônito) – Eu? Nada. (*ao mesmo tempo ele põe algumas jóias no bolso*)
Tereza – As minhas jóias!
Oswaldinho (num rompante) – A senhora sai, volta! Quem manda a senhora voltar?
Tereza – Me dá as jóias, imediatamente.
Oswaldinho – Até logo, mamãe!
[...]

⁹ Ainda que a abordagem aqui em exposição possa ser utilizada no estudo de toda forma de discurso, a escolha desse excerto se justifica por se tratar de um texto dialogal (ou seja, caracteriza-se pela estrutura de troca) que, apesar de sua curta extensão, apresenta exemplares da maior parte dos tipos de marcadores ilocucionários, como veremos na sequência, e cujo tópico (uma briga entre mãe e filho) é facilmente compreensível, não necessitando de maiores esclarecimentos contextuais. Na análise, as indicações do narrador em itálico, relativas ao comportamento não verbal das personagens, serão consideradas como elementos do contexto.

Nessa análise, estudaremos inicialmente as relações genéricas e, em seguida, as relações específicas presentes no excerto, evidenciando o papel dos diferentes tipos de marcadores ilocucionários em cada uma das etapas do estudo das relações de discurso.

Relações genéricas e marcadores de orientação ilocucionária

A proposição inicial da troca (“Que é que você está fazendo aí?”) é produzida por Tereza e se caracteriza pelo marcador de orientação ilocucionária interrogativo. Por isso, esse ato se liga ao seguinte por uma relação iniciativa de pergunta. Como vimos, a construção interrogativa estabelece uma relação desigual de papéis entre os interlocutores, na medida em que situa seu produtor em uma posição de dependência e inferioridade face ao interlocutor. Afinal, este detém um conhecimento que o locutor, a princípio, não detém¹⁰. Nesse sentido, a primeira intervenção da troca já sugere a relação conflituosa que marcará a interação entre as personagens, mãe e filho, o que é acentuado pela indicação do narrador de que Tereza, ao ver o filho roubando suas joias, ficou *assombrada*. Do ponto de vista da distribuição dos direitos e deveres que subjaz à construção interrogativa, esta coloca Oswaldinho na obrigação de responder.

A reação de Oswaldinho é formada por dois atos: “Eu?” e “Nada”. A relação de discurso existente entre esses atos é de natureza interativa e não ilocucionária, porque articula informações constitutivas da intervenção e não da troca, contribuindo para a completude da intervenção (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2021). Nessa intervenção, o ato “Eu?”, por não trazer sua informação central, funciona como uma preparação para o ato seguinte (“Nada”), que constitui, de fato, a resposta à pergunta feita previamente¹¹. Verifica-se, assim, uma relação de natureza hierárquica entre os atos, o primeiro sendo subordinado ao segundo. É possível interpretar que o ato principal dessa intervenção se caracteriza pelo marcador declarativo, já que pode ser parafraseado por: “Não estou fazendo nada”. Por isso, esse ato se liga ao anterior por uma relação reativa de resposta e ao seguinte por uma relação iniciativa de asserção.

Conforme Roulet (1980), a construção declarativa situa seu produtor em uma posição de força ou de igualdade em relação ao interlocutor. Porque a indicação contextual

10 Exceções a essa caracterização geral são as perguntas feitas por professores e dirigidas a alunos em contexto escolar (MARCUSCHI, 2008; HERITAGE, 2012).

11 A interpretação do papel acessório de “Eu?” se baseia no fato de que essa pergunta infringe a máxima da relevância, por não haver outros personagens na cena, e gera, por isso, a inferência de que Oswaldinho não pode (não se sente à vontade para) dizer verdadeiramente o que estava fazendo ali. A indicação do narrador de que ele ficou atônico com a chegada de sua mãe e com sua pergunta sustenta essa interpretação do ato.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

que antecede a intervenção de Oswaldinho sinaliza que a pergunta de Tereza o deixou *atônito*, é possível interpretar que ele, ao dizer que não estava fazendo “nada”, tentou estabelecer uma relação de igualdade com sua mãe, mas não foi bem-sucedido nessa manobra, já que a chegada de Tereza o desestabilizou, por contrariar suas expectativas.

A construção declarativa, como vimos, coloca o interlocutor na situação de reagir considerando o que foi dito ou crendo no que foi dito. Nesse sentido, a reação de Oswaldinho poderia levar Tereza a produzir uma ratificação, por meio da qual expressaria um acordo sobre a possibilidade de encerrar a troca, algo como: “Tudo bem!”. Porém, Tereza, ao dizer na sequência “As minhas jóias!”, produz uma contraproposição e revela ter percebido o que de fato seu filho estava fazendo. É possível interpretar que a fala de Tereza (“As minhas jóias!”) se caracteriza pelo marcador ilocucionário declarativo, por ser parafraseável por “Você está com as minhas jóias!” ou “Você está roubando as minhas jóias!”¹². Por isso, essa intervenção se liga à anterior por uma relação de resposta e à seguinte por uma relação de asserção. Com esse ato, Tereza procura estabelecer uma relação de força com Oswaldinho, que deve entender que sua mãe compreendeu que ele a está roubando.

A intervenção com que Oswaldinho reage à contraproposição de sua mãe é formada por dois atos. O primeiro é uma sentença imperativa (“A senhora sai, volta!”); o segundo, uma sentença interrogativa (“Quem manda a senhora voltar?”). Também nessa intervenção, a relação entre os atos que a compõem é de natureza interativa e não ilocucionária. Considerando a mudança no comportamento da personagem, que de atônito passa a agressivo, agindo *num rompante*, como indicado pelo narrador, podemos interpretar que o ato central dessa intervenção é “A senhora sai, volta!”, com o qual Oswaldinho busca se desvencilhar de sua mãe para concluir o roubo das joias, não tendo o segundo ato a função genuína de demanda de informação, embora marcado pela construção interrogativa (HERITAGE, 2012). Nesse sentido, o ato principal imprime à intervenção sua orientação ilocucionária, e em relação a esse ato o segundo funciona como um comentário.

Por se caracterizar pela construção imperativa, o ato “A senhora sai, volta!” se liga à intervenção anterior por uma relação de resposta e à seguinte pela relação de pedido. Como é próprio desse marcador de orientação ilocucionária, esse ato coloca Oswaldinho

¹² Diferentemente de autores que, ao lado das construções declarativa, interrogativa e imperativa, propõem outros tipos de construções, como a exclamativa e a optativa (PERINI, 1998; BECHARA, 2009), adotamos a tipologia de Roulet (1980), que se baseia em Halliday (1973) e Benveniste (1976/1964) e se assemelha à de Castilho (2010) para o português. Assim, em razão da possibilidade de paráfrase mencionada, consideramos que o ato “As minhas jóias!” é marcado pela construção declarativa e não por uma construção exclamativa.

numa posição de força e de superioridade em relação à sua mãe, que se vê na obrigação de reagir por uma ação, que, no caso, é sair.

Contrariando a relação de papéis característica da construção imperativa que marca o ato “A senhora sai, volta!”, Tereza não sai e produz nova contraproposição, também caracterizada pelo marcador de orientação ilocucionária imperativo (“Me dá as jóias, imediatamente.”). Como se vê, a impossibilidade de as personagens chegarem a um acordo sobre o fim da troca, impossibilidade que se traduz numa escala de tensão entre elas e no prolongamento da própria troca (CUNHA, 2019), se deve à subversão das relações de papéis previstas pelas construções declarativa, imperativa e interrogativa.

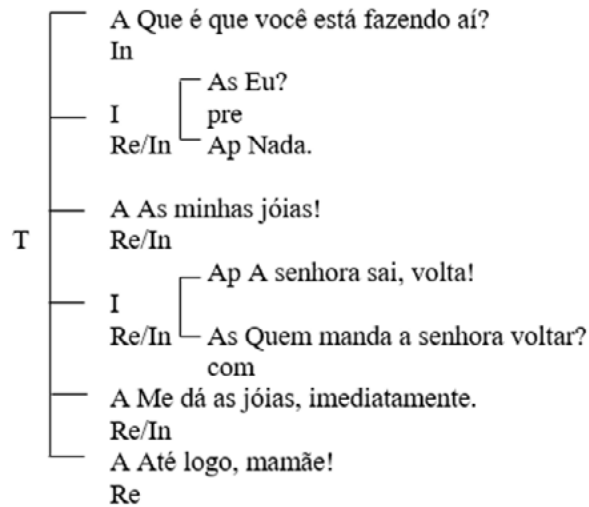
Assim como Tereza, Oswaldinho ignora a relação de direitos e deveres que subjaz à construção imperativa “Me dá as jóias, imediatamente” e não realiza a ação exigida por sua mãe. Ao contrário, utiliza uma fórmula de despedida (“Até logo, mamãe!”), para tentar forçar o encerramento da troca por meio de uma ratificação. Essa tentativa fracassa, já que, na sequência da peça, não analisada aqui, a disputa entre mãe e filho se desenvolve.

Nesta primeira etapa do estudo das relações de discurso, a análise do processo de negociação se representa por meio de estruturas hierárquico-relacionais em que o processo de negociação completo se materializa na estrutura de troca e as várias etapas (proposições, reações, contraproposições, contrarreações, ratificações) desse processo se materializam em intervenções e em atos, articulados pelas relações ilocucionárias e interativas (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). A análise realizada neste item pode ser representada por meio desta estrutura hierárquico-relacional (Figura 1)¹³.

13 Na troca (T), cada intervenção (I) ou ato (A) materializa uma etapa do processo de negociação. A primeira intervenção se liga à intervenção seguinte por uma relação iniciativa (IN), enquanto a última intervenção se liga à anterior por uma relação reativa (RE). Cada intervenção intermediária se caracteriza por duas relações, uma iniciativa e outra reativa (IN/RE). Nas intervenções formadas por mais de um ato, um é principal (p) em relação ao outro, que é subordinado (s). Entre esses atos, estabelecem-se relações interativas de preparação (pre) e de comentário (com).

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

Figura 1. Estrutura hierárquico-relacional



Fonte: Elaboração própria

A primeira etapa do estudo das relações ilocucionárias fornece uma primeira aproximação do processo de negociação desenvolvido pelos interlocutores. Como evidenciado com a análise, os marcadores de orientação ilocucionária constituem recursos importantes para a compreensão do que se passa ao longo de uma interação e do modo como os interlocutores escolhem desenvolver o processo de negociação. Auxiliando na identificação das relações genéricas, esses marcadores permitem, assim, entender as relações de força que cada interlocutor busca estabelecer com o outro e o modo como o outro se submete ou não a essas relações.

Porém, os resultados obtidos nesta etapa apresentam um grau de generalidade pouco satisfatório, não explicando, por exemplo, a intuição de que a pergunta com que Tereza abre a troca (“Que é que você está fazendo aí?”) não constitui uma simples demanda de informação, algo como “Que horas são?” (HERITAGE, 2012). Para entender a especificidade das relações identificadas nesta etapa, é preciso, na segunda etapa da análise, realizar o cálculo da relação específica que liga os constituintes da troca. Como exposto, as instruções próprias dos demais marcadores ilocucionários propostos por Roulet (1980) (denominativos, indicativos e potenciais) podem auxiliar fortemente na realização desse cálculo e numa melhor compreensão do que ocorre no processo de negociação protagonizado por Tereza e Oswaldinho.

Relações específicas e marcadores de ato ilocucionário

Nesta etapa da análise, o estudo das relações específicas se faz por meio do cálculo do percurso inferencial necessário para a compreensão dos atos em análise. Esse cálculo se compõe de premissas de natureza linguística ou referencial que levam à interpretação (conclusão) acerca da relação específica que liga o ato àqueles com que co-ocorre na estrutura da troca.

Como informado, a primeira premissa desse cálculo é de ordem linguística e corresponde à fase de explicitação, que consiste na identificação dos argumentos de itens lexicais, bem como dos referentes de pronomes, expressões nominais definidas e desinências verbais presentes no ato. Nessa premissa, é considerada também a relação genérica identificada na etapa anterior (pedido, asserção, pergunta etc.), já que sua identificação, como vimos, se baseia em uma informação de ordem linguística, a saber, os marcadores de orientação ilocucionária (as construções sintáticas declarativa, imperativa e interrogativa). As demais premissas que entram no cálculo são ou de natureza referencial (“informações da memória discursiva procedentes do cotexto, do contexto físico imediato e/ou da memória enciclopédica (conhecimentos de mundo)” (CUNHA, 2021, p. 05)) ou de natureza linguística (instruções que caracterizam os marcadores de ato ilocucionário denominativos, indicativos e potenciais empregados).

Neste item, por motivo de espaço, não procederemos ao estudo de todos os atos da troca em análise. Analisaremos apenas os três produzidos por Tereza, porque se caracterizam pelos três marcadores de orientação ilocucionária interrogativa, declarativa e imperativa. A seguir, reproduzimos esses atos, e o quadro que segue cada um deles traz o percurso inferencial que, do nosso ponto de vista, é necessário à sua interpretação. Nesses quadros, a coluna da esquerda indica a natureza da premissa, se linguística ou referencial, ao passo que a coluna da direita traz as premissas correspondentes. A última linha apresenta a interpretação (conclusão) final sobre a relação específica que caracteriza o ato e, conseqüentemente, sobre o papel que desempenha na interação entre as personagens.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

Tereza (assombrada): Que é que você está fazendo aí?

Premissa 1 Informação linguística	Ao ver seu filho, Oswaldinho, escolhendo entre pulseiras, colares, brincos que lhe pertencem, Tereza pergunta a ele o que é que está fazendo no cofre de joias (“aí”).
Premissa 2 Informação linguística (Construção “Que é que X?”)	A construção “Que é que X?” pode ser entendida como um marcador potencial de pedido de esclarecimento sobre a ação do interlocutor ou de terceiros. A construção implica que essa ação é negativa ¹⁴ .
Premissa 3 Informação referencial (Indicação do narrador de que Tereza ficou <i>assombrada</i>)	Uma mãe que vê o próprio filho roubando suas joias pode ter reações emocionais diversas, como a de assombro.
Premissa 4 Informação referencial	Uma pessoa que pergunta a um ladrão apanhado em flagrante o que ele está fazendo pede, com a pergunta, esclarecimentos sobre a ação do ladrão, a fim de confirmar a suspeita do roubo.
Conclusão Interpretação	Com sua pergunta, Tereza pede a Oswaldinho esclarecimentos sobre sua ação para confirmar a suspeita que a deixou assombrada de que ele está roubando suas joias.

Tereza: As minhas jóias!

Premissa 1 Informação linguística	Tereza expressa sua percepção de que seu filho, Oswaldinho, está roubando suas joias.
Premissa 2 Informação referencial (Indicação do narrador: <i>ao mesmo tempo ele põe algumas jóias no bolso</i>)	Antes de dizer “As minhas jóias!”, Tereza viu seu filho colocando algumas joias no bolso.
Premissa 3 Informação referencial	É socialmente (moralmente) condenável o roubo de bens materiais, o que se agrava se o ladrão é filho da vítima.
Conclusão Interpretação	Não constituindo uma mera asserção, o ato de Tereza pode ser entendido como uma acusação (“Você está roubando as minhas joias!”). Mas, dada a ausência de marcadores de ato ilocucionário, o ato permanece ambíguo, sendo plausível interpretá-lo ainda como um pedido ou uma súplica (“Não roube as minhas joias!”).

¹⁴ Ainda que o agente seja um terceiro, a inferência de que a ação é negativa se mantém: “Que é que Oswaldinho está fazendo ali?”. O papel de construções interrogativas na realização de desafios e acusações, que implicam uma avaliação negativa da ação do interlocutor, como “How could you X?”, é abordado por Heritage (2012).

Tereza: Me dá as jóias, imediatamente.

Premissa 1 Informação linguística	Tereza pede a seu filho, Oswaldinho, que ele lhe dê imediatamente as jóias que pegou no cofre.
Premissa 2 Informação linguística (Advérbio <i>imediatamente</i>)	Acrescentado a um ato ou intervenção, <i>imediatamente</i> indica que esse constituinte textual é uma ordem (marcador indicativo de ato ilocucionário) e que a ação nele expressa deve ser realizada no momento da fala ¹⁵ .
Premissa 3 Informação referencial	Uma pessoa que diz a um ladrão apanhado em flagrante que ele deve devolver imediatamente os objetos roubados está lhe dando uma ordem.
Conclusão Interpretação	Tereza ordena a seu filho, Oswaldinho, que lhe dê as jóias que ele pegou.

As análises apresentadas nos percursos inferenciais revelam o papel essencial que os marcadores de ato ilocucionário exercem na interpretação dos atos. A ausência desses marcadores em um ato torna-o ambíguo, como em “As minhas jóias!”, que pode ser entendido como acusação, pedido ou súplica. Por isso mesmo, em comparação aos outros dois atos produzidos por Tereza, esse pode ser entendido como o menos agressivo para a face de Oswaldinho (que não recebe uma acusação explícita) e para a de Tereza (que não realiza um pedido ou uma súplica explícita).

Já a presença de um marcador potencial torna a compreensão do ato menos incerta e menos sujeita a múltiplas interpretações, como ocorre em “Que é que você está fazendo aí?”. Com esse ato, é possível inferir que Tereza pede esclarecimentos ao filho para confirmar a suspeita do roubo. Mas, como a construção *Que é que X?* constitui um marcador potencial, Tereza poderia negar a implicatura de que, com esse ato, ela busca confirmar essa suspeita, como no exemplo (20):

- (20) *Tereza: Que é que você está fazendo aí?*
Oswaldinho: Você pensa que eu estou te roubando?
Tereza: Claro que não!

Por fim, a presença de um marcador indicativo de ato ilocucionário torna inequívoco o valor do ato. Em “Me dá as jóias, imediatamente”, o marcador *imediatamente*, somado à construção imperativa, evidencia que Tereza dá uma ordem a seu filho, implicatura que não pode ser negada, como evidencia o exemplo (21):

¹⁵ A interpretação de que o advérbio *imediatamente* constitui um marcador indicativo de ordem se confirma com sua substituição por *por favor*, um típico marcador indicativo de pedido: “Me dá as jóias, *por favor*”. Com *por favor*, a inferência de que o enunciado constitui uma ordem desaparece ou se torna bem menos plausível. Nesse sentido, o advérbio *imediatamente* parece exercer um papel (pragmático e interacional) complementar ao de sinalizador da concomitância temporal entre a ação expressa pelo verbo e o momento presente da fala (FIORIN, 2010; ILARI, 2002).

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

- (21) *Tereza*: Me dá as jóias, imediatamente
Oswaldinho: Você está me dando uma ordem?
Tereza: *Claro que não!

Não por acaso, dos três atos analisados esse é o mais agressivo para a face de Oswaldinho, sendo aquele a partir do qual a personagem não tentará mais negar que está praticando um roubo.

Em complemento à primeira etapa da análise das relações ilocucionárias, as análises desenvolvidas neste item, por meio dos cálculos inferenciais, permitiram revelar o papel dos marcadores ilocucionários nesse cálculo. Com base no estudo dos atos de Tereza, verifica-se que a consideração desses marcadores possibilita uma interpretação mais precisa das relações ilocucionárias que se estabelecem entre os atos de uma troca e, ao mesmo tempo, dos elos de natureza interpessoal coconstruídos pelos interlocutores no universo ficcional da peça, dando indicações preciosas acerca do modo como desenvolvem *in situ* o trabalho de face ao longo do processo de negociação.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos explicitar o papel que os marcadores ilocucionários exercem no estudo das relações ilocucionárias. No âmbito de sua abordagem cognitivo-interacionista para o estudo da organização do discurso, propõem Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) que o estudo das relações de discurso (ilocucionárias e interativas) deve se realizar em duas etapas. Inicialmente, estudam-se as relações genéricas e, em seguida, as relações específicas. No intuito de tornar a identificação das relações ilocucionárias mais precisa e menos dependente da intuição do analista, propusemos neste trabalho que, em cada uma dessas etapas, se considerem as instruções de determinados tipos de marcadores propostos por Roulet (1980, 2002; ROULET *et al.*, 1985).

Assim, os marcadores de orientação ilocucionária, que correspondem às construções sintáticas básicas da sentença (declarativa, interrogativa e imperativa), devem ser considerados na etapa de identificação das relações ilocucionárias genéricas. Já os demais marcadores – os marcadores de ato ilocucionário (denominativos, indicativos e potenciais) – devem ser considerados na análise das relações específicas, etapa em que as instruções desses marcadores constituem parte das premissas com que se calcula a interpretação do ato em que ocorrem.

Com base na análise de um excerto de uma peça teatral, verificamos que, atuando nessas diferentes etapas, os marcadores ilocucionários permitem não só uma

identificação mais precisa das relações ilocucionárias, mas também a percepção dos vínculos de ordem interpessoal existentes entre os interlocutores, uma vez que essas relações constituem manobras com que eles desenvolvem o processo de negociação. Nesse sentido, esses marcadores, mais do que um simples inventário de classes de formas linguísticas, constituem recursos de que os interlocutores se valem para participar da interação e realizar conjuntamente o trabalho de face.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq a concessão da bolsa de Produtividade em Pesquisa (nível 2).
Processo: 304244/2019-8.

Referências

ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. **L'argumentation dans la langue**. Liège: Pierre Mardaga, 1983.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. Universidade de São Paulo, 1976 [1964].

BERRENDONER, A. Connecteurs pragmatiques et anaphore. **Cahiers de linguistique française**, Genebra, v. 5, p. 215-246, 1983.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness: some universals in language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987 [1978].

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, G. X. Relações de discurso e completude monológica: o impacto da restrição ritual sobre o estabelecimento das relações interativas. **Forma y Función**, Bogotá, v. 34, n. 1, p. 1-24, 2021.

CUNHA, G. X. Elementos para uma abordagem interacionista das relações de discurso. **Linguística**, Montevideu, v. 36, n. 2, p. 107-129, 2020.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

CUNHA, G. X. Estratégias de impolidez como propriedades definidoras de interações polêmicas. **DELTA**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 1-28, 2019.

CUNHA, G. X. Conectores e processo de negociação: uma proposta discursiva para o estudo dos conectores. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 14, p. 1699-1716, 2017a.

CUNHA, G. X. O papel dos conectores na co-construção de imagens identitárias: o uso do *mas* em debates eleitorais. **ALFA**, São José do Rio Preto, v. 61, p. 599-623, 2017b.

CUNHA, G. X. Relações de discurso em narrativas jornalísticas: em busca de sistematizações. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 17, p. 641-673, 2015.

CUNHA, G. X. As condições de emergência da função reformulativa do conector quando em reportagens. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 22, p. 143-170, 2014.

CUNHA, G. X.; BRAGA, P. B. Definindo o comentário metadiscursivo em uma perspectiva interacionista da Análise do Discurso. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 22, p. 171-188, 2018.

CUNHA, G. X.; MARINHO, J. H. C. A expressão conectiva na verdade: contribuições para uma abordagem polifônica dos conectores reformulativos. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, p. 53-64, 2017.

CUNHA, G. X.; PICININ, R. V. C. As relações de poder em uma abordagem modular da organização do discurso. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 20, p. 77-96, 2018.

DUCROT, O.; BOURCIER, D.; BRUXELLES, S.; DILLER, A. M.; FOUQUIER, É.; GOUAZE, J.; SIRDAR-ISKANDAR, C. **Les mots du discours**. Paris: Minuit, 1980.

FILLIETTAZ, L.; ROULET, E. The Geneva Model of discourse analysis: an interactionist and modular approach to discourse organization. **Discourse Studies**, Thousand Oaks, v. 4, n. 3, p. 369-392, 2002.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2010.

- GOFFMAN, E. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. *In*: GOFFMAN, E. **Interaction Ritual**: essays on face-to-face behavior. New York: Pantheon Books, 1967 [1955]. p. 5-45.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. *In*: COLE, P.; MORGAN, J. L. **Syntax and semantics: Speech Acts**, v. 3. New York: Academic Press, 1975. p. 41-48.
- HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the functions of language**. Londres: Edward Arnold, 1973.
- HERITAGE, J. Epistemics in action: action formation and territories of knowledge. **Research on language and social interaction**, Abingdon, v. 45, n. 1, p. 1-29, 2012.
- ILARI, R. Sobre os advérbios aspectuais. *In*: ILARI, R. **Gramática do português falado: níveis de análise linguística**. v. 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 139-180.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales**. Paris: Colin, 1992.
- LAKOFF, R. What you can do with words: politeness, pragmatics and performatives. *In*: ROGERS, A.; WALL, B; MURPHY, J. P. **Proceedings of the Texas Conference on performatives, presuppositions and implicatures**. Arlington: Center for Applied Linguistics, 1977. p. 94-120.
- LEECH, G. **The pragmatics of politeness**. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1983].
- MARCUSCHI, L. A. O diálogo no contexto da aula expositiva: continuidade, ruptura e integração. *In*: PRETI, D. **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 45-84.
- MARINHO, J. H. C. **O funcionamento discursivo do item “onde”**: uma abordagem modular. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- MARINHO, J. H. C.; CUNHA, G. X. Investigating the role of pragmatic connectives in journalistic textual genres. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão, v. 18, p. 545-563, 2018.

- | Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso

MARINHO, J. H. C.; CUNHA, G. X. O papel das expressões *com efeito* e *seja como for* na conexão textual. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, v. 5, p. 139-166, 2012.

MOESCHLER, J. **Théorie pragmatique et pragmatique conversationnelle**. Paris: Armand Colin, 1996.

MOESCHLER, J. Pragmatique intégrée et pragmatique cognitive. *In*: MOESCHLER, J.; REBOUL, A. **Dictionnaire encyclopédique de pragmatique**. Paris: Éditions du Seuil, 1994. p. 79-194.

MOESCHLER, J. **Argumentation et conversation**. Éléments pour une analyse pragmatique du discours. Paris: Hatier-Credif, 1985.

MOESCHLER, J. **Dire et contredire**: pragmatique de la négation et acte de réfutation dans la conversation. Berne: Peter Lang, 1982.

MOESCHLER, J.; REBOUL, A.; LUSCHER, J. M.; JAYEZ, J. Langage et pertinence: aspects linguistiques et pragmatiques du langage naturel. *In*: MOESCHLER, J.; REBOUL, A.; LUSCHER, J. M.; JAYEZ, J. **Langage et pertinence**. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1994. p. 15-38.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1998.

RODRIGUES, N. Anti-Nelson Rodrigues. *In*: RODRIGUES, N. **Teatro completo de Nelson Rodrigues**: peças psicológicas. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 271-331.

ROSS, J. R. On declarative sentences. *In*: JACOBS, R.; A.; ROSENBAUM, P. S. **Readings in English Transformation Grammar**. Londres: Ginn and Company, 1970. p. 222-277.

ROULET, E. The description of text relation markers in the Geneva model of discourse organization. *In*: FISCHER, K. **Approaches to Discourse Particles**. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 115-131.

ROULET, E. De la necessite de distinguer des relations de discours semantiques, textuelles et praxéologiques. *In*: ANDERSEN, H. L.; NOLKE, H. **Macro-syntaxe et macro-sémantique**. Berne: Peter Lang, 2002. p. 141-165.

ROULET, E. Une approche modulaire de la problematique des relations de discours. *In*: MARI, H. **Análise do discurso em perspectivas** Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. p. 149-178.

ROULET, E. **La description de l'organisation du discours**. Paris: Didier, 1999.

ROULET, E. Stratégies d'interaction, modes d'implication et marqueurs illocutoires. **Cahiers de linguistique française**, Genebra, v. 1, p. 80-103, 1980.

ROULET, E.; AUCHLIN, A.; MOESCHLER, J.; RUBATTEL, C.; SCHELLING, M. **L'articulation du discours en français contemporain**. Berne: Peter Lang, 1985.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. **Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours**. Berne: Peter Lang, 2001.

SEARLE, J. R. **Expressão e significado**: estudos da teoria dos atos da fala. São Paulo: Martins Fontes, 1995 [1979].

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance**: communication and cognition. Oxford: Cambridge: Blackwell, 1995.

COMO CITARESTEARTIGO: CUNHA, Gustavo Ximenes. Tipologia de marcadores ilocucionários e seu papel no estudo das relações de discurso. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 10-34, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 26/11/2020 | Aceito em: 23/01/2021.

ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DE *SENHORIO* NO ÂMBITO DA FAMÍLIA PATRIARCAL: O NOME E A TRANSMISSÃO DE BENS

SEMANTIC-ENUNCIATIVE ANALYSIS OF SENHORIO IN THE PATRIARCAL FAMILY: THE NAME AND TRANSMISSION OF GOODS

Liliana de Almeida Nascimento FERRAZ¹
Jorge Viana SANTOS²

Resumo: Neste artigo, analisamos sentidos da palavra *senhor* circulantes em cartas de alforria no Brasil durante o período de 1841 a 1888 e em textos da imprensa baiana durante o período de 1870 a 1888. Procura-se responder à questão *Como se caracteriza semanticamente o senhorio no âmbito da família patriarcal brasileira?* Para tanto, mobilizando pressupostos da Semântica do Acontecimento, aliados a alguns princípios da História/Historiografia, analisa-se um *corpus* de cartas de alforria e textos da imprensa baiana do século XIX. Demonstra-se, com base nos dados, que o senhorio brasileiro apresenta sentidos específicos fundamentados não somente na relação senhor-escravo, mas também no poder do *senhor* exercido no âmbito da família patriarcal.

Palavras-chave: Semântica do Acontecimento. Escravidão. Senhor. Família.

Abstract: In this article, we analyze the meanings of the word *senhor* in manumission letters in Brazil during the period 1841-1888 and in the Bahia press texts during the period 1870-1888. We aim to answer the question *How is characterized semantically the senhorio in Brazilian patriarchal family?* For this, mobilizing the assumptions of Semantic of the Event, together with some principles of History/Historiography, we analyze a corpus of manumission letters and texts of the Bahia press of the nineteenth century. We show that the Brazilian *senhorio* has specific meanings based not only on the master-slave relationship but also based in the power of the *senhor* exercised in the patriarchal family.

Keywords: Semantics of Event. Slavery. Slaveholder. Family.

1 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; liliana.ferraz@nova.educacao.ba.gov.br; <http://orcid.org/0000-0003-2266-5356>

2 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; viana.jorge.viana@uesb.edu.br; <http://orcid.org/0000-0002-8548-4379>

- | Análise semântico-enunciativa de *senhorio* no âmbito da família patriarcal: o nome e a transmissão de bens

Introdução

Historicamente, o *senhorio* no Brasil escravocrata se caracterizou de maneira diferente de outros senhorios, justamente porque se constituiu através da reconfiguração de características que fundamentaram o *senhorio* em funcionamento em outras sociedades separadas no tempo e no espaço, seja aproximando-se dessas características, que no Brasil também estiveram em funcionamento, a exemplo do patriarcado, do patronato, e da alforria, seja diferenciando-se dessas características, a partir do momento em que elas tiveram no Brasil uma nova configuração, constituindo assim especificamente um *senhorio brasileiro*.

Dessa maneira, o *senhorio brasileiro* não se define apenas na relação senhor-escravo, mas se constrói como uma estrutura abstrata que abarca diferentes características no interior, por exemplo, do patriarcado, subordinando na figura do senhor diferentes instâncias. Freyre (1933, p. 38) reitera essa afirmação ao apontar que “[...] A força concentrou-se nas mãos dos senhores rurais. Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres. Suas casas representam esse imenso poderio feudal”.

A figura do senhor agrupou, desse modo, sobre a base econômica da riqueza agrícola e do trabalho escravo, uma variedade de funções sociais e econômicas. O patriarca e, portanto, senhor, mantinha, a partir do domínio, o poder senhorial manifestado em diversas instâncias, através de papéis exercidos, entre outras, na esfera familiar, político-jurídica, econômica, administrativa, e na esfera de preservação e transmissão das tradições.

Apoiando-se nessas premissas, analisaremos neste trabalho³ o *senhorio* relacionado ao poder do senhor evidenciado no âmbito da família, metodologicamente buscando, pois, resposta para a seguinte questão: *Como se caracteriza semanticamente o senhorio no âmbito da família patriarcal brasileira?* Para tanto, mobilizando pressupostos da Semântica do Acontecimento, conforme Guimarães (1989, 1995, 2002, 2011) aliados a alguns princípios da História/Historiografia, analisa-se um *corpus* de 37 cartas de alforria⁴ originais de Vitória da Conquista – Bahia, do século XIX, abrangendo o período de 1841 até o ano de 1888, e analisa-se também um *corpus* constituído de 36 textos da imprensa

3 Este artigo vincula-se ao projeto de pesquisa de doutorado intitulado *Sentidos de senhorio na legislação sobre a escravidão africana no Brasil* integrante do projeto temático *Sentidos de escravidão, liberdade e trabalho* coordenado por Jorge Viana Santos e apresenta resultados parciais dos projetos FAPESB APP0014/2016, APP0007/2016 e CNPq 436209/2018-7.

4 Utilizamos aqui exemplos de cartas de liberdade constantes em Ferraz (2014). O acesso a esse *corpus* foi possível devido ao projeto que vem sendo desenvolvido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, denominado *Dovic* (Documentos Oitocentistas de Vitória da Conquista) (SANTOS; NAMIUTI, 2014), que visa à formação de *corpora* com informações textuais dos séculos XIX e XX. Para mais detalhes, ver Ferraz (2014).

baiana⁵ do século XIX especificamente nos jornais *Correio da Bahia*, edições de 1870 a 1879 e *O Asteróide* em edições de 1887 a 13 de Maio de 1888, considerando, nessa análise, dois aspectos: 1) a estrutura linguística/lexical do nome do senhor em oposição à estrutura do nome de escravo; e 2) a transmissão dos bens aos herdeiros como forma de preservação e manutenção da posse dentro da família.

Considerações teórico-metodológicas

Tentando compreender como o senhorio se constitui linguisticamente, tomamos como *corpus* para este trabalho, como já dissemos, textos de duas naturezas: cartas de liberdade e textos da imprensa baiana, do tipo jornal, do século XIX. Tais textos, em conjunto, e cada um a seu modo, são lugares de constituição dos sujeitos, da sociedade e da história, pois materializam e, ao mesmo tempo, silenciam sentidos circulantes na sociedade. Considerando que tal *corpus* são documentos que, sendo institucionais, voltados para um público específico, registram relações historicamente definidas, mobilizamos teorias de duas áreas: Linguística e História. Do ponto de vista linguístico, utilizamos como teoria principal para análise a Semântica do Acontecimento, tal como postulada por Guimarães (1989, 1995, 2002, 2011), cujo pressuposto fundamental é que a língua materializa nos textos, que integram enunciados⁶, as relações entre os sujeitos e suas respectivas posições, demonstrando que a língua é constitutivamente histórica; além disso, numa perspectiva também da Semântica, recorreremos aos conceitos de liberdade *transitiva e intransitiva* tal como postulados por Santos (2008). Do ponto de vista histórico, dada a natureza do *corpus*, mobilizamos conceitos/pressupostos de história/historiografia relacionados tanto ao Brasil, quanto a outras sociedades escravocratas.

As cartas de liberdade são instrumentos em que é possível observar um funcionamento semântico específico da palavra *senhor*⁷, porque são textos escritos pelos próprios senhores. Para o senhor, a carta tinha, de acordo com Santos (2008, p. 45), uma finalidade fundamental: controlar os escravos. Essa finalidade estava ligada, segundo o

5 Utilizamos aqui exemplos de textos de jornais baianos constantes em Ferraz (2014). O acesso aos jornais baianos utilizados como fontes de textos para a análise foi possível graças ao funcionamento da Hemeroteca Digital Brasileira, portal de periódicos nacionais vinculado à Fundação Biblioteca Nacional. O acervo da hemeroteca baseia-se na digitalização de documentos que inclui desde os primeiros jornais criados no Brasil no século XIX a jornais extintos no século XX. Para mais detalhes, ver Ferraz (2014).

6 Guimarães (2011, p. 43) ressalta que o texto não é um conjunto de enunciados, ele integra enunciados, de forma que a relação de integração é aquela que constitui sentido.

7 No texto, a palavra *senhor* está grafada em itálico quando se referir à palavra em análise.

- | Análise semântico-enunciativa de *senhorio* no âmbito da família patriarcal: o nome e a transmissão de bens

autor, a três outras auxiliares: a demonstração de poder soberano⁸; perpetuação da dependência e servilismo; investimento comercial. Nesse sentido, ela representava um eficaz instrumento de controle social, permitindo ao senhor manter sua ascendência tanto sobre o escravo quanto sobre o liberto.

Por serem documentos em que o senhor concede a liberdade ao escravo e geralmente eram os senhores ou seus representantes que as escreviam, as cartas eram constituídas a partir da perspectiva do senhor. Isso caracteriza a carta, enquanto texto privado de cunho individual que expressa diretamente o *senhorio*, constituindo-se assim como um bom lugar para a análise do funcionamento semântico da palavra *senhor*.

Os jornais, diferentemente das cartas, constituíam-se como textos públicos de cunho narrativo e de caráter social, nos quais o *senhorio* era caracterizado pela sociedade a partir de diferentes posições. Por conta disso, decidimos buscar nesses textos sentidos para a palavra *senhor*, pressupondo que outros sentidos poderiam ser encontrados na análise, já que tais textos não se ligavam diretamente ao lugar de dizer do senhor ou do escravo.

Considerando o *corpus* apresentado, e tendo que fazer um recorte de natureza linguística para a análise, optamos por priorizar, como questão-chave, a enunciação como acontecimento, considerando que os sentidos de *senhor* não estão fixos na palavra, mas se dão através da relação com o sujeito que enuncia, com o social e com a história, entendida aqui não como temporalidade cronológica.

Dessa maneira, para a análise específica que fizemos, interessou-nos particularmente a caracterização que realizamos a partir dos pressupostos da Semântica do Acontecimento tal como postulada em Guimarães (1989, 1996, 2002, 2011) que nos permitiram considerar que o *senhorio* se constitui pelo próprio modo de enunciar nas cartas de liberdade e textos da imprensa baiana do século XIX.

Nessa perspectiva, cada texto se constitui como um acontecimento enunciativo. Esse entendido como:

[...] diferença na sua própria ordem. E o que caracteriza a diferença é que o acontecimento não é um fato no tempo. Ou seja, não é um fato novo enquanto

8 De acordo com Mattoso (1982, p. 198) as cartas de alforria são reflexo nítido da mentalidade dos senhores que, numa sociedade escravista, não teriam qualquer necessidade de justificar a liberdade concedida, sempre queriam convencer-se de que agiam de acordo com o bom direito e a estrita equidade. Por isso, nas cartas, é frequente, conforme destaca Santos (2008, p. 46) o uso de expressões formulares, tais como, “pelos bons serviços que della tenho recebido he de minha livre vontade, sem constrangimento de pessoa alguma”.

distinto de qualquer outro ocorrido antes no tempo. O que caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua própria temporalidade: essa é a sua diferença. (GUIMARÃES, 2002, p. 12).

Assim, o acontecimento enunciativo é também político, já que o funcionamento da língua, enquanto acontecimento, ocorre numa “[...] relação com línguas e falantes regulada por uma deontologia global do dizer em uma certa língua” (GUIMARÃES, 2002, p. 18). O autor ressalta que tais falantes não são os indivíduos que falam, mas sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer, sujeitos constituídos por este espaço de línguas e falantes que ele chama de *espaço de enunciação*, e que é, portanto, um espaço político (cf. GUIMARÃES, 2002, p. 18).

A partir dessa concepção de político, e nesses espaços de enunciação, a assunção da palavra se dá através de cenas enunciativas que são definidas pelo semanticista como “[...] especificações locais nos espaços de enunciação” (GUIMARÃES, 2002, p. 23), que colocam em jogo o Locutor que aparece predicado por um lugar social, assumindo o papel enunciativo de um locutor específico, como o locutor presidente, o locutor jornalista, etc. e também os enunciadores que se apresentam sempre como a representação da inexistência dos lugares sociais de locutor (cf. GUIMARÃES, 2002). Dessa maneira, os enunciadores não são pessoas, mas lugares enunciativos produzidos pela língua em funcionamento, isto é, trata-se do agenciamento enunciativo. A distribuição desses lugares é determinada pela temporalidade própria do acontecimento, temporalidade formada pelo presente do acontecimento e pelo memorável, que é o passado recortado também pelo acontecimento (cf. GUIMARÃES, 2002).

A partir dessas considerações, vimos, de acordo com Guimarães (2002), que a significação de um nome é entendida como designação, não como algo abstrato, mas sim como algo próprio das relações de linguagem, ou seja, uma relação linguística remetida ao real e tomada na história. Dessa maneira, a designação de um nome é constituída pelas relações com outros nomes que funcionam no texto sob a aparência da substitubilidade e também pelos modos de se referir a ele que são maneiras de determiná-lo e/ou de predicá-lo.

Nesse sentido, para se chegar à designação de um nome, é necessário fazermos recortes de análise, levando-se em conta, de acordo com Guimarães (2002, 2007, 2009), dois funcionamentos gerais próprios do acontecimento: as relações de articulação e as relações de reescrituração. Essas operações enunciativas se caracterizam como agenciamentos específicos, pelos quais “[...] o acontecimento do dizer mobiliza a língua

- | Análise semântico-enunciativa de *senhorio* no âmbito da família patriarcal: o nome e a transmissão de bens

em textualidades particulares” (GUIMARÃES, 2007, p. 130), deixando marcas que se apresentam como diferenças no fio da textualidade.

Guimarães (2009, p. 51) conceitua a articulação como o “procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos, significam sua contiguidade”. Esse procedimento coloca em jogo combinatórias de relações entre palavras ou expressões, em que não há substituição, mas sim elementos de sentido que se relacionam no acontecimento. Já a reescrituração consiste, de acordo com Guimarães (2009, p. 53), em “se redizer o que já foi dito”, ou seja, trata-se de um procedimento em que uma expressão linguística reporta-se a outra interpretando-a como diferente de si. Em oposição à articulação, esse procedimento não é, necessariamente, uma operação entre elementos contíguos, é uma relação de elementos que estão à distância e que às vezes podem estar contíguos. De acordo com Guimarães (2002, 2007, 2009), levando-se em conta esses dois funcionamentos, chega-se ao que determinado nome designa em textos específicos.

Dada a natureza do *corpus*, mobilizamos nas análises alguns princípios da história/historiografia, dentre estes os conceitos de patriarcado, sucessão e hereditariedade. Freire (1933) salienta que a família colonial centrada no patriarca, diferentemente de outras sociedades, estabeleceu-se no Brasil como uma estratégia de colonização portuguesa, não se efetuando pela dominação religiosa, como em outras sociedades⁹. No Brasil, a família do senhor implicava autoridade e hierarquia. Nela, o pai tinha direito de exigir o respeito e a obediência cega dos filhos, esposa, empregados, escravos e dependentes, em troca de sustento, orientação e proteção (cf. SCHWARTZ, 1988). E essa dominação passava de pai para filhos, como veremos nas análises.

Análise e discussão

Conforme apontamos na introdução, na sociedade escravocrata brasileira, a figura de *senhor* era a referência a partir da qual se organizavam as diversas relações não somente entre *senhor* e *escravo*, mas entre *senhor* e propriedade, *senhor* e família, *senhor* e política, entre outros. Para o recorte deste trabalho, analisaremos, a partir da palavra *senhor* e sob a perspectiva teórica apresentada acima, como semanticamente se caracteriza o *senhorio* brasileiro na escravidão no âmbito da família patriarcal. Para tanto, trataremos de dois aspectos: 1) a estrutura linguística/lexical do nome do *senhor* em oposição à estrutura do nome de escravo; 2) a transmissão dos bens aos herdeiros como forma de preservação e manutenção da posse dentro da família.

⁹ Na Grécia e em Roma, o patriarcado está ligado à religião e aos deuses de cada família.

Diferença na estrutura linguística/lexical do nome do *senhor* em oposição à estrutura do nome de escravo

Tanto nas cartas, quanto nos textos dos jornais, a nomeação de senhores e escravos apresenta uma estrutura de sentido que diferencia no contexto da escravidão quem é *senhor* e quem é escravo. Os dados evidenciaram a existência do funcionamento semântico de duas estruturas simétricas: de um lado uma estrutura para o nome de *senhor* e, por outro lado, uma estrutura para o nome de escravo.

O nome de *senhor*

O nome de *senhor* caracteriza-se estruturalmente por apresentar o nome seguido por um sobrenome de família. Vejamos esse funcionamento através de dois exemplos.

O exemplo 1 trata de um excerto retirado de uma carta de liberdade. Vejamos:

- (1) Carta de liberdade da Cabra de nome Sofia passada por **Antonio Jose de Souza Paes**, outrora Senhor daquela. (Carta 29¹⁰: livro 1, folhas 40v-41f, 21/10/1841 – DOVIC, grifo nosso¹¹).

Verifica-se em 1, no trecho *passada por Antonio Jose de Souza Paes*, que o locutor-senhor enuncia seu nome através da seguinte estrutura: nome próprio (*Antônio Jose*) + sobrenome de família (*de Souza Paes*). O sobrenome indicativo de família remete ao sentido de que se trata de um *senhor*, branco e *livre*. O nome enunciado, seguindo essa estrutura, materializa linguisticamente a diferença semântica entre *senhor* e escravo: o sobrenome no regime escravista só poderia aparecer ao lado do nome de homem branco. Desse modo, *Antonio Jose de Souza Paes* era *senhor* e, na carta, marcava essa diferença.

Uma variação dessa estrutura de base (nome + sobrenome) pode ser vista no segundo exemplo recortado do jornal *Correio da Bahia*:

10 As referências dos exemplos de cartas de liberdade seguem a seguinte estrutura: número da carta, número do livro de registro no arquivo do fórum, folhas do livro em que aparece, data de registro do documento no fórum, e em qual arquivo digital se encontra.

11 Neste e nos demais exemplos, salvo indicação em contrário, os grifos são nossos.

- | Análise semântico-enunciativa de *senhorio* no âmbito da família patriarcal: o nome e a transmissão de bens

(2) Fallecera também desastradamente o **sr. Trajano Augusto da Silva**. O **sr. Trajano** tinha saído de lugar denominado Canoa em companhia de uns de seus amigos. Ao aproximar do arroio d'El-rei no dia 26, às 2 horas da tarde, a cavahada investira para atravessar o dicto arroio fora do passo, pelo que os cavalleiros viram-se forçados a acompanha-la, e com dificuldade transpuzeram o rio [...] (*Correio da Bahia*¹², edição 220, p. 2, 18 de Dezembro de 1873 - Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional¹³).

Observa-se em 2, no enunciado *Fallecera também desastradamente o sr. Trajano Augusto da Silva*. O *sr. Trajano* tinha saído de lugar denominado Canoa, que o nome do *senhor*, Trajano Augusto da Silva, é reescriturado por *sr. Trajano*. Nota-se que o locutor-jornalista ao reescrever o nome do *senhor* sem o sobrenome de família, adjectiva esse nome com a abreviação *sr.*, não deixando dúvidas, para o leitor, de que se trata de um senhor e não de um escravo, já que um escravo, se fosse esse o caso, poderia ser referenciado apenas por *Trajano*, um nome sem sobrenome.

Sistematicamente no *corpus*, o nome de *senhor* se apresenta com essa estrutura, de forma que não houve registros em que o nome de *senhor* apareceu sem a indicação do nome de família. Tal recorrência confirma, pois, que a estrutura de nome de *senhor* marcava sua hierarquia superior na sociedade. Isso porque o sobrenome que determina o nome próprio especifica algo sobre o que se nomeia" (GUIMARÃES, 2002, p. 34), ou seja, materializa uma relação social de pertencimento a uma família. Nesse caso, uma família que funcionava como um núcleo na estrutura social do período escravocrata, composto pelo chefe da família (patriarca), sua mulher, filhos e netos, que detinham riqueza, poder e prestígio naquela sociedade.

O Nome de escravo

Os dados evidenciaram, simetricamente, que nome de escravo apresenta uma estrutura que se subdivide em três, as quais detalharemos a seguir:

12 As referências dos exemplos dos excertos recortados dos jornais seguem a seguinte estrutura: nome do jornal, número da edição, página em que aparecem no jornal e a data da edição.

13 A Hemeroteca Digital Brasileira é um portal de periódicos nacionais vinculado à Fundação Biblioteca Nacional no qual encontramos um acervo digitalizado de jornais brasileiros que inclui desde os primeiros jornais criados no Brasil no século XIX a jornais extintos no século XX. Neste portal, é permitido ao pesquisador ampla consulta, pela internet, ao acervo de periódicos, e pode ser realizada por título, período, edição, local de publicação e palavra(s) através da utilização da tecnologia de Reconhecimento Óptico de Caracteres (*Optical Character Recognition - OCR*), que permite maior alcance na pesquisa textual na imagem dos documentos. Além disso, páginas pesquisadas podem ser impressas ou salvas pelo pesquisador.

a) Estrutura 1

A primeira estrutura de nome de escravo apresenta o nome de escravo seguido de outro nome referindo-se à raça/cor/etnia como uma espécie de sobrenome. Santos (2008) afirma que era comum que se documentasse o nome do escravo, acompanhado de um adjetivo que determinava direta ou indiretamente a raça/cor/etnia. Veremos o funcionamento dessa estrutura através de dois exemplos.

Observemos o primeiro excerto recortado de uma carta de liberdade:

- (3) Carta de Liberdade de **Adrianna Mulata**, conferida pelo seu Patrono Agostinho Gonçalves Barbace-na, e sua mulher Neiacia Maria da Paixão, como abaixo declara [...] (Carta 37: livro 1, folhas 101v-102f-103v, 21/10/1845- DOVIC).

Em 3, na sequência *Adrianna Mulata*, *Mulata* funciona como um sobrenome (inclusive grafado em maiúsculo) que se articula ao nome como uma adjetivação de cor que especifica indiretamente a raça e, ao mesmo tempo, marca a diferença da escrava em relação ao *senhor*. O *sobrenome racial*¹⁴, ao determinar o nome, indica que a escrava pertence ao grupo (não à família) de pessoas que, naquele momento histórico – Brasil Escravista do Século XIX – é escrava porque é negra (vinda de determinado lugar – África – tendo certa cor, mulata: uma variação de preta). Observa-se, pelo exemplo, que já há um uso corrente de se grafar o nome e o sobrenome com letra inicial maiúscula (como em *Agostinho Gonçalves Barbacena*). Logo, colocando-se um nome de raça/cor/etnia/ com letra maiúscula marca-se que o sobrenome de escravo, em oposição ao de *senhor*, é a raça, a cor ou a etnia.

No *corpus*, encontramos essa mesma estrutura com variação caracterizada como nome + adjetivo, separado por uma pausa. Vejamos isso no segundo exemplo:

- (4) Felisberto Pereira Leal, procurador de Joaquim Barbosa; pedindo o prazo de 4 meses, a fim de que possa provar o domínio que tem aquele Barbosa sobre o escravo **Manuel, pardo** [...] (*Correio da Bahia*, edição 26, p. 2, 24 de Abril de 1878 – Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional).

Note-se, em 4, que o item lexical *Manuel* aparece articulado ao item lexical *pardo* que, separado por uma pausa (uma vírgula), funciona como um aposto que caracteriza a cor do escravo e conseqüentemente a sua condição na sociedade escravocrata. Ser qualificado como pardo remete, inexoravelmente, a uma condição de escravo (ou

¹⁴ Termo usado por Santos (2008).

- | Análise semântico-enunciativa de *senhorio* no âmbito da família patriarcal: o nome e a transmissão de bens

liberto). A estrutura de nome, tal como essa, materializava, portanto, o lugar do escravo, hierarquicamente abaixo do senhor.

b) Estrutura 2

A estrutura 2 do nome de escravo é caracterizada por apresentar a raça/etnia/cor, seguida de nome de batismo que aparece na posição de sobrenome, como é o caso do excerto abaixo:

- (5) Carta de liberdade da **Cabra de nome Sofia** passada por Antonio Jose de Souza Paes, outrora Senhor daquela.
Eu Antonio Jose de Souza Paes abaixo assignado, sou possuidor da **Cabrinha Sofia [...]**
(Carta 29: livro 1, folhas 40v-41f, 21/10/1841 – DOVIC).

Vê-se aqui que, na sequência *Cabra de nome Sofia*, o item *Cabra* grafado em maiúsculo funciona como um núcleo que é articulado e adjetivado pela sequência *de nome Sofia*, que caracteriza a escrava especificando sua raça¹⁵. Nessa estrutura, o locutor mobiliza um enunciador que aponta para o que era mais importante ressaltar, qual seja, a raça do escravo. No corpo da carta, essa posição argumentativa se repete, pois *Cabra de nome Sofia* é reescriturado por *Cabrinha Sofia*, que estruturalmente se formou a partir do radical *cabr-* seguido do sufixo *-inha*. Essa reescritura traz dois pontos importantes. Em primeiro lugar, vemos que *Cabrinha* não funciona nesse enunciado como um diminutivo com valor *afetivo*, nos termos de Câmara (1987); ao utilizar esse item lexical, o locutor não objetiva transmitir sentimentos sobre a escrava. Em segundo lugar, ressalte-se que o diminutivo semanticamente não indica que se trata de uma escrava de estatura pequena. Ao enunciar *cabrinha*, o locutor-senhor quer marcar a idade da escrava que está sendo alforriada, ou seja, quer indicar quem era a escrava (se era nova, velha, a origem, etc.). Ao fazer essa indicação, o enunciado materializa linguisticamente que o locutor-senhor se coloca como dono da escrava, aquele que – só ele – pode escrever, determinar numa carta, como vemos no exemplo, quem era o escravo.

c) Estrutura 3

A terceira e última estrutura de nome de escravo encontrada no *corpus* se caracteriza por apresentar o indicativo da classe (escravo/liberto/forro) acompanhado do nome de batismo. Nessa estrutura, o nome do escravo é apresentado como uma

¹⁵ Conforme Santos (2008, p. 166-167), *cabra* designava escravos de ascendência mista, porém indefinida.

especificação, um adjetivo articulado à palavra *escravo* que funciona como núcleo. Exemplificaremos essa estrutura a partir de três excertos.

No excerto 6, recortado de uma carta de liberdade, destaquemos a sequência *escravo Cezário*:

- (6) [...] Eu abaixo assignado, de minha livre e expontanea vontade, cêdo o favor da liberdade do **escravo Cezario**, todo direito e acção que sobre elle tenho como herdeiro cessionário do fallecido Clemente Ferreira da Rocha - vulgo Clemente Murango [...] (Carta 120: livro 21, folha 60f, 04/10/1886 - DOVIC).

Verifica-se, em 6, que *escravo*, termo genérico que indica, nessa sociedade, uma classe, aparece na expressão *liberdade do escravo Cezario* ocupando a posição nuclear, sendo, portanto, apenas determinado à direita por *Cezário*, de forma que *Cezário*, um nome próprio, ao invés de ser um termo nuclear, é apenas uma caracterização do termo principal *escravo*.

Essa mesma estrutura está materializada no segundo excerto recortado do jornal *Correio da Bahia*, vejamos:

- (7) Tenho assistido aos interrogatórios a que tem procedido a polícia para descobrir os assassinos de Alexandre Argollo.... Dez foram os **escravos** que agarraram a victima, e contribuíram para o estrangulamento. O cabeça foi **Severiano**, feitor, e os outros foram: **Agrippa, Zafiro, Boaventura, Sabino, Gualberto, Zephirino, Marcolino, Francisco, Hemórgenes e Martinho**. Este último que era o laçao do assassinado [...] (*Correio da Bahia*, edição 141, p. 1, 15 de Setembro de 1878 – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).

Em 7, podemos notar que a sequência *O cabeça foi Severiano, feitor, e os outros foram: Agrippa, Zafiro, Boaventura, Sabino, Gualberto, Zephirino, Marcolino, Francisco, Hemórgenes e Martinho* funciona no acontecimento enunciativo como uma reescritura por expansão de *escravos*. Verifica-se que o nome do senhor aparece enunciado de forma completa com nome e sobrenome, já os escravos são referenciados apenas pelo nome de batismo. Conforme Ferrari (2000, p. 60), o escravo era batizado na igreja e recebia um nome, simplesmente um nome de pia, um nome de batismo: *José, Honório, Benedita*. Nesse ato, ele era constituído como sujeito religioso e não como sujeito jurídico com sobrenome. Essa constituição o acompanhava por toda a sua vida de escravo, de forma que pouco importava o seu nome, a não ser para indicar sua relação com o senhor.

No terceiro excerto que recortamos para a análise, podemos observar essa relação de subordinação, que confirma, portanto, o que diz Freyre (1933, p. 38): “[...] Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres [...]”

- | Análise semântico-enunciativa de *senhorio* no âmbito da família patriarcal: o nome e a transmissão de bens

(8) No vapor Paulo Affonso, vieram de S. Cristóvão **os seguintes passageiros**: Francisco P. de Siqueira Sobral, com 1 escravo, dr. Silvio A. Sousa Bastos, com 1 escravo, D. Joana Vianna, **José Fernandes de Oliveira, com sua senhora e 2 filhas menores, e 1 escrava.** (*Correio da Bahia*, edição 57, p. 2, 4 de Junho de 1872 – Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional).

Nesse excerto retirado do jornal *Correio da Bahia*¹⁶, no qual são anunciados os passageiros importantes que viajaram de navio, é possível identificar dois funcionamentos.

Em primeiro lugar, notamos que articulado ao nome do senhor *José Fernandes de Oliveira*, através da preposição *com*, aparece a seguinte sequência: *com sua senhora e duas filhas menores, e 1 escrava*. Nota-se que entre o nome do senhor e a sequência apresentada está em funcionamento uma relação de subordinação que submete ao nome do senhor, hierarquicamente e de forma coordenada através da conjunção *e*, a *sua senhora*, as *2 filhas* e a *escrava*, sem citar o nome desses subordinados.

Em segundo lugar, está em funcionamento também a diferença na estrutura de nome. Observa-se que os nomes dos senhores que viajavam no vapor vinham completos, a exemplo de *José Fernandes de Oliveira*, enquanto sobre os escravos desses senhores é citada apenas a quantidade: *1 escravo, 1 escrava*, não havendo menção de nome, nem mesmo na forma usual de nome de escravo como analisamos em 2.1.2. Ocorre nesse excerto um silenciamento que indica a condição do escravo: por um lado, podemos observar que o nome genérico *escravo* aparece determinado pelo nome do *senhor* que vem completo com sobrenome de família; o escravo que acompanha o senhor não é nomeado, nem descrito, é apenas quantificado. Esse silenciamento indica o sentido que o termo *escravo* tem para a sociedade, ou seja, apesar de figurar entre os passageiros (o nome dos passageiros é uma reescritura por expansão da sequência *seguintes passageiros*), não há necessidade de enunciar o nome, pois o principal foi dito; trata-se apenas de escravos, não se trata de sujeitos, mas objetos, bens do senhor. Por outro lado, verifica-se, guardadas as respectivas diferenças, que, assim como os escravos, no caso do senhor *José Fernandes de Oliveira, com sua senhora e 2 filhas menores, e 1 escrava*, o mesmo silenciamento se aplicou a membros da própria família: a esposa e as filhas.

¹⁶ Vale ressaltar que, no jornal *O asteróide*, no jornal *Correio da Bahia* e nas cartas de liberdade, o nome do senhor segue a mesma estrutura. Por outro lado, quanto à estrutura de nome de escravo, observa-se uma diferença. Quanto ao escravo, o nome era apresentado, na maioria dos registros, seguindo a terceira estrutura, trazendo, no lugar do item lexical *escravo*, a palavra *escravizado*. Em poucos casos fazia-se referência à cor, raça ou etnia, como na primeira e segunda estrutura. Nos casos registrados, as referências de cor, raça e etnia, aparecem, principalmente, quando se noticiava a concessão de liberdade feita pelos senhores, como vemos no exemplo: *Hontem realizou-se n'esta cidade a liberdade de Domingos, cabra, filho de Rosa, escravizado à Antonio José dos Santos no Sapé, pela quantia de 150\$000 que foi entregue a seu senhor pelo nosso amigo sr. advogado José Joaquim Villas-Boas*. Destaque-se, nesse enunciado, que o nome do senhor *Antonio José dos Santos* aparece completo com sobrenome de família, já o nome do escravo libertado é enunciado como núcleo articulado às sequências que o caracterizam: *cabra, filho de Rosa, escravizado*.

A partir do exposto, vimos que senhores e escravos se diferenciam pelo nome. O nome de senhor segue a estrutura nome próprio + sobrenome de família. O de escravo apresenta, por sua vez, três formas: a) nome + raça/cor/etnia; b) raça/cor/etnia + nome; e c) classe + nome. Essa diferença nos nomes de senhores e escravos materializada nas cartas de liberdades e nos textos dos jornais baianos instaura um embate de sentidos no espaço de enunciação do Português do século XIX. Na sociedade escravocrata, o senhor era responsável pela nomeação de seu escravo. Assim o locutor-senhor de escravo, ao designar como nome próprio do escravo a sua raça, cor ou etnia, ou mesmo o indicativo da classe (escravo/liberto/forro), nomeações que também aparecem nos textos jornalísticos, estigmatiza-o, como pertencente a um grupo de pessoas que, em dado momento histórico – Brasil Escravista do Século XIX – são escravos porque são negros vindos de determinado lugar – África – tendo certa cor, preta. Ou seja, o sobrenome racial determina o nome próprio de escravo colocando-lhe uma identificação que o acompanhará por toda a vida. Por esse motivo, Guimarães (2002, p. 36) afirma que o funcionamento do nome se dá no processo social de subjetivação. Ou seja, passa a ser uma questão do sujeito (GUIMARÃES, 2002). As reescrituras e articulações mostraram que os nomes próprios dos senhores, diferentemente do nome de escravo, carregavam os sentidos de que nome de senhor era importante na sociedade, ao qual se subordinava os nomes de escravos e os nomes dos membros da família do senhor, confirmando o que diz Freyre (1933, p. 38): “o senhor não era senhor só de escravo. Era senhor total: ocupava o topo da hierarquia social, isto materializado linguisticamente no nome”.

Preservação e manutenção da posse dentro da família através da transmissão dos bens aos herdeiros

Além do nome, uma outra forma de demonstrar o poder do senhor no âmbito familiar era a transmissão dos bens aos herdeiros como forma de preservação e manutenção da posse dentro da família. A estrutura familiar era predominantemente patriarcal e tinha um núcleo constituído por pai, mãe e filhos, nesta ordem hierárquica, que se complementava com a figura de outros parentes.

Destacamos para a análise da transmissão de bens aos herdeiros, como forma de caracterização do senhorio brasileiro, três aspectos principais: a) a transmissão dos bens de forma hereditária; b) a sucessão de senhorio; e c) indícios de que até a mulher assume uma importância de acordo com o nível econômico de sua família.

- | Análise semântico-enunciativa de *senhorio* no âmbito da família patriarcal: o nome e a transmissão de bens

a) A hereditariedade na transmissão de bens

A respeito da transmissão de bens de forma hereditária, de acordo com Santos (2013, p. 53), percebe-se que no contexto brasileiro do final do século XIX, assim como na Europa, funcionava entre os brancos (livres, senhores) o modelo de família patriarcal/senhorial, no qual os bens eram passados de forma hereditária para os filhos, que tinham o dever de manter e aumentar as posses da família. Essa prática pode ser exemplificada através de dois exemplos.

O primeiro exemplo foi retirado de uma carta de liberdade, vejamos:

- (9) Carta de liberdade do escravo Cezario, conferida por seu Senhor Francisco Xavier de Almeida Saraiva, como abaixo se declara.

Eu abaixo assignado, de minha livre e espontanea vontade, cêdo o favor da liberdade do escravo Cezario, todo direito e acção que sobre elle tenho como herdeiro cessionário do fallecido Clemente Ferreira da Rocha [...] (Carta 120: livro 21, folha 60f, 04/10/1886).

No exemplo 9, em *Eu abaixo assignado*, o pronome *Eu* enunciado no início da carta, referindo-se ao senhor que está libertando o escravo, é reescriturado por *herdeiro cessionário do fallecido Clemente Ferreira da Rocha*. Nota-se que a reescritura por substituição retoma o pronome *Eu* que é uma reescritura de *Senhor Francisco Xavier de Almeida Saraiva*. O processo de reescrituração “liga pontos de um texto com outros do mesmo texto, e mesmo pontos de um texto com pontos de outro texto [...]”. Este processo, ao se dar produz sentido na medida em que ao retomar alguma expressão faz que ela signifique de outro modo [...]” (GUIMARÃES, 2007, p. 87). Assim, na medida em que *herdeiro* substitui *senhor*, registra na língua um funcionamento social/histórico, no qual os filhos do senhor herdavam, após a morte do pai, os bens pertencentes a ele, o que retoma a prática patriarcal corrente desde a Idade Antiga.

O jornal *Correio da Bahia* também registra esse funcionamento, como podemos ver no segundo exemplo:

- (10) Concedeu-se exequatur, a fim de que possam ser transferidas nas estações competentes para o nome do menor **Manuel, filho de d. Leonarda Carolina do Amaral Queiroz** as apólices da dívida pública do império e os bens de raiz existentes na corte que couberam ao mesmo menor, na qualidade de **herdeiro de seu pai Manoel Alves de Oliveira Queiroz, fallecido no reino de Portugal**. (*Correio da Bahia*, edição 91, p. 1, 15 de Julho de 1877 – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).

Em 10, podemos observar que o nome *Manuel* presente no enunciado *para o nome do menor Manuel* é reescriturado pelas sequências *filho de d. Leonarda Carolina do Amaral Queiroz, herdeiro de seu pai Manoel Alves de Oliveira Queiroz*. As reescrituras confirmam que os bens serão transferidos ao filho, herdeiro legítimo do pai.

A hereditariedade na transmissão dos bens era uma prática que caracterizava o *senhorio brasileiro*, funcionamento reconfigurado, ou a rigor, continuado (no sentido de Le Goff, 1924,) no Brasil, a partir de práticas existentes em outros senhorios como o grego, o romano e o feudal.

b) Sucessão

O senhorio brasileiro é caracterizado no aspecto da transmissão dos bens pela sucessão. Pedro (2009, p. 5) aponta que havia em funcionamento naquela sociedade uma política senhorial para a manutenção da propriedade e do domínio, mesmo após a morte do *senhor*, daí a importância e frequentes citações, nas cartas e nos jornais, de aspectos relacionados a partilhas, herdeiros e também à sucessão, que garantiria a continuidade do regime. Conforme Cotrim (2005, p. 54):

[...] ainda dentro desse sistema patriarcal, desenvolveu-se o costume da primogenitura, em que o filho mais velho herdava todas as terras do pai. Se a família fosse composta por mais de um filho, os outros seriam encaminhados aos estudos para se formarem médicos, advogados ou mesmo padres, caso sua formação fosse religiosa .

No excerto a seguir, podemos ver um exemplo característico envolvendo sucessão:

- (11) [...] Digo eu abaixo assignado como testamenteiro do finado Liborio Joaquim da Silva que ele dito finado hera Senhor Legítimo e possuidor de hum Escravo de nome Manoel Africano [...] poderá gosar de sua liberdade como se fosse nascido do ventre branco digo do ventre mater-no, e [isso?] fica de hoje para trás [e sempre] **sem que eu ou um <dos> meos herdeiros e sucessores pos-são [aliar] esta minha carta de liberdade** pes-so as justiças de Sua Magestade Imperial que Deos Guarde haja esta [.....] e valiosa, e lhe dê todo o inteiro vigor, e se lhe faltar alguma clauzula, ou clausulas, aqui as dou por expressas e declaradas [...] (Carta 40: livro 1, folhas 115f-115v-116f, 23/05/1845 - DOVIC).

Em 11, *senhor* é reescriturado por substituição pelo pronome pessoal *eu*. Essa reescritura aparece articulada pelo conectivo *ou a um dos meos herdeiros e sucessores*. Destaque-se, nessa articulação, que as expressões não podem ser substituídas uma pela

- | Análise semântico-enunciativa de *senhorio* no âmbito da família patriarcal: o nome e a transmissão de bens

outra, ou seja, *eu (senhor)*, não é o mesmo que *herdeiro*, assim como *herdeiro* não é o mesmo que *sucessor*, embora acrescentem sentidos à palavra *senhor*. Enquanto o *sucessor* era aquele que ocuparia o lugar de *senhor*, o *patriarca* que exerceria o poder e domínio sobre a família, escravos e agregados, os herdeiros eram aqueles que teriam direito a bens em determinada partilha. Podemos observar que o item lexical *sucessores* aparece no plural, o que indica a estabilidade do regime escravista, ou pelo menos a crença nessa estabilidade que manteria o patriarcado dentro da família.

c) Importância da mulher de acordo com o nível econômico de sua família

O papel que a mulher assume de acordo com o nível econômico de sua família é o terceiro e último aspecto que revela a importância da família e dos bens econômicos nessa sociedade. Freyre (1951, p. 82) afirma que, no Brasil, houve matriarcas apenas como equivalentes de patriarcas, isso considerando, na visão freyriana, matriarcas “aquelas matronas que, por ausência ou fraqueza do pai ou do marido, e dando expansão a predisposições ou características masculinóides de personalidade, foram às vezes os ‘homens de sua casa’” (FREYRE, 1951, p. 82). No *corpus* analisado, especificamente nas cartas da liberdade e no jornal *Correio da Bahia*, encontramos indícios desse funcionamento, em dois exemplos.

Em primeiro lugar, consideremos, para análise, o excerto retirado de uma carta de liberdade.

- (12) [...] Digo eu **Ignes Rodrigues Fontoura Dona Viuva de José da Cunha Soares**, que dentre os mais bens, que sou legitima Senhora, e possuidora, he bem assim a escrava Maria Silveria Nação congo, que a houve por compra feita ao Capitam Manoel Pereira Sampaio, cuja escrava pelos bons serviços que della tenho recebido he de minha livre vontade, sem constrangimento de pessoa alguma que do dia de meu falecimento em diante fique gozando de sua liberdade como se de ventre livre nascece, acompanhando me e servindo-me e servindo durante minha vi-da, não me fazendo ingrati-dam por que possa ser revogada esta alforria [...] (Carta 5: livro 2, folhas 27v – 28f – 28v, 28/03/1844 – Dovic).

Em 12, o nome de pessoa *Ignes Rodrigues Fontoura* é reescriturado pela sequência *Dona Viuva de José da Cunha Soares*, e logo depois por *Senhora, e possuidora*. Observa-se que o elemento *Dona* assim como *Senhora* estão grafados em maiúsculo e refere-se a uma *mulher senhora de escravos*. De acordo com Santos (2008), isso indica que, por ser uma sociedade patriarcal, essa mulher era herdeira de um *Senhor*, possuindo as duas propriedades básicas do senhorio: a posse e o domínio. *Senhora*, portanto, nesse enunciado, não é um pronome de tratamento (como atualmente): é uma espécie de título.

Conforme Ferraz e Santos (2012), a palavra *Dona* ocupa o lugar de pronome de tratamento que, articulado à palavra *Senhora*, enfatiza a posição social da pessoa: *Dona* era pronome de uso restrito a pessoas de certa importância, isso porque *dona*, derivado de *dominus*, era no período medieval um pronome usado para se referir ao rei e a seus filhos legítimos. Entretanto, a conotação de autoridade e respeito ampliou o seu uso aos homens ricos e senhores feudais. Essa conotação se fez presente na sociedade escravocrata brasileira, daí a utilização de expressões como essas (BIDERMAN, 1973).

O segundo exemplo que confirma a importância e a ascensão da mulher dentro da família senhorial foi encontrado no jornal *Correio da Bahia*:

- (13) Falleceu no dia 4 a **exma. Sr. D. Anna Moreira de Pinho** irman do major **Alexandre Moreira de Pinho**, senhor do engenho Jacuípe do Britto, na freguezia do Rio-fundo. (*Correio da Bahia*, edição 238, p. 2, 17 de Janeiro de 1877 – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).

Em 13, o nome próprio *Anna Moreira de Pinho* aparece articulado às expressões abreviadas *exma. Sr. D.* Observa-se que somente o pronome de tratamento *exma* aparece grafado com inicial minúscula, o que confirma que *Sr (senhora)* e *D. (dona)* funcionavam como uma espécie de título e tratamento dado apenas àquelas mulheres que eram importantes, no caso, tratava-se da irmã do major Alexandre Moreira de Pinho, senhor de engenho. A esse respeito, assim se manifesta Freyre (1951, p. 209-210):

As senhoras de engenho, desse feitio amazônico, embora mais femininas de corpo, não foram raras. Várias famílias guardam a tradição de avós quase rainhas que administraram fazendas quase do tamanho de reinos. Viúvas que conservaram e às vezes desenvolveram grandes riquezas. Quase matriarcas que tiveram seus capangas, mandaram dar suas surras, foram ‘conservadoras’ ou liberais’ no tempo do Império.

Diante do que foi exposto, vimos que, no conjunto, um dos aspectos que caracteriza o senhorio brasileiro no âmbito da família é a transmissão dos bens aos herdeiros como forma de preservação e manutenção da posse dentro da família. A hereditariedade na transmissão dos bens, a sucessão patriarcal e o papel da mulher assumindo a posição de “homem da casa” na ausência ou fraqueza do marido demonstram a importância do clã patriarcal, que mantinha dentro da família a posse e o domínio. Dessa maneira, a transmissão dos bens aos herdeiros reiterava o poder e o prestígio já materializados nos nomes/sobrenomes dos senhores.

- | Análise semântico-enunciativa de *senhorio* no âmbito da família patriarcal: o nome e a transmissão de bens

Considerações finais

Por fim, respondendo à pergunta inicial, observamos, a partir das análises empreendidas, que, fundamentado no patriarcado, semanticamente, o *senhor* brasileiro exerce domínio na esfera familiar. Os dados demonstraram que, no tocante à estrutura linguística/lexical do nome do senhor em oposição à estrutura do nome de escravo, vimos que senhores e escravos se diferenciam pelo nome. Os nomes próprios dos senhores carregavam o sentido de que nome de *senhor* era importante na sociedade, ao qual se subordinavam os nomes de escravos e os nomes dos membros da família do senhor. O nome do escravo materializado nas cartas e nos jornais é uma palavra que o inclui na sociedade dando-lhe uma identificação, mas esse nome, ao trazer indicações de raça, cor e etnia ou o indicativo de classe, o exclui de certos espaços reservados para pessoas cujos nomes tinham, por assim dizer, outra estrutura, que os identificava como “de família”, como Senhores. O nome de escravo o identificava como pertencente a um grupo, a uma classe de trabalhadores, silenciando com isso a sua condição de pessoa pertencente a uma família, com pais, irmãos, etc. Assim, concordando com Guimarães (2002), pode-se dizer que disso resulta a importância do funcionamento determinativo da construção do nome próprio de pessoa: não é apenas um evento social, jurídico, é um acontecimento linguístico, enunciativo com suas consequências. A esse respeito, Santos (2008, p. 140) afirma que o escravo, mesmo se liberto, continuava a ter no nome a marca, o estigma da escravidão. Se o sobrenome de família marcava positivamente, pode-se dizer que o sobrenome “racial” surtia efeito contrário.

Além do nome, mostramos também que o *senhorio* brasileiro se constitui semanticamente na relação de transmissão dos bens aos herdeiros. A hereditariedade na transmissão dos bens, a sucessão patriarcal e o papel da mulher assumindo a posição de “homem da casa” na ausência ou fraqueza do marido, demonstrava a importância do clã patriarcal, que mantinha dentro da família a posse e o domínio, que reiteravam os sentidos trazidos pelo nome de família.

Através das análises feitas, vimos que o *senhorio* brasileiro apresenta sentidos específicos fundamentados não somente na relação senhor-escravo, mas também relacionados ao poder do senhor exercido no âmbito da família patriarcal.

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, ao Programa de Pós-graduação em Linguística, à Fundação de Amparo à pesquisa do Estado da Bahia e

ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico por apoiarem essa pesquisa.

Referências

BIDERMAN, M. T. C.. Formas de Tratamento e Estruturas Sociais. **Alfa**, Marília, n. 18/19, p. 339-381, 1972.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1987.

COTRIM, G. Condições da Escravidão Africana. *In*: COTRIM, G. **História Global: Brasil e Geral**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2002. p. 54-68.

FERRARI, A. J. **Nomes próprios e descrição**: um estudo da descrição e do nome próprio a partir da análise de descrições presentes nos anúncios de fuga de escravos publicados nos jornais de Campinas entre 1870 e 1876. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FERRAZ, L. de A. N. SANTOS, J. V. Polissemia em cartas de liberdade baianas do século XIX: uma descrição semântica à luz de Bréal (1897). **Seminário de pesquisa em estudos linguísticos**, v. 7, p. 447-454, 2012.

FERRAZ, L. de A. N. **A designação da palavra *senhor***: uma análise semântica do senhorio brasileiro na escravidão e sua continuidade no pós-abolição. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**. 47. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 [1933].

FREYRE, G. **Sobrados e Mocambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. 15. ed. São Paulo: Global, 2007 [1951].

GUIMARÃES, E. **Análise de Texto**: Procedimentos, Análises, Ensino. Campinas: Editora RG, 2011.

GUIMARÃES, E. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 51, n. 1, p. 49-68, jan.-jun. 2009.

- | Análise semântico-enunciativa de *senhorio* no âmbito da família patriarcal: o nome e a transmissão de bens

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002a.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2002b [1995].

GUIMARÃES, E. Domínio semântico de determinação. *In*: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. (org.). **A palavra**: forma e sentido. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007. p. 77-96.

GUIMARÃES, E. Enunciação e história. *In*: GUIMARÃES, E. **História e Sentido na Linguagem**. Campinas: Pontes, 1989.

LE GOFF, J. Memória. *In*: LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994 [1924]. p. 423-477.

MATTOSO, K. M. Q. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PEDRO, A. **Liberdade sob condição**: alforrias e política de domínio senhorial em Campinas, 1855-1871. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SANTOS, D. M. **Da liberdade à tutela**: uma análise semântica do caminho jurídico percorrido por filhos de ex-escravas no Brasil pós-abolição. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013.

SANTOS, J. V. **Liberdade na escravidão**: uma abordagem semântica do conceito de liberdade em cartas de alforria. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. **DOVIC (Documentos Oitocentistas de Vitória da Conquista e região)**. Corpora Eletrônicos. UESB. Vitória da Conquista, 2014.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: FERRAZ, Liliana de Almeida Nascimento; SANTOS, Jorge Viana. Análise semântico-enunciativa de *senhorio* no âmbito da família patriarcal: o nome e a transmissão de bens. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 35-55, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 10/12/2020 | Aceito em: 23/01/2021.

A NOÇÃO DE SUJEITO NA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

THE NOTION OF SUBJECT IN THE SEMANTICS OF EVENT

Kelly Cristini GRANZOTTO WERNER¹

Eliana Rosa STURZA²

Resumo: Este artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre a noção de sujeito na Semântica do Acontecimento, proposta e desenvolvida pelo pesquisador brasileiro Eduardo Guimarães, como uma Semântica Histórica da Enunciação. Para tanto, partimos da leitura de duas obras relevantes publicadas por esse autor, a saber: *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação* (2002) e *Semântica, enunciação e sentido* (2018). Numa perspectiva enunciativa, buscamos levar em conta a definição e a caracterização da noção teórica de sujeito, bem como seu lugar e seu funcionamento no interior da referida teoria, compreendendo que trouxe uma contribuição à ciência linguística ao provocar atualizações na forma de conceber tal categoria. Trataremos do funcionamento da noção de sujeito, exemplificando em textos. Como resultado disso, observamos que o sujeito é uma questão linguística e enunciativa, que é agenciado politicamente pelo espaço de enunciação e que mais cabe falar em “lugares enunciativos”, “posição”, “falante” que, ao enunciar, torna-se três: Locutor (L), locutor (l-x) e Enunciador (E) e “figuras da cena enunciativa” do que em sujeito propriamente. Esse entendimento mostra que ele não é pensado como uma figura una, homogênea e com intenções. Por ser assim considerado na Semântica do Acontecimento, é pouco recorrente a palavra “sujeito” nos livros citados.

Palavras-chave: Sujeito. Enunciação. Semântica do Acontecimento.

Abstract: The objective of the present article is to discuss the notion of subject in Semantics of Event, proposed and developed by the Brazilian researcher Eduardo Guimarães, as a Historical Semantics of Enunciation. For this purpose, two relevant works by this author have been considered, namely: *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação* (2002) and *Semântica, enunciação e sentido* (2018). From an enunciative perspective, we aimed at taking into account the definition and characterization of the theoretical notion of subject, as well as its place and functioning inside the referred theory, to understand that it has contributed to linguistic science by updating the modes of conceiving such category. The functioning of the notion of the subject is here approached through textual exemplification. As a result, it was possible to observe that the subject is an enunciative and linguistic matter, which is politically managed by the place of enunciation and can be better expressed as “enunciative places”, “position”, “speaker that, when enunciates, becomes three: Locutor (L), locutor (l-x) and Enunciador (E)” and “figures of the enunciative scene” than solely as the subject. This perception shows that this is not regarded as a unified, homogeneous, and intentional figure. Since this is how it is comprehended in the Semantics of Event, the word “subject” is not very frequent in the mentioned books.

Keywords: Subject. Enunciation. Semantics of Event.

1 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; kcgbr@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-0681-3999>

2 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; listurza@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-4085-0096>

Introdução

Durante muito tempo, pelo menos até a fundação da Linguística Moderna, enquanto ciência, no século XX, por Ferdinand de Saussure, a noção de sujeito pouco interessava aos estudos linguísticos, ficando à margem ou sendo excluída do que era desenvolvido. Posteriormente, com o advento de teorias que compreendem que o sujeito é parte da linguagem e do sentido, essa situação muda, na medida em que passa a importar e a integrar os trabalhos realizados. Em vista disso, nos tempos de hoje, é difícil se pensar em pesquisas na área da Linguística, ignorando a categoria de sujeito pela qual ela perpassa, independentemente da perspectiva teórica adotada e do entendimento dado, e, por isso, interessa. Então, o sujeito aparece apresentado, de diferentes perspectivas, como: falante ideal; sujeito psicológico, que tem intenções, isto é, um usuário; sujeito egocêntrico, responsável pela enunciação e fonte de produção dos sentidos; sujeito da linguagem, que se apresenta como personagens, vozes da enunciação; sujeito ideológico e cindido, que é assujeitado; falante, que se transforma em figuras da enunciação e passa a ocupar ali lugares de fala.

Partindo de uma perspectiva enunciativa, realizaremos um estudo teórico-reflexivo em torno da categoria de sujeito, no interior de uma das correntes teóricas utilizadas como suporte para trabalhos sobre a linguagem, no Brasil, que é a Semântica Histórica da Enunciação (SHE), especificamente, a Semântica do Acontecimento (SA), proposta e desenvolvida pelo professor e pesquisador brasileiro Eduardo Guimarães (2002). Para atingir nosso objetivo, tomaremos como base a leitura de duas obras de grande circulação publicadas por esse autor, a saber: *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação* (2002) e *Semântica, enunciação e sentido* (2018).

No que concerne à metodologia, nosso percurso se organiza em dois momentos principais. Inicialmente, apresentaremos alguns conceitos do quadro teórico da Semântica do Acontecimento a fim de localizar a noção de sujeito no interior desse quadro. A seguir, trataremos da categoria de sujeito, especificamente, refletindo sobre três aspectos: sua definição, suas características e seu funcionamento. Então, faremos a reflexão sobre a inscrição e o funcionamento do sujeito na enunciação a partir dos dois textos citados.

A Semântica do Acontecimento como uma Semântica Histórica da Enunciação

A Semântica do Acontecimento (SA) foi apresentada por Guimarães, em 2002, na obra *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Nessa obra, o autor dedicou-se ao estudo da designação como fundamento para pensar as relações da

linguagem com o mundo porque, segundo ele, é uma forma de significá-lo e possibilita falar dele. Após percurso de reflexão e análises feitas, passados 16 anos, a teoria aparece reconfigurada no livro *Semântica, enunciação e sentido*, publicado em 2018.

Essa corrente semântica tem filiação teórica, principalmente, nos estudos semânticos de Bréal (1987), na Teoria da Enunciação de Benveniste (1964, 1965, 1970), na Semântica Linguística e na Teoria Polifônica da Enunciação de Ducrot (1987). Ademais, faz também uma interlocução com a Análise de Discurso, de linha francesa, de onde toma conceitos ou reformula-os, de modo que há aproximações e distanciamentos.

Guimarães (2002) propõe a Semântica do Acontecimento a partir de uma posição materialista, que compreende a linguagem em sua relação com a história. Então, ela não é vista como transparente, definindo-a como “uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2002, p. 7). Ou, ainda, “uma semântica histórica da enunciação se constitui no lugar em que se trata a questão da significação ao mesmo tempo como linguística, histórica e relativa ao sujeito que enuncia” (GUIMARÃES, 2002, p. 85). Com base nisso, podemos dizer que a Semântica do Acontecimento é uma semântica linguística, é uma semântica da enunciação, ou melhor, uma semântica histórica da enunciação.

Logo, o foco de interesse da SA é fazer um estudo histórico e significativo da linguagem, ou seja, preocupar-se com a questão da significação como algo histórico. Em outras palavras, a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência, por sua historicidade, levando-se em consideração como unidade de análise o enunciado, isto é, “como lugar de observação do sentido” (GUIMARÃES, 2002, p. 7) enquanto forma que funciona integrada ao texto. O sentido, então, é visto como uma questão enunciativa e não como algo que está na língua, mas sim no funcionamento dela.

Na SA, a enunciação é entendida como um acontecimento, isto é, “o acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2018, p. 19), que ocorre pelo funcionamento da língua, pela relação do sujeito com a língua. Para Guimarães (2018, p. 37), o acontecimento é “o que faz diferença na sua própria ordem”, entendendo que a diferença está na ideia de que o acontecimento temporaliza, ou seja, instaura a temporalidade de sentidos em torno de si: um passado (memorável), um presente e um futuro (futuridade), que não é cronológica, mas sim simbólica. O acontecimento não é, portanto, um fato no tempo, algo empírico. A atualização da temporalização é importante porque sem ela não haveria sentido, nem acontecimento nem enunciação.

Para que a enunciação se realize enquanto acontecimento de linguagem, são necessários quatro elementos: a língua, o sujeito, a temporalidade e o real, enquanto

materialidade histórica. Isso mostra que, nessa teoria, o sujeito não é o responsável pela enunciação ou por instalar o tempo no sentido de remeter-se a ele uma centralidade, mas sim o acontecimento, de modo que este ocorre no espaço de enunciação, que é entendido como

[...] o espaço de relações de línguas no qual elas funcionam na sua relação com falantes. Assim não há línguas sem outras línguas, e não há línguas sem falantes e vice-versa. Um aspecto importante na configuração do espaço de enunciação é que as línguas do espaço de enunciação são distribuídas de modo desigual, não se é falante das línguas deste modo da mesma maneira. O espaço de enunciação é, então, um espaço político do funcionamento das línguas. O agenciamento dos falantes, enquanto tal, pelas línguas, é político, pois é necessariamente desigual. (GUIMARÃES, 2018, p. 23-24).

Diante da concepção de enunciação, vemos que o sujeito é uma das categorias importantes para a teoria da SA, mas não é a única nem é a que rege outras categorias como tempo, espaço e sentido. A SA não é, portanto, uma teoria do sujeito.

O sujeito na Semântica do Acontecimento

Na Semântica do Acontecimento, a palavra “sujeito” é pouco utilizada, embora saibamos que é um dos elementos decisivos para que o acontecimento de linguagem se produza. Por exemplo, nas duas obras utilizadas como base para este trabalho, o referido termo não é tão presente: no livro de 2002, que tem noventa e seis (96) páginas, há quarenta e cinco (45) menções da palavra enquanto, no livro de 2018, que tem 280 páginas, há quarenta e oito (48) registros, sendo quarenta e sete (47) deles usados como parte da oração, sujeito gramatical. Diante disso, cabem alguns questionamentos: como será designado o sujeito? Como ele se apresenta no acontecimento?

Como vimos o sujeito, na SA, não é responsável por colocar a língua em funcionamento ou pela enunciação, tampouco é origem do tempo linguístico. Na verdade, ele é agenciado, constituído pela temporalidade do acontecimento, de tal forma que esse agenciamento é de natureza política³ e se dá em um espaço de enunciação

3 Guimarães (2018, p. 50-51) define, em termos enunciativos, o político como algo que “se caracteriza pela oposição entre a afirmação da igualdade em conflito com uma posição desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que o organizam: organizam os lugares sociais e suas relações, identificando-os (ou seja, atribuindo-lhes sentido), e recortam o mundo das coisas, significando-as. Por este conflito o real se divide e redivide, se refaz incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos. [...] é a contradição que instala o conflito no centro do dizer”.

específico; sendo assim, o que se tem é falante. Nas obras mencionadas, ao se referir ao sujeito, Guimarães (2002, 2018) usa a designação falante e, a partir dele, aborda sua constituição, suas características e seu funcionamento. O falante, ao ser concebido pelo espaço político de enunciação, passa a fazer parte da cena enunciativa, para usarmos a terminologia teórica do autor, e sofre uma divisão que distribui lugares de dizer nessa cena. Dessa forma, esse agenciamento não só é responsável pela distribuição dos lugares enunciativos que o falante ocupa, mas também por aquilo que ele diz, uma vez que não é livre para escolher formas para dizer, nem tem intenções ao dizer, já que são as condições sócio-históricas e políticas que determinam quem diz, como se diz e porque se diz. Nesse aspecto, a SA se distancia de outras semânticas.

Por sua vez, a cena enunciativa, uma categoria metodológica e descritiva na teoria, é produzida pelo agenciamento político da enunciação, ou seja, “o falante é agenciado politicamente e assim constitui a *cena enunciativa*” (GUIMARÃES, 2018, p. 53), de modo que ela muda a cada acontecimento. Segundo o autor, “é um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento” (GUIMARÃES, 2002, p. 23).

Quanto ao falante, Guimarães (2002, p. 18) o compreende como “uma categoria linguística e enunciativa [...] uma figura política constituída pelos espaços de enunciação. E nesta medida ela deve ser incluída entre as figuras da enunciação”. Portanto, não é indivíduo, não é pessoa física que fala, mas é o sujeito enquanto constituído e determinado pela relação entre língua e falantes no espaço de enunciação, sendo essa relação litigiosa.

Acerca da situação comunicativa, o falante é agenciado como L, que se representa na enunciação como sua origem, em que a condição necessária para ser L é se dividir no acontecimento. Em outras palavras, significa dizer que precisa ser tomado por um lugar social de dizer, que o autoriza a falar no mundo em determinada língua e de determinada forma. A esse lugar social, Guimarães chamou na obra de 2002 e em trabalhos anteriores de locutor, distinguindo-o, na representação gráfica, com letra minúscula e com a notação x, uma variável que corresponde aos papéis enunciativos assumidos (l-x), por exemplo, papel de professor, de jornalista, de cidadão, entre outros. Na obra de 2018, o autor mudou a nomenclatura e alterou a representação, passando a alocutor (al-x). Então, podemos encontrar as duas formas de representar nos trabalhos realizados nessa ancoragem teórica-metodológica. Nesse sentido, vemos que essa figura não é homogênea, porque, para ser L, precisa ser al-x, em que “é preciso que não seja ele próprio, mas um lugar social de locutor”. Além disso, o falante ainda pode se dividir mais uma vez, na cena enunciativa, em lugar de dizer, que corresponde ao Enunciador, representado pela letra E. Os lugares de dizer podem ser quatro: individual, coletivo, genérico e universal.

Quanto ao enunciador individual é um “eu” que tem a ilusão de ser a origem do dizer, pois se esquece (ou desconhece) de que fala de algum lugar e apresenta-se nas formas linguísticas de primeira pessoa e também em marcas avaliativas sobre o que é dito. Segundo Guimarães (2002, p. 25), “é a representação de um lugar como aquele que está acima de todos, como aquele que retira o dizer da circunstancialidade. E, ao fazer isso, representa a linguagem como *independente* da história”.

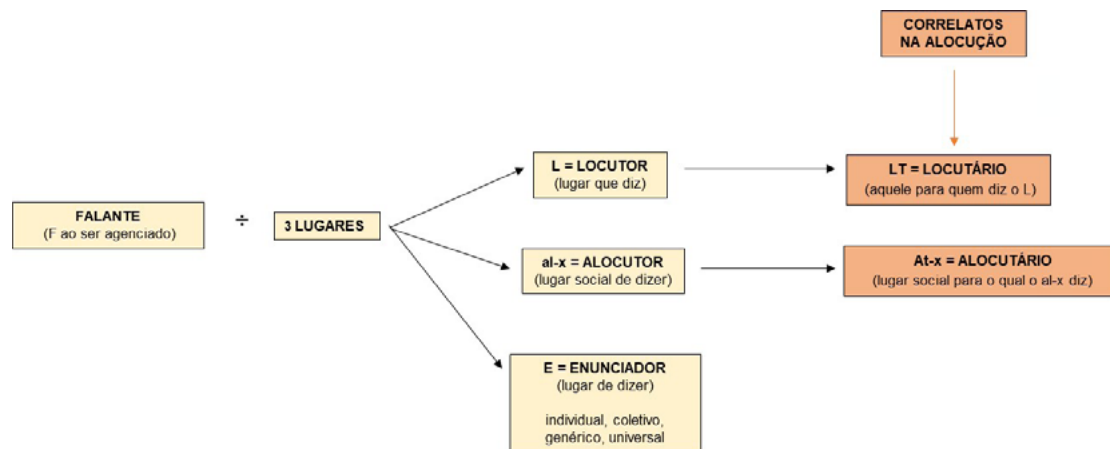
Já o enunciador coletivo é um nós que fala desde o lugar do conjunto, “que se caracteriza por ser a voz de todos como uma única voz” (GUIMARÃES, 2002, p. 38). Ou seja, o Locutor fala representando um grupo, uma corporação, uma coletividade, podendo, inclusive, na enunciação, apresentar a inclusão do alocutor entre os alocutários.

O enunciador genérico, por sua vez, é um outro lugar de dizer em que o Locutor se mostra como alguém que fala como outros indivíduos, o que pode ser visto nos ditos populares. Há uma simulação por parte do Locutor de ser a origem do dizer, quando, na verdade, diz do lugar do acordo que pode ou não funcionar dependendo da língua, dos falantes e do espaço de enunciação. Há, portanto, um “todos” diluído na indefinição dos provérbios, no discurso do senso comum.

Por fim, tratemos do enunciador universal. Para Guimarães (2002, p. 26), trata-se de um “lugar de dizer que se apresenta como não sendo social, como estando *fora* da história, ou melhor, acima dela. Este lugar representa um lugar de enunciação como sendo o lugar em que se diz sobre o mundo [...] é um lugar que significa o Locutor como submetido ao regime do verdadeiro e do falso”. Com isso, quando algo é apresentado desse lugar de enunciação, significa algo posto como universal, verdadeiro, em função do aval da ciência. Então nessa categoria está o discurso científico. No entanto, há um caso que escapa a esse discurso, sendo que o autor cita o seguinte enunciado “Todas as pessoas morrem” (Idem, 2002, p. 26). Ele traz uma máxima afirmativa incontestável que todos sabem que é verdadeira e não provém do discurso científico.

Em resumo, o agenciamento do falante constitui a cena enunciativa e o divide nessa cena em lugares de enunciação, que, como vimos, podem ser três, e instaura, na alocução, seus respectivos correlatos, a saber: Locutor (L) – Locutário (LT), alocutor (al-x) – alocutário (at-x), e Enunciador (E)⁴. A figura 1, a seguir, representa o agenciamento enunciativo.

⁴ “O enunciador não projeta um tu, é um modo de o eu se apresentar na sua relação com o que se diz (o que se diz por quem diz)” (GUIMARÃES, 2018, p. 62). Por isso, na figura, não apresenta correlato.

Figura 1. Representação das figuras da enunciação na Semântica do Acontecimento

Fonte: Elaboração das autoras a partir de Guimarães (2018)

Por fim, reproduzimos as palavras de Guimarães (2018, p. 71-72) sobre a constituição da cena enunciativa, em função do agenciamento do falante:

A cena enunciativa se constitui pelo agenciamento do falante a dizer. O agenciamento do falante o divide na cena em lugares de enunciação: o daquele que diz (Locutor), o lugar social de dizer (alocutor), e o lugar de dizer (enunciador). Esta divisão dos lugares de enunciação constitui o que chamamos aqui de politopia da cena enunciativa. A cena enunciativa não configura, nesta medida, um lugar central que subsume os outros lugares. Estes lugares relacionam-se uns aos outros, pela *apresentação* que o alocutor e o Locutor fazem dos outros lugares ou pela *alusão* de um lugar ao outro.

Para ver o agenciamento enunciativo em funcionamento, trazemos exemplos em textos sobre a temática do movimento de professores de espanhol, que reivindicam a permanência legal da disciplina de Língua Espanhola na Educação Básica brasileira, a qual nasceu no Rio Grande do Sul e se expandiu, contando com representantes em todos os Estados do Brasil, após a revogação da Lei 11.161/2005, pelo então presidente da República Michel Temer, em 2017. Essa lei assegurava a obrigatoriedade da oferta do espanhol no Ensino Médio e opcional no Ensino Fundamental. A designação⁵ do movimento é “# Fica espanhol” e surge na antonímia das designações que se produzem em “Fora espanhol” ou “Sai espanhol” dos currículos escolares. Essa designação passa ter um significado nesse

⁵ Compreendemos a designação conforme Guimarães (2002, 2018).

jogo de forças que se instaurou a partir das condições sócio-históricas e políticas de seu aparecimento no acontecimento enunciativo. Segundo Moreno (2019, p. 72, tradução nossa⁶):

A notícia da revogação da Lei 11.161 não produziu, portanto, implicações apenas para os professores: os estudantes também se sentiram envolvidos nas mudanças que isso provocaria e ainda se sentiram prejudicados nos seus direitos e aspirações em relação à língua. É, nesse cenário, que surge o movimento “*Fica Espanhol*”, reunido nas redes sociais sob *#FicaEspanhol*.

A partir dessa discussão acerca da disciplina de língua espanhola, os textos que selecionamos fazem parte de campanhas, depoimentos e manifestações de apoio que circulam principalmente no universo da internet. A Figura 2 traz o primeiro exemplo textual para observarmos o funcionamento das figuras da enunciação.

Figura 2. Primeiro exemplo



Fonte: <https://www.picuki.com/media/2186765312524192640>

6 No original: “La noticia de la revocación de la Ley 11.161 no produjo, por lo tanto, implicaciones apenas para los profesores: los estudiantes también se sintieron implicados en los cambios que eso provocaría e, además, se sintieron dañados en sus derechos y aspiraciones con relación a la lengua. Es en ese escenario que surge el movimiento ‘*Fica Espanhol*’, reunido en las redes sociales bajo *#FicaEspanhol*.”

Nesse primeiro exemplo, há o agenciamento do falante em Locutor, que toma a palavra desde o lugar social de alguém que conhece e trabalha com a língua espanhola, ou seja, um locutor-professor, autorizado a falar nessa e sobre essa língua e dessa maneira. Na cena enunciativa, o locutor apresenta o dizer como coletivo no enunciado “#Fica espanhol”, pois representa o grupo de professores de espanhol. Mas vemos também que esse enunciador não é o único no texto, havendo uma alusão a um enunciador genérico em “Dime con quién andas y te diré quién eres”, que é um dito popular. Sendo assim, o Locutor ora manifesta o dito como a voz do grupo de manifestantes, ora como a voz de um “todos”, difusa numa indefinição.

Observemos, agora, a Figura 3, que traz o segundo exemplo de texto a ser analisado.

Figura 3. Segundo exemplo



Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2018/09/ficaespanhol-conquista-a-primeira-vitoria-na-assembleia-legislativa-cjly5p8nj02gr01pxpldl4ynw.html>

A figura 3 traz o depoimento de um artista na forma audiovisual que aparece no interior de uma reportagem na modalidade escrita e publicada no jornal *Zero Hora/RS*, do dia 19/07/2018, sob a autoria da repórter Aline Custódio. Trata-se de um texto que se relaciona com outro texto cujo título é “#Ficaespanhol: movimento ganha força no RS após lei alterar ensino de idiomas nas escolas”. O texto que nos interessa também está no YouTube e traz o depoimento de um artista gaúcho, conhecido como “Guri de Uruguaiana”, demonstrando apoio ao movimento no Estado do Rio Grande do Sul (RS).

Nesse depoimento, observamos o que é dito na imagem e também o que é dito oralmente no vídeo integradamente. Transcrevemos o último trecho do enunciado oral, que diz o seguinte: “Se tu é gaúcho, tu tem que conhece o espanhol, tem que conhece a cultura e a língua dos nossos vizinhos, né chê. É por isso que eu, o Guri de Uruguaiana, também apoio Fica Espanhol”.

Ao dizer que apoia, o “Guri de Uruguaiana” ergue o cartaz que tem nas mãos, o qual podemos ver na imagem anterior. Nesse texto, o falante agenciado em Locutor toma a palavra não mais do lugar social de professor, mas sim do lugar de artista gaúcho, o qual o autoriza a falar, como um personagem que vive num Estado brasileiro fronteiro aos países de língua espanhola. A apresentação do seu dizer de apoio é feita por uma voz individual, marcada no último enunciado “É por isso que eu, o Guri de Uruguaiana, também apoio ‘Fica Espanhol’”. Ou seja, o enunciador individual diz em primeira pessoa “eu, apoio” e também por seu nome “Guri de Uruguaiana”, colocado como um aposto especificativo do “eu” que o antecede, de modo que ele se torna responsável por todo o enunciado, mas não pela expressão “Fica Espanhol”, a qual ele apenas repete.

Agora, se olharmos o enunciado da imagem isolado de seu texto oral, poderíamos interpretar da seguinte forma a cena e o agenciamento enunciativo: o falante toma a palavra como o Guri de Uruguaiana, um artista, que diz algo por escrito, “#Fica espanhol”, de uma perspectiva que é individual, em que poderíamos parafrasear, dizendo: Eu, Guri de Uruguaiana, peço: Fica espanhol”. Isso quer dizer que poderíamos atribuir o enunciado do cartaz, na imagem, a um enunciador individual, e não mais uma alusão a um dizer originado na coletividade, no movimento.

Diante do que vimos, a Semântica do Acontecimento não permite pensar na noção de sujeito como uma categoria centrada em uma unidade, porque ela não se apresenta dessa forma. Para essa assertiva, os textos trazidos para análise exemplificam o agenciamento das figuras da enunciação e seu movimento de dispersão.

Considerações finais

Diante de tudo o que foi discutido e analisado neste artigo, nossa reflexão nos leva a ver que a Semântica do Acontecimento, praticada no Brasil, por Eduardo Guimarães (2002, 2018) e estudiosos dessa corrente teórica, não se mostra como uma teoria da subjetividade, e sim uma teoria que se ocupa do estudo da significação como algo que está no funcionamento da língua, na enunciação como acontecimento. Todavia, isso não quer dizer que o sujeito não interessa, apenas que não é o centro de suas atenções.

Diante disso, observamos que o sujeito é uma questão linguística e enunciativa, que é agenciado politicamente pelo espaço de enunciação, de tal modo que mais cabe falar em “lugares enunciativos” ou “posição” ou “falante que, ao enunciar, torna-se três: Locutor (L), alocutor (al-x) e Enunciador (E)” ou “figuras da cena enunciativa” do que em “sujeito” propriamente. Esse entendimento mostra que ele não é pensado como uma figura una, homogênea e com intenções, mas sim como uma tripla noção. Nesse sentido, concordamos com Steigenberger *et al.* (2011, p. 71), quando afirma que “não se fala em sujeito na SHE, fala-se em “disparidade do sujeito” (um único personagem disparizado em três faces: L, I e E)”. Em assim sendo concebido, é possível compreendermos porque a palavra “sujeito” é pouco recorrente nas duas obras utilizadas como base para este artigo e também para as análises que são feitas a partir desse suporte teórico-metodológico.

Referências

BENVENISTE, É. Os níveis da análise linguística. *In*: BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995 [1964]. p. 127-149.

BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. *In*: BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 1989 [1970]. p. 81-92.

BENVENISTE, É. A linguagem e a experiência humana. *In*: BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 1989 [1965]. p. 68-80.

BRÉAL, M. **Ensaio de semântica: ciência das significações**. Tradução Eduardo Guimarães *et al.* 2. ed. Campinas: Editora RG, 2008.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. Tradução Eduardo Guimarães. *In*: DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987. p. 161-218.

GUIMARÃES, E. **Semântica, enunciação e sentido**. Campinas: Pontes editores, 2018.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas: Pontes, 2002a.

- | A noção de sujeito na Semântica do Acontecimento

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido. Um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2002b [1995].

MORENO, A. B. A. La enseñanza de lengua española en Brasil: historia, legislación, resistencias. **Iberoamérica Social: Revista-red de estudios sociales**, Sevilla, v. XIV, p. 61-79, 2019. Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/wp-content/uploads/2019/12/Moreno-A.-2019.-La-ense%C3%B1anza-de-lengua-espa%C3%B1ola-en-Brasil.-Historia-legislaci%C3%B3n-resistencias.pdf>. Acesso em: 5 set. 2020.

STEIGENBERGER, F. F.; MACHADO, J. C.; SILVA, S. S. Fronteira entre análise de discurso e semântica histórica da enunciação: abordagens teóricas. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 51-79, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2563>. Acesso em: 10 fev. 2020.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: GRANZOTTO WERNER, Kelly Cristini; STURZA, Eliana Rosa. A noção de sujeito na semântica do acontecimento. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 56-67, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 07/12/2020 | Aceito em: 23/01/2021.

BREVE PERCURSO HISTÓRICO DE ABORDAGENS LINGUÍSTICAS QUE ANTECEDEM E INFLUENCIAM A CONSTITUIÇÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

*BRIEF HISTORICAL ROUTE OF LINGUISTICS APPROACHES
THAT PRECEDES AND INFLUENCES THE VARIATIONIST
SOCIOLINGUISTICS' CONSTITUTION*

Marcela Langa LACERDA¹

Resumo: Este artigo objetiva resgatar uma parte da história dos estudos linguísticos que antecedem e influenciam a constituição da Sociolinguística Variacionista. Para isso, retoma brevemente a história da Linguística dos séculos XVIII ao XX, considerando fatos que interessam ao tema *variação e mudança linguística*, no âmbito das seguintes abordagens: (i) os estudos comparados, (ii) os histórico-comparados, (iii) os neogramáticos, (iv) os dialetológicos, (v) o estruturalismo; e (vi) o gerativismo. As ideias de Humboldt e Whitney e de Meillet e Martinet também são consideradas. Esta revisão permitiu, além da (i) sistematização de uma *versão* sobre as influências históricas que constituem a Sociolinguística Variacionista, identificada como uma metateoria estrutural, (ii) apontamentos sobre algumas tarefas atuais dos variacionistas, dada a guinada discursiva do campo, por meio de sua *terceira fase*, identificada agora com uma metateoria discursiva.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Influências históricas. Abordagem estrutural.

Abstract: The following article aims to resume a historical part of linguistic studies that precedes and influences the constitution of Variationist Sociolinguistics. For this reason, there is a brief resume about Linguistics' history through the 18th to 20th centuries, considering facts that matter to subjects as variation and linguistic change, within the scope of the following approaches of (i) the comparative studies, (ii) the historical-comparative, (iii) the neogrammatians, (iv) the dialectologists, (v) structuralism; and (vi) generativism. Humboldt and Whitney's and Meillet and Martinet's ideas are also considered. This inspection allowed, besides the (i) systematization of a version about the historical influences that constitute the Variationist Sociolinguistics, identified as a structural metatheory, (ii) notations about some variationists' recent tasks, based on the sudden discursive change of the field, through its third phase, identified now as a discursive metatheory.

Keywords: Variationist Sociolinguistics. Historical influences. Structural approach.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil; marcelalanga@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-8824-8339>

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

Introdução

Conhecer a prática científica² de pesquisadores de uma dada abordagem significa conhecer a teia que amarra seus recortes, métodos e sistemas argumentativos, bem como conhecer a própria história de constituição da abordagem (FARACO, 2005), tendo em vista que todo fazer científico “se alimenta do próprio passado, e o estágio que atinge numa dada época serve de ponto de partida para as investigações posteriores” (ROBINS, 1983, p. 3).

Além disso, subjacente a cada abordagem ou prática científica – enquanto prática sócio-histórica muito bem delimitada no tempo e no espaço – há sempre um quadro de restrições epistemológicas ou metateóricas (compreendidas em termos ideológicos ou de visão de mundo (FIGUEROA, 1994) a partir do qual o fazer científico se configura. Por isso, sempre há, no fazer científico, a coexistência de diferentes explicações ou hipóteses interpretativas para um mesmo evento; e assumir determinados sistemas argumentativos implica admitir seus pressupostos, ainda que tacitamente.

Disso decorre que o fazer científico envolve sempre uma tomada de posição quanto à delimitação, por exemplo, do próprio objeto de estudo, determinando o que lhe é próprio e o que lhe é exterior. Produz-se, com isso, resíduos ou aspectos que, deixados à parte, só podem ser recuperados por outros pontos de observação, instaurados no interior da mesma abordagem ou a partir de novas, que emergem como reação às abordagens anteriores. Desse modo, é, pois, a própria natureza ideológica da prática científica que sustenta seu estado provisório e garante um movimento contínuo na história da ciência (GERALDI, 1990).

Considerando a história da Linguística, em particular, as diferentes abordagens que a constituem não devem ser compreendidas em termos de avanços lineares, isto é, em termos de acúmulo de conhecimento ao longo do tempo que promove modificações na área, mas em termos de rupturas, de conflitos ideológicos entre os pesquisadores, ao mesmo tempo em que devem ser vistas também em termos de continuidade, dado que influências e pontos de interesse podem se manter, ao longo da história, embora vistos, esses últimos, de maneira renovada, mediante a constituição de novas bases epistemológicas.

Este é o caso do tratamento dos temas *variação e mudança linguística*, pois, embora presentes em diferentes abordagens, receberam diversas e reversas explicações, por

² Uso, neste texto, os termos *prática de pesquisa*, *abordagem* e *campo* (investigativo) alternadamente.

conta de mudanças no próprio clima intelectual de cada período; compreender cada uma delas implica distinguir os pressupostos subjacentes a cada teoria, tarefa que melhor se efetiva quando se conhece a história do pensamento filosófico-linguístico, “fundo para uma melhor compreensão do estabelecimento” (KOERNER, 2014, p. 124) de linhas investigativas específicas.

Em vista disso, este artigo objetiva resgatar uma parte da história dos estudos linguísticos que antecedem e influenciam, paradoxalmente, a constituição da Sociolinguística Variacionista (doravante SV), campo que primeiramente se dedica à investigação da variação, com vistas à explicação da mudança linguística. Com isso, espera-se lançar luz não apenas sobre o movimento histórico que enseja a emergência da SV, mas também sobre as bases epistemológicas constituídas para balizar essa prática investigativa.

Em nossa compreensão,

[...] os pesquisadores precisam desenvolver uma consciência dos pressupostos subjacentes à prática em seus campos, para que eles possam, se necessário ou apropriado, consultar de forma coerente essas suposições. Eles também precisam desenvolver uma consciência contínua das relações entre os seus próprios campos e outros – e dos antecedentes históricos que constituíram seu campo – às vezes, fornecendo um quadro contra o qual os profissionais reagem. (MILROY; GORDON, 2003, p. 1).

O texto retoma brevemente a história da Linguística dos séculos XVIII ao XX, considerando os fatos que interessam ao tema *variação e mudança linguística*. A exposição organiza-se em torno de uma periodização histórica por séculos – procedimento que, embora seja arbitrário, pode ter algum valor mnemônico (ROBINS, 1983).

Voltando-se especialmente para estudantes de graduação do curso de Letras que iniciam os estudos em Sociolinguística Variacionista, esta exposição está organizada em três seções: na primeira, retomam-se estudos que se localizam entre o final do século XVIII e início do XX; na segunda seção, retomam-se estudos marcantes do século XX; na terceira seção, destinada às considerações finais, sistematiza-se o breve esboço histórico, remetendo o leitor às diferentes influências que constituem a SV, na década de 1960. Como apontamos brevemente nas considerações finais, a emergência de uma terceira fase (/onda) sociolinguística (ECKERT, 2012) parece ser precisamente uma reação a essas influências, radicalizadas ao longo de quase 60 anos de trabalho.

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

Os primeiros estudos da linguística moderna: do século XVIII ao XIX

Embora a reflexão sobre a linguagem seja milenar, é no fim do século XVIII que se encontram bases mais sólidas para o advento da Linguística enquanto ciência, tendo em vista, principalmente, o desenvolvimento das seguintes abordagens: (i) os estudos comparados, (ii) os histórico-comparados, (iii) os neogramáticos, e (iv) os dialetológicos. Confere-se ainda destaque, nesta seção, às ideias de Humboldt e Whitney, não localizadas especificamente em nenhuma dessas abordagens, mas cruciais para o pensamento linguístico moderno.

Os estudos comparados

O desenvolvimento da Linguística Comparada decorreu, em primeiro lugar, do interesse crescente de um grupo de intelectuais europeus, principalmente William Jones (1746-1794), pelo estudo do sânscrito, língua clássica dos hindus, e, em segundo lugar, da descoberta de que as línguas poderiam ser comparadas entre si, a partir da percepção de que havia uma relação entre o sânscrito e as línguas modernas, como grego e latim.

O candente interesse pelo sânscrito inscreve-se no próprio contexto ideológico do movimento filosófico, artístico e político que marcou o fim do século XVIII e se manteve ao longo do século XIX: o Romantismo, que, tendo como uma de suas máximas a nostalgia do passado remoto, visto como tempo áureo em relação a uma contemporaneidade degradada, fez renascer o pressuposto de que línguas mais antigas seriam mais complexas do que as contemporâneas. Com isso, “reconstrução das línguas primitivas (antigo germânico, antigo eslavo, indo-europeu) mediante a investigação sistemática de documentos do passado, tornou-se um meio de conhecimento da pré-história de seus falantes e de culturas ancestrais” (CAMACHO, 2013, p. 87).

A crença de que uma língua antiga teria dado origem a novas línguas orientou fortemente o trabalho de comparar e classificar as línguas por meio do método comparativo, que presume que “entre elementos de línguas aparentadas existem correspondências sistemáticas (e não apenas aleatórias ou casuais) em termos de estrutura gramatical, correspondências estas passíveis de serem estabelecidas por meio duma cuidadosa comparação” (FARACO, 2005, p. 134). As línguas europeias seriam, assim, uma transformação natural da língua-mãe ou indo-europeu (língua pré-histórica hipotética).

Franz Bopp (1791-1867), um dos primeiros comparativistas do início do século XIX, é considerado o primeiro linguista a compreender que a comparação entre línguas afins poderia fundar uma ciência autônoma, cuja tarefa seria explicar uma língua por meio de

outra – embora outros estudiosos já tivessem descoberto o parentesco entre o sânscrito e outras línguas da Europa.

Os estudos histórico-comparados

Posteriormente, os linguistas Rasmus Rask (1787-1832) e Jacob Grimm³ (1785-1863) incorporaram a visão histórica aos estudos comparativos, dando origem, assim, à Linguística Histórica, que, por meio do método histórico-comparativo, passou a se interessar pelas mudanças das línguas no eixo do tempo. Nesse contexto, portanto, o tema *mudança linguística* é o carro chefe dos estudos linguísticos, dado que a preocupação dos estudiosos era descobrir o curso histórico das formas linguísticas ou o vínculo histórico que elas mantinham entre si. Esse período histórico dedicou-se, portanto, predominantemente a estudos diacrônicos.

Essa prática foi considerada, até o final do século XIX, o único modo de se estudar cientificamente a linguagem e, por isso, pode-se dizer que as bases mais sólidas da fundação da Linguística moderna florescem num contexto de preocupações filológicas: o estudo de textos antigos, escritos, com o objetivo de se chegar a uma forma linguística original (FARACO, 2005).

O principal pressuposto teórico dessa abordagem linguística era a *regularidade das mudanças*, uma vez que a história de uma dada língua era reconstituída mediante mudanças registradas nas formas e nos significados dos itens linguísticos, estando, assim, comprovado o parentesco entre duas ou mais línguas quando se observava que entre elas havia palavras correlacionadas do ponto de vista semântico e/ou formal.

Além de Bopp, Rask e Grimm, outro importante representante dos estudos histórico-comparativos foi o alemão August Schleicher (1821-1868), linguista e estudioso das ciências naturais que, já no século XIX, com foco nas línguas medievais da Europa, passou a aplicar o método dessa abordagem no estudo das línguas europeias derivadas do latim, prática que ficou conhecida como Filologia ou Linguística Românica. Schleicher foi o primeiro estudioso a tentar sistematizar as ideias de Bopp (SAUSSURE, 2006), usando, para isso, diagramas em forma de árvores, que representavam as relações históricas das línguas, sem levar em conta, contudo, a variação dialetal. Essa representação ficou conhecida como modelo genealógico da linguagem.

³ Esse comparativista também é conhecido por sua produção literária em parceria com seu irmão Wilhelm Grimm (os irmãos Grimm).

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

Schleicher, em consonância com as ideias de Darwin e orientando-se pelo rigor das ciências naturais – a ponto de localizar a Linguística nesse âmbito⁴ (CÂMARA JR., 2011, p. 64) –, concebia a língua tal como um organismo vivo, de natureza física e que independia da vontade dos falantes; por isso, trabalhava com a hipótese de que ela passaria por períodos de crescimento, maturidade e decadência. No âmbito dessas crenças, a mudança linguística foi explicada, conseqüentemente, em termos de degeneração, motivada por questões de ordem física, tais como, conforto anatômico ou fisiológico, ou de economia de esforço muscular (FARACO, 2005).

Humboldt e Whitney

Em contraste com as ideias naturalistas de Schleicher, dois importantes nomes do século XIX merecem destaque: o do alemão Wilhelm von Humboldt (1767-1835), na primeira metade do século, e o do norte-americano William Whitney (1827- 1894), na segunda metade, sob influência do primeiro.

Humboldt é considerado um dos pensadores mais profundos do século XIX, a ponto de, na historiografia linguística, se admitir que “se a sua obra fosse melhor conhecida e mais amplamente lida, ele certamente seria colocado ao lado de Saussure como um dos fundadores do pensamento linguístico moderno” (ROBINS, 1983, p. 140).

Foi o primeiro linguista europeu a considerar a linguagem humana um sistema governado por regras ou uma capacidade viva que tem os falantes de produzir e entender enunciados, afastando, com isso, a visão de que a linguagem era simplesmente uma coleção de palavras e frases acompanhadas de significados.

A Humboldt se credita os fundamentos do estudo descritivo da linguagem (embora ele mesmo tenha feito pouca descrição), por ter apostado, num período em que o estudo histórico das línguas era predominante, na “possibilidade de se fazer uma análise de todas as línguas do mundo, a fim de serem comparadas as diferentes maneiras pelas quais a mesma noção gramatical é verdadeiramente expressa em línguas diversas” (CÂMARA JR., 2011, p. 39). Com isso, abriu caminho para os estudos tipológicos da linguagem, segundo uma orientação indutiva, embora o viés biológico tenha prevalecido nesse tipo de estudo, pelas razões que se seguem.

4 O desenvolvimento da linguagem era visto por esse alemão como o desenvolvimento de uma planta ou de um animal, tendo em vista o conceito darwinista de evolução, dominante nas ciências naturais desde esse tempo.

Humboldt votou-se para questões de *linguística geral*, a fim de formular uma *teoria da linguagem*. Acreditando que a linguagem é uma capacidade ou uma atividade criativa incessante – *energeia* e não *ergon*⁵ – da mente humana e que, por isso, não deveria ser confundida com o produto dessa capacidade, fez distinção entre língua e linguagem.

A linguagem, enquanto capacidade inata da mente humana é inseparável do pensamento, uma vez que este só ganharia forma por meio daquela. Sua organização formal seria, em consequência, de natureza dual: semântica/mental e gramatical. As consequências dessa relação entre linguagem e pensamento seria que as características de uma língua associam-se ao pensamento de seu povo: sendo herdeiro da crença de que havia línguas mais desenvolvidas do que outras – pois Humboldt acreditava que o sânscrito era a língua mais desenvolvida conhecida –, considerou que haveria tipos de pensamentos também mais desenvolvidos do que outros. Sua inovação, no entanto, consistiu em correlacionar língua, pensamento e cultura, conforme o conceito de língua que assumiu.

A língua, enquanto manifestação da capacidade da linguagem, por sua vez, se adaptaria às exigências das circunstâncias, sendo, por isso, fenômeno da história da humanidade, produto da manifestação cultural de um povo; ou seja, Humboldt acentuava tanto o aspecto universal quanto o particular da linguagem e via a diversidade estrutural das línguas como um resultado da capacidade da mente humana. Mudança linguística, conseqüentemente, seria um aspecto constitutivo da natureza da língua.

Sendo um produto histórico e, ao mesmo tempo, em permanente evolução, como acreditava, não haveria necessidade de se fazer distinção, nos estudos linguísticos, entre diacronia e sincronia. Tendo em vista o modo como concebeu a natureza formal da linguagem (semântico-gramatical), considerou que a distinção entre gramática e léxico era apenas pedagógica. Por fim, acreditava também que as diferentes línguas seriam o resultado das diferentes interpretações e compreensões que os falantes fazem do mundo em que vivem, ou seja, a língua moldaria a própria percepção do mundo – porque medeia mundo real e mundo mental (ROBINS, 1983). Por acreditar que a linguagem determina o pensamento, associa-se a Humboldt a noção de determinismo linguístico (LYONS, 1981).

Outro importante ponto da visão humboldtiana que marcou os estudos linguísticos respeita as observações sobre a correlação indissociável entre *forma* e *substância*. Quanto ao estudo das formas da língua, destacou duas questões que não poderiam ser desconsideradas: (i) a dificuldade na delimitação de fronteiras entre línguas; e

⁵ *Energeia* e *ergon* são termos gregos que significam, respectivamente, *atividade* e *produto*.

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

(ii) o fato de que as línguas estão em constante evolução. Quanto ao estudo da substância, considerou se tratar tanto do estudo do som, quanto do espírito do homem ou o aspecto semântico-mental da linguagem (capacidade inata). Desse modo, o estudo da língua, para ser completo, deve contemplar esses dois aspectos articuladamente e chegar, assim, ao pensamento (SEVERO, 2008).

Desse modo, enquanto a diversidade de línguas, em Schleicher, era explicada pela diversidade dos órgãos fonadores humanos e, em consequência, mudança linguística era um caso de evolução natural, em Humboldt a explicação estava no espírito da língua, ou seja, na língua enquanto “canal natural pelo qual [se] chega a uma compreensão do universo que circunda o Homem” (CÂMARA JR., 2011, p. 38).

As ideias de Humboldt, porém, não tiveram grande repercussão em seu tempo, pois, a reboque da força dos estudos histórico-comparativos, prevaleceu, até a segunda metade do século XIX, a concepção evolucionista de língua, fortemente orientada pelas ideias de Schleicher.

Whitney, por sua vez, representante da segunda metade do século XIX, embora também fosse estudioso do sânscrito, por ser de formação comparativista, aluno de Bopp, foi também um profundo estudioso de Humboldt, aproximando-se, em suas concepções, muito mais deste do que da tradição em que se formou. Desse modo, dedicou-se às línguas vivas da Europa e ao desenvolvimento de leis gerais e princípios da linguagem humana. Por esse motivo fazia distinção entre *filologia* e *linguística*, creditando a essa última o papel de ciência geral da linguagem.

Também se voltou para a formulação de soluções para o aprendizado de línguas, em virtude de ter sido professor primário nos Estados Unidos num período (no final do século XIX) de grande complexidade social, proveniente da industrialização e urbanização, pelas quais passava o país, e cuja maior dificuldade era viver coletivamente (MILANI, 2007).

Nesse contexto, baseando-se em observação empírica e em necessidades práticas de seu ofício, Whitney: (i) fazia distinção entre *linguagem*, capacidade inata, e *língua*, uma instituição social concreta, como qualquer outra, tal como a religião ou as leis; (ii) com isso, considerou que a língua era transmitida de geração em geração e aprendida pela experimentação; (iii) defendeu que língua está em constante movimento, em constante formação, como resultado da atuação de duas forças: uma que atua no sentido da conservação e outra, no da transformação; (iv) desse último aspecto, reconheceu língua em dois planos complementares, passado e presente; (v) requereu que a Linguística deveria ter um papel social, porque a língua é parte da sociedade: a função social da língua, a razão de sua existência, sua origem e diversidade (tendo em vista a relação linguagem e pensamento) deveriam ser suas preocupações.

Quanto à mudança: (i) argumentou que não é a linguagem que muda, mas apenas a língua, enquanto materialização histórica e social daquela, levando consigo marcas do contexto em que é cunhada; (ii) defendeu que a responsabilidade pela mudança é da sociedade, e não do indivíduo (MILANI, 2007).

Conforme Koerner (2014, p. 124), são de Whitney (1867a, p. 404) as seguintes palavras:

*Speech*⁶ não é uma possessão pessoal, mas social; ele pertence não ao indivíduo, mas ao membro da sociedade. Nenhum item existente na linguagem é o trabalho de um indivíduo; ou seja, não se pode dizer que é linguagem até que o item seja aceito e empregado por nossos semelhantes. Todo o desenvolvimento do *speech*, embora iniciado pelos atos de indivíduos, é operado pela comunidade.

A relevância das ideias de Whitney para os estudos linguísticos consistiu no fato de ter lançado bases para um estudo geral da linguagem ou para uma *linguística geral* (CÂMARA JR., 2011).

Os neogramáticos

Apesar da relevância do pensamento de Whitney, o destaque do segundo período da história moderna da Linguística foi o movimento neogramático (do qual Whitney também era representante) – a ponto de se admitir que, hodiernamente, “todos nós somos neogramáticos” (ROBINS, 1983, p. 148).

O marco desse movimento foi a publicação do primeiro número da revista “Investigação Morfológica”, fundada por Hermann Osthoff e Karl Brugmann⁷, em 1878, a partir de quando um grupo de linguistas abandonou as idealizações românticas que conduziam os estudos para a busca da pureza de uma língua primitiva, e redirecionou os estudos para as línguas vivas contemporâneas, focalizando particularmente o plano fônico, pelas razões que se descrevem a seguir.

Os estudos histórico-comparativos, como visto, eram conduzidos pelo pressuposto de que as mudanças linguísticas eram regulares – por isso, a história das línguas era

6 Optamos por deixar o termo *speech* no original por conta do problema de tradução, que ora seleciona o termo *fala* ora o termo *discurso*. Acreditamos que a referência de Whitney é ao uso, em geral, da língua.

7 Na verdade, o que ficou conhecido como *manifesto neogramático* foi o prefácio da revista, escrito por seus fundadores.

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

reconstituída através das mudanças nas formas e nos significados das palavras; contudo, essa abordagem havia dito muito pouco sobre as exceções nessa regularidade e, caso elas não fossem explicadas, a ponto de a mudança ser vista como irregular, todos os estudos histórico-comparativos estariam comprometidos.

Dedicando-se a esta questão, os neogramáticos inauguraram o conceito de *lei fonética*, cujo pressuposto era o de que “são as correspondências sistemáticas existentes entre os planos fônicos das línguas que demonstram estarem elas relacionadas, e não simplesmente o fato de haver semelhanças reais entre as formas fonéticas” (ROBINS, 1983, p. 149).

Com isso, sustentaram a hipótese de que todas as mudanças fonéticas eram conduzidas pelo princípio da *regularidade mecânica*, descrito em termos de leis fonéticas que operam cega e necessariamente, por ser um tipo de mudança “radicalmente diferente de outros tipos de mudança” (LYONS, 1981, p. 194). Caso a lei não se aplicasse a um determinado item em processo de mudança, explicava-se o caso (a exceção) pelo conceito de *analogia*: quando a mente humana era capaz de interferir na mudança ao fazer associações com outras formas preexistentes.

Ou seja: em concordância com as ideias de Whitney, os neogramáticos parecem ter acionado o conceito de linguagem, enquanto capacidade imutável e inata da mente humana, para explicar fatos linguísticos “incômodos” ou que fugiam às rígidas leis teóricas postuladas. Com isso, é a partir dos neogramáticos, que tem em Hermann Paul (1846-1921) um de seus mais fortes representantes, que a fonética passou a ganhar destaque para o estudo histórico da linguagem, com vistas à constituição de princípios gerais que pudessem promover explicações sobre a evolução linguística de todas as línguas.

Duas concepções dos neogramáticos que se destacam são as que se seguem.

Em primeiro lugar, a de que o estudo científico da língua deve ser histórico, já que o foco de investigação estava na mudança, embora tenham abandonado a concepção especulativa dos estudos histórico-comparativos de que as línguas passavam por um processo de decadência, conforme a visão naturalista de Schleicher. Essa concepção de que o estudo da mudança só pode ser histórico decorreu do pressuposto assumido pelos neogramáticos de que ela, especialmente a mudança sonora, não pode ser observada sincronicamente. Essa hipótese nasceu dos seguintes fatos. Em 1905, o dialetólogo Louis Gauchat (1866-1942) investigou a comunidade isolada de Charmey, na Suíça, e tabulou diferenças em seis traços fonológicos na fala de três gerações (falantes com menos de 30 anos, falantes entre 30 e 60 anos e acima de 60 anos), atribuindo a essas diferenças um caso de mudança sonora – aliás, esse foi um estudo dialetológico considerado inovador

porque correlacionou mudança linguística com *faixa etária* e *sexo* dos falantes. Paul voltou à mesma localidade, e investigou quatro dos seis traços examinados por Gauchat e, como constatou que três dos quatro traços tinham avançado na direção prevista pelo primeiro estudioso, confirmou se tratar de um caso de mudança. Com isso, Paul concluiu que a observação histórica de um traço é fundamental para uma visão precisa acerca da mudança (LABOV, 2008 [1972], p. 42).

Em segundo lugar, destaca-se a concepção de que a mudança linguística, sendo regular, segue, empiricamente, o padrão de uma *curva em S*, que pode ser assim explicado: a mudança é lenta no início, estando em uma minoria de falantes, considerados inovadores, ou mesmo em crianças; torna-se mais rápida, na medida em que passa para uma maioria de falantes, geralmente jovens; e, depois, desacelera, tendo em vista um reduzido número de falantes marginais – como idosos –, para levar adiante as formas mais antigas. A trajetória social de uma mudança, portanto, era correlacionada com a idade ou geração dos falantes (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Esta explicação da mudança, fortemente descrita em termos de renovação populacional, assentava-se, em primeiro lugar, no pressuposto neogramático de que a língua não existe independentemente dos falantes que constituem uma comunidade e, em segundo, no de que a mudança decorreria de mudanças linguísticas nos indivíduos. Com foco nesse último aspecto, os neogramáticos explicaram a mudança linguística em termos de preferências psicológicas, e o idioleto era o foco, portanto, de investigação.

Mesmo assim, acreditavam também que o indivíduo não atua conscientemente sobre as leis que governam a mudança, já que a língua era produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos (SAUSSURE, 2006). Sintetizando a questão, na explicação histórica da mudança fonética, defendiam que ela decorria de “uma ação mecânica de forças fisiológicas e psíquicas que escapam ao controle humano” (CÂMARA JR., 2011, p. 94). Disso se pode concluir que a Linguística, para os neogramáticos, só precisaria entrar em diálogo com a fisiologia e a psicologia para o estudo do que lhe era essencial: a mudança linguística (FARACO, 2005).

Os neogramáticos, assim, ao compreenderem que (i) a fonte de toda mudança linguística é o indivíduo; que (ii) a origem da mudança se dá no processo de aquisição da língua; e que (iii) as mudanças fonéticas só conhecem condicionamentos fonéticos, são automáticas, abruptas – atingindo todas as palavras ao mesmo tempo – e ocorrem sem exceção, ou seja, se aplicam a todas as palavras que satisfaçam as condições da mudança, inauguraram um psicologismo e um subjetivismo notadamente radical nos estudos linguísticos.

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

Além do campo de estudos da fonética, o da dialetologia também influenciou fortemente os estudos neogramáticos. Acreditava-se que a investigação dos dialetos poderia fornecer evidências sobre a mudança linguística, já que eles seriam o estágio mais atual da família indo-europeia (ROBINS, 1983).

Para a análise histórica da mudança, portanto, embora considerassem dados tanto de documentos escritos quanto dados de fala, oriundos dos diferentes dialetos da época, os textos escritos foram gradualmente preteridos, pois não eram capazes de fornecer a pronúncia das línguas; o foco voltou-se, assim, para os usos orais, via dialetos.

Os neogramáticos ganharam notoriedade nos estudos linguísticos por terem desenvolvido princípios mais exatos, e introduzido rigor metodológico no estudo da mudança linguística: se Schleicher, a mais proeminente influência das abordagens anteriores, “desenvolveu seu trabalho dentro do contexto da teoria darwiniana [...] os neogramáticos quiseram fazer da linguística histórica uma ciência exata, a qual deveria adotar os mesmos métodos das ciências naturais, que alcançaram no século XIX extraordinário progresso” (ROBINS, 1983, p. 149). Ao final do século XIX, já se tratava de uma corrente dominante da Linguística. Dentre os linguistas de formação neogramática destacam-se: Meillet, Boas, Sapir e Bloomfield, tratados subsequentemente.

Para Robins (1983), o modo como os neogramáticos presumiram funcionar a lei fonética (cega e necessariamente) foi uma reificação tão indesejada quanto a afirmação mítica de Schleicher de que a língua passa por períodos de crescimento, maturidade e decadência. Justamente por isso, trata-se de um movimento que suscitou inúmeras reações, fazendo prosperar, inclusive, “um candente embate de epistemes nos últimos decênios do século XIX” (CAVALIERE, 2014, p. 614).

A Geografia Linguística

Além da escola de Karl Vossler (1872-1949), entre o final do século XIX e início do XX, outro movimento concomitante aos estudos neogramáticos, mas que fizeram forte oposição a eles, foi a Geografia Linguística ou Dialetologia, embora o estudo dos dialetos fosse um tema caro aos neogramáticos, como já mencionado.

Nesse período, o método histórico-comparativo havia encontrado seus limites, por diversas razões. Uma delas era a impossibilidade de se aplicar a técnica de estudo do indo-europeu em línguas que não haviam desenvolvido um sistema de escrita. Para esses casos, passou-se a adotar pesquisa empírica, notadamente conduzida por antropólogos (e missionários).

Como esses estudiosos viam a língua como qualquer outro fato antropológico, iniciou-se, mais fortemente, um movimento de dispersão da equivalência entre *linguística e tradição histórico-comparativa*, e o estudo das línguas vivas mundo afora entrou em vigor, fundamentado no pressuposto antropológico de íntima relação entre língua e cultura.

O objetivo dos primeiros estudos dialetológicos era produzir um retrato geográfico das diferenças linguísticas, embora os métodos utilizados não tenham sido “concebidos para examinar padrões de uso da língua [...], mas para oferecer um meio de responder perguntas sobre a história anterior da língua dentro da tradição filológica do século XIX” (MILROY; GORDON, 2003, p. 12).

Associada a esse primeiro período estava, pois, a visão romântica dos estudos anteriores, que conferiu aos pesquisadores certa nostalgia, concentrada agora na vida rural e em seus moradores, especialmente os homens mais velhos e de pouca mobilidade. O pressuposto subjacente ao interesse por esse perfil de falante era a crença de que aí estaria o dialeto mais puro ou genuíno, livre de interferências diversas. Em consequência, esse perfil de falante passou a ser visto como a fonte de dados para os estudos dialetológicos.

Ademais, os primeiros estudos tinham por objetivo confirmar a aplicabilidade do pressuposto neogramático de regularidade nas leis que regem a mudança. Em busca disso, o alemão Georg Wenker (1852-1911) foi quem primeiro incorporou à pesquisa de tradição neogramática dados empíricos que refletissem a realidade dialetológica de uma determinada localidade. Com isso, verificou que as ideias do movimento quanto à regularidade da mudança não se confirmaram, pois cada palavra parecia ter sua própria história fonética, em decorrência de influências diversas, além de analogia e empréstimos. O dialetólogo suíço Jules Gilliéron (1854-1926), posteriormente, inaugurou a prática de se investigar vocábulos específicos, único dado linguístico completo, para ele (CÂMARA JR., 2011).

Por isso, nos primeiros estudos dialetológicos, compreendia-se que palavras específicas, como um tipo de ser vivo, entravam em competição com outras palavras. Empréstimos linguísticos e formas do intercâmbio oral – em contraste com os estudos comparativos que focalizavam dados escritos – passaram a ser centrais para a explicação da mudança linguística, e a metodologia de obtenção desses dados era explicitamente metalinguística, pois levava o falante nativo a refletir sobre as formas da língua que empregava. Tratou-se, assim, de uma nova abordagem para o estudo histórico-comparativo da linguagem sob o título de *reconstrução interna* (CÂMARA JR., 2011).

O objetivo dos pesquisadores dessa vertente era, então, traçar cartas geográficas, por meio de “linha isoglóssica, isto é, os traços linguísticos, isolados, como ponto de

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

partida para a constituição” (CÂMARA JR., 2011, p. 121) de mapas linguísticos, tendo como central o conceito de dialeto enquanto uma abstração distintiva, constituída por meio de um conjunto de traços linguísticos específicos; desse modo, traços linguísticos, considerados mudanças linguísticas particulares, delimitavam as linhas isoglossicas.

No entanto, os estudos dialetológicos, quanto mais de perto examinavam um dialeto, mais fizeram ver que: (i) o número de isoglossas necessárias para a delimitação de um dialeto era arbitrário, pois havia grande flutuação entre fronteiras dialetais; (ii) uma mesma mudança fônica poderia chegar mais cedo para uma palavra do que para outra; (iii) a estratificação social poderia promover variação social e individual, em virtude do próprio julgamento que os falantes tendem a ter em relação à “fala correta”. E todos esses aspectos contrastavam com as ideias neogramáticas. Com isso: os primeiros estudos dialetológicos, que tinham por objetivo confirmar a hipótese neogramática, acabaram por refutá-la, pois a mudança linguística se mostrava muito mais complexa.

Com tudo isso, embora a distribuição de variantes específicas, no espaço, lançasse luz sobre a mudança no tempo, era preciso admitir que limites temporais eram tão imprecisos quanto os limites geográficos. Por isso, se os primeiros estudos dessa abordagem, no final do século XIX, dedicaram-se a estudos históricos, os do início do século XX passaram a se dedicar à descrição das línguas contemporâneas.

Da Europa, em 1931, dialetólogos suíços foram aos Estados Unidos orientar um grupo de linguistas quanto ao trabalho de campo. Como resultado, em 1946, por exemplo, um dos linguistas orientados, Raven McDavid (1911-1984), publicou um artigo intitulado “Dialect Geography and Social Science Problems” e, em 1948, fez uma análise social da variação no segmento fonológico “PostVocalic /r/ in South Carolina” (KOERNER, 2014, p. 125).

Soma-se a isso o fato de o dialetólogo empirista Ferdinand Wrede (1863-1934), discípulo de Wenker e quem muito cedo traçou “paralelos entre a etnografia e a dialetologia, distinguindo as vertentes individual-linguística [...] e social-linguística” (KOERNER, 2014, p. 125), ter sido orientador de doutorado de Max Weinreich (1894-1969), pai de Uriel Weinreich (1926-1967). Este último, importante nome na linguística norteamericana, dedicou-se ao estudo do bilinguismo, sob a perspectiva sociográfica, tema caro ao contexto de seu país.

Na década de 1950, consolidou-se o movimento de dialetologia urbana, em decorrência de preocupações com os problemas educacionais enfrentados por crianças de classe trabalhadora. Enquanto os estudos dialetológicos rurais pressupunham uma estrutura social estática, os estudos dialetológicos urbanos (como o de Bernstein, 1958)

passaram a destacar a dinâmica social, especialmente em termos de classes (LE PAGE, 1998).

Em síntese, tudo isso significou, para os estudos dialetológicos de contexto norte-americano, “um tipo particular de aproximação à língua em geral e a questões de mudança linguística, cuja orientação é sociológica” (KOERNER, 2014, p. 124). Até a década de 1960, principalmente em contexto norte-americano, foi por meio do modelo da dialetologia que a variação linguística foi estudada.

Fechando a seção

Entre o final do século XVIII e início do XX, vê-se na história dos estudos linguísticos uma crescente pluralidade de meios de se estudar a linguagem humana, em decorrência de distintas questões de pesquisa. Diante desse cenário,

[...] as realizações mais significativas da ciência linguística do século XIX podem resumir-se nestes dois aspectos: o estabelecimento dos princípios e dos métodos para a classificação [das famílias linguísticas] e, o que é mais importante, o desenvolvimento de uma teoria geral das transformações linguísticas e das relações entre as línguas. (LYONS, 1979, p. 22).

Orientando esses dois aspectos marcantes na linguística do final do século XVIII e todo século XIX, pode-se dizer que *predominou* o ponto de vista de que as línguas eram regidas por leis naturais, de sorte que “a uniformidade da natureza transformou-se em dogma generalizado” (ROBINS, 1983, p. 149), embora embriões de uma mudança na perspectiva filosófica dos estudiosos sobre o lugar a partir do qual a Linguística deveria ser pensada – de enquadrada entre as ciências naturais para enquadrada entre as ciências sociais – tenham florescido já no final do século XIX.

A linguística no século XX

Nesta seção retomam-se, brevemente, dois importantes movimentos que marcaram os estudos linguísticos do século XX: (i) o estruturalismo e (ii) o gerativismo.

O estruturalismo

Como representante mais significativo do primeiro movimento, o linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), também de formação neogramática, foi tão importante

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

para a história da Linguística que, a partir dos primeiros anos do século XX, passou a ser considerado o “pai”⁸ da Linguística moderna. Sua notoriedade, porém, já se consolidara desde o século XIX, com a publicação, em 1878, de *Mémoire sur le système des voyelles dans les langues indo-européennes*⁹: um texto de trezentas páginas sobre o sistema vocálico original das línguas indo-europeias (COSTA, 2015).

Nesse texto, Saussure, sob influência das ideias de Humboldt e de Whitney, promoveu uma reorientação conceitual nos estudos linguísticos, na medida em que afastou da explicação linguística o conceito de som ou o detalhamento fonético, bem como noções fisiológicas (movimentos musculares) e acústicas, conforme tradição que lhe precedeu, e orientou-se para as unidades que comporiam os sons, entendendo-as como padrões mentais socialmente compartilhados (COSTA, 2015).

Tratou-se, assim, não de uma inovação teórica, mas de um trabalho que congregou tendências dos estudos linguísticos já existentes, reconhecendo o grande serviço prestado por elas (SAUSSURE, 2006), e as levou a um passo adiante, divergindo, inclusive, de certos aspectos das ideias daqueles que lhe inspiraram, como Whitney¹⁰. Esse foi o redirecionamento que constituiu a base da Linguística do século XX (COSTA, 2015).

Considerando que o foco dos linguistas de seu tempo estava errado, dado que as tecnicidades fonéticas não interessavam a uma teoria sobre a linguagem, Saussure se empenhou em delimitar o que seria, então, o objeto da Linguística e do linguista. Nessa empreitada, reconheceu que os limites entre a Linguística e muitas outras ciências (Sociologia, Psicologia Social etc.) nem sempre eram nítidos – embora já tivesse concebido a nítida distinção entre ela e a Filologia (SAUSSURE, 2006), conforme Whitney advertira, e reconhecido também que “as questões linguísticas interessavam a todos [...] que tenham que manejar texto” (SAUSSURE, 2006, p. 14).

A despeito da interseção que mantinha com outras ciências, bem como dos muitos objetos a que poderia se dedicar, uma Linguística muito bem delimitada, longe de qualquer *aglomerado confuso de coisas heteróclitas*, nasceu, em primeiro lugar, da divisão entre linguagem e língua, assim definidas por Saussure: (i) a linguagem é uma

8 A versão (canônica) de que Saussure é o “pai” da linguística moderna deve ser relativizada, uma vez que vem sendo contestada desde a década de 1970. Koerner, em sua tese de doutorado de 1971, por exemplo, mostra como ideias e conceitos saussurianos provêm de autores como Whitney e Paul. Esse, contudo, não é nosso foco de discussão, neste texto.

9 *Mémoire* sobre o Sistema Primitivo de Vogais nas Línguas Indo-europeias.

10 Saussure discorda, por exemplo, da ideia de Whitney de que a língua é uma instituição social de mesma natureza que as demais.

faculdade multiforme e heteróclita, porque se assenta sob *diferentes domínios, ao mesmo tempo físico, fisiológico e psíquico; pertence ao domínio individual e ao domínio social, concomitantemente, e não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, do que decorre a impossibilidade de se determinar sua unidade*; (ii) a língua é apenas uma parte (essencial) da linguagem; é um produto social da faculdade da linguagem; um conjunto de convenções necessárias *adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício de tal faculdade pelos indivíduos*.

Dada a impossibilidade de se determinar a unidade da linguagem que pudesse ser estudada, Saussure elegeu como objeto de estudo da Linguística a *língua* (SAUSSURE, 2006), o sistema linguístico, enquanto conjunto de formas fonéticas, gramaticais e lexicais, um sistema de formas idênticas a si mesmas e imutáveis –, tendo em vista sua lógica interna específica (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2014 [1929]). Concebeu, portanto, a língua como uma estrutura abstrata, constituída por um sistema de relações recíprocas em que uma forma linguística devia sua existência “ao fato de ser algo mais que todas as outras formas linguísticas” (CÂMARA JR., 2011, p. 130).

Ademais, Saussure advogava que a língua é de natureza *signica* e, portanto, a Linguística deveria ser a ciência dos signos. Contudo, como (i) se voltou para as relações entre os signos – mais do que para o signo em si –, aproximou-se da matemática quanto ao culto à forma fixa, racional e imutável; e (ii) considerou que o signo linguístico era uma entidade psíquica de duas faces (o significado e o significante), cuja relação é arbitrária, e todos os princípios que lhe são estruturantes foram considerados exclusivamente internos, imanentes, independentes de qualquer ato de criação individual ou de qualquer menção aos significados ideológicos ou históricos que o sistema pudesse ter para os falantes. Assim nasceu a Linguística enquanto disciplina: autônoma, em relação às outras ciências, e dedicada exclusivamente às relações internas das línguas.

Por outro lado, Saussure argumentou que os sistemas linguísticos são um fato social de natureza imperativa e geral (SAUSSURE, 2006). Com isso, “Saussure estava dizendo várias coisas: que eles são diferentes dos objetos naturais, embora não menos reais que esses; que são externos aos indivíduos e sujeitam-nos à sua força restritiva; que são sistemas de valores mantidos por convenção social” (LYONS, 1981, p. 205).

Esses foram os princípios que forneceram consistência formal à intuição de que as línguas são organizadas estruturalmente; por isso, Saussure é considerado o precursor do pensamento estruturalista, uma das correntes da linguística formal.

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

A defesa de que “a linguística é o *estudo do padrão linguístico* que se encontra subjacente em todo ato de discurso”¹¹ (CÂMARA JR., p. 131-132; grifos nossos), no entanto, contrastava com a realidade da língua em uso, repleta de variações entre os falantes e num mesmo falante. Por isso, com o objetivo de descrever um sistema perfeitamente ordenado, Saussure fez distinção entre *fala (parole)*, o lugar das variações individuais, e *língua (langue)*, sistema abstrato coletivo, subjacente à fala de um dado momento histórico e independente das mudanças no curso do tempo, o que tinha como pressuposto a compreensão de que a língua é um sistema invariável.

Desse modo, a fala seria o lugar de expressão do pensamento individual – por isso, o lugar da variação –, e a língua, o sistema abstrato comum a toda comunidade, invariável e instituído socialmente: a dicotomia *langue-parole* também fez nascer as dicotomias *social-individual* (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2014 [1929]), *invariância-variância*.

A mudança linguística, tema caro aos estudos dos dois séculos anteriores, perde lugar, nessa corrente, para o estudo descritivo das relações internas entre os elementos de um sistema linguístico; e, com isso, afasta-se também a visão de mudança enquanto degeneração do sistema, tese da tendência evolucionista que havia predominado até a segunda metade do século XIX.

Ao admitir o valor positivo da diversidade linguística, o estruturalismo saussuriano admite também a singularidade dos sistemas linguísticos, ou seja, que as relações de um sistema não são universais. Em resultado, pode-se dizer que o estruturalismo assumiu uma visão relativista, em oposição à universalista, da linguagem.

A descrição dos princípios regentes de um sistema, num espaço de tempo aparentemente fixo, constitui o que Saussure considerou a dimensão sincrônica dos estudos linguísticos, contrapondo-se, assim, à tradição diacrônica anterior¹².

Mesmo reconhecendo a dimensão histórica ou diacrônica da língua, para Saussure (2006), diacronia e sincronia não tinham a mesma importância: a dimensão sincrônica deveria prevalecer, além de ser anterior ao estudo diacrônico, pois, para estudar mudanças linguísticas, primeiro se estuda diferentes estados de língua e depois eles são comparados,

¹¹ Câmara Jr. (2011) usa o termo *discurso*, ao se referir ao trabalho de Saussure, como alternativo à *fala*.

¹² Retome-se os neogramáticos, que (i) negavam a descrição linguística como um método científico válido e, por isso, (ii) reforçavam a tradição de se considerar apenas a dimensão diacrônica ou histórica nos estudos linguísticos. O fato de Saussure ter se oposto a esses pontos não significa que tenha negado a dimensão diacrônica da língua; antes reconheceu a interdependência de dois princípios linguísticos: o de mutabilidade linguística ao longo do tempo, orientando os estudos diacrônicos da Linguística Histórica, e o de relativa imutabilidade das línguas, orientando a perspectiva sincrônica saussuriana (FARACO, 2005).

mesmo sabendo que os limites de um estado são indeterminados – “[...] pode ser de 10 anos, uma geração, um século e até mais” (SAUSSURE, 2006, p. 118).

Tratou-se, portanto, da sistematização de uma visão que simplificava o constante movimento das línguas para garantir a estabilidade do objeto de estudo delineado – idealizado – por Saussure (FARACO, 2005, p. 96), o que mudou os rumos da Linguística: de predominantemente histórica, no século XIX, passou a ser predominantemente descritiva, no século XX. Isso significou a escalada de uma visão atomista da mudança linguística, segundo a qual as mudanças não ocorriam num complexo sistema de inter-relações, mas em elementos isolados do sistema, dado que o estudo diacrônico, para Saussure, excluía a noção de sistema.

Neste ponto, cabe destacar que a abordagem dialetológica, proeminente nesse início de século, apesar de relativamente independente da Linguística, também foi influenciada pelos estudos estruturalistas, a ponto de se consolidar uma *dialetologia estrutural*, especialmente nos Estados Unidos.

Essa vertente dos estudos dialetológicos consistia em uma “tendência de tratar elementos linguísticos (particularmente sons) isoladamente, e não como partes de um sistema” (MILROY; GORDON, 2003, p. 16). Um dos representantes desse tipo de estudo foi o linguista Uriel Weinreich (1926-1967), interessado em anular as diferenças entre a dialetologia e a análise linguística estrutural.

Meillet e Martinet

Apesar de Saussure tratar a língua como fato social, foi apenas por meio de um de seus discípulos, o francês Antoine Meillet (1866-1936), que as condições sociais passaram a ser vistas como relevantes para a explicação da língua e, conseqüentemente, para a explicação do que era foco desse linguista: as causas da mudança linguística (KOERNER, 2014).

São de Meillet (1921, p. 16-17 *apud* LABOV, 2010, p. 185), por exemplo, as seguintes palavras:

A única variável a que podemos recorrer para explicar a mudança linguística é a mudança social, da qual variações linguísticas são apenas conseqüências [...]. Devemos determinar qual estrutura social corresponde a uma dada estrutura linguística, e como, de um modo geral, as alterações na estrutura social se traduzem em mudanças na estrutura linguística.

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

Sob a influência de um contexto em que a sociologia também se consolidava, no final do século XIX, para Meillet, entre outros aspectos: (i) a língua, diferentemente do que acreditava Saussure, não era um sistema autônomo de relações, pois os fatos sociais poderiam nela interferir; (ii) a Linguística deveria estar entre as ciências sociais, integrando a antropologia; (iii) um dos trabalhos da Linguística seria buscar correlações entre mudança linguística e outros fatos sociais; (iv) a principal condição da mudança linguística é a condição heterogênea da língua, resultante da heterogeneidade da sociedade (FARACO, 2005).

Os estudos de Meillet, para a comprovação de tais suposições, foram baseados em dados empíricos e evidenciaram que diferenças sociais resultavam em diferenças linguísticas. Por isso Meillet pode ser considerado uns dos primeiros linguistas “a tentar formular uma orientação teórica para o estudo da história linguística que incorporasse a sempre heterogênea realidade sociocultural das línguas” (FARACO, 2005, p. 155). Ficou, contudo, na primeira metade do século XX, à margem da perspectiva hegemônica na época, o estruturalismo saussuriano.

Um dos alunos de Meillet que também merece destaque é o francês André Martinet (1908-1999), que se dedicou aos estudos dialetais, fazendo descrição de seu próprio dialeto (KOERNER, 2014), e também ao tema da mudança linguística. Quanto a esse último tópico, assumiu uma perspectiva sistêmica, diferentemente de Saussure, embora considerando um constante desequilíbrio nos sistemas, tendo em vista a atuação de duas forças contraditórias: (i) a necessidade comunicativa humana, que exige oposições distintas na língua, evitando, assim, homônimas; e (ii) a tendência humana de reduzir o esforço nas atividades física e mental, conduzindo à eliminação de diferenças linguísticas (FARACO, 2005). Mudança, portanto, para esse linguista, seria consequência dessas duas constantes pressões que atuam sobre os sistemas.

A despeito da contribuição metodológica de sua visão estruturalista para a Linguística Histórica, ao admitir que a mudança pode ser analisada sistematicamente, ou seja, em relação a outros elementos da língua, a visão de Martinet ainda se assenta na concepção de que a explicação da mudança está em fatores eminentemente internos, imanentes. Talvez isso se explique pelo fato de o autor ter sido um representante do pensamento da escola do Círculo Linguístico de Praga, um movimento estruturalista constituído por um grupo de críticos literários e linguistas estabelecidos na cidade de

Praga, nas décadas de 1920 e 1930, que desenvolveu significativamente o campo da fonologia¹³.

Esta escola, conduzida especialmente pelo linguista russo Nikolai Trubetzkoy (1890-1938), consolidou uma teoria fonológica, segundo a qual os sons da fala pertenceriam à *parole*, e o fonema, ao sistema da *langue*, como se pode ler no excerto a seguir: “[...] ao estudarem as línguas como sistemas de elementos internamente relacionados, os linguistas de Praga não trataram o fonema como classe de sons ou recurso descritivo, e sim como unidade fonológica complexa que se realiza através dos sons da fala” (ROBINS, 1983, p. 166).

Adverte-se, porém, que, mesmo sendo de orientação estruturalista, os estudos da escola de Praga afastaram-se de Saussure nos seguintes aspectos: (i) acreditavam que o estudo diacrônico não excluía a noção de sistema, assim como a descrição sincrônica também não excluía a noção de evolução; e, em consequência, (ii) afirmavam que a mudança é sistêmica (FARACO, 2005). Com isso, pode-se concluir que foi no campo da fonologia, por meio dos estudos da escola de Praga, que o estruturalismo se tornou mais formal e se consolidou na Europa, incluindo aí a Rússia, no início do século XX.

O formalismo norte-americano

No contexto dos estudos estruturalistas, a linguística praticada nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, além da dialetologia estrutural, também merece destaque, já que desenvolveu um tipo específico de estruturalismo: enquanto o estruturalismo europeu construiu um aparato teórico para explicar a linguagem, o norte-americano se dedicou a descrever, o mais rápida e eficientemente possível, línguas indígenas e, por esse motivo, ficou conhecido como *descriptivismo*.

Os linguistas norte-americanos desenvolveram métodos rigorosos de descrição linguística, com a prática de permutação entre segmentos de um nível, a partir dos quais poderiam derivar generalizações. Tinham como princípio metodológico que as generalizações do campo da fonologia, da morfologia, da sintaxe e da semântica deveriam ser feitas separadamente e nesta ordem (MILROY; GORDON, 2003).

¹³ Como visto, até o século XIX o foco esteve na fonética, localizada no campo da fisiologia e da acústica, com base na visão naturalista predominante na época. Mesmo assim, ao final do século, a distinção conceitual entre “sons cujas diferenças dependem do contexto fonético [...] e sons que servem para estabelecer oposições significativas” (ROBINS, 1983, p. 165) já estava feita, embora a distinção terminológica entre *som da fala* (ou *fone*) e *fonema* tenha sido formalizada posteriormente, pelo linguista polonês Baudouin de Courtenay, em 1983.

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

Os descritivistas norte-americanos reforçaram o princípio formal de que cada língua tem sua própria organização e que, portanto, não deveriam ser comparadas ou submetidas a apreciações avaliativas em relação a outros sistemas linguísticos (CAMACHO, 2013).

A orientação desse pensamento advinha da posição relativista da antropologia, dado que os pesquisadores desse campo é que se destacaram na prática de descrever línguas vivas, conforme mencionado anteriormente. Um dos nomes mais relevantes, nos Estados Unidos, nesse período foi o do antropólogo alemão Franz Boas (1858-1942), com o trabalho de descrever e classificar as línguas indígenas americanas. Seu trabalho destacou (i) o aspecto regular das línguas (padronização), (ii) a inconsciência desse padrão por parte dos falantes e (iii) o papel preponderante dos empréstimos linguístico na difusão de traços.

O trabalho de Boas influenciou fortemente o linguista e também antropólogo Edward Sapir (1884-1939), formalista que se aproximava da concepção saussuriana de que a linguagem é autônoma em relação à cultura e ao pensamento – pois é molde que serve a todo tipo de cultura e a todo tipo de pensamento –, e de que o trabalho do linguista é descobrir *padrões intrínsecos às formas linguísticas*; seu foco também esteve na dimensão sincrônica da língua.

O trabalho de Sapir foi notadamente em torno da descoberta de padrões fonológicos formais, embora também fosse conhecedor do problema histórico da linguagem. Assim, destacou-se por: (i) fornecer uma doutrina mais coerente e homogênea que a de Saussure sobre a dimensão diacrônica da linguagem; (ii) rejeitar a separação entre mudança fonética e mudança morfológica feita pelos neogramáticos; (iii) conceber rumos claros quanto à direção das mudanças linguísticas, embora completamente distante da visão naturalista de Schleicher; (iv) propor uma classificação tipológica das línguas (MATTOSO CAMARA, 2011).

Com os trabalhos de Sapir, a linguística norte-americana se tornou mais descritiva e formalista; e, apenas em 1957, um de seus assistentes, Benjamin Lee Whorf, promoveu um estudo empírico para verificar suas ideias. Boas, Sapir e Whorf têm em comum o fato de serem herdeiros de Humboldt quanto à compreensão relativista de que cada língua tem sua própria organização gramatical e que disso resulta diferentes possibilidades, para seus falantes, quanto à interpretação e compreensão do mundo.

A hipótese de que a língua organiza a experiência, moldando o mundo e a realidade dos falantes, ou seja, de que a língua socialmente constituída “influencia o modo como a sociedade concebe a realidade e, ao mesmo tempo, exerce uma função heurística na

percepção da realidade” (CAMACHO, 2013, p. 27) é referida na literatura como hipótese Sapir-Whorf¹⁴.

Foi com base nessa hipótese que a Linguística estruturalista norte-americana acreditou que cada sistema linguístico deveria ser descrito e analisado particularmente por meio de suas diferentes manifestações, ou seja, considerando tanto os registros falados mais informais quanto os escritos mais formais, passando pelos registros literários, sem qualquer tipo de seleção dos dados.

Esse tipo de estruturalismo se consolidou com os trabalhos de Leonard Bloomfield (1887-1949), “linguista norte-americano dos mais importantes do século XX” (FARACO, 2005, p. 148) que, influenciado pelo behaviorismo – abordagem psicológica baseada no comportamento – colocou as formas linguísticas, principalmente considerando o campo da fonologia, num nível de observação mecânico, pois puramente objetivo¹⁵, na esteira da escola de Praga.

Bloomfield, com foco na diversidade estrutural das línguas, considerou que o conceito neogramático de que as leis fonéticas não admitiriam exceções era apenas um modo de dizer que fatores não fonéticos, como frequência de uso ou significado das palavras, não podiam interferir na mudança sonora. O ponto central da herança neogramática, portanto, segundo Bloomfield, era discernir a extensão da regularidade fonética e o significado das irregularidades (FARACO, 2005).

Seguindo essa tendência neogramática, Bloomfield abandonou a semântica e se dedicou essencialmente ao método e à análise formal no trabalho de descrição linguística, reposicionando o estudo da linguagem para o campo das ciências naturais. Isso significou que Bloomfield não se dedicou ao tema mudança linguística, porque assumiu o pressuposto de que ela não pode ser observada diretamente, principalmente no que concerne à mudança sonora¹⁶.

14 Justamente por ter sido desenvolvida por esses dois linguistas: o primeiro formulou os pressupostos conceituais, e o segundo encontrou evidências empíricas para os pressupostos de Sapir, ao analisar a categoria de tempo na língua hopi, uma língua indígena dos EUA.

15 Sua prática consistia em fazer comparações dialetais, dentro de uma mesma língua, de sistema de fonemas, a fim de reconstruir, através do tempo, diferentes estados linguísticos, método claramente influenciado pela Geografia Linguística. Considerou que a semântica não era cientificamente manipulável, pretendendo deixá-la de lado, mesmo tendo usado critérios semânticos para opor formas mínimas, pois dois segmentos fonêmicos poderiam ser apenas variantes de uma mesma forma linguística e, ao mesmo tempo, um mesmo segmento fonêmico poderia representar mais de uma forma.

16 Cf. explicação sobre essa posição de Bloomfield em Labov (2008 [1972]).

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

Passou então a focalizar a sintaxe, ao descrever a estrutura da frase em termos de constituintes imediatos, ou seja, componentes cada vez mais simples e menos extensos, consolidando o método da distribuição, que focalizava a possibilidade de relacionamento dos fonemas e dos morfemas no eixo sintagmático.

Entre a década de 1930 e final de 1950, período em que a linguística enquanto abordagem autônoma se estabelecia mais fortemente nas universidades dos Estados Unidos, a influência formalista de Bloomfield foi tão notável que ficou conhecido como “era bloomfieldiana”.

O gerativismo

Rompendo com essa era, de orientação descritiva e comprometida com uma concepção empirista e indutiva de se fazer ciência, a partir da década de 1950 ocorreu a mais radical e importante mudança nos rumos dos estudos linguísticos, com a publicação, em 1957, de *Estrutura sintática (Syntactic structures)* (1957), do norte-americano Noam Chomsky (1927-), que retomava uma concepção racionalista de ciência, baseada na construção de modelos teórico-indutivos.

O principal pressuposto desta abordagem nasce do fato de as línguas poderem apresentar usos infinitos, a partir de recursos muito limitados. Diante disso, admite-se que as línguas humanas têm a propriedade *da recursividade*. Além disso, acredita-se também, na abordagem, que o fato de os usos da língua serem, de certa forma, imprevisíveis, evidencia uma qualidade peculiar da mente humana, que é a *criatividade*. Contudo, como os usos linguísticos são estruturados, compreensíveis, a criatividade da mente humana para o uso da língua deve ser regida por regras. Com esse raciocínio, admite-se que “as regras que determinam a produtividade das línguas humanas têm as propriedades formais que têm em virtude da estrutura da mente humana” (LYONS, 1981, p. 213):

E é aqui que entra a gramática gerativa propriamente. Os enunciados que produzimos têm uma certa estrutura gramatical: eles estão em conformidade com regras de boa formação identificáveis. À medida que conseguimos especificar essas regras de boa formação, ou gramaticalidade, teremos fornecido um relato cientificamente satisfatório daquela propriedade da linguagem – [sua recursividade].

Chomsky, com esses pressupostos, inaugurou a abordagem gerativo-transformacional da Linguística que, mais ambiciosa do que qualquer outra que lhe

antecedeu, objetiva descrever a *competência linguística*¹⁷ do falante nativo, por meio de símbolos matemáticos e lógicos, chegando-se, assim, a uma teoria de linguagem, cuja orientação é fortemente inatista. Em outros termos, acredita-se, nessa abordagem, que a linguagem é uma propriedade da mente humana; e a função da Linguística é desenvolver um modelo do mecanismo mental – por isso é uma abordagem mentalista – que orienta a produtividade das línguas. Esse modelo é chamado tecnicamente de *gramática universal* (ROBINS, 1983; FARACO, 2005).

Como o objetivo da abordagem é descrever o aspecto gerativo da língua enquanto faculdade humana inata e, como todos os humanos, em condições de normalidade, são dotados dessa capacidade, o foco da investigação está no falante enquanto exemplar da espécie e exemplar de uma comunidade homogênea, no que respeita à sua intuição sobre a língua. Trata-se, assim, de uma abordagem baseada na psicologia individual, segundo a qual investiga-se a intuição do falante, que é exemplar da intuição de todos os indivíduos e meio para se obter a realidade da faculdade da linguagem.

Weinreich, Labov e Herzog¹⁸ (2006), ao revisarem *a prática dos gramáticos gerativistas*, relembram que Chomsky considerou a diversidade real do comportamento linguístico irrelevante para sua teoria, e justificou tal posicionamento com o argumento de que esta também tinha sido a posição dos fundadores da linguística geral moderna, em referência a Saussure.

Desse modo, propõe-se a descrição de uma gramática universal, independente do que ocorre em situações reais do uso da língua – dado que o foco da abordagem é aquilo que as línguas têm em comum – por isso, os dados que se vinculam à análise dos gerativistas são deduzidos da teoria, ou seja, são construídos intuitivamente pelo pesquisador.

Em busca de generalizações para uma teoria sobre a capacidade para a linguagem, acreditam que nenhum *corpus* pode servir de base para as generalizações de que precisam, já que todos eles tendem a ser uma coleção parcial das possibilidades de uso. Para Lyons (1981), em diversos aspectos, o gerativismo continua a tradição estruturalista, tais como: (i) na continuidade da tradição, da era blomfieldiana, de se estudar a sintaxe e de vê-

17 O termo *competência linguística* se opõe ao termo *desempenho linguístico*, na abordagem: o primeiro, objeto de interesse dos gerativistas, é compreendido como a capacidade inata para produzir e interpretar frases bem formadas (gramaticais), distinguindo-as das malformadas (agramaticais); o segundo refere-se à manifestação da competência nos usos reais da língua. A partir da década de 1980, esses conceitos foram revistos na teoria, optando-se por fazer distinção entre *língua interna* e *língua externa*, embora a mudança terminológica não tenha promovido alterações conceituais significativas (MILROY; GORDON, 2003).

18 Doravante WLH.

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

la como independente da semântica; (ii) na distinção que faz entre sistema linguístico e uso desse sistema (à semelhança da distinção *langue-parole*); (iii) e na distinção entre competência e desempenho (também à semelhança da distinção *langue-parole*)¹⁹. Com essa proposta, fortaleceu-se o formalismo linguístico em território estadunidense.

Nesse contexto, a mudança linguística é vista de duas diferentes maneiras, ao longo da história da própria abordagem: (i) até a década de 1970, considerando *gramática* como um sistema de regras específicas, a mudança é vista como um processo que altera as regras da gramática – eliminando algumas regras, inaugurando outras ou mesmo reordenando sua aplicação –; (ii) a partir de 1970, com a noção de que a *gramática universal* é conduzida por princípios gerais e se constitui por um conjunto de parâmetros variáveis, que restringem as gramáticas, mas admitem caminhos alternativos, a mudança passou a ser vista não mais em termos de alterações de regras, mas alterações na fixação de parâmetros.

Como um parâmetro é visto como um conjunto de fenômenos inter-relacionados, a mudança de um único parâmetro pode explicar uma série de mudanças linguísticas aparentemente não correlacionadas, continuando, assim, na explicação da mudança, a perspectiva estruturalista e sistemática (FARACO, 2005).

Essas duas diferentes formas de explicar a mudança linguística parecem ser indícios da crescente abstração da abordagem: de conveniência metodológica para descrição das regras linguísticas da teoria gerativa, passou a ser a especificação de princípios e parâmetros que limitam a forma de gramáticas universais gerais (MILROY; GORDON, 2003).

Fechando a seção

Com essas duas últimas correntes, o estruturalismo e o gerativismo, a linguística se tornou marcadamente formal, excluindo de seu escopo qualquer explicação social ou histórica, embora por diferentes razões: no estruturalismo, porque o que importa é a descrição do sistema linguístico enquanto realidade abstrata, cujas leis são pressupostas como imanentes e irreduzíveis a qualquer tipo de lei que lhe seja exterior (sociológica, artística, psicológica etc.); no gerativismo, porque, assumindo-se o pressuposto de que a língua é uma capacidade da espécie humana, o trabalho do linguista passou a ser a descrição dessa capacidade, ou seja, a construção de uma teoria sobre como ela se constitui.

¹⁹ Veja por que Faraco (2005) considera o Gerativismo um “estruturalismo com roupa nova”.

Além disso, excluíram também a variação, ambos em busca de um sistema abstrato e subjacente ao uso, de natureza invariável.

Balanço e perspectivas

A breve (e incompleta²⁰) revisão histórica do pensamento filosófico-linguístico entre o final do século XVIII e meados do XX indica como as distintas abordagens linguísticas se ocuparam de variadas questões e, com isso, foram constituindo seus objetos em torno de diferentes concepções de língua – sistema natural, para os estudos histórico-comparativos; sistema psicológico, para os neogramáticos; sistema abstrato de relações sígnicas, para o estruturalismo; sistema abstrato de regras que formam sentenças, para o gerativismo. Apesar das diferenças, todas elas têm em comum, contudo, o fato de terem estabelecido objetos homogêneos, dissociados das condições históricas, sociais e culturais das sociedades que usam a língua.

Concomitante a essas abordagens, o período também foi marcado pelas ideias de alguns pesquisadores, tais como, Humboldt, Whitney, Meillet e Martinet que, diferentemente do pensamento filosófico-linguístico predominante de suas épocas, vindicaram o aspecto social da língua, destacando a necessidade de se compreender a sociedade, para se compreender os fatos linguísticos. Mas, como visto, não foi esse tipo de pensamento que predominou até meados do século XX nas abordagens linguísticas mais praticadas do ocidente.

É, pois, “motivado por uma reação contra o formalismo linguístico” (FIGUEROA, 1994, p. 1) que nasce o campo sociolinguístico, na década de 1960, em contexto estadunidense. Recobrando diferentes práticas de pesquisa²¹, a SV, uma delas, nasce com o compromisso de ser o “estudo da estrutura e da evolução da língua, dentro do contexto social da comunidade” (LABOV, 2008 [1972], p. 216), com o compromisso, portanto, de correlacionar o mundo linguístico com o mundo social.

20 Na historiografia da linguística, outros autores ainda são mencionados como precursores da sociolinguística. O alemão Hugo Schuchardt (1842-1927) e o italiano Graziadio Isaia Ascoli (1929-1907), por exemplo, são autores que merecem atenção especial, pois se opuseram radicalmente aos neogramáticos, sendo considerados, respectivamente, o pai da crioulística e o pioneiro nos estudos dos “dialetos” italianos. Neste texto, contudo, por questões de espaço, nosso objetivo é resgatar apenas *uma parte* da história dos estudos linguísticos que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística, ficando o alerta de que muitas outras leituras devem ser feitas sobre a temática, a fim de se ter um panorama mais amplo do que o aqui recuperado.

21 O campo Sociolinguístico se estabelece a partir de um conjunto de eventos acadêmicos, na década de 1960, que reuniu pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento (linguistas e sociólogos, especialmente). Como esses, depois de fundarem o campo, divergiram sobre o quanto de cada área (em termos de teorias e métodos) era necessário para o estudo de fenômenos sociais e linguísticos, especializaram o campo em dois polos: a macrossociolinguística, que recobre diferentes vertentes, como a *sociologia da linguagem*, a *etnografia da fala* e a *abordagem interacional*; e a microssociolinguística, que recobre a *sociolinguística variacionista*. (cf. SHUY, 2003).

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

Em linhas gerais, essa prática de pesquisa, admitindo que a língua que serve a uma comunidade real, sempre complexa, deve ser igualmente complexa, concebeu *língua como um sistema heterogêneo, variável*, embora estruturado, ou seja, sistemático, uma vez que a heterogeneidade é *motivada* por um conjunto de fatores correlacionados, que são tanto de natureza linguística quanto de natureza extralinguística.

Como toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade, embora nem toda variação resulte em mudança linguística (WLH, 2006 [1968]), a SV, justamente com vistas à explicação da mudança linguística, se voltou para a variação, já que é pela compreensão dessa que se chega a previsões quanto a possíveis mudanças linguísticas.

Uma vez que a variação é sistemática, motivada por múltiplas causas e que há “ampla evidência de que a competência linguística humana inclui restrições quantitativas” (LABOV, 1978, p. 13), trabalha-se, na SV, com o pressuposto de que a variação pode ser modelada quantitativamente, por meio de técnicas estatísticas de análises multivariadas, que permitem: (i) identificar fatores significativos para a variação; (ii) organizá-los qualitativamente, tendo em vista a ordem de relevância para a variação bem como a inter-relação entre os diversos fatores; (iii) refletir sobre a direção da mudança, tendo em vista os princípios teóricos do campo. Em termos metodológicos, a SV é, portanto, *descritivo-interpretativa* (GUY; ZILLES, 2007; TAGLIAMONTE, 2012; BRAGANÇA, 2017).

Bragança (2017), sistematizando uma *versão*²² sobre a gênese dos estudos variacionistas, destaca as seguintes influências históricas na constituição da SV:

- a) Whitney, que influenciou Saussure, no que tange à concepção de língua como fato social (aqui, afastando-se da tradição neogramática que via a língua como um fenômeno de natureza psicológica);
- b) Meillet (aluno de Saussure), que levou a cabo com mais radicalidade a noção de língua como fato social, e passou a convocar aspectos sociais para a explicação linguística, aproximando-se, assim, de estudos antropológicos e sociológicos (de Durkheim, especialmente);
- c) Martinet (aluno de Meillet), tratou a mudança linguística como um fenômeno sistêmico (e não isolado) e realizou estudo dialetológico com foco na compreensão de usos linguísticos que distinguiam pequenos grupos, quando o cerne dos estudos dialetológicos eram questões macroculturais;

²² Porque a historiografia da sociolinguística ainda carece de estudos mais aprofundados. Cf. Koerner (1991).

- d) Martinet orientou Weinreich²³ em um estudo geográfico do bilinguismo, em sua tese de doutorado;
- e) E Weinreich orientou Labov, o fundador da SV, em seus trabalhos de mestrado e doutorado.

Nas palavras de Bragança (2017, p. 205):

Essa linha histórica das relações entre os pesquisadores faz ver, simplificada, o modo como concepções de diferentes campos e de diferentes linguistas chegaram até Labov, fazendo com que o tema da mudança linguística, cerne dos estudos do século XIX e preocupação “eliminada do programa da linguística do século XX” (LABOV, 2008 [1972], p. 14), renascesse de forma renovada, na segunda metade do século XX, ao se conciliar “vertentes de pesquisa linguística, geográfica e antropológica (com sensível viés etnográfico)” (CAVALIERE, 2014, p. 613).

Ademais, a pesquisadora ainda aponta as seguintes influências na SV:

- a) Dos neogramáticos: a compreensão de que a mudança é regular;
- b) Do estruturalismo: a noção de língua como sistema abstrato;
- c) Do gerativismo: a concepção formal de língua (língua como sistema de regras subjacentes; mas, em vez de regra opcional, regra variável);
- d) Dos estudos dialetológicos (norte-americanos): a prática etnográfica de se descrever (i) línguas contemporâneas de áreas geográficas específicas, como centros urbanos, e (ii) falantes de diferentes níveis sociais²⁴, com as seguintes modificações: no método da dialetologia, no tratamento dos elementos do sistema linguístico (vistos como partes de um sistema), no modo de compreender a relação entre sincronia e diacronia.

Por essa breve revisão, pode-se questionar até que ponto a SV, inscrita em um campo que nasce com o desejo de se afastar do formalismo linguístico, ao se dedicar à relação entre linguagem e sociedade, atinge, de fato, seus objetivos. Nas palavras de

23 Por questões de espaço, não exploramos com mais detalhes a vida e a produção de Weinreich. Para mais informações sobre isso, cf. Marra e Milani (2011).

24 Cf. os estudos de Martha's Vineyard (1963) e de Nova York (1966), de Labov, que inauguram as investigações variacionistas.

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

Camacho (2013, p. 100), a SV ainda “harmoniza os fatores empíricos da heterogeneidade com o procedimento epistemológico de uma abordagem estrutural”.

Sintomático é, pois, o fato de a SV, desde sua constituição, ter passado por sucessivas revisões, a ponto de haver, atualmente, uma *terceira onda variacionista* (cf. ECKERT, 2012), de natureza *discursiva* (cf. BRAGANÇA, 2017), e, por isso, mesmo ainda em fase de compreensão, por parte da comunidade acadêmica. Ao que parece, essa onda sim rompe com preceitos formalistas, uma vez que “[...] no movimento da primeira para a terceira onda de estudos de variação, toda visão da relação entre linguagem e sociedade foi modificada [...] com consequências potencialmente importantes para a teoria linguística em geral” (ECKERT, 2012, p. 97-98).

O que seria essa terceira onda variacionista, quais são suas influências históricas e como os temas *variação e mudança linguística* são (re)tratados sob essa nova epistemologia são alguns temas de trabalho a serem enfrentados pelos pesquisadores variacionistas. Em diferentes frentes de trabalho, a tarefa dos analistas agora parece ser, dada a tensão epistemológica entre primeira e terceira fase da SV, produzir conhecimento sobre a seguinte questão:

[...] quanto do que ocorre com a língua, em termos de variação e mudança, é resultado do trabalho social de seus usuários a partir da identidade social específica de que são dotados ou o resultado de padrões formais, estruturais, que regem, por si sós, os processos de estabilidade e mudança [?] (CAMACHO, 2013, p. 21).

Agradecimentos

Agradeço aos pareceristas pelas contribuições. As faltas encontradas neste texto são de minha responsabilidade.

Referências

BRAGANÇA, M. L. L. **Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança:** reflexões a partir da expressão do futuro do presente. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CÂMARA Jr., J. M. **História da linguística**. Tradução Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CAVALIERE, R. Vertentes da sociolinguística no Brasil. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 4, n. 12, p. 612-624, 2014.

COSTA, L. C. S. **Saussure**: entre o poder acadêmico e a saber científico. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ECKERT, P. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of variation. **Annual Review of Anthropology**, n. 41, p. 87-100, jun. 2012.

FARACO, C. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GUY, G. R.; ZILLES, A. M. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

KOERNER, K. William Labov e as origens da sociolinguística na América. *In*: KOERNER, K. **Quatro décadas de historiografia linguística**: estudos selecionados. Seleção de Textos de Rolf Kemmler e Cristina Altman. Organização de Carlos Assunção. Vila Real: Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, 2014. p. 117-138.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**, v. 44, abr. 1978.

LE PAGE, R. B. The Evolution of a Sociolinguistic Theory of Language. *In*: COULMAS, F. (ed.). **The Handbook of Sociolinguistics**. Blackwell Publishing, 1998. Disponível em: <http://pt.bookzz.org/book/963370/1ef2e1>. Acesso em: 21 ago. 2016.

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. Tradução Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. v. 13. São Paulo: Companhia Editora Nacional da Universidade de São Paulo, 1979.

LYONS, J. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Tradução Marilda W. Averbug e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1981.

MARRA, D.; MILANI, S. E. A gênese historiográfica linguístico-científica de Labov. **Revista Linha D'Água**, v. 24, p. 139, 2011.

MILANI, S. E. Historiografia dos estudos de Willian D. Whitney: a lei do menor esforço. **Linha d'Água**, v. 20, p. 37-47, 2007.

MILROY, L.; GORDON, M. **Sociolinguistics – Method and Interpretation**. Oxford: Blackwell, 2003.

ROBINS, R. H. **Pequena História da Linguística**. Tradução Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SEVERO, C. G. Humboldt e a relação entre linguagem, ser humano e mundo: uma visão holística. **Linguagem**, São Paulo, v. 2, p. 01-08, 2008.

SHUY, R. W. A brief history of American Sociolinguistics 1949-1989. *In*: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (ed.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p. 4-16.

TAGLIAMONTE, S. A. **Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation**. Cambridge: Wiley – Blackwell, 2012.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

- | Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista

COMO CITAR ESTE ARTIGO: LACERDA, Marcela Langa. Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 68-100, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 28/12/2020 | Aceito em: 23/01/2021.

JORNALISMO DIGITAL EM PERSPECTIVA DIALÓGICA: UMA ANÁLISE DO GÊNERO EDITORIAL NA FOLHA DE S.PAULO

*DIGITAL JOURNALISM IN A DIALOGICAL PERSPECTIVE:
AN ANALYSIS OF THE EDITORIAL GENRE IN FOLHA DE
S.PAULO*

Heloisa Mara MENDES¹
Marina Célia MENDONÇA²

Resumo: Neste trabalho, pretendemos analisar, a partir da perspectiva dialógica, com base em escritos de Bakhtin e Volóchinov, editoriais publicados na edição digital do jornal *Folha de S.Paulo*. A escolha de enunciados pertencentes ao campo do jornalismo justifica-se pelo fato de que os gêneros discursivos não permanecem indiferentes às especificidades de sua atualização no campo da comunicação social a que pertencem. A análise evidencia uma arquitetura por meio da qual são pressupostos dois públicos leitores distintos: um habitual, talvez mais culto e com disponibilidade de tempo para ler, e outro eventual, talvez, menos informado e com menos tempo livre.

Palavras-chave: Diálogo. Jornalismo digital. Editorial. *Folha de S.Paulo*.

Abstract: Drawing on the works of Bakhtin and Volóchinov, and thus from a dialogical perspective, in this paper we intend to analyze editorials published on the online edition of *Folha de S.Paulo* newspaper. The choice of utterances pertaining to the field of journalism is justified by the fact that speech genres do not remain indifferent to the specificities of their updating into the field of social communication to which they belong. The analysis evidences an architectonics whereby two different readerships are assumed: the first one regards to a frequent reader, perhaps more cultured and with more availability of time to read, whereas the second one regards to a casual reader, less educated and with less free time.

Keywords: Dialogue. Digital journalism. Editorial. *Folha de S.Paulo*.

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; hlsmds@ufu.br; <https://orcid.org/0000-0002-4893-7893>

² Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Araraquara, São Paulo, Brasil; marina.mendonca@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0002-5712-2346>

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir sobre a produção e circulação do editorial, um gênero pertencente ao campo jornalístico, em meio digital. Considerando que o conjunto de gêneros do discurso se amplia e se diferencia à medida que um campo da comunicação humana se complexifica, visamos contribuir com uma análise das especificidades do diálogo estabelecido entre o jornal *Folha de S.Paulo* e o leitor presumido a partir de seu *site*.

Por meio dos editoriais, diariamente, a *Folha* expressa sua opinião sobre temas da atualidade, visando, em alguma medida, reproduzir os anseios do leitor que, por sua vez, se identifica com o jornal quando detecta opiniões que coincidem com sua visão de mundo. Os enunciados recortados para análise são, portanto, formados por meio desse processo, nem sempre harmônico, mas certamente dialógico, de compreensão ativa e responsiva produzida na interação entre o jornal e o público leitor presumido.

O referencial teórico que orienta a análise realizada é a obra do Círculo, principalmente, Bakhtin (1993, 2016a, 2016b) e Volóchinov (2018, 2019). São mobilizados os conceitos de enunciado, diálogo, gênero do discurso e arquitetônica.

Com relação à metodologia, adotamos o cotejamento entre textos pertencentes ao mesmo campo da comunicação social, o jornalístico, com o intuito de, em conformidade com Bakhtin (2011) e Geraldi (2012), recuperar, mesmo que parcialmente, a cadeia de enunciados a que o texto responde, se opõe, com a qual concorda e/ou polemiza.

Atentamos, ainda, para a responsabilidade do analista, visto que, no interior da perspectiva teórico-metodológica adotada, ao realizar um exercício interpretativo, o observador é parte dos enunciados que serão interpretados, envolve-se com o diálogo como um novo participante.

Quanto à organização do artigo, inicialmente, discorreremos de modo breve sobre os conceitos que norteiam a análise. Em seguida, traçamos um breve histórico da relação estabelecida entre a *Folha* e o jornalismo digital. Por fim, apresentamos nossa leitura dos enunciados procurando abordar seus aspectos mais gerais e apontar traços das projeções que o jornal faz das respostas ativas de seus leitores, como forma de descrever aspectos da natureza sociointeracional do gênero e do funcionamento do campo.

Enunciado, diálogo, gênero do discurso e forma arquitetônica

Bakhtin (2016a) e Volóchinov (2019) propõem considerar o enunciado como a unidade real do discurso, um *todo* semântico que, por mais autônomo e acabado que possa parecer, deve ser compreendido como uma gota no fluxo da comunicação discursiva, incessante tanto quanto a própria vida e a história.

É Bakhtin (2016a, p. 29) quem explicita que os limites do enunciado são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso: “Todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto: antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos dos outros”. Essa alternância é um dos fatores que permitem, ao autor, distinguir o enunciado – unidade da comunicação discursiva – das palavras e orações – unidades da língua. Os demais fatores referem-se à entonação expressiva, ou seja, uma das formas de expressão da relação emocionalmente valorativa que o sujeito estabelece com o objeto de seu discurso, ao contato com a realidade concreta por meio de situações comunicativas reais, à relação com enunciados alheios e à capacidade de suscitar respostas. As palavras e orações, diferentemente, são tomadas como unidades cuja natureza e cujas fronteiras são gramaticais.

Os dois filósofos russos também compartilham a concepção de que todo enunciado é, por natureza, socialmente orientado, isto é, dialógico. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (2018) considera o diálogo, entendido em sentido amplo, como a forma de toda interação discursiva, pensamento que reitera no artigo “Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado” (2019). Para ele, o caráter dialógico assenta-se no fato de que todo enunciado considera um ouvinte, sua compreensão e resposta, sua concordância ou discordância, em outras palavras, sua percepção avaliativa. Além disso, incide sobre essa orientação do enunciado para o outro a consideração da relação sócio-hierárquica existente entre os interlocutores. A partir dessa consideração, Volóchinov (2019) desenvolve sua argumentação em torno da orientação social como uma força que, junto com a situação, determina a expressão exterior do enunciado.

Em “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, Bakhtin (2016b), por sua vez, concebe o texto como qualquer conjunto coerente de signos e propõe tomá-lo como ponto de partida de toda disciplina pertencente às ciências humanas. Para tanto, o texto é considerado um enunciado, ou seja, uma totalidade individual, singular e historicamente única, um elo na cadeia da comunicação discursiva. Sobre o conceito que nos interessa aqui, afirma que as relações dialógicas são relações de sentido entre diferentes tipos de elos do fluxo discursivo. Para ele,

- | Jornalismo digital em perspectiva dialógica: uma análise do gênero editorial na *Folha de S.Paulo*

Dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas, se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc.). (BAKHTIN, 2016b, p. 102).

Sua concepção em torno do papel determinante dos elos precedentes e subsequentes na constituição de todo enunciado é detalhada em “Os gêneros do discurso”. Nesse ensaio, o autor afirma que a construção do enunciado por um falante considera as atitudes responsivas dos interlocutores que, por sua vez, são tomados como participantes ativos da comunicação discursiva: “Desde o início o falante guarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta” (BAKHTIN, 2016a, p. 62).

Na perspectiva bakhtiniana, o enunciado é concebido no interior de um campo da comunicação social como um reflexo de suas condições e finalidades específicas, o que se faz notar, de modo indissolúvel, no conteúdo temático, no estilo e na estrutura composicional, elementos que serão desenvolvidos, neste texto, ao longo da análise dos editoriais. Aos tipos de enunciados, organizados, construídos e acabados de modo singular por cada campo, Bakhtin (2016a) denomina gêneros do discurso.

Neste trabalho, os enunciados pertencentes ao gênero editorial serão tomados tendo em vista também sua forma arquitetônica. Noção que está presente já nos escritos bakhtinianos da década de 1920, a arquitetônica permite considerar a totalidade de cada enunciado em sua relação com o exterior, ou seja, como um objeto orientado por valores sociais, históricos e ideológicos. Esse eixo axiológico, a forma arquitetônica, define a forma composicional do gênero (BAKHTIN, 1993).

A partir desse referencial teórico, analisamos o gênero editorial, um tipo relativamente estável de enunciado proferido por integrantes do campo jornalístico. Com o intuito de delinear o processo de responsividade pressuposto na interação que se estabelece entre o jornal e o leitor por meio da edição digital, recortamos enunciados do jornal *Folha de S.Paulo* publicados durante o mês de fevereiro de 2020. Antes de procedermos à análise do *corpus*, apresentamos um breve histórico relacionado à consolidação desse jornal no mercado brasileiro e à sua relação com o desenvolvimento do jornalismo digital, como forma de compreender alguns aspectos de sua identidade.

A *Folha de S.Paulo* e o jornalismo digital

O jornal *Folha de S.Paulo*, tal como o conhecemos hoje, é resultado da fusão ocorrida, na década de 1960, entre os jornais *Folha da Noite* (1921), *Folha da Manhã* (1925) e *Folha da Tarde* (1949).

A consolidação da *Folha* como o diário de maior circulação no Brasil a partir da década de 1980 está relacionada, por um lado, ao pioneirismo na modernização de seu parque gráfico (foi o primeiro jornal a realizar a impressão em *offset* em cores em larga tiragem) e, por outro lado, à regulação de princípios editoriais (informação correta, interpretações competentes sobre essa informação e pluralidade de opiniões sobre os fatos).

Com relação à expressão de opinião, questão que perpassa nosso *corpus*, em seu primeiro projeto editorial, publicado em 1981, a *Folha* já reivindicava para si um papel que não fosse tão somente o de repositório das diversas opiniões produzidas pela sociedade – embora reconhecesse a importância dessa função do jornalismo – e prescrevia a necessidade de que o veículo tivesse suas próprias convicções sobre os acontecimentos, pois elas seriam responsáveis por colocar em cena o jornal como um elemento dinâmico, com uma identidade e uma função social bem definidas. Para a *Folha*, “são também as opiniões oficialmente expostas pelo jornal que possibilitam o desenrolar de um importante diálogo silencioso entre o leitor e seu jornal, diálogo que, com o passar do tempo, cimenta os laços de respeito e de estima entre o jornal e seu leitorado” (A FOLHA, 1981).

Em projeto editorial publicado mais recentemente, o jornal reitera a importância do pluralismo de opiniões assinadas e acrescenta que as posições que assume não direcionam a cobertura de caráter informativo. Em um contexto marcado pela publicação massiva de notícias falsas e pela forte presença de intolerância, sobretudo, em redes sociais, a exposição do público leitor ao contraditório, como aponta a própria *Folha*, pode “servir de antídoto ao irracionalismo que se mostra refratário não apenas às formas tradicionais de intermediação política, mas também a todo tipo de ponderação, equilíbrio e nuance” (JORNALISMO, 2017).

A *Folha* também foi pioneira em oferecer conteúdo *on-line* a seus leitores. De acordo com Romani (2015), a chegada do serviço de notícias FolhaWeb à internet em 9 de julho de 1995, hospedado em uma URL pertencente à Embratel (www.embratel.net.br/infoserv/agFolha), foi o embrião do primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa que, por sua vez, se tornaria o *site* de jornal brasileiro com a maior quantidade de páginas

visualizadas³. A rede mundial de computadores havia começado a funcionar de modo comercial há apenas dois meses e, por essa razão, a reportagem impressa que noticiava o lançamento da FolhaWeb foi acompanhada de um texto explicativo sobre a internet.

No ano seguinte, a criação do portal de internet Universo Online (UOL), pelo Grupo Folha, conglomerado de mídia detentor do jornal *Folha de S.Paulo* e de outras empresas, pode ser considerada a iniciativa que, de fato, impulsionou o jornalismo digital. Em um período em que a conexão era discada e dispendiosa, a audiência do UOL (que oferecia acesso à internet e conteúdo em um único pacote, algo novo para a época) cresceu exponencialmente. Com dois anos de funcionamento, o portal conseguiu reunir cerca de 350 mil assinantes em todo o país e ter suas páginas visitadas mensalmente por mais de três milhões de pessoas, o que representava 80% do total de brasileiros usuários da internet. Vinculado ao UOL, o canal de notícias, cuja operação se dava de forma independente da edição impressa, em 1º de agosto de 1999, passou a se chamar *Folha Online* e ser reconhecido como um jornal em tempo real, o que exigiu a ampliação da equipe de colaboradores e a melhoria da infraestrutura (HISTÓRIA, [2000]).

No entanto, foi somente a partir da chegada da banda larga, na segunda metade da década de 2000, que o jornal em formato eletrônico foi substancialmente transformado, visto que o aumento da capacidade de transmissão de dados possibilitou a inclusão de conteúdos multimídia no *site*, entre outros recursos, o desenvolvimento de aplicativos para dispositivos móveis e a criação da TV Folha (ROMANI, 2015).

A integração das redações das edições *on-line* e impressa ocorreu em maio de 2010 e foi acompanhada de uma reforma gráfica⁴. Na perspectiva do editor-executivo da *Folha*, a ideia por trás da fusão

3 Por ocasião da cobertura da pandemia do coronavírus em março de 2020, o número de páginas vistas nas plataformas digitais da *Folha* chegou a 405 milhões, e sua edição digital recebeu 69,8 milhões de visitantes únicos, número superior ao registrado em outubro de 2018, mês das últimas eleições presidenciais, quando a quantidade registrada pelo Google Analytics 360 foi de 64 milhões de visitantes únicos (FOLHA, 2020). O primeiro recorde em visualizações da *Folha* ocorreu em outubro de 2014, durante a eleição presidencial, com 395,7 milhões de páginas vistas e 33,5 milhões de visitantes únicos (ROMANI, 2015).

4 De acordo com Dávila (2010), as principais mudanças advindas com a reforma gráfica foram: o aumento de 12% no tamanho das letras, com formato e diagramação “que deixam a leitura mais fácil”; títulos mais fortes, hierarquização mais clara das reportagens, identidade mais evidente entre os cadernos, fotos maiores e quadros informativos “mais limpos e didáticos”. Ele afirma que “parte dos textos está mais enxuta, maneira de resumir os acontecimentos da véspera sem fazer o leitor perder tempo e paciência. Parte está mais analítica, um dos pilares do projeto novo, que priorizará a contextualização e a interpretação do fato conhecido.”. E acrescenta que “o leitor escolherá seu caminho, o mais rápido, mas de qualidade, ou o mais profundo, mas compreensível; ambos serão contemplados pelo jornal.”. As mudanças também atingiram a parte editorial, com alterações nos nomes de alguns cadernos. Além disso, 29 novos colunistas passaram a escrever no jornal.

[...] é transformar a Redação num centro captador de notícias que funcione 24 horas por dia e produza informação de qualidade para qualquer plataforma, seja ela o papel, que é e continuará a ser a vitrine principal da marca *Folha*, o *on-line*, agora rebatizado de *Folha.com*, ou em *smartphones* e *tablets*, por *terpedos* e *e-mails* e o que mais for inventado. (DÁVILA, 2010, grifo do autor).

A opinião do diretor de redação da *Folha*, por sua vez, aponta para a necessidade de renovação do jornalismo “clássico”:

[...] é preciso ter a humildade de aprender. Reconhecer que os jornais são muitas vezes cansativos, previsíveis, prolixos, distantes, redundantes, parciais cifrados para o leigo e superficiais para o especialista. Será preciso, ao mesmo tempo, desejo sincero de melhorar, experimentar, arriscar. (FRIAS FILHO, 2010).

Dois anos após a reformulação que atingiu não só os profissionais, mas o projeto gráfico do jornal, o nome *Folha.com* deixou de ser usado. As edições impressa e digital passaram a ser identificadas da mesma forma – como *Folha de S. Paulo* – e a disponibilizar o mesmo conteúdo. Com isso, e seguindo sua predisposição ao pioneirismo, a *Folha* adotou o *paywall*, uma forma de restrição por meio da qual os usuários que desejam acessar o conteúdo de um *site* devem pagar por ele.

Atualmente, mais da metade da audiência da *Folha* se dá por meio de dispositivos móveis (ROMANI, 2015). Considerando tanto os assinantes quanto os internautas que ocasionalmente acessam o jornal, em média, mais de 250 milhões de páginas são vistas por mês, por cerca de 30 milhões de visitantes (COM, 2019). Esses dados, em alguma medida, apontam para a vitalidade do jornalismo profissional em meio digital.

Uma leitura dos editoriais da *Folha*

Por meio do *site* do jornal *Folha de S. Paulo*, plataforma que utilizamos para o recorte do *corpus* de pesquisa, além da edição digital, é possível acessar uma versão digitalizada da edição impressa. Essa versão apresenta, na tela, as páginas do jornal exatamente como se encontram no papel, com suas colunas e cadernos. É possível, também, selecionar os textos de acordo com a edição impressa. Nesse caso, são relacionados os títulos presentes na referida edição, mas a apresentação de cada enunciado concreto não mantém uma relação de semelhança com o papel (a disposição em colunas, própria do jornal impresso, é eliminada; os *links*, recurso próprio das páginas *web*, permanecem). Nosso *corpus*, cinquenta e oito editoriais publicados em fevereiro de 2020, pertence à edição digital propriamente dita.

Por um lado, a escolha de um gênero pertencente ao campo do jornalismo, cuja produção e circulação se dá em meio digital, justifica-se pelo fato de que, de modo geral, os gêneros discursivos não permanecem indiferentes às especificidades do campo da comunicação social a que pertencem, mas as explicitam. Por outro lado, a escolha da *Folha* deve-se ao fato de que, há dez anos, a empresa jornalística unificou as redações responsáveis pelas edições impressa e *on-line*, com o intuito de que os dois suportes – o papel e a tela – estabelecessem, entre si, uma relação mais orgânica. Tencionamos, em alguma medida, verificar se isso, de fato, é refletido nos enunciados.

Grosso modo, o editorial é o gênero do campo jornalístico por meio do qual é apresentada a opinião institucional e coletiva de um jornal ou revista sobre temas da atualidade considerados relevantes. Ele pode versar sobre temas políticos, econômicos e sociais, entre outros, e guarda uma relação estreita com a notícia, visto que a opinião se refere a questões que foram noticiadas na mesma edição ou em edições recentes. Embora, no interior do próprio campo, o editorial seja classificado como um gênero opinativo (MELO, 2003), cuja função seria analisar e/ou avaliar a realidade, não se pode negar que esse gênero contenha, também, informação⁵.

O que merece a opinião da *Folha*? Responder a essa pergunta pressupõe a análise de uma das dimensões do gênero editorial, seu conteúdo temático. Para Bakhtin (2016a), a análise de uma das dimensões de um gênero do discurso não se separa das demais, entre elas, o estilo e a estrutura composicional. Por essa razão, em nossa análise, focalizar uma das dimensões sempre significará recuperar as demais.

No interior da perspectiva dialógica,

[...] a noção de esfera permeia a caracterização do enunciado e dos seus tipos relativamente estáveis, os gêneros, no que diz respeito ao seu tema, à sua relação com os elos precedentes (enunciados anteriores) e com os elos subseqüentes (a atitude responsiva dos co-enunciadores). (GRILLO, 2006, p. 146).

No *corpus*, o conteúdo temático dos editoriais, gênero pertencente à seção Opinião, dialoga com enunciados pertencentes a outras seções do jornal e com uma presumida atitude responsiva do leitor. Para detalhar um pouco mais esse diálogo, recorreremos à divisão das seções na edição digital, suas denominações e a remissão a outros enunciados por meio de *links*.

5 Para uma discussão sobre o paradigma Opinião/Informação comumente adotado na classificação dos gêneros jornalísticos, ver Cavalcanti (2006).

As principais seções da edição digital da *Folha* estão disponíveis na parte superior da página, logo abaixo do nome do jornal. São elas: Últimas, Opinião, Poder, Economia, Mundo, Cotidiano, Esporte, Cultura, Podcasts e F5, apresentadas nessa ordem. Na mesma barra, encontram-se botões que dão acesso à versão digitalizada e às versões em inglês e espanhol. Cada seção, por sua vez, é subdividida. A título de exemplo, Cotidiano contém: Educação, Ambiente, Saúde, Rio de Janeiro, Alalaô, Femicídio e Mortes. Uma relação mais abrangente das seções que compõem o *site* do jornal é disposta em um menu localizado no canto superior esquerdo da página⁶.

A relação das principais seções em um lugar privilegiado da página coloca em cena uma presumida atitude responsiva do leitor relacionada aos temas de seu interesse ao navegar pelo *site*. Esse leitor, pelo olhar da *Folha*, se interessa não só pelo conteúdo jornalístico propriamente dito (Opinião, Poder etc.), mas receia perder os acontecimentos mais recentes (Últimas), busca uma forma de entretenimento que privilegia a vida de celebridades (F5) e uma alternativa de acesso à informação/opinião (Podcasts).

Outro dado relevante diz respeito aos nomes das seções. A partir do projeto gráfico implementado em 2010, o noticiário relativo à política passou a ser chamado de Poder, e o caderno Economia passou a ser designado como Mercado. A edição digital, entretanto, alterna entre o emprego de Economia (na primeira página) e Mercado (no interior da seção), para identificar os conteúdos relacionados a questões de ordem econômica. Isso também ocorre com o conteúdo tradicionalmente associado ao caderno Ilustrada, em que Ilustrada é empregado no interior da seção, e Cultura identifica o conteúdo na primeira página da edição digital.

Tanto a seleção das seções quanto os nomes empregados na primeira página indiciam uma orientação a um público leitor mais amplo do que aquele que, sendo leitor habitual da edição impressa, teria familiaridade com os nomes dos cadernos e, portanto, seria capaz de localizar com facilidade os conteúdos de seu interesse. Com essa forma de organização das seções, em alguma medida, a *Folha* procura “ajudar” o público leitor mais amplo, uma característica que pode ser depreendida do funcionamento do campo jornalístico e, como procuraremos mostrar, do próprio editorial.

A respeito do funcionamento do campo, em trabalho no qual analisa as relações entre o discurso jornalístico e o literário, o científico e o político, Cavalcanti (2006, p. 184, grifo do autor) afirma que uma das representações do sujeito jornalista que emerge com frequência no discurso da *Folha* refere-se ao sujeito iluminado, “que tem por missão levar a luz”.

6 A descrição das seções da edição digital da *Folha de S.Paulo* refere-se ao que foi observado no *site* do jornal durante o primeiro semestre do ano de 2020.

A oferta de conteúdo de ordem econômica é um bom indício do diálogo, em alguma medida, assimétrico, que a *Folha* procura estabelecer com o leitor. Em 27 de julho de 1998, foi criado o Folhainvest, suplemento descrito pelo jornal como “um caderno semanal que traz informações e análises para *ajudar* o leitor a entender o mercado financeiro. O objetivo do caderno é tornar o mercado acessível a qualquer investidor” (HISTÓRIA, 2000, grifo nosso). Para nós, o pressuposto de que esse objetivo foi cumprido pode ter fomentado a adoção do nome Mercado mencionada anteriormente. Hoje, enquanto o leitor da edição impressa parece ser visto como alguém que supostamente entende melhor o mercado financeiro e/ou tem familiaridade com a seção do jornal voltada para esse tipo de informação, o leitor da edição digital, diferentemente, ainda precisa fazer essa transição.

A função didática, aparentemente uma característica do funcionamento do campo jornalístico no Brasil e que a *Folha* se autoatribui quando da criação do Folhainvest, também é reforçada na última edição de seu *Manual da redação* que, em diversas passagens a respeito da prática jornalística, apresenta a palavra didatismo grafada com destaque.

O manual prescreve que o didatismo perpasse a apresentação do conteúdo: “O leitor sairá ganhando sempre que o jornal apresentar uma notícia com *didatismo*” (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 67, grifo do autor); que, ao relatar, o jornalista “*deve ter como objetivos oferecer informações com exatidão, clareza, concisão e didatismo e prender a atenção do leitor até o último parágrafo*” (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 73, grifo do autor); e que “seja didático”:

Lembre-se de que a *Folha* é um veículo de circulação ampla. Seus leitores têm formações diferentes e distintos graus de familiaridade com os assuntos abordados no jornal. Textos, vídeos e infográficos devem ser apresentados de forma tal que o leigo os entenda e o especialista não os reprove.

Não se esqueça de que o jornal dispõe de diversos recursos editoriais a serviço do *didatismo*: perguntas e respostas, linhas do tempo, glossários etc. Empregue-os. (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 75, grifo do autor).

Entre os sentidos de didatismo, tanto está a característica do que é didático, ou seja, daquilo que é destinado a ensinar, quanto a maneira afetada de ser didático. Embora o segundo sentido não pareça estar no projeto de dizer do jornal, a insistência do manual na adoção do didatismo como algo inerente à prática de seus profissionais e o estilo que permeia os enunciados analisados podem levar à interpretação de que o sujeito da *Folha*, por vezes, incorre na afetação.

Considerando-se a remissão a enunciados precedentes publicados pelo jornal, sobretudo, por meio de *links* nos parágrafos introdutórios, por meio dos quais o tema é anunciado e/ou recordado, os editoriais recortados para análise dialogam com as demais seções na seguinte proporção: Cotidiano, 18 vezes; Poder, 17 vezes; Economia, 13 vezes; Mundo, 8 vezes; Cultura, 1 vez; e Esporte, 1 vez. Os editoriais relacionados à seção Cotidiano, especificamente, tratam de assuntos bastante diversificados, entre eles, meio ambiente, educação, saúde, violência e segurança pública.

Na seleção dos assuntos considerados importantes a ponto de figurarem em um editorial, já se encontra uma projeção da compreensão ativa responsiva do leitor. A relação dos editoriais com os elos precedentes e subsequentes coloca em evidência uma preocupação com temas que impactam diretamente a vida de um público leitor mais amplo, diferentemente da visão que o próprio campo jornalístico nutre a respeito desse gênero. Para Melo (2003, p. 109), “os editoriais continuam a tratar daqueles temas que não correspondem aos interesses cotidianos de seus leitores.”. Essa afirmação baseia-se em dados das décadas de 1960 e 1970, segundo os quais menos de 10% dos leitores leriam editoriais. Entre as razões para a recusa do editorial pelo leitor brasileiro da época, encontram-se:

- 1) o editorial é massudo – maciço, sem subtítulos, com poucos parágrafos, muito intelectualizado; 2) destina-se a uma determinada classe de leitores – empresários e políticos; 3) não é valorizado – figura isoladamente na superfície impressa, distante das matérias que tratam informativamente dos mesmos temas; 4) não interessa ao leitor – geralmente o tema abordado não diz respeito ao universo específico do público. (VIGGIANO, 1970 *apud* MELO, 2003).

Apesar de não dispormos de dados atuais sobre a leitura dos editoriais da *Folha*, podemos afirmar que eles, recentemente, configuram-se de forma diferente da retratada na citação anterior e, por essa razão, aproximam-se do leitor. O diálogo com temas mais próximos de sua vivência (ligados às seções Cotidiano, Cultura e Esporte) e o estabelecido com temas políticos e econômicos é equilibrado. Esse fato, por si só, demonstra que os editoriais não se destinam a determinada classe de leitores, mas a um público mais amplo, constituído por assinantes e leitores eventuais, cuja compreensão ativa responsiva presumida pretende conhecer a opinião do jornal sobre questões bastante diversas entre si. No *Manual da redação*, a repetição de temas em gêneros opinativos (apenas artigos e colunas são mencionados) é vista como algo que “cansa o leitor” (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 129). Assim, os editoriais, pela diversidade dos temas, também dialogam com esse leitor que o jornal pretende manter entretido.

Além disso, embora, na edição impressa, os editoriais ainda figurem distantes espacialmente do conteúdo informativo, na edição digital essa distância é encurtada, eventualmente, pela apresentação do antetítulo, do título e do subtítulo do editorial na primeira página do *site* do jornal, em espaço contíguo ao dos demais títulos sobre o mesmo tema, e pela presença de *links* ao longo dos enunciados.

Com relação à estrutura composicional, também não é conveniente afirmar que o editorial da *Folha* seja “massudo”. Um antetítulo, grafado com letras minúsculas na cor cinza, é seguido pelo título, destacado em negrito, e por um subtítulo, grafado também na cor cinza com uma fonte de tamanho maior que a do antetítulo e menor do que a empregada no título. Ilustra cada editorial uma fotografia grande em preto e branco disposta entre o subtítulo e o texto propriamente dito que, por sua vez, pode ser composto por nove, dez, onze, doze ou treze parágrafos. Ao longo dos editoriais, entre dois e seis *links* remetem a notícias, reportagens, outros editoriais, artigos de opinião, infográficos e/ou fotografias.

Na edição digital, os editoriais são identificados por meio do antetítulo “O que a Folha pensa”. Na edição impressa, diferentemente, a palavra “Editoriais”, grafada com grandes letras maiúsculas, antecede os enunciados concretos.

O antetítulo “O que a Folha pensa” decorre de uma campanha publicitária homônima veiculada em 2014. Nela, leitores de perfis muito diversos informam a opinião da *Folha* sobre questões polêmicas à época (casamento “gay”, pena de morte, cotas raciais, política econômica, legalização das drogas) e se posicionam a favor ou contra essa opinião. No final do anúncio publicitário, uma voz em *off* afirma: “Concordando ou não, siga a *Folha*, porque ela tem suas posições, mas sempre publica opiniões divergentes.” (NOVA, 2020). No vídeo, é exibida a *hashtag* #sigaafolha, recurso bastante utilizado em redes sociais para indexar postagens com o mesmo tema e facilitar a recuperação de informação, acompanhada do endereço eletrônico que supostamente remetia aos editoriais (folha.com.br/oqueafolhapensa). A campanha, talvez, possa ser considerada um marco na relação estabelecida entre a empresa e o meio eletrônico, visto que faz referências diretas a ele, mas não ao impresso. “Siga” em vez de leia a *Folha* e a indicação da URL são os indícios mais evidentes.

A adoção do antetítulo nos editoriais, por si só, pode ser considerada um ato avaliativo orientado a um leitor que, supostamente, tem pouca familiaridade com os gêneros do campo jornalístico e/ou pouca habilidade para distinguir o conteúdo opinativo dos conteúdos informativo e interpretativo do jornal.

Corroboram nossa leitura as introduções à seção Opiniões da Folha. Nessa subseção de Opinião, são apresentadas as opiniões do jornal a respeito de alguns temas,

entre eles: saúde, educação, drogas, aborto, união homoafetiva (“homossexual”, de acordo com o ponto de vista adotado pelo jornal), cultura, mobilidade urbana, segurança pública, entre outros.

Em um momento em que a edição digital está consolidada e garante a liderança da *Folha* no mercado brasileiro, antes da apresentação da opinião do jornal sobre os mais diversos temas, afirma-se: “Sem deixar de abrir espaço a opiniões das mais variadas tendências, a *Folha* expressa seus próprios pontos de vista diariamente, por meio de textos não assinados, chamados, na tradição da imprensa escrita, de editoriais” (FOLHA, 2018, grifo nosso). No fragmento destacado, o jornal reivindica para si a função didática de definir o gênero ao passo que representa um auditório, para usar o mesmo termo empregado por Volóchinov (2019), que supostamente não conhece a nomenclatura empregada pelo campo jornalístico, pelo menos não em sua versão mais tradicional, a da imprensa escrita.

Em 2014, quando a fusão entre as edições impressa e digital era, ainda, bastante recente, a introdução às Opiniões da Folha era completamente diferente. Nesse momento, o jornal não se mostrava compelido a definir os editoriais, e o leitor presumido, conseqüentemente, parecia dispor de conhecimentos acerca desse gênero do campo jornalístico:

Desde que circulou sua primeira edição, em 19 de fevereiro de 1921, a *Folha* não só acompanhou as inúmeras transformações ocorridas no Brasil e no mundo, mas também se viu transformada por elas. As opiniões que hoje expressa em seus editoriais são fruto de uma experiência acumulada nesses 93 anos. (FOLHA, 2014, grifo do autor).

Os títulos dos editoriais são concisos e, de forma recorrente, são constituídos por um sintagma nominal em que um nome é seguido por um adjetivo ou uma locução adjetiva. “Cidade sem teto” (CIDADE, 2020) e “Folia agigantada” (FOLIA, 2020) são alguns exemplos. Entre os recursos menos recorrentes na composição dos títulos, estão outras formas de construção nominal, exemplificada em “Desimpedido” (DESIMPEDIDO, 2020), e o emprego de sintagmas verbais, como em “Zelar pela retomada” (ZELAR, 2020) e “Insuflando ânimos” (INSUFLANDO, 2020).

De modo geral, se isolados, os títulos pouco favorecem a antecipação do tema. Seu estilo, a nosso ver, parece incitar a leitura do editorial por um leitor supostamente mais exigente que selecionaria o gênero discursivo, independentemente do tema. Além disso, as construções nominais valorativas, em alguma medida, condensam a opinião que é detalhada ao longo do editorial. Essa forma de construção dos títulos, prevista apenas

- | Jornalismo digital em perspectiva dialógica: uma análise do gênero editorial na *Folha de S.Paulo*

para editoriais e outros gêneros de caráter opinativo (FOLHA DE S.PAULO, 2018), se opõe àquela que dispõe de formas verbais, presente em número bastante reduzido no *corpus*, e que enseja algum tipo de ação, movimento.

A opção por apresentar uma interpretação no título, construir uma verdade, ganha um reforço visual com a fotografia em preto e branco que ilustra os editoriais (vide Anexo). O registro em preto e branco, recurso muito utilizado no campo jornalístico quando havia fortes restrições para a impressão em cores, algo completamente superado pelo jornalismo digital, cria uma realidade diferente da concebida pelas fotografias coloridas, impõe um caráter mais atemporal àquilo que é registrado dessa forma. Nos editoriais, a fotografia em preto e branco diz mais sobre a *Folha* do que sobre aquilo que é retratado, dado seu caráter ilustrativo. O *Manual da redação* prescreve a ilustração de todo texto presente nas plataformas digitais por pelo menos uma imagem (FOLHA DE S.PAULO, 2018). Por meio da fotografia em preto e branco, o jornal reitera, de modo conservador, seu caráter de formador de opinião. É como se as formas de produzir e colocar enunciados em circulação pudessem ser reorganizadas, refeitas, remodeladas a partir da internet, mas não a função social do jornalismo profissional de transcender o conteúdo noticioso. Em seu projeto editorial mais recente, essa função, pautada na difusão de opiniões consideradas qualificadas, é reiterada como algo que estimula o exercício da cidadania e contribui para o desenvolvimento das ideias e da sociedade (JORNALISMO, 2017).

Outro aspecto relacionado à ilustração dos editoriais refere-se à recorrência de uma mesma fotografia da fachada do Banco Central do Brasil em diferentes enunciados sobre a atuação da instituição. No período apurado, foram publicados três editoriais com o mesmo registro do Banco Central e um quarto editorial em que a fachada do edifício é registrada sob um ângulo mais fechado. A regularidade do registro fotográfico parece indicar o diálogo com um leitor para quem, presumidamente, a atuação do Banco Central é árida, distante. Nesse contexto, a *Folha* parece assumir o papel de cooperar com esse leitor, criar uma memória, fixando, para isso, uma mesma imagem da instituição.

Os subtítulos, por sua vez, mantêm o posicionamento evidenciado no título ao mesmo tempo em que resumem a notícia que serviu de mote ao editorial. É exemplar desse processo o subtítulo do editorial “Zelar pela retomada”, de 8 de fevereiro de 2020: “Diante de sinais de fragilidade na economia, BC acerta em reduzir juros de novo” (ZELAR, 2020).

Juntos, antetítulo, título e subtítulo (elementos reproduzidos na primeira página da edição digital) sintetizam o conteúdo do editorial e colocam em cena o fato de que o leitor poderia prescindir da leitura do restante do enunciado, o que reforça o diálogo com um leitor com pouca disponibilidade de tempo para ler. O disposto no manual do jornal

a respeito de títulos e subtítulos de notícias reforça nossa leitura a respeito dos editoriais: “Títulos e subtítulos constituem o principal, quando não o único ponto de contato de muitos leitores com a notícia” (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 118).

Esse mesmo leitor é presumido por meio da fragmentação dos enunciados em inúmeros parágrafos. De acordo com o manual do jornal, “parágrafos curtos tornam o texto visualmente convidativo, oferecem uma pausa para respirar e encorajam o leitor a seguir em frente, o que é ainda mais importante nas plataformas digitais. Grandes blocos de texto, sem nenhuma quebra, desestimulam o início da leitura” (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 146). Como forma de estimular a leitura dos textos, a *Folha* prescreve a conversão de orações longas em curtas e a escrita de parágrafos com cerca de 220 caracteres.

A estrutura composicional, o conteúdo temático e o estilo dos editoriais dialogam com o que prescreve o *Manual da redação*, como vimos apontando, e, também, com as mudanças implementadas na última reforma gráfica.

Embora, de modo geral, as normas prescritas no manual estejam mais voltadas para a redação de gêneros informativos, afirma-se sobre o editorial:

Na *Folha*, seu estilo deve ser ao mesmo tempo incisivo e elegante, com registro mais formal que o das reportagens, mas sem incidir em linguagem empolada. Espera-se que apresente a questão de forma concisa e equilibrada, desenvolva argumentos defendidos pelo jornal, refute opiniões opostas e chegue a uma conclusão. (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 137, grifo do autor).

Com relação à reforma gráfica, de acordo com Haddad (2010), a “série de alterações visuais é fundamental para amparar as mudanças editoriais da *Folha*, que preveem um jornal mais sintético na sua forma e mais analítico e interpretativo no conteúdo”.

No interior da própria *Folha*, a proposta de tornar o jornal “mais fácil de ler” (FOLHA, 2010) e oferecer enunciados, a um só tempo, mais sintéticos e analíticos não foi recebida sem polêmica. Em *O jornal do futuro* (2010), documentário sobre as mudanças decorrentes da integração das equipes de jornalistas responsáveis pelas edições impressa e *on-line* e da reforma gráfica, ao ouvir que os textos seriam menores, porém mais analíticos, o colunista Marcelo Coelho reage perguntando como se faz isso, visto que não lhe parece possível reunir os dois critérios em um mesmo texto. Otávio Frias Filho responde distinguindo dois “corredores de leitura”: um deles seria formado pelo que ele chama de “noticiário *commodity*”, “bem feito e bem sintético”, e o outro atenderia os 25% dos leitores “com um grau de exigência maior”, “com mais disponibilidade para ler” e “mais interesse”. Para estes, os textos seriam mais longos.

A suposição de que os editoriais, por seu teor analítico e extensão, sejam destinados a uma pequena parcela do público leitor da *Folha* não encerra o trabalho a que nos propusemos. Nossa equação é um pouco mais complexa e pretende extrair dos próprios enunciados sinais das condições sociais e históricas que os arquitetaram. Os levantamentos relacionados ao conteúdo e à estrutura composicional que fizemos até aqui não deixam dúvidas de que, por meio de seus editoriais, o jornal dialoga com um leitor nem tão exigente, nem tão interessado, nem tão disponível, nem tão especializado como a declaração de Frias Filho e o trabalho de Viggiano podem sugerir, exceto pelo estilo dos títulos e seleção de alguns assuntos. Sendo assim, passaremos a detalhar aspectos imbricados à estrutura composicional e ao estilo como forma de detalhar as características do leitor presumido. Para tanto, consideraremos que “muito da estrutura formal dos textos vai definir seu estilo, que, por sua vez, também influenciará na escolha dos elementos formais do enunciado” (CRISTÓVÃO, 2012, p. 105).

A introdução dos editoriais, cuja extensão recobre vários parágrafos, apresenta, pelo menos, duas formas típicas. Em uma delas, alude-se mais diretamente, no primeiro parágrafo, à notícia que motivou a escrita do texto opinativo, como exemplificado em:

Os estados de São Paulo e Rondônia se somam à vanguarda do atraso ao censurar, nos últimos dias, livros de autores consagrados da literatura nacional e internacional.

Cidades como Rio de Janeiro e Porto Alegre já marcharam ao obscurantismo no ano passado, com a censura a uma publicação em quadrinhos na Bienal do Livro carioca, a mando do prefeito, e a retirada de charges políticas na Câmara Municipal da capital gaúcha, por ordem da presidente da Casa. (CENSURA, 2020).

Na outra forma, de caráter bem mais abrangente, remonta-se a fatos sociais, históricos, políticos e/ou culturais que, na perspectiva do jornal, estão no âmago do assunto em pauta. O procedimento que, no fragmento a seguir, se estende pelos três primeiros parágrafos, assemelha-se ao que, no jargão jornalístico, é referenciado como “nariz de cera”, uma forma de introdução que pode ser cortada sem prejuízo informativo e que, nos textos noticiosos, deve ser evitada (FOLHA DE S.PAULO, 2018).

Mazelas relacionadas à execução de obras públicas ocupam, há muito, lugar de destaque na lista de disfuncionalidades do Estado brasileiro.

As causas desse fenômeno são múltiplas e atávicas: planejamento inepto, entraves burocráticos, distribuição intermitente de recursos, gestão deficiente e, não menos importante, corrupção.

Combater essa chaga, que atinge os três níveis da administração, exige conhecê-la em detalhes – o que muitas vezes não acontece.

Em São Paulo, essa lacuna começou a ser preenchida recentemente. Desde abril de 2019, o Tribunal de Contas do Estado vem produzindo um amplo mapa de obras paralisadas ou atrasadas.

No seu levantamento mais recente, encerrado em janeiro, o órgão de controle listou 1.412 empreendimentos nessa situação. Desse total, 716 encontravam-se parados e 696 já deveriam ter sido inaugurados. Os contratos referentes às obras estagnadas somam cerca de R\$43 bilhões, dos quais já foram pagos R\$14,4 bilhões. (PARALISIA, 2020).

Em ambas as formas típicas de introdução, tanto pode-se presumir que o leitor conheça a notícia da qual o editorial trata quanto o contrário. Os *links*, em alguma medida, evidenciam esse diálogo com o leitor e, portanto, podem ser considerados um aspecto do estilo da *Folha*, visto que, de acordo com Brait (2008, p. 95), a respeito do escrito sobre os gêneros do discurso, “o estilo depende do modo que o locutor percebe e compreende seu destinatário e do modo que ele presume uma compreensão responsiva ativa”. Na perspectiva bakhtiniana, a estrutura composicional e o estilo são dimensões resultantes da relação estabelecida entre um sujeito e seu grupo social:

A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado. (BAKHTIN, 2016a, p. 62-63).

Na introdução de “Censura envergonhada” (2020), o *link* é empregado para remeter a uma notícia mais antiga sobre censura a publicações por governos estaduais e, em alguma medida, rememorar e/ou ampliar o conhecimento de mundo do leitor sobre práticas obscurantistas em curso no país. Na introdução de “Paralisia paulista” (2020), diferentemente, o *link* remete à notícia que motivou a produção do editorial, o que pode ser considerado um indício do pressuposto de que, para o jornal, talvez, o leitor não a conheça.

Tomando a presença de *links* nos parágrafos introdutórios dos editoriais como ponto de partida, verificamos que a remissão ao conteúdo noticioso que serviu de mote ao editorialista é o procedimento mais frequentemente empregado e perpassa temas ligados às mais diferentes seções do jornal. Já a presença de *links* aos quais estamos atribuindo a função de “ampliar o conhecimento de mundo do leitor”, embora ocorra com menos frequência, parece sofrer certa coerção do conteúdo temático. Esse tipo de *link* foi encontrado em editoriais cujo tema estava relacionado às seções Mundo, Cotidiano e Mercado, mas não em editoriais relacionados a Poder. Os editoriais sobre questões políticas apresentam, na introdução, *links* que remetem à notícia motivadora. No outro caso, destaca-se o fato de que a remissão leva a enunciados por meio dos quais evidencia-se a presunção de que o leitor também não tenha tanto conhecimento sobre o tópico em pauta.

No editorial “O brexit consumado”, de 2 de fevereiro de 2020 (O BREXIT, 2020), embora haja, na introdução, o pressuposto de que o leitor conheça a notícia, o *link* remete a “E se o brexit fosse contado como o divórcio de um casal?”, um texto em que “a *Folha* reconta a saída do bloco como se fosse o fim do casamento entre duas pessoas: o britânico Paul e a francesa de raízes alemãs, jeito italiano e charme belga Marie Müller” (FINOTTI; OLIVA, 2020). Outro exemplo é encontrado no editorial “Melhora com risco”, de 4 de fevereiro de 2020 (MELHORA, 2020), cujo *link* introdutório remete a “Real, 25, é a moeda mais longeva da história recente do país” (PILAGALLO, 2019), uma reportagem com linguagem acessível, várias imagens, uma linha do tempo das moedas brasileiras a partir de 1942 e esparsas informações sobre inflação.

Esses exemplos evidenciam um diálogo com um leitor presumidamente despreparado e sem muita disponibilidade de tempo para ler: ora desconhece a notícia a partir da qual a *Folha* se posiciona – sobretudo quando se trata do noticiário político –, ora desconhece questões inerentes a ela, mas pode acessá-las por meio de textos fáceis, curtos, com predomínio do imagético e que, aparentemente, pertencem ao mesmo conjunto de textos definido por Frias Filho como “noticiário *commodity*”. O *Manual da redação*, por sua vez, reforça o diálogo com esse leitor, sobretudo em relação ao conteúdo informativo:

Convém assumir que o leitor desconhece fatos precedentes relacionados a uma notícia que se divulga. A memória recente dos eventos precisa ser considerada na elaboração de um texto. O jornalista também deve avaliar a pertinência de incluir outros elementos para a *contextualização* (históricos, sociais, estatísticos e culturais). (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 75, grifo do autor).

A argumentação, parte do editorial que concentra a análise e interpretação de um acontecimento, se dá por meio da recuperação de fatos históricos, indicação de dados estatísticos, apresentação de prós e contras, divulgação de estudos e levantamentos realizados pelo próprio jornal e/ou por outras instituições e evocação da Constituição (“a Carta”, “Lei Maior”). “Cidade sem teto”, editorial de 1º de fevereiro de 2020 sobre o aumento do número de desabrigados na capital paulista, é ilustrativo de parte dos argumentos mobilizados (vide Anexo).

Nesse editorial, a apresentação dos dados indicados pela administração municipal e sua contestação por um movimento social, em alguma medida, visa incorporar ao editorial uma aura de objetividade. O efeito de sentido decorrente das provas mobilizadas na argumentação é o de que, embora a *Folha*, por meio de seus editoriais, expresse uma opinião, a realidade é tratada de forma não enviesada. Nossa leitura pode ser validada pela forma como o jornal se posiciona diante da divergência entre os dados, por meio de “Seja como for”. A expressão funciona como um marcador discursivo cuja função é a de não vincular a *Folha* a nenhuma das posições que divergem sobre a quantidade de moradores de rua na cidade de São Paulo. Desse modo, afirma-se, para o leitor, a imparcialidade do jornal e procura-se garantir o compromisso ético entre eles.

Pode-se dizer que a FSP [*Folha de S. Paulo*] constrói de si uma imagem cujo traço principal é a autonomia, de que decorre a ideia de isenção. Mais do que uma estratégia de *marketing*, trata-se, acreditamos, de uma estratégia de mitificação que, uma vez realizada, faz muito mais do que vender jornais. Como dissemos, depois de mitificado, um discurso como o jornalístico pode silenciar o que não é de seu interesse, homogeneizar conflitos, impor interpretações, e ainda conservar a imagem de discurso desideologizado. (CAVALCANTI, 2006, p. 132, grifo do autor).

Como também se pode observar no editorial em anexo, os *links* não se restringem à introdução, mas podem ser encontrados ao longo dos enunciados como um recurso argumentativo que visa confirmar as informações apresentadas. Para além do diálogo estabelecido entre o jornal e o leitor que, supostamente, a partir dos *links*, “anseia” por mais informação do que a disponibilizada nos editoriais, esses elementos hipermidiáticos são, também, um recurso eficaz de divulgação das matérias jornalísticas em um meio em que a audiência é medida pela quantidade de acessos.

Um recurso pouco utilizado, mas não menos importante para o desenvolvimento da argumentação, refere-se às formas de transmissão do discurso alheio, ou seja, “o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado”, mas ao mesmo tempo é

- | Jornalismo digital em perspectiva dialógica: uma análise do gênero editorial na *Folha de S.Paulo*

também *o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado* (VOLÓCHINOV, 2018, p. 249, grifo do autor).

No *corpus*, a *Folha* reserva o emprego de formas de discurso direto a enunciados proferidos especificamente por Jair Bolsonaro, Paulo Guedes e Donald Trump. Outras declarações de terceiros, diferentemente, são reproduzidas na forma de discurso indireto. Nas citações a seguir, declarações do presidente brasileiro e do secretário de cultura paulista, respectivamente, são relatadas:

Mais recentemente, o chefe do Executivo fez aceno também aos taxistas, com a demissão espalhafatosa do comando do Inmetro. “Mande todo mundo embora”, gabou-se, relatando que o órgão federal decidira fazer uma imposição – de fato questionável – de troca de tacógrafos. (INSUFLANDO, 2020).

Youssef, que representa uma face mais progressista do governo municipal, vê no Carnaval também um meio de manifestação política –que, aliás, se potencializa em ano eleitoral. O secretário já declarou que pretende fazer com que a festa seja um contraponto a ameaças à liberdade de expressão. (FOLIA, 2020).

No interior da perspectiva dialógica, “as formas de transmissão do discurso alheio expressam *a relação ativa* de um enunciado com outro” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 251, grifo do autor). Ademais,

[...] a transmissão é voltada para um terceiro, isto é, àquele a quem são transmitidas as palavras alheias. Essa orientação para um terceiro é especialmente, importante, pois ela acentua a influência das forças sociais organizadas sobre a percepção do discurso. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 252).

A distribuição das formas de transmissão do discurso alheio adotada nos editoriais da *Folha* indicia uma elaboração sintática, estilística e composicional com vistas à assimilação do enunciado do outro. O efeito de sentido decorrente da opção pelo discurso direto é o de preservação da integridade e da autenticidade do discurso transmitido. Entretanto, os discursos assim transmitidos intervêm no discurso transmissor de forma caricata, visto que rompem o estilo formal próprio do gênero. Ressalta-se, desse modo, o tom do enunciado, a *persona* responsável por ele (“gabou-se”, em mais de uma ocorrência, implica uma avaliação sobre o discurso citado e seu enunciador). Dado o caráter, muitas vezes, insólito das declarações das referidas autoridades, esse discurso

só pode ser transmitido pelo discurso jornalístico de forma estritamente demarcada na materialidade linguística. No outro caso, decorre da opção pelo discurso indireto um efeito de objetividade. O conteúdo, não a entonação, do discurso transmitido é incorporado como argumento de autoridade.

Com relação à orientação das formas de transmissão do discurso alheio, ao demarcá-las de forma tão estrita, o jornal coloca em evidência um posicionamento comedido, presumidamente compartilhado com o leitor. Por um lado, as declarações imponderadas são mantidas à distância, isoladas entre aspas, o que coincide com a prescrição de que “apenas declarações importantes ou inusitadas” devam ser deixadas entre aspas (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 157). Por outro lado, as declarações que não conflitam com o tom sóbrio adotado nos editoriais (e reiterado nas fotografias em preto e branco que os ilustram) figuram de forma mais integrada ao discurso transmissor, podem ser recebidas pelo leitor como uma extensão do discurso da *Folha*.

Essa sobriedade estilística é observada, também, por meio de escolhas lexicais que podem ser consideradas mais formais, entre elas: “vitupério”, “sismo”, “solvência”, “atávico”, “soldos”, “transigir”, “escorchante”, “carbonário”, entre outras. Essas palavras, que pululam em um ou outro enunciado, poderiam indiciar um léxico compartilhado com um leitor, talvez, mais intelectualizado. Entretanto, nota-se uma tentativa de não tornar o editorial ininteligível por um público mais amplo. Isso se dá, por exemplo, pela ocorrência do arcaísmo “alcaide” e da expressão coloquial “Entra prefeito, sai prefeito” em um mesmo enunciado (CORREDORES, 2020).

O que estamos descrevendo como sobriedade, ponderação, comedimento, em geral, perpassa a totalidade dos enunciados analisados e pode ser visto como efeito do posicionamento e da função social sustentados pelo jornal e da situação de interação entre o autor e o leitor por meio do gênero.

Na edição digital da *Folha*, o editorial se mostra como um gênero cindido entre um público leitor habitual, talvez, mais culto, com mais disponibilidade de tempo para ler textos analíticos e opinativos (como sugerem o estilo dos títulos, algumas escolhas lexicais, a extensão e finalidade dos enunciados e parte de seu conteúdo temático) e um público leitor eventual que, supostamente, nem sempre compartilha com o enunciador o conhecimento de notícias e outros dados inerentes a elas, em outras palavras, um público que, navegando pelo *site*, talvez visite a página do editorial e anseie pelo preenchimento de diferentes lacunas de informação, algo que, distintivamente, seria bem tolerado por um leitor mais experiente.

- | Jornalismo digital em perspectiva dialógica: uma análise do gênero editorial na *Folha de S.Paulo*

Considerações finais

Como procuramos mostrar ao longo da análise, a edição digital da *Folha de S.Paulo* aponta dois diferentes processos de responsividade pressupostos no diálogo estabelecido entre o jornal e o leitor.

O diálogo com um público leitor mais amplo e que, eventualmente, acessa as páginas do jornal se evidencia no conteúdo temático, na estrutura composicional e no estilo dos editoriais. O jornal procura se posicionar sobre assuntos que não se restringem à política e ao mercado financeiro como, outrora, admitiam integrantes do próprio campo, o que sugere um leitor menos especializado e mais afeito à expressão de opinião da *Folha* a respeito de questões cotidianas. Os enunciados são fragmentados em muitos parágrafos à moda dos *tweets*, enunciados de até 280 caracteres que predominam em uma conhecida rede social, o que coloca em cena um leitor aparentemente menos adaptado a massas textuais mais extensas. Seu antetítulo preanuncia o caráter opinativo do enunciado, o que remete a um leitor que, talvez, possa ser considerado distante da nomenclatura tradicionalmente adotada para os gêneros do campo jornalístico. Os *links*, por fim, vão tratando de preencher as lacunas de informação desse leitor que, presumidamente, não tem tanta disponibilidade de tempo para ler e parece despreparado, mas supostamente valoriza a objetividade e o comedimento.

É inequívoco que também intervém, nos editoriais analisados, um diálogo com outro tipo de leitor, visto como alguém que tem um domínio lexical mais amplo e cujo interesse pode ser aguçado mais pelo título e pelo gênero dos enunciados do que por seu tema.

A nosso ver, a arquitetônica, que expõe o diálogo do jornal com um leitor, presumidamente, eventual e outro habitual, é reveladora de um objetivo comercial bem definido: o jornal produz com foco na manutenção e na ampliação de seu público leitor. Se, por um lado, a manutenção pode ser garantida por meio de editoriais dotados de pretensa objetividade, apartidarismo e independência e da disponibilidade do conteúdo jornalístico em diferentes plataformas e suportes, a ampliação, por outro lado, parece depender do papel didatizante assumido pela própria *Folha* na formação desse público.

A análise que realizamos evidencia que o jornal, em sua lógica mercantilista, logra reunir, no gênero editorial, os dois “corredores de leitura” de que trata Frias Filho, o que, em alguma medida, contraria o caráter mais orgânico pretendido com a unificação das redações responsáveis pelas edições impressa e *on-line* e demonstra que os gêneros jornalísticos não são impermeáveis ao funcionamento do campo em que são produzidos e não podem ser destinados a um ou outro leitor distintivamente.

Agradecimentos

O presente trabalho é resultado de um projeto de pós-doutorado desenvolvido no Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Araraquara (SP).

Referências

A FOLHA e alguns passos que é preciso dar. **Folha de S.Paulo**, Projetos editoriais anteriores, São Paulo, 1981. Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projetos-editoriais-anteriores/1981-a-folha-e-alguns-passos-que-e-preciso-dar.shtml>. Acesso em: 10 abr. 2020.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016a. p. 11-69.

BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. *In*: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016b. p. 71-107.

BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 393-410.

BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 3. ed. Tradução Aurora Fornoni Bernadini *et al.* São Paulo: Editora UNESP, 1993. p. 13-70.

BRAIT, B. Estilo. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 79-102.

CAVALCANTI, J. R. **No “mundo dos jornalistas”**: interdiscursividade, identidade, ethos e gêneros. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

- | Jornalismo digital em perspectiva dialógica: uma análise do gênero editorial na *Folha de S.Paulo*

CENSURA envergonhada. **Folha de S.Paulo**, Opinião, São Paulo, 13 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/censura-envergonhada.shtml>. Acesso em: 5 maio 2020.

CIDADE sem teto. **Folha de S.Paulo**, Opinião, São Paulo, 1º fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/cidade-sem-teto.shtml>. Acesso em: 29 maio 2020.

COM crescimento digital, Folha lidera circulação total entre jornais brasileiros. **Folha de S.Paulo**, Poder, São Paulo, 21 abr. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/com-crescimento-digital-folha-lidera-circulacao-total-entre-jornais-brasileiros.shtml>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CORREDORES da lentidão. **Folha de S.Paulo**, Opinião, São Paulo, 21 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/corredores-da-lentidao.shtml>. Acesso em: 2 jun. 2020.

CRISTÓVÃO, A. **Fazendo gênero em jornalismo**: os projetos editoriais da *Folha de S.Paulo* em perspectiva dialógica. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

DÁVILA, S. Informação exclusiva de cara nova. **Folha de S.Paulo**, Poder, São Paulo, 22 maio 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2010/05/739057-informacao-exclusiva-de-cara-nova.shtml?origin=folha>. Acesso em: 7 abr. 2020.

DESIMPEDIDO. **Folha de S.Paulo**, Opinião, São Paulo, 7 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/desimpedido.shtml>. Acesso em: 22 abr. 2020.

FINOTTI, I.; OLIVA, D. E se o brexit fosse contado como o divórcio de um casal? **Folha de S.Paulo**, Mundo, São Paulo, 31 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/01/e-se-o-brexit-fosse-contado-como-o-divorcio-de-um-casal.shtml>. Acesso em: 28 maio 2020.

FOLHA atinge recorde de audiência com coronavírus. **Folha de S.Paulo**, Poder, São Paulo, 1 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/folha-atinge-recorde-de-audiencia-com-coronavirus.shtml>. Acesso em: 7 abr. 2020.

FOLHA lança domingo pacote de novidades. **Folha de S.Paulo**, Poder, São Paulo, 18 maio 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2010/05/736654-folha-lanca-domingo-pacote-de-novidades.shtml>. Acesso em: 4 maio 2020.

FOLHA DE S.PAULO. **Manual da redação**: as normas de escrita e conduta do principal jornal do país. 21. ed. São Paulo: PubliFolha, 2018.

FOLIA agigantada. **Folha de S.Paulo**, Opinião, São Paulo, 5 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/folia-agigantada.shtml>. Acesso em: 29 maio 2020.

FRIAS FILHO, O. Reflexão: 7 vidas do jornalismo. **Folha de S.Paulo**, Poder, São Paulo, 22 maio 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2010/05/739297-reflexao-7-vidas-do-jornalismo.shtml>. Acesso em: 7 abr. 2020.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. *In*: GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (org.). **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Paulo: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

GRILLO, S. V. de C. Esfera e campo. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 151-184.

HADDAD, N. Renovação gráfica. **Folha de S.Paulo**, Especial, São Paulo, 23 maio 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2305201011.htm>. Acesso em: 4 maio 2020.

HISTÓRIA da Folha. **Folha de S.Paulo**, Círculo Folha, São Paulo, [2000]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm. Acesso em: 7 abr. 2020.

INSUFLANDO ânimos. **Folha de S.Paulo**, Opinião, São Paulo, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/insuflando-animos.shtml>. Acesso em: 1 jun. 2020.

JORNALISMO digital é antídoto para notícia falsa e intolerância. **Folha de S.Paulo**, Projeto editorial, São Paulo, 30 mar. 2017. Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/introducao.shtml>. Acesso em: 10 abr. 2020.

- | Jornalismo digital em perspectiva dialógica: uma análise do gênero editorial na *Folha de S.Paulo*

MELHORA com risco. **Folha de S.Paulo**, Opinião, 4 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/melhora-com-risco.shtml>. Acesso em: 2 jun. 2020.

MELO, J. M de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NOVA campanha da Folha faz homenagem à propaganda histórica. **Folha de S.Paulo**, Mercado, São Paulo, 27 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/nova-campanha-da-folha-faz-homenagem-a-propaganda-historica.shtml>. Acesso em: 27 jun. 2020.

O BREXIT consumado. **Folha de S.Paulo**, Opinião, São Paulo, 1 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/o-brexit-consumado.shtml>. Acesso em: 2 jun. 2020.

O JORNAL do futuro. Direção de Fernando Grostein Andrade. Brasil: Spray Filmes, 2010. São Paulo: TV Folha, 2010. Arquivo de vídeo (9 minutos e 47 segundos), colorido. (versão reduzida). Disponível em: <https://mais.uol.com.br/view/4134608>. Acesso em: 4 maio 2020.

PARALISIA paulista. **Folha de S.Paulo**, Opinião, São Paulo, 20 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/paralisia-paulista.shtml>. Acesso em: 5 maio 2020.

PILAGALLO, O. Real, 25, é a moeda mais longeva da história recente do país. **Folha de S.Paulo**, Mercado, São Paulo, 30 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/paralisia-paulista.shtml>. Acesso em: 28 maio 2020.

ROMANI, B. Líder entre jornais, Folha completa 20 anos na internet. **Folha de S.Paulo**, Folha 20 anos na internet, São Paulo, 8 jul. 2015. Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/folha-20-anos-na-internet/a-folha-na-web/lider-entre-jornais-folha-completa-20-anos-na-internet.shtml>. Acesso em: 7 abr. 2020.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução, ensaio introdutório, glossário e notas de S. V. C. Grillo e E. V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. *In*: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 266-305.

ZELAR pela retomada. **Folha de S.Paulo**, Opinião, São Paulo, 8 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/zelar-pela-retomada.shtml>. Acesso em: 22 abr. 2020.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: MENDES, Heloisa Mara; MENDONÇA, Marina Célia. Jornalismo digital em perspectiva dialógica: uma análise do gênero editorial na *Folha de S.Paulo*. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 101-128, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 17/11/2020 | Aceito em: 23/01/2021.

Anexo

0 QUE A FOLHA PENSA

Cidade sem teto

Com salto no total de desabrigados, promessas devem ir além da campanha eleitoral

[f](#) [s](#) [t](#) [g+](#) [v](#) [...](#)



Pedestres passam em frente a morador de rua em São Paulo - Aloisio Mauricio/Fotoarena /Folhapress

11 fev. 2020 às 2h03

EDIÇÃO IMPRESSA

◀ Ouvir o texto A- A+

Números apresentados pelo prefeito de São Paulo, Bruno Covas (PSDB), em entrevista coletiva na sexta (31), quantificaram um drama social que os habitantes da cidade observam cotidianamente a olho nu: a população de rua atingiu a marca de 24.344 pessoas em 2019.

Trata-se de um salto de 60% em quatro anos —em 2015, eram 15,9 mil os moradores em tal situação.

A progressão é indissociável da grave recessão econômica que o país enfrentou e da morosidade com que se ensaia a retomada do crescimento. Nesses anos, marcados, entre outras dificuldades, por forte queda da indústria e perda de dinamismo do setor imobiliário, a capital registrou um aumento do desemprego de 13,2% para 16,6%.

O cenário em algumas regiões, em especial aquelas em que vivem dependentes de álcool e drogas pesadas, como o crack, é devastador.

Note-se que [os dados revelados pela prefeitura foram contestados](#) por pessoas que participaram da contagem. Alegando que áreas da cidade teriam sido esvaziadas antes do levantamento e que habitantes de barracos e favelas sob viadutos não foram computados, o Movimento Pop Rua estima que o número estaria em torno de 32 mil.

Seja como for, o fato é que uma verdadeira cidade de pessoas sem-teto vive nas ruas de São Paulo.

O quadro exige urgente melhoria das políticas públicas para o setor. Sabe-se, por exemplo, que [os albergues destinados a abrigar os sem-teto](#) têm mais de 5.000 vagas ociosas.

Muitas das pessoas abordadas por agentes públicos recusam-se a morar nesses locais, que adotam regras não raro hostis, como horários inflexíveis e proibição da guarda de carroças usadas para coleta de material reciclável —além de alimentação de má qualidade.

Na entrevista, Covas anunciou a intenção da prefeitura de aumentar investimentos e mudar algumas das estratégias até aqui adotadas. Seriam alterados os valores pagos aos encarregados de fazer a abordagem de moradores de rua, premiando os que forem mais bem-sucedidos na tentativa de conduzi-los voluntariamente aos albergues.

O prefeito também mencionou planos para ampliar a oferta de empregos públicos, como [zeladoria de parques e praças](#). Pretende-se, ainda, investir em prédios abandonados e regulamentar o artigo da lei 17.252, que prevê vagas para pessoas nessa situação por empresas contratadas pelo município.

Além dos percalços da economia, o drama dos sem-teto agrava-se com a insuficiência de investimentos em habitação social, problema, na realidade, de dimensões nacionais.

São, decerto, elogiáveis as intenções manifestadas pelo prefeito. Resta saber se serão efetivadas ou se farão parte das eternas listas de promessas em anos eleitorais.

editoriais@grupofolha.com.br

[f](#) [s](#) [t](#) [g+](#) [v](#) [...](#)

receba notícias da folha

Cadastre seu e-mail

relacionadas

 São Paulo para as próximas gerações

São Paulo e a agenda necessária para o Brasil

Em que cidade o prefeito vive?

Amazônia prova que é possível conciliar preservação e produção

Empresas, produtores rurais, ONGs e sociedade se unem para proteger a floresta e promover o desenvolvimento sustentável da região

EstúdioFOLHA:  projetos patrocinados

veja também



PROJETO EDITORIAL

Folha destaca a relevância do jornalismo profissional para combater notícias falsas

ENTRE CHEIROS E TEXTURAS, TRIAGENS E MISTURAS: A EXCLUSÃO SOCIAL DA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA TENSIVA NO CONTO “O BIFE E A PIPOCA”

*AMONG SMELLS AND TEXTURES, SCREENING AND
MIXTURES: SOCIAL EXCLUSION FROM THE SEMIOTIC
TENSIVE PERSPECTIVE IN THE SHORT STORY
“O BIFE E A PIPOCA”*

Sonia MERITH-CLARAS¹

Resumo: É a *afetividade*, ou ainda, as modulações sensíveis dos atores do enunciado no conto “O bife e a pipoca” de Lygia Bojunga, demarcando como as diferenças sociais são articuladas no projeto enunciativo do enunciador, que este estudo tem como propósito. Isto é, escolhas enunciativas que recaem sobre o *crer* do enunciatário, as modalidades epistêmicas, articuladas em percursos figurativos e temáticos que reforçam uma leitura sensorial na busca pela adesão afetiva do leitor. Para ancorar teoricamente a análise, recorreremos à Semiótica Discursiva, de linha francesa, no que tange ao estudo do plano de conteúdo, e à Semiótica Tensiva para tratar dos *afetos*, no estudo dos sentidos depreendidos no conto. Por fim, a partir dos operadores de triagem e mistura, o estudo busca enfatizar como a obra retrata a distinção de classes sociais e, por conseguinte, a exclusão social.

Palavras-chave: Percursos figurativos e temáticos. Modalidades epistêmicas. Triagem e Mistura.

Abstract: The current analysis deals with affection, or even, the sensitive modulations by the agents of the enunciation in Lygia Bojunga’s “O bife e a pipoca”, where social differences are articulated within the enunciation project of the enunciator, which this study has as its purpose. The enunciative choices fall on the belief of the enunciator, the epistemic modes articulated in figurative and thematic routes that reinforce a sensorial reading for the reader’s affection adherence. Regarding the content plan, the analysis is anchored in the French Discursive Semiotics, while the Tensive Semiotics is considered to discuss the affections within the study of feelings in the short story. At last, the current analysis underscores differences in social classes and thus social exclusion through screening and mixture.

Keywords: Figurative and thematic routes. Epistemic modalities. Screening and mixtures.

¹ Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava, Paraná, Brasil;
soniacleme@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-7219-085X>

- | Entre cheiros e texturas, triagens e misturas: a exclusão social da perspectiva da semiótica tensiva no conto “O bife e a pipoca”

Introdução

Dedicada ao público infanto-juvenil, a premiada obra de Lygia Bojunga, *Tchau*, reúne quatro narrativas: “Tchau”, “O bife e a pipoca”, “A troca e a tarefa” e “Lá no mar”. Publicado em 1984, o livro ganhou o prêmio “O melhor para o Jovem” (FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) e foi incluído na seleção dos melhores livros da Biblioteca Internacional da Juventude em Munique, na Alemanha. Dos contos da autora, selecionamos “O bife e a pipoca” para nosso estudo, uma história cheia de cheiros, texturas etc., devendo ser lida principalmente pelos sentidos. Além de explorar de maneira intensa a sensorialidade do leitor, os percursos figurativos que recobrem a história dos dois novos amigos, Tuca e Rodrigo, colocam em evidência temáticas do contexto de crianças e adolescentes, oriundas da convivência na escola, na família e na sociedade.

Para recontar (analisar) a história de Tuca e Rodrigo, narrada a partir do paralelo de vida dos dois, das suas condições sociais e financeiras, este trabalho busca respaldo teórico na Semiótica Discursiva, incluindo a proposta da Semiótica Tensiva para o estudo dos *afetos* – a percepção sensível que envolve sujeito e objeto.

Incorporada mais recentemente aos estudos já desenvolvidos pela Semiótica Discursiva, a abordagem Tensiva tem possibilitado uma análise em que os “estados de alma”, a afetividade, ganham evidência, como parte das estratégias enunciativas do enunciador. Conforme Zilberberg (2006, p. 169), a afetividade é assumida pela Semiótica “sob a denominação de intensidade, como grandeza regente do par derivado da esquizia inaugural”, quer seja, de uma tensividade, “o lugar imaginário em que a intensidade – ou seja, os estados de alma, o sensível – e a extensividade – isto é, os estados de coisas, o inteligível – unem-se uma a outra”. Isto é, “a intensidade retrata o nosso mundo subjetivo, nossas ‘medidas’ afetivas (os nossos estados de alma, nos termos da semiótica)”, ao passo que “a extensividade refere-se, em princípio, ao mundo exterior, à quantidade dos elementos envolvidos (aos estados de coisas), ou, mais precisamente, ao grau de abrangência dos fatos abordados” (TATIT, 2019, p. 17). É a junção, portanto, da intensidade/extensividade, conforme propõe Zilberberg (2006, p. 169), que “define um espaço tensivo de recepção para as grandezas que têm acesso ao campo de presença”. Lembrando que a intensidade rege a extensividade, uma vez que “os estados de coisas estão na dependência dos estados de alma”.

Para o estudo da dimensão da intensidade, a proposta Zilberberguiana (2006, 2011) se assenta nas subdimensões do andamento e da tonicidade. Por sua vez, na dimensão da extensividade há as subdimensões da temporalidade e espacialidade. É o andamento, a velocidade de um devir, contudo, que deve sempre estar em evidência.

“O andamento é o senhor, tanto dos nossos pensamentos, quanto de nossos afetos, dado que ele controla despoticamente os aumentos e as diminuições constitutivas de nossas vivências” (ZILBERBERG, 2006, p. 168).

O estudo da afetividade se articula ao percurso gerativo de sentido, em se tratando do plano de conteúdo. Segundo a proposta greimasiana, todo objeto semiótico pode ser definido de acordo com o modo de sua produção, na perspectiva da geração. Assim, “os componentes que intervêm nesse processo se articulam um com os outros de acordo com um ‘percurso’ que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais complexo.” (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 232). Há bastante tempo disseminado nos estudos da área, o percurso gerativo do sentido compreende três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo, passíveis de serem estudados separadamente, organizados por um componente sintático e um componente semântico.

Desses níveis, o discursivo (mais explorado no texto em pauta) é o patamar mais próximo da manifestação textual, e por isso mais complexo e enriquecido que os demais. É nesse nível, portanto, que se dá o estudo das projeções da enunciação no enunciado, bem como os recursos que envolvem figurativização e tematização, estratégias utilizadas pelo enunciador no intuito de que as coisas, os ditos pareçam verdadeiros ao seu enunciatário (BARROS, 2005). Os procedimentos de tematização – que consistem em tematizar um discurso formulando os valores de modo abstrato, organizando-os em percursos – e os procedimentos de figurativização – que visam recobrir os percursos temáticos abstratos, atribuindo-lhes traços de revestimento sensorial –, vão garantir as isotopias de leitura de um texto/discurso.

Essa dimensão figurativa da significação, a mais superficial e rica, a do imediato acesso ao sentido, é tecida no texto por isotopias semânticas, e recobre com toda sua variedade cintilante de imagens as outras dimensões, mais abstratas e profundas. Ela dá ao leitor, assim como ao espectador de um quadro ou de um filme, o mundo a ver, a sentir, a experimentar. (BERTRAND, 2003, p. 29).

É a partir desses conceitos, e de outros que serão melhor detalhados ao longo da análise, que passamos a construir um percurso de leitura da obra de Lygia Bojunga. Um fazer analítico sobre as tensões que constituem o objeto semiótico, um projeto persuasivo do enunciador, isto é, um *fazer crer* que “é obra do enunciador encarregado do fazer persuasivo” e do *crer* que “corresponde, por conseguinte, à instância do enunciatário que exerce seu fazer interpretativo” (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 107), modalidades veridictórias construídas discursivamente.

- | Entre cheiros e texturas, triagens e misturas: a exclusão social da perspectiva da semiótica tensiva no conto “O bife e a pipoca”

A descrição do enredo na perspectiva do arco tensivo

- Você gosta de pipoca? – (Estavam no meio da aula de português.) (BOJUNGA, 2003, p. 54).

“O bife e a pipoca” – conto narrado em terceira pessoa – retrata a vida de crianças com estilos de vida muito diferentes. Tuca é morador da favela, onde vive com mais dez irmãos, enquanto Rodrigo é filho único e tem poder aquisitivo suficiente para uma boa educação e subsistência. É na escola onde Rodrigo estuda que os meninos se conhecem, por ocasião de uma bolsa de estudo que Tuca ganha. À narrativa são incorporadas as cartas que Rodrigo escreve para Guilherme, seu amigo e antigo colega de classe, o qual mudou de cidade.

É a gentileza de Rodrigo, ensinando para Tuca os conteúdos que ele não acompanhava na nova escola, durante o recreio, que motiva Tuca a convidá-lo para comer pipoca em sua casa. Rodrigo não só aceita, como retribui o convite: – “Então você se encontra comigo na minha casa: a gente almoça e depois vai.” (BOJUNGA, 2003, p. 55). É assim, indo à casa do outro, que as diferenças existentes entre os dois novos amigos são percebidas pelos atores do enunciado.

Considerando a perspectiva das modulações tensivas, a visita de Tuca à casa de Rodrigo pode ser descrita de duas maneiras. Uma primeira percepção mais da ordem do inteligível, de reconhecimento dos ambientes, da condição de vida e realidade do novo amigo, e outra em que a percepção é da ordem do acontecimento, de um máximo sensível, que é a cena do almoço.

Ao chegar ao prédio, Tuca vai observando e se encantando com o que vê: “Ele nunca tinha pisado num edifício daqueles, com porteiro, tapete, espelho por todo lado, elevador subindo macio, empregada abrindo a porta pra ele entrar” (BOJUNGA, 2003, p. 55). Atento a todos os detalhes – a partir de um tempo alongado e espaço difuso, de percepção subjetiva do sujeito – Tuca se demora percebendo os móveis, os ambientes, as roupas:

E quando viu o tamanho da sala; e quando entrou no quarto que o Rodrigo tinha (só pra ele?!) com TV, aparelho de som, armário em toda a parede (uma porta estava aberta, nossa! Quanta roupa lá dentro);

e foram na geladeira (que é isso! que cozinha tão grande! Que cozinheira de uniforme! que monte de comida lá dentro da geladeira!) [...] o olho do Tuca ficou feito hipnotizado pelo lá-dentro da geladeira”. (BOJUNGA, 2003, p. 56).

Essa percepção difusa, demorada nos detalhes observados, possibilita a Tuca divagar nos seus pensamentos: “Lá na cozinha do Rodrigo o Tuca tinha se esquecido da vida. Só fazia era olhar pros bifés que a cozinheira temperava (o dedo dela também se enterrava na carne de um jeito tão fácil, tão fundo!)” (BOJUNGA, 2003, p. 61). E mais, trazer à tona lembranças, como a dos bifés que ele observava do lado de fora do restaurante “lá da esquina”:

E sempre, sempre! os fregueses estavam comendo bife.

A companhia do bife mudava muito:

com arroz

com salada

com aspargos

com ovo em cima ...

A cor do bife mudava um pouco:

ao ponto

mal passado

bem passado.

Mas o que nunca mudava era o jeito fundo que o garfo e a faca entravam no bife. (BOJUNGA, 2003, p. 60).

Não se trata, portanto, de uma força de presença arrebatadora, que impacta o sujeito, mas que o leva a sentir, gradativamente, o que observa, o que conhece. É um sentir sensível, em princípio, átono e desacelerado no eixo da intensidade.

As diferenças sociais, ou ainda, o reconhecimento de como é o mundo, a vida de Rodrigo – a fartura de alimentos, o tamanho dos ambientes, os móveis, os eletrodomésticos, as roupas, a presença de porteiro, empregada – emergem como valores eufóricos, positivos para Tuca. São as expressões utilizadas por Tuca que revelam esse sentir eufórico: – *só pra ele?! nossa! / Quanta roupa lá dentro, que é isso! / que cozinha tão grande! que monte de comida lá dentro da geladeira!* Não se trata, portanto, de uma percepção totalmente desacelerada e átona (*menos menos*), se observadas essas expressões de surpresa. A força afetiva que toma conta do sujeito é de um movimento gradativo, que apesar de não ser acelerado e tônico, a ponto de ser abrupto, as “medidas” afetivas podem ser descritas como um *menos* que vai em direção ao *mais*. Quanto mais conhece, mais se encanta, mais admira, ou ainda, mais fica impactado.

A cena do almoço, contudo, inverte significativamente essas “medidas” afetivas. O que era observado tranquilamente por Tuca, de maneira desacelerada e átona, num tempo alongado e espaço difuso de percepção inteligível, vai inverter-se para um aceleração e

- | Entre cheiros e texturas, triagens e misturas: a exclusão social da perspectiva da semiótica tensiva no conto “O bife e a pipoca”

tonicidade, uma vez que Tuca vai ter de lidar com o excesso de informação e preocupação com as louças, os talheres, o comportamento à mesa:

Foi só o Tuca sentar pra almoçar que o olho não teve mais sossego: pra cá, pra lá, pra cá, pra lá, querendo ver disfarçado o garfo que o pai de Rodrigo pegava, o jeito que o Rodrigo dava no guardanapo, o que que a mãe de Rodrigo fazia com o pratinho do lado, e mais as duas facas, e mais os três garfos, e mais a colher, e nossa! que monte de coisa em cima daquela mesa, e o olho pra cá, pra lá, pra cá, pra lá, na aflição de copiar. (BOJUNGA, 2003, p. 62).

Esse olhar *pra cá, pra lá, pra cá, pra lá* indica que o tempo de percepção subjetiva é breve e o espaço, concentrado, ao mesmo tempo que o *sentir* vai gradativamente arrebatando o sujeito. Os saltos tensivos vão sendo produzidos na sensação do gosto dos alimentos: “que coisa mais gostosa era aquela da tigela” (BOJUNGA, 2003, p. 63), nas perguntas embaraçosas que são feitas a ele, sobre ele ser filho único como o Rodrigo, ou sobre onde seu pai trabalha. Acentos tônicos que gradualmente apontam para um (*mais mais*): “O Tuca sentiu a testa suando. Em vez de responder, esvaziou a tigelinha.” (BOJUNGA, 2003, p. 63).

A chegada dos bifés trazidos pela empregada, contudo, vão proporcionar o arrebatamento do sujeito, de uma força máxima de densidade de presença. Lembrando que Tuca nunca tinha comido bifés, só os admirava e desejava.

O Tuca ficou olhando pro enorme bife que tinha chegado na frente dele. Enxugou a testa com a mão. Enxugou a mão no guardanapo. Meio que tomou fôlego. Pegou o garfo e espetou no bife, ah, que coisa mais linda: tanta força pra quê! o garfo tinha se enterrado macio que só vendo, e o Tuca, entusiasmado, pegou a faca pra cortar o bife do mesmo jeito que o irmão mais velho (carpinteiro) pegava o serrote pra cortar a madeira. Atacou! O bife não aguentou: escorregou pra fora do prato, deslizou pela toalha levando de companhia o ovo frito, duas rodela de beterraba e um monte de grãos de arroz. Foi tudo estatelar no tapete. Que era bege bem clarinho. - Ai! - O Tuca gemeu. E mais que depressa levantou pra catar o almoço do chão. (BOJUNGA, 2003, p. 64).

A cena do almoço, na maneira como é figurativizada, representa a ruptura instaurada pelo acontecimento, que atinge em cheio o sujeito. Todo o campo de presença é tomado, com andamento acelerado, o que faz o sujeito suar/gemer: “enxugou a testa”,

“enxugou a mão”, “tomou fôlego”, “gemeu”. Ou ainda, “um sobrevir que comove o discurso na qualidade de recurso próximo, de não-resposta imediata” (ZILBERBERG, 2011, p. 21).

A sequência dos fatos só intensifica esse desconforto, haja vista que toda a família se mobiliza em torno do tapete, sobre manchar ou não, sobre o que fazer para limpá-lo: “Ah, coitado do meu tapete! É talco demais: ele vai ficar manchado, aposto.” (BOJUNGA, 2003, p. 67). E, apesar de a mãe de Rodrigo pedir para a empregada fazer outro bife, Tuca recusa, uma forma de sair desse máximo de desconforto/saturação: “a fome tinha sumido; e tinha aparecido uma vontade danada de fazer que nem a fome e sumir também.” (BOJUNGA, 2003, p. 65).

O bife caído no chão pode ser representado pelo modo de concessão (embora *a* então *b*), subvertendo a lógica implicativa (se *a* então *b*) (ZILBERBERG, 2006). Ou seja, embora tenha participado do almoço, Tuca não come, reafirmando valores disfóricos para o sujeito: “O Tuca e a mesa-de-almoço se olharam feito se despedindo; o guardanapo enxugou um suor que pingava da testa; a cadeira foi pra trás para deixar o Tuca levantar.” (BOJUNGA, 2003, p. 67).

Se na visita à casa de Rodrigo o narrador prioriza apenas o olhar de Tuca sobre o mundo do colega, ao narrar a subida de Rodrigo à favela, ele (o narrador) contrasta a percepção de Rodrigo à aflição de Tuca, agora consciente das diferenças existentes entre eles, o que lhe causa arrependimento de convidar o colega para comer pipoca: “– É melhor a gente ficar aqui por baixo: tá muito calor pra subir o morro.” (BOJUNGA, 2003, p. 68). É possível falarmos em uma continuidade de presença, do *sentir* de Tuca acerca das diferenças sociais iniciadas na casa de Rodrigo, e que de forma ascendente vão se intensificando:

O caminho que subia era estreito. O Tuca foi na frente. Quase correndo. Feito querendo escapar da discussão que crescia lá dentro dele: um Tuca dizendo que amigo-que-é-amigo não tá ligando se a gente mora aqui ou lá; o outro Tuca não acreditando e cada vez mais arrependido da ideia de comer pipoca. (BOJUNGA, 2003, p. 68).

Semelhante ao que ocorre com Tuca na casa do amigo, Rodrigo vai detendo-se em todos os detalhes da favela, percorrendo com o olhar, sentindo o cheiro, demorando-se e, ao mesmo tempo, impactando-se com o que observa. A diferença, contudo, está nos valores postos em jogo pelo enunciador ao enunciatário. Se para Tuca a realidade de outro é eufórica, do cheiro bom do talco, do elevador subindo macio, do bife macio, Rodrigo se choca com um mundo ainda desconhecido para ele, o que faz com que o valor

- | Entre cheiros e texturas, triagens e misturas: a exclusão social da perspectiva da semiótica tensiva no conto “O bife e a pipoca”

de impacto seja negativo: “E o Rodrigo ia olhando cada barraco, cada criança, cada bicho, vira-lata, porco, rato, olhando tudo que passava: bonito? estrela? cadê?! (BOJUNGA, 2003, p. 69). Nesse sentido, as cifras tensivas não se mostram de maneira idêntica nos dois casos. Para Rodrigo, a densidade de presença, de um excesso de mais (*mais mais*) é mais intensa do que foi para Tuca, haja vista que é uma percepção ruim/negativa, daí mais impactante e desconfortável para o sujeito. Mais arrebatador, incômodo: “e o Rodrigo parava no caminho pra ficar vendo como é que alguém podia morar num troço tão parecendo que ia despencar se a gente desse um soprão” (BOJUNGA, 2003, p. 69). A percepção, de maneira gradativa, aumenta a força intensiva, o que faz com que o tempo e espaço de percepção do sujeito seja cada vez mais breve e concentrado:

[...] o Rodrigo ia olhando pro barraco: dois cômodos pequenos, um puxado lá fora pro fogão e pro tanque, e a tal porta fechada que o garoto tinha mostrado e que devia ser um outro quarto; ou quem sabe o banheiro? Juntando tudo, o tamanho era menor que a cozinha da casa dele; e eram onze irmãos morando ali! E mais a mãe?! (BOJUNGA, 2003, p. 70-71).

Enfim, cada figura (barraco, criança, bicho, vira-lata, porco, rato) é um acento que aumenta a força, tonificando a condição subumana em que as pessoas vivem, de uma percepção sensível do sujeito acerca da vida das pessoas que estão à margem da sociedade: “– Será que criança nenhuma tinha sapato? / E aquele cheiro de lata de lixo? Não ia passar não? [...] E toca a querer assobiar pra disfarçar o susto de ver tanta gente assim, vivendo tão feito bicho.” (BOJUNGA, 2003, p. 69).

É quando está dentro do barraco de Tuca, contudo, que a força do abrupto toma conta de Rodrigo. Depois de ter apresentado o barraco e os irmãos menores a Rodrigo, Tuca quis ir embora, mas Rodrigo insiste em comer as pipocas. Elas tinham sido preparadas pela irmã, antes de sair, e depois trancadas no quarto. Contrariado, Tuca abre a porta: “Era um quarto com uma cama, um armário velho de porta escancarada e uns colchões no chão” (BOJUNGA, 2003, p. 72).

Tinha uma mulher jogada num colchão.

Tinha uma panela virada no chão.

Tinha pipoca espalhada em tudo. (BOJUNGA, 2003, p. 73).

É o recrudescimento da percepção da vida na favela, de um máximo de (*mais mais*), produzida pelo narrador no uso de um paralelismo sintático para descrever a mãe bêbada de Tuca. “O Rodrigo estava de olho arregalado” (BOJUNGA, 2003, p. 73), enquanto os

irmãos de Tuca invadiam o quarto e começavam a catar as pipocas do chão. “Quando a saturação já está instalada de acordo com um determinado julgamento, só resta ao sujeito dispensar o excedente e promover uma espécie de crescimento às avessas em busca de uma medida mais moderada (*menos mais*)” (TATIT, 2011, p. 38).

Até então, o bife estatelado no chão, assim como a mãe caída bêbada, também no chão em meio às pipocas, representa a saturação dos atores do enunciado. Contudo, como dissemos anteriormente, se percorrermos a percepção, a força tensiva que envolve Tuca do momento que conhece o apartamento de Rodrigo à subida na favela, o máximo de recrudescimento ainda está por vir. E isso ocorre na forma como Tuca vai lidar com toda a informação que Rodrigo recebe sob as suas condições de vida: “você não vai comer pipoca do chão, vai? Então não tem mais nada para gente fazer aqui. – Empurrou o Rodrigo pra fora do barraco. – Agora você já sabe o caminho. Desce por lá.” (BOJUNGA, 2003, p. 73).

Certo de que as diferenças sociais não mais possibilitarão a amizade dos dois, e impactado com esse *demais* que foi o desmascaramento da sua realidade, da sua casa (barraco), da sua família, das condições de alcoolismo da sua mãe, Tuca esbraveja: “– Não precisa me dizer! eu sei muito bem que não dá. Como é que vai dar pra gente ser amigo como você cheirando a talco...” (BOJUNGA, 2003, p. 74). A forma como Tuca tenta desfazer esse *demais*, de uma saturação que atingiu o seu limite, a fim de promover um retorno, “de crescimento às avessas”, mais suportável, é jogando o Rodrigo na lama:

– Me solta, Tuca!

– Solto! solto, sim. Mas antes você vai ficar igual a mim. – E botou toda a força que tinha pra derrubar o Rodrigo no lameiro. [...] E quando sentiu os pés se encharcando se atirou no lameiro levando o Rodrigo junto. Aí largou. (BOJUNGA, 2003, p. 75).

Percursos figurativos e temáticos: a exploração sensorial

A leitura tensiva realizada até então se sustenta na escolha das figuras pelo enunciador, articuladas de maneira a produzir contrastes – de vida, de cheiros, de texturas etc. Percursos figurativos que recobrem temáticas, que também se sobressaem das diferenças articuladas no conto.

É no contraste de vida de Rodrigo e Tuca que a oposição semântica riqueza *versus* pobreza se apresenta. E é a partir dela que os traços sensoriais vão dando uma dimensão afetiva e sensorial à obra. Para dar visibilidade a essa articulação do enunciador,

- | Entre cheiros e texturas, triagens e misturas: a exclusão social da perspectiva da semiótica tensiva no conto “O bife e a pipoca”

estabelecemos no quadro a seguir uma síntese, relacionando as figuras, seus traços sensoriais e a oposição semântica em pauta. Pela sua relevância, junto aos traços sensoriais, deixamos o traço espacial.

Quadro 1. Percursos figurativos

Traço	Riqueza	<i>versus</i>	Pobreza
Gustativo	- fartura (bifes, geladeira cheia de comida, suco de laranja)		- escassez (pipocas)
Tátil	- aquecido/protegido (abundância de roupas) - macio (os bifes eram sempre macios) - confortável (elevador subindo macio)		- frio/desprotegido (crianças sem sapatos) - duro (as pipocas são duras) - desconfortável (subida do morro a pé)
Espacial	- apartamento - plano (os apartamentos ficam no plano) - espaçoso (edifício daqueles, tamanho da sala, quarto com TV, armário em toda a parede, cozinha tão grande)		- barraco - montanhoso (o barraco fica na favela, no morro) - pequeno (o caminho que subia era estreito, o barraco tinha dois cômodos pequenos, um puxado pro fogão e pro tanque, um quarto, armário velho, colchões no chão)
Olfativo	- cheiroso (talco passado no tapete, sala perfumada, cheiro de limpeza)		- mal cheiroso (cheiro de lata de lixo, lameiro danado, mistura de água e lixo)
Visual	- belo (espelho por todo lado, tapete) - claro (tapete bege, clarinho)		- feio (barraco, criança, bicho, vira-lata, porco, rato) - escuro (pipoca no chão, imundo, pingando a lixo)
Auditivo	- harmonioso		- barulho (chora, grita, barulhada)

Fonte: Elaboração própria

Os percursos figurativos, ou ainda, as figuras listadas acima vão sintetizar e contrapor: a) o cheiro bom do talco do apartamento, espalhado no tapete ao cheiro ruim do lixo/lama da favela; b) o subir macio, gostoso do elevador à subida íngreme, estreita do morro; c) o conforto e a amplitude do apartamento ao desconforto estrutural dos barracos, minúsculos, sem móveis e frágeis; d) o afeto e a proteção familiar, em um lar onde se é filho único a um ambiente em que a mãe é alcoólatra, o pai é desaparecido, a irmã que se passa por mãe e se tem mais dez irmãos; e) uma educação com nível elevado, bancada com recursos financeiros a um ensino mais precário; f) uma alimentação farta, com bifes macios à escassez de alimentos, onde paira a fome e a textura dura das pipocas.

Desse contraste, surgem as principais temáticas da obra. A fome, ou escassez de alimentos das crianças que vivem à margem, na pobreza, no conto, figurativizada principalmente no desejo de Tuca pelos bifés; ou ainda, no estilo faminto que os irmãos de Tuca catam as pipocas do chão. O alcoolismo, retratado na mãe de Tuca, caída no chão, incapaz de cuidar dos filhos. O abandono e a falta de estrutura familiar de crianças, que crescem sem o afeto e a estrutura familiar adequados, devendo elas mesmas buscar subsistência, como acontece na família de Tuca. As condições educacionais não igualitárias entre ricos e pobres, uma vez que Tuca não consegue acompanhar o nível das aulas da escola de Rodrigo. E, por fim, a mais relevante, a exclusão social que demarca a divisão de classes, de ricos e pobres, ou ainda, do bife e da pipoca, e que coloca em xeque a amizade dos dois garotos. Em meio a essa divisão, a amizade – que também é um tema do conto – vai romper com essa divisão de classe, de exclusão social?

Triagem e mistura e o fazer crer do enunciador

Alô, Guilherme! tudo bem por aí?

Hoje aconteceu um negócio sensacional: peguei um peixe!!

Um abracíssimo do Rodrigo.

P.S.: O Tuca tá me ensinando um bolão de macetes de pescaria, e a gente já combinou que todo sábado vai pescar.

Com chuva ou sem chuva. (BOJUNGA, 2003, p. 83).

É por meio de um bilhete que o narrador encerra a história dos meninos, agora não há mais longas cartas escritas para Guilherme, como no início do conto, quando Rodrigo ainda não tinha um novo amigo. Assim como o bilhete retrata a forma como os dois garotos encontraram algo em comum, e superaram o “banho” de lama que Tuca deu em Rodrigo, também revela um fazer crer do enunciador acerca da superação das diferenças sociais. Ou seja, a pescaria foi a maneira que os meninos encontraram de se divertir e fazer algo juntos, numa reiteração da amizade.

Para o enunciatário, um leitor pertencente ao público infanto-juvenil, ler o discurso do enunciador como *verdadeiro* – parece e é – de que a amizade prevaleceu e dessa forma as diferenças sociais foram superadas, é acalentador. A partir desse fazer interpretativo, o enunciatário consegue sair dos picos de aceleração e de força tônica que o impactaram, percorrendo com os atores do enunciado as realidades apresentadas. Isto é, um enunciatário-destinatário que foi levado pelo enunciador-destinador – no jogo de *fazer crer* – a apiedar-se da pobreza e das condições de vida de Tuca, a sofrer e sentir com o ator do enunciado a frustração e a ansiedade em relação aos bifés, durante o almoço

- | Entre cheiros e texturas, triagens e misturas: a exclusão social da perspectiva da semiótica tensiva no conto “O bife e a pipoca”

que não se concretizou; ou ainda, a sentir os impactos do abrupto, e do aceleração ao percorrer a favela pelo olhar do Rodrigo, até um máximo de aceleração e tonicidade, com a descoberta da mãe de Tuca caída, bêbada no chão. Um enunciatário-destinatário levado a também questionar-se sobre a sobrevivência da amizade dos dois garotos, quando no seu máximo de saturação, Tuca joga Rodrigo na lama:

- Não precisa me dizer! eu sei muito bem que não dá. Como é vai dar pra gente ser amigo com você cheirando a talco...

- Eu?!

- ... e eu aqui nesse lixo todo. Não precisa me dizer, tá bem? eu sei, EU SEI que não dá. (BOJUNGA, 2003, p. 74).

Quer seja, a pescaria, a garantia de que Tuca e Rodrigo continuaram a amizade, devolve o enunciatário para o estágio de atonia e desaceleração, que é o lugar da resolução dos conflitos. Por isso dizer que esse *crer* do enunciatário é acalentador.

Esse percurso de leitura envolve um perfil, uma imagem pressuposta (um *páthos*) de um leitor infante-juvenil que vive conflitos semelhantes, em torno da escola, da família, das amizades, etc. Por outro lado, ainda em se tratando das modalidades epistêmicas, o discurso do enunciador reiterado no seu *fazer crer*, de que as diferenças sociais foram superadas, é de fato verdadeiro? Há outro *fazer interpretativo* possível? Para tratar desse ponto, passemos a analisar a construção do discurso do enunciador-destinatário acerca da exclusão social a partir dos operadores de triagem e mistura, do eixo da extensidade.

O conto retrata a divisão – triagem – da sociedade em duas classes sociais, de ricos e pobres. Uma divisão que faz aflorar a temática da exclusão social, alicerçada no detalhamento do contraste de mundos de dois garotos, Rodrigo e Tuca. Lembrando, conforme destaca Tatit (2019, p. 22):

O mecanismo habitual da triagem consiste na extração de uma grandeza ou de um valor e na conseqüente eliminação dos elementos indesejáveis, o que indica a influência de alta tonicidade na calibragem desses processos, mas também de muita rapidez, como é próprio dos procedimentos paradigmáticos.

A exclusão social no conto é o valor indesejado, por isso um ritmo acelerado e tônico no processo de percepção da vida e realidade de Tuca. Contudo, a partir do *crer* na amizade e superação das diferenças dos dois amigos, desconstrói-se a exclusão social e separação de classes. Se não há mais triagem, o que prevalece é a mistura, isto é, se “o acento não for incisivo e a atonia prevalecer na regência da extensidade, teremos

imediatamente a perda do foco de sentido e a tendência óbvia à dispersão dos valores e dos conteúdos, campo propício para as operações da *mistura*” (TATIT, 2019, p. 22). Em suma, a amizade exclui os valores negativos de separação e “apaga” a exclusão social, as diferenças entre as classes sociais.

Ao tratar dos operadores da extensidade, Zilberberg (2004, p. 74) traz o conceito de mestiçagem, “compreendida como ‘variedade’, isto é, como variante combinatória da mistura”. O autor defende quatro *estados aspectuais* – separação, contiguidade, mescla e fusão – “caracterizados pelas tensões e ambivalências que os modos de existência peculiares à sintaxe discursiva determinam” (p. 76). Sobre esses estados, Zilberberg (2004, p. 76-77) estabelece: a) separação – “a valência de triagem [t] é *plena* [1], o que nos fornece [t₁]” ao passo que “a valência de mistura [m] é *nula* [0], o que nos dá [m₀]; a separação será notada como [t₁ + m₀]”. Enquanto no caso da b) fusão “ocorre uma inversão extrema das valências: [t₀ + m₁]”. Já a c) contiguidade e a d) mescla “se apresentam, a partir daí, como *dominâncias* que administram valências médias com respeito às anteriores, mas que se encontram em desigualdade, uma em relação à outra” (p. 77). Resumidamente, sobre esses dois últimos estados aspectuais, o autor destaca: “Na contiguidade, a triagem domina a mistura: [t > m]; na fase da mescla, a triagem passa de dominante a dominada: [t < m]”.

Sob esse prisma, o enunciador-destinador constrói uma obra ressaltando um processo inicial de triagem – configurada na temática da exclusão social – ou ainda, de uma *separação* marcada pelas disjunções que a classe mais pobre sofre, no que tange à moradia, alimentação, conforto, escola, estrutura familiar etc. Tuca é o ator do enunciado que representa a separação de classes, construído figurativamente como morador da favela, bolsista em uma escola particular, o aluno pobre: “[...] nossa escola agora dá bolsa de estudo pra aluno pobre. E então tem também um garoto novo: bolsista. Ouvi dizer que ele mora na favela; se chama Turíbio Carlos; e se sentou no mesmo lugar que você sentava. Mas não falou nem olhou pra ninguém.” (BOJUNGA, 2003, p. 45). As figuras, *bolsa de estudo*, *bolsista*, *aluno pobre*, *mora na favela* quantificam, concentram no campo da extensidade a exclusão, o não pertencimento de Tuca à escola que está frequentando.

A inserção de Tuca na escola particular pode ser lida como uma tentativa de *fusão*, de mistura entre as classes sociais. Contudo, o que há é apenas um processo de *contiguidade*, haja vista que apesar de estar no mesmo espaço social, Tuca ainda não pertence a essa realidade, não acompanha os estudos, não interage com os colegas: “A turma riu: era a primeira vez que eles ouviam o Tuca falar: ele não puxava conversa, não entrava em grupo nenhum, e na hora do recreio ficava sempre estudando.” (BOJUNGA, 2003, p. 46).

- | Entre cheiros e texturas, triagens e misturas: a exclusão social da perspectiva da semiótica tensiva no conto “O bife e a pipoca”

Apesar de *parecer* que há a inclusão dos excluídos, o que temos é um processo de *contiguidade*, haja vista que a triagem domina a mistura, com a separação bem demarcada entre os alunos da escola particular e Tuca; seja pela aparência física: “O Tuca era tão miúdo que ele até tinha pensado que os dois eram da mesma idade” (BOJUNGA, 2003, p. 48-49), seja pelas condições financeiras (não tinha dinheiro para o lanche): “A boca do Rodrigo foi mastigando. / O olho do Tuca mastigou junto. / A boca deu outra dentada; o olho mordeu também” (BOJUNGA, 2003, p. 47). Enfim, um Tuca à margem desse grupo: “Foi só a turma rir que o Tuca se encolheu de novo: enterrou o cotovelo na carteira, botou a cara na mão, grudou o olho no caderno e ficou achando que a classe tinha rido era do nome dele” (BOJUNGA, 2003, p. 47).

O que há no conto, desse início em diante, é um enunciador procurando evidenciar, fazer *crer* ao enunciatário que há a *fusão* de classes sociais, e que a mistura é possível. A forma de construir essa *fusão* pelo enunciador é a sobrevivência da amizade dos meninos, mesmo depois que conhecem de perto as diferenças existentes entre eles. Essa *fusão* viria depois de um processo de *mescla* – quando no seu máximo de saturação, de uma escala ascendente no eixo da intensidade, Tuca joga Rodrigo na lama para que pudesse ser igual a ele: “O Rodrigo levantou num pulo. Não precisava tanta pressa: ele já estava imundo, pingando lixo” (BOJUNGA, 2003, p. 75). A cena retrata, portanto, que a triagem passa de dominante a dominada, uma vez que os dois garotos estão imersos no lixo, e Rodrigo não cheira mais a talco, mas a lixo como o Tuca.

Da *mescla* à *fusão*?

Como dissemos, o fazer *crer* do enunciador está alicerçado nessa *fusão* possível, invertendo ao extremo as valências da separação. Todavia, se considerarmos que a amizade dos dois garotos só é possível num espaço neutro, da pescaria, mais próximo da natureza do que da cultura, onde pairam as diferenças sociais, o estágio da *mescla* não é superado. Quer seja, não há envolvimento de um, no espaço do outro, uma vez que os meninos não se visitam, não interagem entre as famílias, numa convivência mais próxima capaz de diluir as diferenças sociais que são próprias da cultura e, dessa forma, garantir a mistura, a *fusão*.

A pescaria, o ponto em comum que garante a amizade dos meninos é, na verdade, mais uma forma de se reiterar a *separação* de classes sociais, a triagem, que apenas faz *parecer* que as diferenças sociais entre os meninos não existem.

Enfim, apesar de *parecer ser* verdadeiro o discurso do enunciador-destinador, sobre uma *mistura* possível entre as classes sociais, o conto acaba por reiterar a exclusão social, a *separação*. Um discurso *mentiroso*, portanto, pois apesar de *parecer*, *não é*.

Considerações finais

“O bife e a pipoca” – título que reitera a isotopia temática da riqueza *versus* pobreza – trata-se de uma obra extremamente relevante para ser lida e estudada no contexto da escola. A partir dos temas articulados em percursos figurativos, que amplamente exploraram a sensorialidade do leitor, por isso uma obra para ser sentida *afetivamente*, os leitores que pertencem ao público infanto-juvenil são levados a entrar nos mundos opostos de Tuca e Rodrigo. E, com eles, a compreenderem a pobreza, a fome, as dificuldades inerentes à vida de muitos adolescentes; a reconhecerem o cheiro bom, do conforto da riqueza, em detrimento do cheiro ruim, de lixo da pobreza, onde paira a exclusão social.

Coube ao percurso analítico, adotado por nós, dar visibilidade às estratégias do enunciador nesse jogo de *fazer crer* ao enunciatário. Uma vez que “a semiótica se interessa pelo ‘parecer do sentido’, que se apreende por meio de formas da linguagem e, mais concretamente, dos discursos que o manifestam, tornando-o comunicável e partilhável, ainda que parcialmente.” (BERTRAND, 2003, p. 11).

Em suma, nosso objetivo foi descrever como as diferenças sociais foram tratadas pelo enunciador no conto “O bife e a pipoca”. Um estudo que, respaldado na Semiótica Discursiva e Tensiva, envolveu as modulações sensíveis – a *afetividade* na perspectiva dos atores do enunciado e, posteriormente, do sujeito da enunciação – e os operadores de triagem e mistura, numa reiteração da temática da exclusão social.

Referências

BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução do grupo CASA. Bauru: EDUSC, 2003.

BOJUNGA, L. O bife e a pipoca. *In*: BOJUNGA, L. **Tchau**. 17. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2003. p. 42-83.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. 2. ed. 2. reimpressão. Tradução A. D. Lima *et al.* São Paulo: Contexto, 2013.

TATIT, L. Bases do pensamento tensivo. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 15, ed. esp., p. 11-26, abr. 2019.. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: 10 nov. 2020.

- | Entre cheiros e texturas, triagens e misturas: a exclusão social da perspectiva da semiótica tensiva no conto “O bife e a pipoca”

ZILBERBERG, C. As condições semióticas da mestiçagem. *In*: CAÑIZAL, E. P.; CAETANO, K. E. **O olhar à deriva**: mídia, significação e cultura. Tradução Ivã Carlos Lopes e Luiz Tatit. São Paulo: Annablume, 2004.

ZILBERBERG, C. Síntese da gramática tensiva. **Significação**, Revista brasileira de semiótica, São Paulo: Annablume, n. 25, p. 163-204, 2006.

ZILBERBERG, C. **Elementos de Semiótica tensiva**. Tradução Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: MERITH-CLARAS, Sonia. Entre cheiros e texturas, triagens e misturas: a exclusão social da perspectiva da semiótica tensiva no conto “O bife e a pipoca”. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 129-144, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 08/02/2021 | Aceito em: 16/02/2021.

FORMS OF ADDRESS AMONG LAW STUDENTS IN 19TH CENTURY SÃO PAULO: SYMMETRICAL RELATIONSHIPS

O TRATAMENTO ENTRE OS ACADÊMICOS NA SÃO PAULO OITOCENTISTA: AS RELAÇÕES SIMÉTRICAS

Marilza de OLIVEIRA¹
Enedino SOARES²

Abstract: This paper, which traces the forms of address within the point of view of the socio-historical analysis of language, is based on the theory of language socialization (OCHS, 1996) and the theory of the interpretation of cultures (GEERTZ, 2011), and is inspired by the approach of communities of practice (ECKERT, 2000). The theories defend that the apprehension of any meaning assigned by a particular group depends on a dense description that provides an understanding of the web of meanings in which the subjects are immersed. Methodologically, it is based on the framework of the dimensions of power (BROWN; GILMAN, 1960), on the evidential paradigm (GINZBURG, 1989), and the proposal for the comparison on the grand scale developed by Elias (2001). The interpretative analysis of the forms of address allowed the separation of linguistic indicators from the uses that expressed sensitivities, correlating language and socio-cultural structure. The analysis shows that *você* is used to express aggressive behavior and fit of rage; *voçê*, in Bakhtinian view of carnival (BAKHTIN, 1987), sets the *low* in the place of the *high* in the address scale.

Keywords: Stylistic use. Social behavior. Linguistic variation. Forms of address.

Resumo: Este artigo, que tem como tema as formas de tratamento dentro do viés da análise sociohistórica da linguagem, é alicerçado na abordagem de comunidade de prática (ECKERT, 2000) e na teoria da interpretação das culturas que concebe o comportamento humano como uma ação simbólica (GEERTZ, 2011). Ambas as abordagens defendem que a apreensão de qualquer significado atribuído por um grupo depende de uma descrição densa que permite uma compreensão da rede de significados na qual os sujeitos estão enredados. Metodologicamente, se apoia no quadro da dinâmica das relações humanas estruturado pelas dimensões do poder (BROWN; GILMAN, 1960), no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) e na proposta da comparação por escalas desenvolvida por Elias (2001). A análise interpretativa das formas de tratamento permitiu separar os indicadores linguísticos dos usos que expressavam sensibilidades, correlacionando língua e estrutura sociocultural. A análise mostra que, usado para expressar comportamento agressivo e ataque de fúria, *voçê*, na visão Bakhtiniana de carnavalização, sinaliza o *baixo* na escala de tratamento.

Palavras-chave: Uso estilístico. Etiqueta. Variação linguística. Formas de tratamento.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; marilza@usp.br;
<https://orcid.org/0000-0003-3279-3423>

² Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; enedius@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8665-3373>

- | Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships

Introduction

The study of speech from a past era is one of the great challenges to be faced by researchers owing to the absence of a natural situation of linguistic communication. Even if we look for material marked by casual styles, such as personal letters and plays that represent the characters' speech, there is always the danger of bias in the written language and the danger of the observer's point of view. Without the possibility of an interview situation, it is also not possible to collect a large amount of material representing different social categories and not even to elicit realizations of the linguistic variable. No less problematic is the issue of evaluating the linguistic variable, as there is no way to apply perception tests to measure the acceptability of the variants nor to apply production tests to understand speakers' choices. Such obstacles have been partially overcome with the principle of uniformity, according to which forces acting in the present had a similar weight in the past, and vice versa. In a way, the accumulation of works on the same theme, such as the use of forms of address in different samples, allows one, thanks to the application of this principle, to compose a broad linguistic panel and to outline, within a macrosocial framework, hypotheses about the motivations (cause, period and place) and paths of change.

The literature shows that *você* (you) is the result of the grammaticalization of the nominal address *Vossa Mercê*. Initially, *Vossa Mercê* was used to highlight and bring out the king's kindness *gratia*. This honorific address was subsequently extended to the nobility and it didn't take long to be appropriated by an increasing number of persons that belonged to the upper class despite the lack of lordship (CINTRA, 1972). Concurrent to the spread of *Vossa Mercê*, phonetically simplified variants emerged without honorific value among which was *você* used between equals of a lower class and by a superior to an inferior, affectionally but several times in a pejorative manner (NASCENTES, 1956; LUFT, 1957). In European Portuguese, although, *você* is used at work with colleagues with whom one is not in familiar terms (CARREIRA, 2005).

According to recent researches, there are two readings of the honorific value of *Vossa Mercê* in Brazil. The first one argues that it would not be settled in Brazil because at the start of Portuguese settlement this value would already have disappeared (FARACO, 1996) due to the lack of social conditions that regulated the rigid use of these address forms (MENON, 2006). The absence of schools of higher level during Brazil's colonial era would have inhibited the implementation of honorific value for this nominal address (MENON, 2006). Another interpretation is given by Lopes and Duarte (2003). Based on plays produced in Rio de Janeiro, they argued that *Vossa Mercê* and *você* kept the honorific

value till the eighteenth century, both forms were used in the interpersonal relationships between inferior and superior, in both directions. During the nineteenth century, these nominal forms were pronominalized. *Vossa Mercê* kept the reverence and was used by inferior to superior; *você* was restricted to address the inferior by the superior. This analysis matches the results of the first systematic work on forms of address in Brazilian Portuguese that points to the end of the nineteenth century as a crucial period for the pronominalization of *você* (*you*) (BIDERMAN, 1975).

Resuming the theme within the Labovian sociolinguistic approach, several works carried out from a diachronic perspective have shown the variation between the second person singular pronoun *tu* (*you.sg*)³ and the indirect form *você*. The study of the two pronouns in Brazilian theatrical plays from the 18th and 19th centuries revealed an increase in the frequency of the form *você* (DUARTE, 1993, RUMEU, 2008, and others). Lopes and Duarte (2003) observed that the use of *tu* reaches 90% in the first half of the 19th century, polarizing with *você* (10%). However, in the second half of the 19th, there is a deflection of *tu* whose frequency indexes are around 60% and the beginning of the rise of *você*, which is around 20%. Focusing on symmetrical relations, the authors observed that the form *você*, as opposed to *tu*, presents higher rates among members of the lower class.

Machado (2018) also analyzed allocutive forms in plays written in Rio de Janeiro between the 19th and 20th centuries. In symmetrical and solidary relations, the *tu* dominates in the third quarter of the 19th century (71%), retreats in the fourth quarter (17%), returns to gain frequency in the first quarter of the 20th century (75%). The reasons for the oscillation in the use of *tu* in interpersonal relationships are unclear.

The study of personal letters from Rio de Janeiro showed the predominance of *tu* (72%) in the familiar and intimate address in symmetrical relationships from the 18th to 19th centuries. In descending asymmetric relationships, family roles interfere in the choice of address: children are treated by *você* (94%) and grandchildren by *tu* (70%) (LOPES; DUARTE, 2007; SILVA; BARCIA, 2000).

In summary, these studies indicate that: i) at the end of the 19th century *você* started to compete with *tu*; ii) *você* was used more in symmetrical relationships between lower class; iii) *você* was used in the descending asymmetric relationship; iv) in some Portuguese villages *você* was used to insult the hearer.

³ *Tu* is a singular second-person pronoun in Portuguese. It can be compared to the archaic English pronoun “thou”, although there is no relationship between the historical and social contexts in which both were used. (T.N.)

- | Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships

If we take into account the ongoing Portuguese immigration⁴, a process characterized by population groups of the lower class coming from remote areas of Portugal mainland and islands (KLEIN, 1989; SILVA, 2012; FREITAS, 2006; OLIVEIRA, 2015), we question whether *você* concurred with *tu* in symmetrical relationships and whether the insulting remark of *você* was in use in Brazil in the nineteenth century.

To answer this question, we made a panoramic analysis of the forms of address expressed on young people utterances in 14 plays by Joaquim José de França Júnior. As five of these plays⁵ (MHC, IC, MC, LB e MP) were shown to be representative of the speech attitude used by young people in different situations, we focused on them. We took as a parameter of the cult speech the MHC and IC comedies that were set in the student life of the School of Law of São Paulo and carried out a survey of the forms of address used among equals. It is important to note that this was the first school of higher education in Brazil. Created in 1828 to prepare youngsters to be engaged in key administrative posts of the newly independent State⁶ (ADORNO, 1988), the School of Law was a very important place to the symbolic identity construction of the group whose language was used as a reference for other schools (RIBEIRO, 2010; 2015; SILVA, 2012). So, if in some scenes the students' behavior was full of irreverence, in others it revealed the ranking meaning of the forms of address that shaped their reality.

As we shall see below, the author himself had studied Law in São Paulo in the second half of the 19th century. Following, we resort to the plays in which there were young persons with higher education inserted into the labour market, to capture the ranking steady of the meaning of address forms.

Lastly, we analysed some plays in which there were young people without higher education and that belonged to different social classes to establish a comparison between the speak of cult and non-cult young people. The scope of this work is to answer the questions: Did *você* have a symbolic meaning in the 19th century? If so, what did this stylistic usage try to accentuate? To answer these questions, we will consider the social and

4 The term "immigrant" is used in a generic sense to refer to the Portuguese displacement before and after Brazil's Independence.

5 Plays analysed: MHC= "Meia hora de cinismo" (Half an Hour of Cynicism); IC= "Ingleses na costa" (Englishman on the Coast); MC= "O Ministério caiu" (The Cabinet has been dissolved); LB= "Lotação dos bondes" (Tram at capacity); MP= "Maldita parentela" (Damned poor relative); DR= "As doutoras" (The female doctors); CFD= "Como se fazia um deputado" (How one became a Member of parliament); AAP= "Amor com amor se paga" (Love is rewarded by love); TA= "Tipos da atualidade" (Present patterns); TB= "Tipo brasileiro" (Brazilian pattern); DPS= "Dois proveitos em um saco" (Two profits in one shot); CJ= "Clube Jácome" (Jacome Club); DLT= "Direito por linhas tortas" (Straight with crooked lines); DF= "Defeito de família" (A family defect).

6 The Independence of Brazil took place in 1822.

affective or emotional dimensions of the address forms. This suggests that “it is essential to match selected linguistic forms to the context of interaction” (CARREIRA, 2005, p. 310).

Theoretical-methodological assumptions

Brown and Gilman (1960) maintain that the dynamics of human relations are structured by the dimension of power, based on distance and lack of reciprocity, and by the dimension of solidarity, emphasized in actions of equality, intimacy, and reciprocity. The authors base themselves on the complementarity of forms of address in German, in which the “*Sie*” form is used in relationships with a person from whom a certain social distance is maintained and the pronoun “*du*” between friends and family in situations of informality. In general terms, the dimension of power explains the rule of non-reciprocity $T \neq V$ among people who do not belong to the same space of power regulated by different social factors (age, gender, origin, profession, training, purchasing power). In these asymmetric interpersonal relationships, in which the notion of hierarchical power is imposed, the higher ranking participant uses *T* and receives *V*, a pronoun that symbolically represents the notion of distance, formality, and reverence.

A symmetrical interpersonal relationship implies reciprocal address in $V - V$ or $T - T$. However, this equal address is not always synonymous with closeness or intimacy: if *T* is used between equals and intimates, *V* can be adopted between equals, who are distant, reflecting, in this case, a symmetrically non-solidary relationship.

Works in the Labovian sociolinguistics tradition mold have adopted this framework and applied these relational measures to the addressers and addressees of letters and different characters in plays. Such research has proven quite fruitful in composing a linguistic panorama, allowing to map variation and change in the forms of address implemented by the lowest social classes. However, there is still a gap regarding the weight of the stylistic factor whose address requires a broader analysis of the social structure and social functions that engender codes and behaviors to recover the social and expressive meaning of the interlocutive forms.

Such a proposal assumes that language is a system of symbolic resources and that “language practices encode and socialize information about society and culture” (OCHS, 1996, p. 409). This process is formalized by the indexical principle: “socialization is in part a process of assigning situational, i.e., indexical, meanings [...] to particular forms” (OCHS,

⁷ Although the reflections were based on German, the authors adopt the *T* and *V* forms originating from the Latin *Tu* and *Vos*.

- | Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships

1996, p. 410). In a certain way, this principle constitutes the foundation of the notion of community of practice explored by Eckert and McConnel-Ginet (MEYERHOFF; HOMES, 1999) to investigate the linguistic variation between individuals who share social practices in which their identities are built. Eckert (2000) takes as an example the formation of a band whose members negotiate the musical repertoire, choose ways of dressing and behaving to create their style, thus building their identities as well as the identity of the band itself.

Considering that linguistic behavior is one of the constituent facets of a community of practice's style, it is expected that the investigation of the process of forming social meanings will provide clues to explain linguistic variation, after all, human language, to paraphrase Max Weber (GEERTZ, 2011, p. 4), is entangled in the webs of meaning woven by itself. The pursuit of these webs of meaning demands, therefore, an approach that does not end in the social categories but that is attentive to the social dynamics that produce their own symbolic systems.

The theoretical framework of interpreting cultures (GEERTZ, 2011) sees human behavior as a symbolic action and, as such, poses a fundamental question: what is the importance of what is being transmitted with the realization of a given conduct? Within the research framework proposed here, the question can be rephrased as: What is transmitted within a given address formula and what is the value of *você*?

The answer to this question requires immersion in the universe that is being described to "pay attention to behavior, and with accuracy, as it is through the flow of behavior - or, more precisely, social action - that cultural forms find articulation" (GEERTZ, 2011, p. 12). The search for regularities and irregularities is not sought to build spreadsheets of conduct, but to make detailed descriptions that can lead to unveiling some "socially established meaning structures" (GEERTZ, 2011, p. 9), which is done "creatively and imaginatively within them" and not by studying them. This proposal is not, therefore, a mere adjustment of perspective or regulation of the observer's paradox to obtain a more reliable portrait, but a redefinition of the object of study itself, which is not a community but inside the community to acquire "familiarity with the imaginative universe within which the actions are determined milestones" (GEERTZ, 2011, p. 9). In our view, this change of perspective approximates the interpretative framework to the notion of community of practice (ECKERT, 2000).

To attest to the dissonant use of a form of address is indeed part of the portrait of the structures of meaning, but recovering their symbolic value is above all a task that allows one to recompose the "coordinates of the experienced world" (GEERTZ, 2011,

p. 20). This process is part of the evidential paradigm that focuses on examining the most negligible details that provide clues for reading the linguistic weave: “We could compare the threads that makeup [this paradigm] to the threads of a rug. At this point, we see them forming a dense and homogeneous pattern. The consistency of the design is verifiable by looking at the carpet in different directions” (GINZBURG, 1989, p. 170).

Regarding the symbolic value of the forms of address, it is worth remembering that social attributes socially approved in a given culture constitute the line of action and conduct that a person claims for himself to adopt a defensive position to preserve face from some threat or threats, resulting from: i) actions taken without intention or bad faith, but in an unexpected way; ii) actions governed by malice with a clear intent to insult, iii) possible offense not motivated by spite (GOFFMAN, 2011). Here the problem arises as to how to discover the social attribute applicable to the *você* form of address and, methodologically, how to gain access to the symbolic value of human behaviors of past times.

An alternative for accessing past meaning structure is the three-scale comparative method adopted by Elias (2001) in *A Sociedade de Corte* and explained by Chartier in the book’s preface: i) observe a form and its social function in “comparable and contemporary societies” (p. 9); ii) compare this same usage in societies distant in time and space; iii) contrast social forms and functions, taking into account conditions such as economic ethos (court society vs bourgeois society), members’ profession and opposition between public and private interactions.

Within this theoretical-methodological basis, we surveyed the forms of address in Joaquim José da França Júnior’s plays. The choice of a single author is a methodological strategy to avoid bias in the difference of origin, formation, and ideology, considering that world-view is expressed in and by language. A graduate of São Paulo’s Law school (1862), França Jr. served as a magistrate and worked as a journalist. Dedicating himself to the study of the fine arts, he was appointed to the commission that represented Brazil at the Universal Exhibition in Vienna, Austria, in 1873 (CAFEZEIRO, 1980; FARIA, 2012; AZEVEDO, 2008).

The greatest legacy left by França Júnior concerns his dramaturgical work, primarily satirical comedies, tending in some cases to caricature and, occasionally, to the grotesque. Both plays – *Inglese na costa* and *Meia hora de cinismo*⁸ (“Englishmen on the Coast” and “Half an Hour of Cynicism”), set in the city of São Paulo in the middle of the 19th century, have as their main characters students of the Law school. The plot is practically the same:

⁸ *Meia Hora de Cinismo* was his first composition and presentation. França Jr produced the comedy while attending law in São Paulo. The play was staged for the first time on 7/17/1861.

- | Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships

a student is in debt with a reputation for not paying and the creditor (a Jew in one case and an Englishman in the other) appears to collect the debt.

In one of the plays, one student, who is considered a rascal and a profiteer, pays his colleague's debt, under pressure from the tipstaff. In the other play, in which the English people are blamed for Brazil's economic woes, the uncle, responsible for his nephew's fortune, is blackmailed by the students and is forced to pay the debt contracted by his nephew with the English creditor. In addition to exploring the irresponsibility, cynicism, and dishonesty of the Arcade-goers, unconventional or socially accepted practices that characterize the trickster figure (DA MATTA, 1986), França Jr also highlights their lack of commitment to study, a profile studied by Adorno (1988).

The analysis of the forms of address in these two comedies comprises the first scale of comparison. For the second scale that provides temporal or spatial distance, we take the linguistic data from young bachelors in Rio de Janeiro, in the play *Caiu o Ministério* ("The Cabinet has been dissolved"), from 1882. This is a satire on the formation and fall of the Cabinet that "all sorts of opportunist satellites" is attentive to (COSTA, 1998), including a group of young candidates for public office. We added the play *A lotação de bondes* ("Tram at capacity"), in which two women get lost from their respective relatives when taking the tram to the Jardim Botânico and meet with a group of young men who are celebrating the loan that they had raised in the name of a supposed epidemic in Buenos Aires.

As a counterpoint, the forms of address used by the academics in São Paulo and Rio de Janeiro will be contrasted with those employed by young people who do not have a bachelor's degree in *Maldita parentela* ("Damned poor relations") (1887). Relatives who had not assimilated the court's daily social etiquette are invited to a ball for Rio de Janeiro high society to celebrate the marriage of the daughter educated at a French school (ELIAS, 1993).

Living in Prainha, where warehouses held purchased slaves, the "Damned poor relations" represent the population that did not master the codes of good manners used daily at Court. Ignoring the protocol of court ceremonial, Major Basílio's daughters greet everyone by extending their hands without previous introduction, they laugh out loud and the sisters scream among themselves in the middle of the hall. Without paying attention to the renewal in the ways of dressing, they wear old-fashioned clothing, are unkempt, muddy, and wear soaked shoes. Similarly, Cassiano Vilas Boas greets everyone with his umbrella tip pointing upwards, wears galoshes which he removes and throws under the sofa, rolls down the waist of his trousers, and demands bread and butter. Hermenegilda, Cassiano's sister, speaks loudly and declaims poetic phrases exaggeratedly, pouring

out quotes and references to literary authorities. Ignoring the Aristotelian principle of moderation, her exaggerated flaunting of knowledge denounces her ignorance of the codes of refined behavior.

The three comparisons are based on the models of Brown and Gilson (1960), seeking to observe similar relationships of solidarity and non-solidarity in symmetrical relations, to focus on the sensitivities that activate deviant forms of address.

Forms of address in symmetrical relationships

From the panoramic analysis of the forms of address in 14 plays by França Júnior, we observe the absence of *você* in four comedies. In the other plays, the use of *você* is conditioned by social or stylistic factors, such as, the categorical use of *você* for slaves, children, and Italian people, which stands out as a descending asymmetric relationship. In symmetrical relationships, *você* occurs between cousins. Aside from the importance of these social aspects, the use of *você* is conditioned stylistically, which we will try to show in the context of symmetrical relations of solidarity and non-solidarity. For this, we present the character chart below and its characteristics to discuss the linguistic usage later. Let us start with the plays that make up the first comparative table, adapting the methodology proposed by Elias (2001) to the forms of address. Elias studied the remodeling of the affectivity that involves the men of a court society; we intend to study the forms of address among students with higher education being prepared to assume administrative and social positions in the court society of the Brazilian Empire⁹.

Considering the author's attention to the forms of address, as it will be seen throughout this study, the fact that the comedy *Meia hora de cinismo* (1861) was written when the author was still attending the São Paulo Law School, and the comedy *Inglezes na costa* (1864), from two or three years later, it is quite plausible to support the hypothesis of a representation very close to actual students' speech:

⁹ The republican government took place in 1889.

- | Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships

Table 1. Characters and their characteristics per play

<i>Inglês na costa</i>		<i>Meia hora de cinismo</i>	
CHARACTERS	CHARACTERISTICS	CHARACTERS	CHARACTERISTICS
Félix	5th year law student	Macedo	4th year law student
Silveira	2th year law student	Neves	3th year law student
Feliciano	—	Nogueira	2th year law student
Lulu	—	Trindade	Freshman
Ritinha	22 years age	Frederico	Preparatory school student
Luís de Castro	Félix's uncle	Jacó	Merchant
Teixeira	Creditor, nickname: Englishman	Criado	Servant

Source: Self elaboration

In symmetrical relations in *Inglês na costa* (1864), the address is carried out by the pronoun *tu* among the academics (solidarity relationship) and by *o senhor* (“sir”, lit., “the gentleman”) among those who are not members of the groups of friends (non-solidarity relationship)¹⁰:

Table 2. *Inglês na costa*: address pronouns

CHARACTERS	SYMMETRIC RELATIONS				
	Félix	Silveira	Feliciano	Teixeira	Luís de Castro
Félix ¹¹	/	(tu)	(tu)	—	—
Silveira	Tu	/	Tu	O senhor	O senhor
Feliciano	Tu	Tu	/	O senhor	—
Teixeira	—	O senhor	—	—	—
Luís de Castro	—	O senhor	—	—	—

Source: Self elaboration

In *Meia hora de cinismo* (1861), the use of *o senhor* that normally typifies interpersonal relationships characterized by non-sympathetic symmetry also appears in symmetrical sympathetic relationships (between students) installing a framework of variation in the forms of address:

¹⁰ The Academics address girls as *tu*, but girls do not dare to use the same expression in return. It is not clear whether the asymmetric address is due to gender, to a hierarchical situation among the friends, or, perhaps to the girls' profile as women who did not fit the civilized molds of the period.

¹¹ Félix to Félix (/) signs no application; Félix to Silveira (tu) signs use of null-subject of 2nd singular person *tu*; Félix to Teixeira (—) signs that there was no dialogue between them. Silveira used *tu* to Félix and *o senhor* to Teixeira, and so on.

Table 3. *Meia Hora de Cinismo*: Address pronouns

CHARACTERS	SYMMETRIC RELATIONS					
	Trindade	Nogueira	Neves	Macedo	Frederico	Jacó
Macedo	Tu 3SGIMP ¹²	(tu) ¹³ 3SGIMP	—	/	—	O Senhor
Nogueira	Tu O doutor	/	(tu)	(tu)	(tu)	O Senhor
Trindade	/	Tu O Senhor Você	—	O Senhor	O Senhor Você	O Senhor
Frederico	(tu) Você	Tu	—	—	/	—
Jacó	O Senhor	O Senhor Doutor Vossa Senhoria	—	—	—	/

Source: Self elaboration

An example of an affective stance is the dialogue below. Being aware of the good results of the exams performed by Trindade, the freshman, Nogueira called him *doctor* for threatening his face. In doing so, a confrontational *ethos* came in. In a community of practice where rights are in debate, language socialization requires practice on confronting arguments. In fact, “language socializes not only through its symbolic content but also through its use” (OCHS, p. 408). Being not sufficiently prepared for this situation, Trindade relies on his sensibility and expresses aggressive behaviour:

- (1) Nogueira (Pondo uma cadeira de permeio)_ Não quer sentar-se, *doutor*?
 Trindade _ Miserável!
 Frederico _ (*Tu*) Deixa-te de queimações estúpidas, Trindade, o Nogueira não tem culpa da hipótese que tomaste.
 Trindade _ Também *você*, sô gaiatão, quer divertir-se à minha custa? Vamos lá, não tem mais para nada para dizer? Ora, que eu seja nesta casa debicado até por um bicho! Olhem por favor para aquela cara.
 Frederico _ Não é lá das piores, não é das mais feias.
 Trindade _ *O senhor* acha que eu sou o palito cá da casa?
 Nogueira (Para os dois)_ Psica, psica: segura Minerva. (Para Trindade) Pega turbante. (Para Frederico) Psica, psica.
 Trindade _ Psica, sô miserável, diz-se aos cães e cão é *você*.... (MHC, Cena 4)(our underlining)

12 3rd. singular person. Imperative form.

13 The pronouns in parentheses represent a null subject.

- | Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships

Nogueira (Putting a chair in between)_ *Wouldn't you care to sit down, doctor?*

Trinity _ *Scoundrel!*

Frederico _ *Stop these stupid worries, Trindade, Nogueira is not to blame for the hypothesis you took.*

Trinity _ *You too, want to have fun at my expense, mister playful? Come on, don't you have anything else to say? Well. May I even be pecked at by a bug in this? Please look at that face.*

Frederick _ *It is not one of the worst; It's not one of the ugliest.*

Trinity _ *Do you think I'm the toothpick of the house, sir?*

Nogueira (For both)_ *Hush, hush: hold Minerva. (to Trinity) Get a turban. (to Frederico) Hush, hush.*

Trinity _ *Hush, master scoundrel, is what's said to dogs and you are a dog.... (MHC, Scene 4)*

The passage shows that *você* and *o senhor* in the context of familiarity also add stylistic effect encoding anger at the hearer. It is not sought to establish a mere distancing, but to provoke and threaten the hearer's face (GOFFMAN, 2011). So, where is the difference between *o senhor* and *você*? Is the symbolic value of *você* the same in a provincial environment, which characterizes the city of São Paulo in the middle of the 19th century, and in a court environment that characterizes Rio de Janeiro?

Taking as the second scale of comparison the play *Caiu o ministério* (1882), in which the young bachelors in Rio de Janeiro scrutinise the composition of the Ministries to apply for a place in some secretariat, one perceives no difference in linguistic behavior concerning the law students in São Paulo, either in the solidarity agreement (*tu*) or in the non-solidarity (*o senhor*) tract.

Excluding the figures who occupy positions in the political and administrative spheres (Felício, Anastácio, Monteiro, Felizardo, and Pereira) among whom there exists the rigor of address protocols – “Vossa excelência” *Your Excellency* –, we find only *o senhor* in the framework of non-solidary symmetrical interpersonal relationships.

In non-solidary relationships, the use of *o senhor* is categorical, occurring between female and male gender elements and between different age groups. Only one form of address does not match in this context: the use of “Your Excellency” to address Filomena when her husband changes his socio-political level, reaching the position of minister. It is worth remembering that in the play analyzed this formula is used out of respect for protocol, as observed in the relations between senators and ministers. Regarding the expression *você*, it is not recorded in the interpersonal relationship that involves the dimension of symmetrical and non-symmetrical solidarity.

Expanding this second scale of comparison, we observed the address in another play, *A lotação dos bondes*, in which the young people who form the group “Devil’s Lieutenants” address themselves with the pronoun *tu* (Ernesto to Vitorino; Magalhães to Carneiro). Among the non-solidary, the address is carried out with the formal form *o senhor* (Ramiro to Pimenta and vice versa; Pimenta to Camilo and vice versa; Ramiro to Magalhães). As a stylistic use, the address “Your Excellency” appears in Camilo’s first approach to Josefa and Elvira as a strategy of seduction. In these symmetrical, solidary and non-solidary relationships, the employment of *você* was also not registered.

To compose the third comparative scale, we take as a counterpoint the play *Maldita Parentela* in which França Júnior exposes the linguistic behavior of different social types. Regarding the symmetrical relations, as outlined by Brown and Gilman (1960), there is linguistic variation in the speech of the young people present at the ball in the city of Rio de Janeiro, distributed in pairs: on the one hand, the lovers Marianinha and Dr. Aurélio, who follow the customs of the Court; on the other, the sisters Cocota and Laurindinha, the siblings Hermenegilda and Cassiano and the cousins Laurindinha and Cassiano, representatives of groups that do not align with this “decorum”.

Table 4. *Maldita parentela*: pronouns of address among lovers, cousins and siblings

	Marianinha	Dr. Aurélio	Laurindinha	Cocota	Cassiano
Marianinha	/	Tu	—	—	—
Dr Aurélio	Tu	/	—	—	—
Laurindinha	—	—	/	Tu / Você	Você
Cocota	—	—	Você	/	—
Cassiano	—	—	Você	—	/
Hermenegilda	—	—	—	—	Tu

Source: Self elaboration

The lovers – Marianinha and Dr. Aurelio – who represent “civilized” young people treat each other as *tu*, as is the case in the exchange between siblings, particularly in the speech of Hermenegilda, whose identity is marked by prolixity, rhetorical devices such as quotations and literary references. Her linguistic behaviour reveals a socially and culturally situated activity whereby there is no place for feelings explosion. So, when her brother Cassiano challenges Guimarães to a duel she obeys court etiquette and kindly asks him not to shed the blood of her pretender. In doing so, she uses the familiar *tu* to address her brother.

- | Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships

- (2) Hermenegilda (Pondo-se de permeio)_Cassiano Vilasboas, meu irmão, não (*tu*) derrames o sangue deste homem. (MP, Cena 21)

Hermenegilda (She got it in the way)_ Cassiano Vilasboas, my brother, do not spill the blood of this man. (MP, Scene 21)

It is also used among the rustic sisters in directive speech acts (AUSTIN, 1990), which leads us to infer that the trait of intimacy for *tu* exists for both groups, the upper class that represents the court society and the outsider:

- (3) Cocota _ Um diabo de um mono assim que encontrei na sala tirou-me para uma quadrilha e entendeu que devia tomar-me para seu palito. Depois de me ter dito uma porção de asneiras, perguntou-me se eu não era da Cascadura, e acabou por pedir-me o molde do meu penteado.

Laurindinha _ Ah! Ah! Ah! E tu encavacaste com isto? (MP, Cena 13) (our emphasis)

Cocota _ A devil of a monkey as soon as I met him in the hall he took me to dance a quadrille and assumed that he should mock me. After having told me a number of idiocies, he asked me if I wasn't from Cascadura, and ended up asking me for the mold of my hairstyle.

Laurindinha _ Oh! Oh! Oh! And you dug in with this? (MP, Scene 13)

The case of the rustic cousins (Laurindinha and Cassiano) is different: they call themselves *você*. Laurindinha's raucous laughter could lead us to assign the use of *você* between the cousins to the non-incorporation of codes of conduct that typify a "civilized" society. For them, *você*, as any interactional behaviour, didn't laden with politeness because they ignored the ideal of *urbanitas* of the court environment. Although Cassiano Vilas Boas reports the negative comments from other young women about her dress to his cousin, he does not endorse them, so among cousins, the employment of *você* is not associated with negative values.

- (4) Laurindinha (Rindo-se às gargalhadas) _ Ah Ah! Ah! *Você* já viu, primo, que súcia de feiosas, todas caiadas e a fazerem umas cortesias muito fora de propósito! (arremedando)

Cassiano _ E que linguinhas! Uma delas que dançou perto de mim estava falando do seu balão.

Laurindinha _ O que é que ela podia dizer do meu balão?

Cassiano _ Eu lá sei; disse que *você* estava estufada, como uma pipoca.

Laurindinha _ Ah! Ah! Ah! E elas são umas escorridas; parecem uns chapéus de sol fechados! (MP, Cena 12)

Laurindinha (Laughing with laughter) _ Ha! Ha! H! You'll have already seen that gang of ugly girls, cousin, all whitewashed and doing some very off-purpose amenities! (mocking)

Cassiano _ And so sharp-tongued! One of them who danced next to me was talking about your balloon dress.

Laurindinha _ What could she say about my dress?

Cassiano _ I don't know; She said you were puffed up, like popcorn.

Laurindinha _ Oh! Oh! Oh! And they're beanpole girls; They look like closed sun hats! (MP, Scene 12)

As *você* occurs in all interlocutions between cousins, it is plausible that this form of address is marked with the distance feature. In this sense, the use of *você* between cousins shows that, for the social class that Cassiano and Laurindinha represent, this interpersonal relationship cannot be embedded within the symmetric solidarity category.

For outsiders, *você* is part of the behavioral deviations of cousins to the etiquette of "civility", creating a stigma around the use of this form of address and, consequently, the prestige of *tu*. However, the negative evaluation of *você* by etiquette bias is not enough to explain the variation between the sisters, because neither respects the codes of conduct of a "civilized" society. The idea of distance, of course, also does not apply to the sisters, after all, there are no social differences between them. The use of *você* is motivated by another factor that requires looking from another perspective, that of sensitivities. When the two forms (*tu* and *você*) are compared one can observe the influence of mood in choosing the form to be used in interpersonal relationships (See examples 3 and 4 above).

A certain phlegmatic attitude of the sisters triggers *tu*. Upon hearing Cocota's account of the offense received, Laurindinha laughs and retorts with "never mind", "don't worry about it", "let it be", which makes the use of the pronoun *tu*. In turn, a choleric attitude activates the use of *você* in an illocutionary act of accusation and threat, with a breach of decorum. This stylistic "effect of an omen" (LUFT, 1957) is the same that is observed in Trindade's speech to Frederico and Nogueira in the play *Meia Hora de Cinicismo* (See example 1 above).

The form *o senhor* can also be used in the illocutionary act of rebuke and accusation, but, unlike *você*, without breaking decorum. In the social interaction in which a symmetrical relationship is installed, addressing someone with *o senhor* causes the opponent's removal and installs a relationship of superiority that, because it is not the result of a new social composition, is interpreted as a fictitious elevation. The pronoun

- | Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships

o senhor used by Trindade to Frederico, a preparatory course student, that is, a person who did not even walk into the doors of law school, behavioral conventions and, with this, provokes the feeling of displacing the opponent, of making him feel out of reality. This displacement has the effect of signalling a reprehensible attitude in the hearer, a call to reality, so that the opponent reanalyzes himself and situates himself in the real world, being put in his proper place¹⁴.

The use of *você* is different. The above dialogue (1) brings the nonstandard form of address *sô* (*sir*) as a clue to reach the meaning of *você*. Uttered by Trindade, more than indicating its origin, *sô* indicates a strategy used by the upper social layers to cause humor, playfulness, and, at the opposite end of the scale, disdain and contempt (LUFT 1957). Followed by names with a negative charge (*sô gaitão*; *sô miserável*) in the appositive form, *você* acquires, metonymically, the function of disqualifying the addressee. To save his own face, since his colleagues used to tease him for being a freshman and, above all, a “*caxias*” (efficient student), Trindade uses one of the aggressive methods of face preservation. He offends them safely, that is, he treats them as *você*, because he knows that colleagues, who live on jokes, are willing to ignore the affront.

Thus, among colleagues, the pronoun *tu* gives way to *você* as a strategy for depreciating the addressee in a situation that breaks behavioral decorum owing to Trindade’s anger. Such treatment is not just reprehensible. If it were, it would be enough to call friends *o senhor* to call them to reality. The use of *você*, on the contrary, expresses the psychological disorder of those who use it and provokes, to create a carnival image of a temporal release of affairs (BAKHTIN, 1987) as a place of the interlocutor. It constitutes an act of moral forfeiture that does not have the function of calling to reality, but rather of expelling from the social body, as can occur with convivial insults of the type “Get lost!” or “Go to hell!”.

This demotion using *você* is not restricted to symmetric solidarity relationships. At this point, it is interesting to confront the change in address from *o senhor* to *tu*, which occurs between Basilio and Dr. Aurelio, and the shift from *o senhor* to *você*, between Guimarães and Cassiano.

¹⁴ A similar effect is obtained in *Inglese na costa*, in which the uncle calls his nephew *o senhor*:

Félix – Meu tio, olhe a canastra.

Luís de Castro – E tem o arrojo de não corar em minha presença! Quem julga **o senhor** que eu sou? (IC, Cena 13)

Félix – Uncle, watch out for the police.

Luís de Castro – And you have the audacity not to blush in my presence! Who do **you** think I am, **sir**? (IC, Scene 13)

The use of *tu* among those who called themselves *o senhor* occurs the moment Basilio discovers that Dr. Aurelio is his son. Thus, *tu* represents the alteration of the social bond between Dr. Aurelio and Basilio, establishing the relationship of downward asymmetry. The selection of *você* by Guimarães when questioning Cassiano Vilasboas is motivated by an alleged act of offense or dishonor. Seeing Guimarães at his sister's feet, Vilasboas challenges him to prepare for a duel, to which Guimarães retorts that it was not necessary to prepare to duel with him. This drawdown is highlighted with the use of *você*:

- (5) Cassiano _ Prepare-se para bater-se comigo, senhor.
Guimarães _ Pois para bater-me com *você* é preciso preparar-me? (MP, Cena 21)

Cassiano _ Prepare yourself to duel with me, sir.

Guimarães _ And is it necessary to prepare myself to duel with you? (MP, Scene 21)

The adoption of *você* does not lead to a change in the type of social bond. The symmetrical relationship is maintained, but behavioral conventions are violated because it exposes sensitivities. This violation is not a mere rebuke or call to reality, but the mobilization of a familiar language in the public square (BAKHTIN, 1987) to attack in a crude way the opponent, to demoralize him. Guimarães could have accepted the duel and marked his date according to custom, but preferred to duel on the spot to ridicule Cassiano Vilas Boas, his opponent. Triggering the Shakespearian metaphor of the tailor (ORMSBY-LENNON, 1991), Guimarães chooses as a weapon the *topos* "the tongue is the garment of thought" and associates "you" with the figure without shoes (Cassiano had removed them and placed them under the couch). Written and set in the period before the abolition of slavery, the play represents the imaginary of the time, when bare feet (SCHWARCZ, 2012) referred to the figure of the slave, a being regarded as civilly incapable, whom one called *você*.

Finally, the change from *A senhora (the lady, madam)* to *a menina (the girl)* in Guimarães' speech to Marianinha is a clue of his lack of skill and faulty knowledge of etiquette in selecting a respectful but quasi-familiar form (the usage of the first name) in a symmetrical non-solidary relationship.

- (6) Guimarães _ Ah! Eu não sou homem de etiquetas, digo o que sinto. Fiz um bom negócio e desabafo com *a menina*, que é uma pessoa a quem amo com todas aquelas. Também se não gostasse da senhora, dizia-lhe logo nas ventas; eu para isso sou bom. (MP, Cena 10)

Guimarães _ Ah! I'm not an etiquette, I say what I feel. I made a good deal and let off steam with the girl, who is a person whom I love with all those ones. Also, if I didn't like you, ma'am, I'd tell you right to your face; I'm good at that. (MP, Scene 10)

- | Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships

The comparative method in the three scales of the forms of address, from the cutout of symmetrical interpersonal relationships, allowed mapping the linguistic variation in environments of similar social forces (the students of the São Paulo Law School and the bachelors in Rio de Janeiro), but in geographically and socially distant places (the Provinces and Court), contrasting them with popular groups. The results lead to the following tables synthesising the forms of address for symmetrical relationships (solidarity and non-solidarity):

Table 5. Forms of address as social ties

	Social type	Form	Personal relationships	Examples
SOCIAL	Popular	Você	Non-solidarity symmetry	Among cousins
		Tu	Solidarity symmetry	Among siblings
	Non popular	O senhor	Non-solidarity symmetry	Among acquaintances/strangers
		Tu	Solidarity symmetry	Among friends

Source: Self elaboration

Table 6. Forms of address as behaviors

	Type	Form	Function	Personal relationships	
STYLISTIC	Sensitivity	O senhor	Higher standing: rebuke act	Solidarity symmetry	
		Você	Lower standing: dismissal act	Solidarity symmetry and non solidarity	
	Formality	Pop	A senhora	(+) Detachment	Non-solidarity symmetry
			A menina	(-) Detachment	Non-solidarity symmetry
	Non pop	Vossa Excelência	(+) Reverence	Non-solidarity symmetry	
		A senhora	(+) Detachment	Non-solidarity symmetry	

Source: Self elaboration

Used in non-solidarity symmetry between cousins of the lower classes, *você* was probably negatively evaluated by the non-low group, because, although the populous used it among themselves neutrally, it was also employed by both social groups to encode lower standing when there was a change in mood. In other words, the knowledge of its offensive function was the instrument that provided the negative evaluation of its use in neutral form by the non-low group.

In another perspective, *você* and *o senhor* used for attacking someone exhibits different values. This is because even if both are applied to asymmetrical relations, *o senhor* is used by inferior to superior and *você* by superior to inferior. If we adopt the idea that good is up and bad is down (LAKOFF; JOHNSON, 1980), it seems clear that *você* was more offensive. Standing the low in a Bakhtinian way, it was not reducible to the lower classes, the scholar Trindade also used it to defend himself from his friends' bullying. In these terms, there were no stylistic differences between the academics of São Paulo and the bachelors of Rio de Janeiro, or the lower class young people when they used *você* to affective stance, to express the feeling of anger that should be under control in a civilized world (ELIAS, 1993). By ruling out stylistic use, *você* was a linguistic indicator, a shibboleth that denounced low status.

In short, the negligible details regarding the forms of address reveal that *tu* is not interchangeable with *você* and *você* is not interchangeable with *o senhor* in the attitudes expressed by the characters. It is true that, as a symbolic action, the linguistic behavior that involves choosing ways of addressing one's interlocutor interweaves the social and the stylistic. However, these two fields cannot be measured by the same yardstick, as they do not have the same set of forces. In the social sphere, forms of address configure the bonds between interlocutors regulated by social factors; in the stylistic sphere, they inscribe sensitivities in the form of moods and behavioral adjustments/misfits (including the issue of etiquette).

Final considerations

The analysis pointed out that *tu* and *você* were used for symmetrical interpersonal relationships. However, this doesn't mean that these forms were interchangeable. The variables are related to class identity in the sense that these two forms compete in symmetrical and solidary relations among elements of a lower class. The option for *você* within this context, though, is excluded from the upper one. This restriction points that *você* stigmatize the speaker. Furthermore, according to Weinrich's (1986, p. 16) rule governing politeness, in the presence of two variables for a given situation, the "fuzzier form" is considered politer than the delimited one. This signals that the address form *tu*, the fuzzier one, is politer than *você*. This symbolic value of the address forms is clearer in the context of another subevent: the affective stance. Indeed, *você* is uttered quite emphatically to express the feeling of anger with a clear intent to insult the hearer as a defensive position to preserve face from some threat.

- | Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships

Nonetheless, the address form *o senhor* also expresses emphatically the feeling of anger for the same defensive purpose. Both *o senhor* and *você* perform aggressiveness and may be extended with yelling. But the first one is a scolding less offensive due to the fact it is also used in asymmetrical relations by inferior to superior; conversely, *você* is used in asymmetrical relations by superior to inferior. Metaphorically, down is bad, then the use of *você* between equals was a very aggressive way to threaten the other's face.

Finally, the focus on the survey of meanings and not of regulating laws for using the address forms allowed us to capture meanings of the use of *você* not achieved by statistical researches that ignore the affective stance, a dimension socio-culturally linked to the linguistic forms. Among cultured people, the address form *você* is not about the type of social bond. It has only a stylistic function, in the sense that it is an aggressive approach and, in doing so, exposes sensitivities. This violation is not a mere reprehension or call to reality, but the mobilization of a familiar language in the public square (BAKHTIN, 1987) to attack in a crude way the opponent, to demoralize him. In the case of the students of Law, this attack was a kind of exercising the control of own emotions in face of disputes and objections, a necessary knowledge to be part of the legal world. After all, "the process of language socialization will be related to the capacity of language practices to index socio-cultural information" (OCHS, 1996:409).

References

ABREU, S. A. **Os aprendizes do Poder**. O Bacharelismo Liberal na Política Brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

AZEVEDO, M. **Muito siso e pouco riso**. São Paulo: Linear B/FFLCH-USP, 2008.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec/UNB, 1987.

BROWN, R.; GILMAN, A. Pronouns of Power and solidarity. *In*: SEBEAOK, A. (org.). **Style in Language**. Massachusetts: MIT Press, 1960.

BIDERMAN, M. T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. **Alfa**, v. 18-19, p. 338-381, 1975.

CARREIRA, M. H. Politeness in Portugal: how to address others. *In*: HICKEY, L.; STEWART, M. **Politeness in Europe**. Clevedon-Buffalo-toronto, Multilingual Matters, 2005. p. 306-316.

CAFEZEIRO, E. **Teatro de França Júnior**. Rio de Janeiro: MEC/SNT/FNA, 1980.

CINTRA, L. **Sobre formas de tratamento na língua portuguesa**: ensaios. Lisboa: Horizonte, 1972.

COSTA, I. A classe da comédia de França Júnior. *In*: COSTA, I. **Sinta o drama**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 157-175.

DA MATTA, R. **O que faz do Brasil Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DUARTE, M. E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.). **Português Brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

ECKERT, P. **Linguistic Variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

ELIAS, N. **O processo civilizador** – Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, N. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FARACO, C. O tratamento Você em português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**, Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, n. 13, p. 51-82, 1996.

FARIA, J. **História do Teatro Brasileiro**. São Paulo: Perspectiva/SESC, 2012.

FREITAS, S. **Presença portuguesa em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GINZBURG, C. Sinais. Raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação**. Ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

- | Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships

KLEIN, H. A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil no fim do século XIX e no século XX. **Revista Brasileira de Estudos da População**. São Paulo, v. 6, n. 2, p. 17-37, 1989.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago, 1980.

LOPES, C. R.; DUARTE, M. E. De “vossa mercê” a *você*: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. *In*: BRANDÃO, S.; MOTA, M. (org.). **Análise contrastiva de variedades do português**: primeiros estudos. Rio de Janeiro: In Folio, 2003.

LOPES, C. R.; DUARTE, M. E. Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX. *In*: RAMOS, J.; ALKMIM, M. (org.). **Para a história do português brasileiro**. v. V. Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: Ed. FALE/UFMG, 2007.

LUFT, C. Tratamento depreciativo. **Revista Brasileira de Filologia**, Rio de Janeiro: Acadêmica, v. 3, tomo II, p. 193-207, 1957.

MACHADO, A. As formas de tratamento no teatro do Rio de Janeiro dos séculos XIX e XX. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 60, n. 93, p. 647-668, 2018.

MENON, O. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista de Letras**, v. 44, p. 91-106, 1995. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19069>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MENON, O. A história de *você*. *In*: GUEDES, M.; BERLINCK, R. de A.; MURAKAWA, C. de A. A. (org.). **Teoria e análise linguísticas**: novas trilhas. Araraquara: UNESP, 2006. p. 99-160.

MEYERHOFF, M.; HOMES, J. The Community of Practice: Theories and methodologies in language and gender research. **Language in Society**, Cambridge: Cambridge University Press, v. 28, n. 2, p. 173-183, 1999.

NASCENTES, A. O tratamento de ‘*você*’ no Brasil. **Revista Letras**, v. 5/6, p. 114-122, 1956. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20034>. Acesso em: 15 fev. 2021.

OCHS, E. Linguistic resources for socializing humanity. *In*: GUMPERZ, J.; LEVINSON, C. (ed.). **Rethinking linguistic relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 407-437.

OLIVEIRA, M. A naturalização dos portugueses e a invenção da marca identitária. *In*: FIGUEIREDO, C.; ARAÚJO, E. (org.). **Diálogos com Ilza Ribeiro sobre gramática e história da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 225-249.

OLIVEIRA, M.; RAMOS, J. Vetores de homogeneidade e heterogeneidade: questões linguísticas. *In*: RAMOS, J.; OLIVEIRA, M. (org.). **Dialetação e povoamento: da história linguística à história social**. São Paulo: Contexto. p. 234-255. (to appear)

ORMSBY-LENNON, H. Do xibolé ao apocalipse: falares quacres durante a revolução puritana. *In*: BURKE, P.; PORTER, R. (org.). **Linguagem, indivíduo e sociedade**. São Paulo: Unesp, 1991. p. 101-152.

RIBEIRO, P. **Língua e sociedade: a ordem na escola republicana paulista**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RIBEIRO, P. **A ordem de constituintes sentenciais no português paulista**. 2010. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RUMEU, M. C. **A implementação do ‘Você’ no Português Brasileiro Oitocentista e ecentista: um estudo de painel**. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SCHWARCZ, L. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SILVA, H. S. **O lugar da língua na São Paulo transformada: os usos linguísticos dos intelectuais republicanos paulistas**. 2012. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

- | Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships

SILVA, A.; BARCIA, L. "Vossa mercê, *você*, vós ou tu? A flutuação de formas em cartas cariocas dos séculos XVIII e XIX". **Ao Pé da Letra**, v. 4, n. 1, p. 21-30, 2000.

SILVA, M. B. N. da. **Documentos para a História da Imigração Portuguesa no Brasil (1850-1938)**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 2012.

WEINRICH, P. Identity development in migrant offspring: Theory and practice. *In*: EKSTRAND, L. H. (ed.). **Ethnic minorities and immigrants in a crosscultural perspective**. Lisse: Swets & Zeitlinger, 1986.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: OLIVEIRA, Marilza de; SOARES, Enedino. Forms of address among law students in 19th century São Paulo: symmetrical relationships. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 145-168, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 11/11/2020 | Aceito em: 23/01/2021.

VOLDEMORT E BOLSONARO: DIÁLOGO ENTRE ARTE, MÍDIA E POLÍTICA

VOLDEMORT AND BOLSONARO: DIALOGUE BETWEEN ART, MEDIA AND POLITICS

Luciane de PAULA¹

Giovana Cristina de MOURA²

Resumo: O Brasil está regido por um governo marcado por uma tendência totalitária historicamente arquitetada desde o integralismo, com encaminhamento que pode ser entendido como neonazifacista, calcado na intolerância. Na saga *Harry Potter (HP)*, as marcas da política vilanesca de Voldemort refletem e refratam as do atual governo brasileiro. O objetivo deste artigo é pensar sobre as simetrias entre vida e arte, semiotizadas por Voldemort e Bolsonaro, além de verificar como essa correlação se tornou debate na comunidade de fãs de *HP*, com relação à associação da obra à política. O método adotado é o dialético-dialógico bakhtiniano. As concepções mobilizadas são: diálogo, enunciado, vozes sociais, reflexo e refração, forças centrípetas e centrífugas, arte e vida. Algumas respostas dos fãs de *HP* a um manifesto de repúdio à candidatura de Bolsonaro à presidência da República em 2018, postado no maior portal da comunidade no Brasil, o *Potterish*, em cotejo com declarações do Presidente, compõem esta reflexão, dada a repercussão do evento à época. Os resultados confirmam o pressuposto de que a arte é semeada e nutre a vida, ao menos, é o que ocorre entre Voldemort e Bolsonaro, conforme o próprio manifesto do *Potterish*.

Palavras-chave: *Harry Potter*. Círculo de Bakhtin. Enunciado. Diálogo. Ideologia.

Abstract: Brazil is ruled by a government marked by a totalitarian tendency historically architected since integralism, with a direction that can be understood as neo-nazifascism, based on intolerance. In the *Harry Potter (HP)* saga, marks of Voldemort's villainous politics reflect and refract the current Brazilian government. The purpose of this article is to reflect on the symmetries between life and art, semiotized by Voldemort and Bolsonaro, as well as to verify how this correlation became possible for the debate in the community of *HP* fans, concerning the association of the work with politics. The method adopted is the Bakhtinian dialectical-dialogic. The conceptions mobilized are dialogue, utterance, social voices, reflection and refraction, centripetal and centrifugal forces, art, and life. Some responses from *HP* fans to a manifesto of repudiation of Bolsonaro's candidacy for the presidency of the Republic in 2018, posted on the largest community portal in Brazil, *Potterish*, in comparison with statements by the President, composes this reflection, given the event's repercussion at the time. The results confirm the assumption that art is sown and nourishes life, at least, that is what happens between Voldemort and Bolsonaro, according to *Potterish's* manifest.

Keywords: *Harry Potter*. Bakhtin Circle. Utterance. Dialogue. Ideology.

¹ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil; lucianedepaula@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0003-1727-0376>

² Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Araraquara, São Paulo, Brasil; giovana_lutecia@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-5968-2315>

Introdução

A saga *Harry Potter (HP)*³ é um enunciado estético, como todo enunciado, ancorado no solo social (o plano da vida), que semiotiza temáticas polêmicas, como regimes políticos totalitários, racismo, questões de gênero e classe, por exemplo.

A saga divide as personagens em grupos que representam valores colocados como “bem” e “mal”, separados em casas e subgrupos. Dentre eles, dois se destacam: um como representante de ações totalitárias, de certa forma, até nazistas (dada a questão da superioridade da raça⁴ e “limpeza” social); e outro, resistente (devido à certa desobediência civil). Esses grupos são personificados, respectivamente, por Voldemort e Harry Potter.

De acordo com os estudos bakhtinianos, que fundamentam esta reflexão, a arte reflete e refrata a realidade (VOLÓCHINOV, 2019) experienciada pelos sujeitos⁵ na interação, de forma dialógica, responsiva e responsável (BAKHTIN, 2010). Para essa perspectiva, a arte não é neutra e não pode ser apartada do solo social, de onde parte e para o qual se volta, pois ela, um ato de linguagem com determinado acabamento (o estético), é ideológica e semiotiza juízos de valor, consonantes e dissonantes, uma vez que, como discurso, caracteriza-se como arena/palco⁶ onde se digladiam vozes sociais de valorações contrárias (VOLÓCHINOV, 2017).

Em 2018, período eleitoral presidencial no Brasil, *posts* associaram a saga, sobretudo o vilão, Lorde Voldemort, ao então candidato, Jair Bolsonaro, de maneira recorrente e geraram debate e repercussão nas mídias sociais, especialmente no Facebook, entre os fãs de *HP*. No levantamento previamente coletado, percebeu-se que uma parcela dos fãs desaprova tal associação e defende que as *fanpages* têm perdido o foco ou que *HP* não é

3 Para tratar de alguns aspectos de *Harry Potter*, considerou-se as produções literária (ROWLING, 2015) e filmicas (WARNER, 2001, 2002, 2004, 2005, 2007, 2009, 2010, 2011).

4 Como estudam Paula e Siani (2020b), em “O sangue puro em *Harry Potter* e seus ecos dialógicos eugênicos”.

5 Entende-se, aqui, Bolsonaro e Voldemort como sujeitos do ponto de vista da linguagem, como figuras públicas, “personagens”, representantes de determinadas vozes sociais e não pessoas empíricas. Afinal, o sujeito, como noção filosófica bakhtiniana, é um ser de linguagem (BAKHTIN, 2019) que reflete e refrata o homem, semiotizando-o com determinado acabamento enunciativo (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2019). Assim, o uso desse conceito não se volta a uma pessoa, mas sim à construção de dada pessoa pela e na linguagem.

6 Ainda que na tradução do *Marxismo e Filosofia da Linguagem* usada (VOLÓCHINOV, 2017), o termo que caracteriza “discurso” seja “palco”, o signo “arena”, como utilizado na tradução anterior, feita a partir da versão francesa, semiotiza melhor a noção bakhtiniana, uma vez que remete a embate de vozes sociais e luta de forças. Por isso, a preferência pelo uso de arena/palco, para contemplar e ser fiel à tradução do russo (palco) e à do francês (arena). A utilização dupla é uma forma de contemplar a noção de campo de forças, pela perspectiva das autoras, mais adequada ao que compreendem da filosofia bakhtiniana e da concepção de Volóchinov.

uma obra política e que tal comparação deve acabar. Já outra parcela questiona aqueles que se autodenominam “apolíticos” e afirma que eles “não entenderam nada da obra”, pois defendem que Bolsonaro se aproxima do vilão da saga e apresentam simetrias entre Voldemort e Bolsonaro.

A característica política que mais aproxima Bolsonaro de Voldemort é a “pureza” como fortaleza e superioridade, valores enaltecidos em regimes eugenistas⁷, conforme Hobsbawn e Santarrita (1995), Diwan (2007) e Black (2003). A expressão “sangue ruim”⁸ é um insulto abominável no mundo de *HP*, que reflete e refrata a voz nazifascista. Bolsonaro e diversos de seus apoiadores defendem a Ditadura e pedem intervenção militar com instauração do AI-5 no país, com o pretexto de “limpá-lo”/“livrá-lo” de um “comunismo” no qual acreditam. Desejam cerceamento, perseguição, tortura e morte por intolerância à diferença, e essas atitudes não são muito diferentes daquelas usadas pelo vilão de *HP* e seu “exército” (assim chamados, na saga, os seguidores de Voldemort). Daí, a importância de se analisar as axiologias semiotizadas pelo vilão, em diálogo com as vozes assumidas em declarações públicas por Bolsonaro e como elas aparecem no debate entre os *potterheads*⁹, tendo como foco as manifestações de apoio e repúdio a Bolsonaro, no manifesto de maior repercussão, lançado pela e na maior comunidade de fãs de *HP* no Brasil, a Potterish.

Os insultos, em *HP*, partem de Voldemort e seus seguidores ao se referirem ou dirigirem a Dumbledore, Harry e seus amigos, com feitiços que colocam em prática blasfêmias e planos. Na política, Bolsonaro, sua equipe e alguns eleitores, muitas vezes, calcados em *fake news* (hoje, como noticiado por diversos jornais, de diferentes

7 Para aprofundamento sobre a eugenia e o nazifascismo na relação com a linguagem e os atos de Bolsonaro, sugere-se a leitura de Paula e Lopes (2020). Este artigo cita diversas publicações de Paula com diversas coautorias porque os resultados de cada estudo se relacionam com a pesquisa geral maior, por ela desenvolvida. Os objetos são distintos, as temáticas se relacionam e, como a noção de enunciado, cada artigo é único e elo na corrente discursiva de todo o Grupo. Daí, a importância de alinhar os textos e as pesquisas, referenciando-as.

8 Termo utilizado na saga *Harry Potter* como um insulto grave que não deve ser feito e se refere à “raça impura”. No contexto da obra, a “impureza” é composta por: bruxos mestiços, nascidos trouxas (quando apenas um dos pais é bruxo e o outro, não; ou quando nenhum dos pais é bruxo), abortos (assim chamados, pois considerados uma “aberração”, já que filhos de pais bruxos, que não desenvolvem magia) e criaturas mágicas (elfos domésticos, centauros, duendes e animais mágicos diversos). Para ler sobre a análise desse termo em diálogo com a noção de eugenia e os discursos de Bolsonaro, ler Paula e Siani (2020b).

9 Termo usado no *fandom* (como é conhecido o universo dos fãs) pela síncrese do sobrenome no herói da saga (“Potter”) com o signo em inglês “head”, que significa cabeça. Um *potterhead* é um fã de *HP*, que tem o universo de *HP* em sua mente (livros e filmes, em detalhes). Um consumidor voraz da saga, que realiza *quizzes*, listas de preferências (*top 10*, por exemplo), testes para saber a que casa pertence etc. O *fandom* de *HP* é o segundo maior do mundo. No Brasil, ele é o maior. Esse também é um critério (quantitativo) para se pensar sobre essa comunidade de sujeitos, composta, majoritariamente, por jovens e crianças (faixa etária de 10 a 30 anos). Por isso, este artigo estuda as valorações e repercussões sociais da saga relacionada à esfera política.

- | Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política

perspectivas, há denúncias, com comprovações averiguadas pela “CPMI das *Fake News*”, acerca de um “gabinete do ódio”, como ficou conhecido um espaço no Palácio do Planalto, destinado à produção e circulação de *fake news* por uma equipe contratada pelo próprio Governo e gerenciada pelo Vereador Carlos Bolsonaro), insultam quem pensa diferente (e estigmatizam todos como “comunistas”, “petistas” e “petralhas” – signos que significam, para eles, as piores ofensas) com xingamentos (lexemas de baixo calão), gestos (armas com as mãos e obscenidades), ameaças e chegam ao extremo da violência física. Entre os fãs de *HP*, no Potterish, a estratégia do lamento e da ameaça, mais do que o insulto, foi a encontrada, calcada na exclusão (deixar de ser seguidor/fã do portal/página). Talvez isso ocorra porque o Facebook não permite determinados mecanismos discursivos e porque dados comportamentos podem ser denunciados, com postagens bloqueadas e perfis penalizados.

Nos romances e filmes de *HP*, os bruxos “sangue ruim” são considerados por alguns “sangues puros” como uma “raça” inferior que, pela miscigenação, não merecem pertencer ou serem aceitos na sociedade bruxa. Voldemort, quando desafiado, assume uma postura violenta, e manipula, tortura e mata por prazer. No plano da vida, diversos são os insultos de Bolsonaro (e sua equipe) a personalidades distintas: o educador Paulo Freire foi chamado de “energúmeno” por ele; a ativista Greta Thunberg, de “pirralha”.

A fim de analisar como ocorre a relação entre arte e vida, ficção e realidade, neste caso, para mostrar que são vértices indissociáveis, este trabalho adota o que Paula, Figueiredo e Paula (2011) denominam como método dialético-dialógico ao se referirem ao método bakhtiniano. Os *posts* selecionados fazem parte da página Potterish, escolhida por ser a que apresentou a polêmica entre os fãs de maneira contundente por ter lançado um manifesto¹⁰ contra alguém com um discurso semelhante ao do vilão da saga. O embate que se seguiu em decorrência desse manifesto expressou vozes existentes em outras esferas (como a política), revelando o quanto as forças centrípetas (centralizadoras e com tendência à homogeneização e à dominação) e centrífugas (dispersivas, mais heterogêneas) agem nos sujeitos.

Na perspectiva bakhtiniana, o enunciado é responsivo, responsável, ético e não é acabado (no sentido de ter um encerramento do diálogo), ainda que se constitua por seu acabamento ou configuração formal (no caso de *HP*, estético; no caso dos *posts*, de maneira cotidiana). As dicotomias “bem” e “mal”, “direita” e “esquerda”, “herói” e “vilão”, como tantas outras, ganham vida nos enunciados, que são atos de linguagem e

10 O manifesto está disponível em: <https://potterish.com/aquele-que-nao-deve-ser-votado/>. Pelo espaço limitado deste artigo, não será reproduzido na íntegra no corpo do texto.

revelam vozes sociais. O embate entre os fãs de *HP* acerca da relação entre Voldemort e Bolsonaro, mais do que uma discussão sobre a obra ou sobre o discurso estético, revela posicionamentos políticos, expressos pelas valorações acerca do papel da arte e sua relação com a sociedade.

A partir do coletado, há, de um lado, os fãs que, desde o período eleitoral, têm apontado simetrias entre Voldemort e Bolsonaro, ao que se refere a um discurso de “pureza do sangue” que, cada um ao seu modo (Bolsonaro e Voldemort), legitima e viabiliza a violência contra as minorias, sobretudo contra mulheres, membros da comunidade LGBTQIA+, pessoas de etnias não brancas etc; de outro, há os fãs que acusam as páginas que associam a ficção a Bolsonaro de terem “perdido o foco” ou de serem páginas “esquerdistas”.

O embate entre apoio, conviência ou resistência a um governo com traços próximos ao que ocorre em *HP* (em que há desaparecimentos e mortes; torturas e opressão; liberdade de expressão extinta; censura e manipulação midiática) é um dos traços valorativos constitutivos das vozes e dos valores expressos no objeto analisado.

Este artigo apresenta a teoria conforme empreende a análise, sem uma seção específica separada, pois a utiliza para, de fato, fundamentar a reflexão realizada.

Sujeitos da arte (e) da vida

Os estudos bakhtinianos concebem o enunciado, ao mesmo tempo, como ato singular e elo na cadeia da existência (VOLÓCHINOV, 2017). Para o Círculo, o signo é ideológico e essa é sua “revolução” (PONZIO, 2016) perspectiva. O discurso literário não é diferente de outros, pois é constituído por signos e não está isento de valores sociais. A arte é composta por elementos existentes na vida e se caracteriza como reflexo e refração dela, com acabamento estético (BAKHTIN, 2014). Nesse sentido, a obra literária (não restrita ao romance), a partir das situações narradas, configura um debate ideológico (PAULA; SIANI, 2019), histórico, uma vez que diversas vozes sociais ressoam no todo da obra por meio das valorações construídas. No caso de *HP*, Paula e Siani (2019, p. 51) reiteram que a estrutura de romanesca reflete e refrata uma estrutura de poder pautada nas imbricações

[...][verbo?] de classe/grupo, gênero e raça, vinculados ao que é denominado pelo senso comum de “bem” e “mal”. A defesa de um desses lados-valores pela maneira como a narrativa é arquitetada pela autora-criadora revela seu posicionamento a dada voz, fortalecida a ponto de lutar contra tudo e todos

- | Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política

e vencer até a morte. Isso produz um sentimento de fé na mudança, a esperança de que é possível, mesmo com discriminação e preconceito, perseguição e punições as mais diversas, num sistema perverso e autoritário, hierárquico e fechado, abrir brechas, a fim de subvertê-lo.

Voldemort, no plano da arte, e Bolsonaro, no plano da vida, possuem um discurso que, de maneira dialético-dialógica (PAULA; FIGUEIREDO; PAULA, 2011), os aproxima: os dois possuem formas de governar que os conectam e isso fez (e ainda faz) com que os fãs se posicionem no meio digital sobre suas visões de mundo. Ambos os sujeitos defendem, cada um a seu modo (já que o enunciado é situado, único e irrepetível), o discurso da “pureza”, tanto pela maneira de agir quanto pela maneira de tratar e se referir às pessoas, com insultos (violência simbólica e verbal) e outros tipos de agressões (gestuais e físicas, por exemplo).

No caso de Voldemort, os insultos se voltam, especificamente, aos “sangue ruim”, às classes e grupos desprivilegiados econômica, política e socialmente.

No caso de Bolsonaro, além de pessoas que defendem os direitos humanos, aguçam a criticidade, a heterogeneidade e as minorias (todos denominados, como já mencionado, como “esquerdistas”, “comunistas”, “petistas” e “petralhas”), os insultos¹¹ se centram em:

- negros, índios e demais etnias [como, por exemplo: “Alguém já viu um japonês pedindo esmola por aí? Porque é uma raça que tem vergonha na cara. Não é igual essa raça que tá aí embaixo ou como uma minoria tá ruminando aqui do lado (referindo-se a manifestantes contrários à sua fala)”¹² e “[...] o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador eles servem mais”];

- mulheres [“Ô Preta (voltando-se a Preta Gil), eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco (de ter um filho homossexual) porque meus filhos foram muito bem educados e não viveram em ambientes como lamentavelmente é o teu”, “Foram quatro (filhos) homens, a quinta eu dei uma fraquejada, veio uma mulher”,

¹¹ Fonte: declarações publicadas em diversos jornais (como a *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *G1* e *Uol*) e revistas (dentre elas, a *Carta Capital*, *Revista Piauí*, *Fórum* e *Veja*), canais (YouTube, como o da *Lília Schwarcz*, *O Historiador*, *247* e *Boitempo*, entre outros) e redes sociais (Facebook, Instagram e Twitter).

¹² Todas as citações de pronunciamentos de Bolsonaro foram coletadas da *Carta Capital* (<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>) e confirmados na *Folha de S. Paulo* (<https://bit.ly/3cs8zjl>) e na página oficial do Twitter de Jair Bolsonaro (https://twitter.com/jairbolsonaro?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor). Todas foram acessadas em 17 de abril de 2020, ainda que se refiram a declarações de 2017 a 2019.

“Ela não merece (ser estuprada) porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar porque não merece”, “Não é questão de gênero. Tem que botar quem dê conta do recado. Se botar as mulheres vou ter que indicar quantos afrodescendentes?” (sobre o número de mulheres nos ministérios de seu governo), “Por isso o cara paga menos para a mulher (porque ela engravida)” e “Ela (a jornalista Patrícia Campos Mello, do jornal *Folha de S.Paulo*) queria o furo. Ela queria dar o furo (com gesto) a qualquer preço contra mim”];

- LGBTQIA+ [“O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um coro ele muda o comportamento dele. Tá certo? Já ouvi de alguns aqui, olha, ainda bem que levei umas palmadas, meu pai me ensinou a ser homem”, “Para mim é a morte. Digo mais: (ao se referir à possibilidade de ter um filho homossexual) prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”, “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”, “Não existe homofobia no Brasil. A maioria dos que morrem, 90% dos homossexuais que morrem, morre em locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executado pelo próprio parceiro” e “90% desses meninos adotados vão ser homossexuais e vão ser garotos de programa com toda certeza desse casal (LGBTQ+)”];

- jornalistas [“se algum idiota (se referindo aos jornalistas) vier falar comigo sobre misoginia, homofobia, racismo, ‘baitolismo’, eu não vou responder sobre isso”, “Você pretende se casar comigo um dia? Não seja preconceituoso! Você, você não gosta de loiro de olhos azuis? Isso é homofobia, vou te processar por homofobia. Não admito homofobia! Seu homofóbico! Você pretende se casar comigo? Responde!”, “Você (voltando-se a um jornalista) tem uma cara de homossexual terrível. Nem por isso eu te acuso de ser homossexual. Se bem que não é crime ser homossexual” e “Porra rapaz (a um jornalista), pergunta para sua mãe o comprovante que ela deu para o seu pai, tá certo? Pelo amor de Deus”];

- professores (“doutrinadores”); e

- estudantes (“idiotas úteis e massa de manobra”), entre outros.

As falas de Bolsonaro legitimam e estimulam a violência contra as minorias – seus seguidores e alguns Ministros agem da mesma maneira, com os mesmos grupos de pessoas (eleitores do Presidente, em ocasiões diferentes, chamaram jornalistas de “anta”, “abutres”, “oportunistas”, “lixo”, entre outros). Não é por acaso que o número de feminicídio, genocídio contra os indígenas e mortes de LGBTQIA+ aumentou significativamente nos primeiros meses do primeiro ano de mandato de Bolsonaro, assim como uma “limpeza” encampada pelo governador do Rio de Janeiro, em ações militares nas favelas da cidade tem acontecido.

A semelhança entre Voldemort e Bolsonaro também pode ser apontada ao se considerar a defesa a regimes de exceção (como a ditadura, o fascismo e o nazismo, por exemplo), em que as minorias devem ser extintas (como fica claro nas seguintes falas de Bolsonaro: “Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem”, “Isso não pode continuar existindo. Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitada da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso”) e pelo incentivo à tortura (Voldemort, pelo hábito de utilizar em suas vítimas, para conseguir o que quer, a “maldição *cruciatus*”; e Bolsonaro por considerar Ustra, o maior torturador brasileiro do período militar, um “herói nacional” e por afirmar, em ocasiões e em momentos diferentes, frases como: “O erro da ditadura foi torturar e não matar”, “Ele merecia isso: pau-de-arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura. Tu sabe [sic] disso. E o povo é favorável a isso também”, “Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada, absolutamente nada! Só vai mudar, infelizmente, se um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil, começando com o FHC, não deixar para fora não, matando! Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente”, “A atual Constituição garante a intervenção das Forças Armadas para a manutenção da lei e da ordem. Sou a favor, sim, de uma ditadura, de um regime de exceção, desde que este Congresso dê mais um passo rumo ao abismo, que no meu entender está muito próximo”, “Vamos fuzilar a petralhada”, “Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria”, “[O policial] entra, resolve o problema e, se matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser condecorado, e não processado”).

Pensar nessas propostas e nesses atos de Voldemort e Bolsonaro requer uma discussão sobre a noção de tema e significação para compreender o “purismo” idealizado por esses sujeitos, em seus respectivos enunciados. Segundo Volóchinov (2017, p. 229, grifos do autor):

O tema é um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação. O tema é uma reação da consciência em constituição para a formação da existência. A significação é um artefato técnico de realização do tema. Evidentemente, é impossível traçar um limite absoluto e mecânico entre o tema e a significação. Não há tema sem significação, como não há significação sem tema.

Na arte, todos os considerados por Voldemort como “sangue ruim” são perseguidos, censurados, torturados, e, muitos deles, mortos. O vilão e Bolsonaro são personagens que se conectam pelas valorações que expressam: possuem ambição pelo poder; um “exército” de seguidores responsáveis por controlar a população a partir da reprodução, tanto na ficção quanto na sociedade, de *fake news*, da intolerância, do insulto, da ameaça e de outras violências para que ela (a população) siga os ideais do seu representante; a sensação de medo e impotência predomina nos dois governos; há o cerceamento da liberdade de ir e vir, assim como da liberdade de expressão é condenada; há censura nas escolas e nos materiais didáticos; desaparecimentos e exílios são frequentes e a mídia é manipulada. Todos esses atos são mediados em razão do signo da “pureza”.

Ao que se refere à concepção de signo, Volóchinov (2017, p. 111) afirma que

Uma vez que o signo é criado entre os indivíduos e no âmbito social, é necessário que o objeto também obtenha uma significação interindividual, pois apenas assim ele poderá adquirir uma forma signica. Em outras palavras, somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se. Convencionalizamos chamar esta realidade, que se torna objeto do signo, de tema do signo. Todo signo acabado possui o seu tema. Assim, todo discurso verbal possui o seu tema. Um tema ideológico sempre recebe uma ênfase social. É claro que todas essas ênfases sociais dos temas ideológicos penetram também na consciência individual que, como sabemos, é totalmente ideológica. É como se nesse caso elas se tornassem ênfases individuais, pois a consciência individual une-se de tal modo a elas que parecem pertencer-lhe; sua origem, no entanto, encontra-se fora dela. A ênfase, por si só, é *interindividual*.

Nesse sentido, o signo “sangue ruim” reflete e refrata não apenas a consciência de Voldemort e Bolsonaro, mas os de seus governos, sustentados, por identificação, de seus seguidores [no plano da arte, os Comensais da Morte; e, no da vida, conforme estuda Oliveira (2020), os bolsominions]. Esses seguidores, a partir do discurso expresso por Voldemort e Bolsonaro, apropriam-se do discurso que engloba o tema “sangue ruim” para ofender, ameaçar e perseguir aqueles considerados inferiores ou diferentes. A “raça pura” (DIWAN, 2007) é semiotizada, na arte, pela disputa de poder entre Voldemort e Harry Potter e pela busca de imortalidade de Voldemort, que age de acordo com seus propósitos, sem ética e de maneira sórdida; e, na vida, pelos atos de líderes políticos como Bolsonaro, uma vez que a intolerância e o autoritarismo seguidos de violência têm crescido em nossa sociedade, tanto no Brasil quanto em outros países, pela manipulação

de dados pessoais mediada pela tecnologia, que tem alavancado uma onda conservadora de direita em todo o mundo.

A intolerância, o cerceamento e a violência são marcas típicas de governos totalitários. Voldemort e Bolsonaro possuem um discurso marcado pela “pureza” e os que não se enquadram no que eles consideram “mais fortes” são silenciados, punidos e executados. Atos de descaso, perseguição, tortura e morte constituem a prática dos dois sujeitos, expressa por meio da linguagem. Segundo Volóchinov (2017), a linguagem materializa os atos, sendo também, por sua vez, atos de outra natureza, semiótica. No caso estudado, tanto a obra literária quanto os pronunciamentos do presidente e os *posts* dos fãs de *HP* sobre a relação entre esses dois sujeitos constroem significações acerca dos posicionamentos em embate.

Num movimento dialético-dialógico (PAULA; FIGUEIREDO; PAULA, 2011), as vozes da superestrutura se chocam com as da infraestrutura, tanto em concordância quanto em discordância, em infundável processo de vir-a-ser, num infinito movimento em espiral, como explicita Marx (2007). Nesse sentido, pode-se dizer que o sujeito de linguagem é comprometido com o mundo que o circunda e que a arte responde à vida, pois nasce e sobrevive nela (BAKHTIN, 2011). O discurso da “pureza” de Voldemort/Bolsonaro expressa valores de governos que se ocupam em cercear discordantes. Agem para a garantia de valores conservadores, para a manutenção do poder, por meio das mídias, da lei e da igreja, que manipulam os sujeitos para que permitam serem governados por quem os silencia. Os sujeitos são constituídos a partir de consciências que estão em constante movimento de reconstrução:

Nenhum signo cultural permanece isolado se for compreendido e ponderado, pois ele passa a fazer parte da *unidade da consciência verbalmente formalizada*. A consciência sempre saberá encontrar alguma aproximação verbal com o signo cultural. Por isso, em torno de todo o signo ideológico se formam como que círculos crescentes de respostas e ressonâncias verbais. Qualquer *refração ideológica da existência em formação*, em qualquer material significante que seja, é acompanhada pela refração ideológica na palavra como um fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação. (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 101).

Em governos autoritários, os valores refletidos e refratados por essa consciência revelam ideais preconceituosos e intolerantes, por se encontrarem no poder líderes que falam o que comunidades conservadoras desejam ouvir. No Brasil, Bolsonaro é um líder que semiotiza vozes tradicionais com as quais compactua, ora de forma mais velada, ora (na

maior parte das vezes), aberta. Com seu discurso, ele legitima preconceitos e intolerâncias frente à diferença, o que é sustentado pelo tom emocional-volitivo empregado, tanto por Bolsonaro quanto por Voldemort, em seus pronunciamentos¹³.

Os valores expressos no discurso se caracterizam pela responsabilidade dos sujeitos. Os seguidores das personagens materializam os ideais de seus governos nas mais diversas esferas que dão forma à vida social. O tom emocional-volitivo empregado pelos sujeitos corresponde a valores amparados pela cultura. Cada sujeito se revela a partir de atos que se manifestam na interação. Respondem a contextos a partir de um tom específico para cada acontecimento, de forma singular em cada evento (MEDVIÉDEV, 2012).

As personagens analisadas promovem e prometem, situadas no contexto ao qual se vinculam, uma espécie de “limpeza do mundo”. No mundo mágico-bruxo, abortos, trouxas, elfos domésticos, centauros e demais criaturas, bem como os “sangue ruim” e até os “sangue puros” que protegem tais sujeitos são torturados, censurados, oprimidos e vigiados, tanto pela mídia (imprensa – o jornal *O Profeta Diário*) quanto por alguns professores (como Quirino Quirrell e Dolores Umbridge, por exemplo), na escola (Hogwarts) e pelo governo (o Ministério da Magia, via “Comensais da Morte”). No Brasil, desde o segundo turno da campanha presidencial até agora (segundo ano de mandato de Bolsonaro), professores são perseguidos, materiais didáticos e obras diversas com “teor ideológico” são apreendidas, mulheres, negros, indígenas e comunidade LGBTQIA+ sofrem assédios com comentários desrespeitosos e ofensivos, dentre outras formas de intolerância.

Em outras palavras, Bolsonaro e Voldemort refletem e refratam vozes que reforçam certa dominação e esse processo é mediado por signos ideológicos reproduzidos por seus adeptos, tanto na arte quanto na vida, pelos embates expressos nas mídias.

Os Comensais da Morte se apropriam da “Marca Negra”, uma tatuagem feita no braço direito dos seguidores de Voldemort e expressa no céu quando praticam um crime. Com ela, o grupo instaura e reforça o medo, pelo alerta marcado na comunidade acerca de seus feitos.

No plano da vida não é diferente. Os *bolsominions*, uma das alcunhas dos seguidores de Bolsonaro, também possuem marcas caricatas, como estuda Oliveira (2020) e demonstram Paula e Oliveira (2019, 2020): a apropriação da camiseta da seleção brasileira e da bandeira do Brasil como signos ideológicos nacionalistas e o gesto de arma feito

¹³ Não são descritos aqui os pronunciamentos e outros detalhes de apresentação tanto de Voldemort e da saga de *HP* quanto de Bolsonaro, devido à extensão do artigo.

- | Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política

com os dedos são dois deles. Além disso, acreditam no presidente (o “Messias” “enviado por Deus” com a missão de “salvar” o país) e fazem valer seu discurso no cotidiano, por meio das perseguições (a marcas, empresas, escolas, professores, STF, jornalistas, alguns políticos e partidos – especialmente os de esquerda, alguns pensadores – como Paulo Freire, Darwin e Foucault, mulheres, negros, índios e comunidade LGBTQIA+, alguns órgãos de imprensa – como a *Folha de S.Paulo*, a *Globo*, a *Carta Capital*, entre outros), ofensas e ameaças, o que é habitual de, estimulado e validado por Bolsonaro, da mesma maneira que por Voldemort, na saga de *HP*.

Segundo Volóchinov (2017, p. 99):

Cada campo possui seu próprio material ideológico e forma seus próprios signos e símbolos específicos inaplicáveis a outros campos. Nesse caso, o signo é criado por uma função ideológica específica e é inseparável dela. Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir qualquer função ideológica: científica, estética, moral, religiosa.

O uso do jornalismo, da publicidade e da propaganda, na arte e na vida, colabora com a instituição ideológica para a construção de heróis e vilões, a depender dos interesses dos sujeitos que detêm os meios de produção e dominam a esfera econômica. As mídias em geral instauram medo e/ou devoção na população frente a quem os governa. Governos autoritários têm seus apoiadores (no nazismo alemão, por exemplo, até os judeus, perseguidos, inicialmente, apoiaram as ideias propagadas por Hitler), grupos que sustentam suas ideias e possibilitam a realização de seus intentos (Stálin, Hitler, Salazar, Mussolini, Péron, Pinochet e Vargas são alguns exemplos). O “exército” de Voldemort muito se assemelha aos *bolsominions* pelos discursos preconceituosos frente àqueles que consideram “sangue ruim” e fazem uso da força física para a garantia dos atos e valores daqueles que servem. Eles são responsáveis por punir, perseguir e aniquilar os diferentes resistentes.

Segundo Bakhtin (2011), a cada enunciação, o sujeito produz e expressa sua perspectiva. Como o mundo tem experienciado uma era conservadora, valores aparentemente superados têm voltado à tona (como o terraplanismo) e aqueles que negam essas axiologias têm sido alvo de comentários racistas, machistas, homofóbicos e puristas.

O processo discursivo toma forma na relação do sujeito-eu com seus outros (PONZIO, 2010, 2018), pois é o outro que instiga respostas e é a esse outro a quem o eu se dirige. Essa relação contorna a consciência e os valores que se revelam na interação,

uma vez que a consciência é construída a partir e por meio de signos. Os valores se materializam pelas vozes sociais, que refletem e refratam uma lógica em embate no enunciado. Segundo Volóchinov (2017, p. 93),

[...] o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser iguados. Onde há signo há também ideologia. Tudo o que é ideológico possui significação signica.

Os valores que dão forma à consciência pertencem aos domínios sociais e o sujeito é construído pelo processo de embate com a voz do outro. A entonação (vocal) empregada pelo tom do sujeito em cada enunciação (VOLOCHÍNOV, 2013) verbal, também é constituída por uma imagem (visual) mental, um elemento inerente à vida. Nesse sentido é que Paula (2017), Paula e Serni (2017) e Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e) compreendem a concepção bakhtiniana de linguagem como tridimensional, seja potencial seja explícita.

A vida é modelada pelo enunciado, constituído pela verbivocovisualidade, na interação eu-outro, de maneira situada e cada contexto evoca um tom emocional-volitivo, visto que cada sujeito é único e cada interação, irrepitível. Ações discursivas são carregadas de vozes e tempo-espaço sociais, históricos, políticos, econômicos e culturais. Voldemort e Bolsonaro expressam seus valores em embate com outros. Segundo Volóchinov (2017, p. 93), “os signos também são objetos únicos e materiais e, como foi visto, qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou do consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa os limites da sua existência particular”.

O confronto entre forças centrípetas e centrífugas se encontra na arena aqui estudada: na vida pública de Bolsonaro, inúmeros foram os casos em que o ódio e a intolerância às minorias foram explicitados em seu discurso e esses são os principais argumentos apontados pela oposição, aqui representada pelos fãs favoráveis ao manifesto do Potterish, para não votar nele. Os fãs “apolíticos” também se posicionam frente a esses outros (Bolsonaro, o portal e outros fãs) por não aceitarem a associação de *HP*-Voldemort (da arte) com a política.

Volochínov (2017) entende que a consciência é responsavelmente ativa. Cria-se múltiplas identidades e perspectivas de mundo, tanto pelas que reprimem/oprimem

- | Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política

quanto pelas que contestam os valores autoritários. Os enunciados estéticos, em suas dimensões (verbivocovisuais), refletem e refratam sujeitos socioculturais de forma responsivo-responsável e conectam as duas personagens à vida política.

Forças centrípetas e centrífugas entre esferas e sujeitos enunciados

Este estudo se sustenta na concepção de verbivocovisualidade cunhada por Paula (2017), Paula e Serni (2017) e Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e). De acordo com os estudiosos, em consonância com os estudos bakhtinianos, a interação humana toma forma a partir das três dimensões da linguagem: a verbal, a vocal e a visual, intrínsecas, seja como potencialidade, seja de maneira expressa no enunciado. Bakhtin (2016) entende que a interação se materializa por meio de diversas manifestações de linguagem: verbal (escrita e oral), vocal (entonação – unida à verbalidade, seja pela prosódia, na oralidade, seja pela pontuação, assonância, aliteração e onomatopeias, na escrita) e visual (gestos, expressões corporais e faciais, focalização de câmeras, cores, figurinos, cenografia, formas, posições etc). Conforme Bakhtin (2016), as esferas da atividade são compostas na e por meio da linguagem. Os modos de utilização da linguagem são os mais diversos e podem explorar as dimensões de maneira multimodal (verbo-vocal, verbo-visual, voco-visual ou verbo-voco-visual) ou não. Todavia, mesmo quando o enunciado não transparece sua composição tridimensional, caracterizando-se, aparentemente, como apenas verbal, vocal-sonora ou visual, ele, potencialmente, constitui-se como verbivocovisual, já que a entonação discursiva não se dissocia do verbal (ao contrário, constitui-se nele), assim como uma imagem mental conceitual (visual) que associa o signo ao mundo.

Com esse prisma é que se analisa o manifesto do Potterish, pois, na época das eleições presidenciais de 2018, ele levou uma legião de fãs a se posicionar sobre a associação de *HP* à política brasileira. As esferas literária, midiática e política se intercambiaram nesse embate. Os fãs podem ser divididos em dois grupos: os que se autointitulam “apolíticos” (mesmo ao se posicionarem contra a página, por meio de ameaças, como, por exemplo “até aqui? descurtindo agora”, por acharem que arte nada tem a ver com política e por não quererem discutir questões do teor expresso pelo manifesto; e por se chocarem com fãs de posição oposta) e os fãs favoráveis à associação apresentada no manifesto.

A dialogia entre arte e política ocorre na tensão entre vozes e posicionamentos, em espaço-tempos específicos, pelos signos. Como explica Medviédev (2012, p. 56-57),

O meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa. Essa consciência é determinada pela existência econômica e, por sua vez, determina a consciência individual de cada membro da coletividade. De fato, a consciência individual só pode tornar-se uma consciência quando é realizada nessas formas presentes no meio ideológico: na língua, no gesto convencional, na imagem artística, no mito e assim por diante. O meio ideológico é o meio da consciência. Somente por meio dele e com o seu auxílio a consciência humana abre caminho para o conhecimento e para o domínio da existência socioeconômica e natural. O meio ideológico é sempre dado no seu vir a ser dialético, nele, sempre existem contradições que, uma vez superadas, reaparecem. Mas para cada coletividade, em dada época do seu desenvolvimento histórico, esse meio se manifesta em uma totalidade concreta, singular e única, reunindo em uma síntese viva e imediata a ciência, a arte, a moral e outras ideologias.

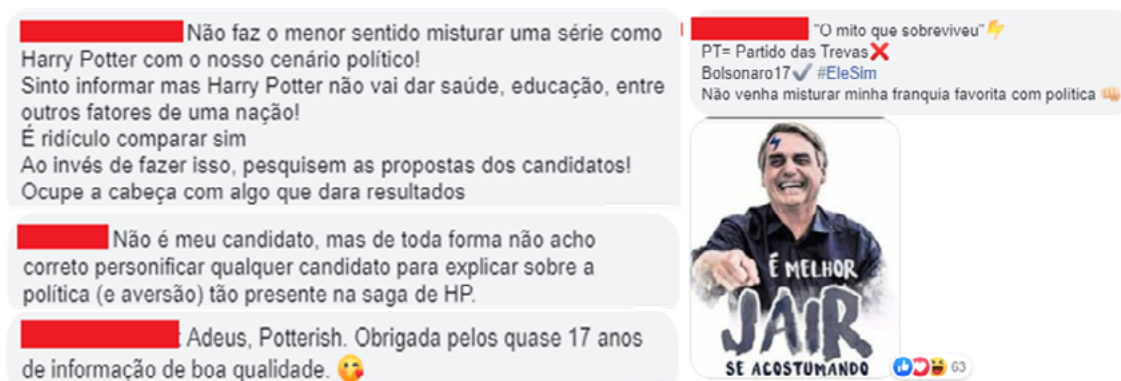
O governo sobre o qual esses fãs se posicionam, em concordância ou discordância, revela-se na consciência e se concretiza no enunciado, de maneira responsiva e responsável, pelo embate de vozes e de forças centrípetas e centrífugas. Conforme os estudos de Bakhtin (2018), as forças centrípetas tendem à unificação, cristalização e imposição de uma dada voz social, enquanto as forças centrífugas são dispersivas. Essas forças se retroalimentam, em tensão. O conflito entre essas forças revela relações sociais, no caso, de um grupo de fãs que, junto ao Potterish, lutou contra a eleição de um sujeito que semiotizaria um governo centrípeto (centralizador), em conflito com fãs “apolíticos”, que não queriam misturar arte e política, assim como não viam semelhanças entre Voldemort e Bolsonaro. A figura 1 ilustra a postura dos que se dizem “apolíticos” e revela que essa designação é um alibi.

Apesar de todos os fãs da figura 1 tentarem separar a relação arte e política, há uma diferença entre os dois primeiros e os dois últimos comentários. Enquanto os primeiros se posicionam como “apolíticos”, o terceiro, sem argumento, deixa de ser fã da página devido ao seu posicionamento e o quarto se assume a favor de Bolsonaro, comparando-o a Harry Potter, o herói-“mito” que sobreviveu (Harry, a um assassinato, a maldição da morte – a *avada kedavra* – proferida por Voldemort; e Bolsonaro, também, a uma tentativa de atentado, a uma facada). Além disso, o comentário do último fã explicita o antagonismo de seu posicionamento, com o “ele sim” (em resposta ao “#EleNão” do manifesto) e com a imagem de Bolsonaro rindo com a frase “É melhor JAIR se acostumando”. Ainda fica clara a posição de oposição ao PT que, de “Partido dos Trabalhadores”, passa a ser designado como “Partido das Trevas”, também em alusão a *HP*. A contradição entre a fala final do

- | Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política

post (“Não venha misturar minha franquia favorita com política”) e os atos do sujeito que, para se posicionar a favor de Bolsonaro, utiliza a saga, revela que a questão não é a “neutralidade” (inexistente), mas sim a discordância com o posicionamento da página, explicitada pelo manifesto lançado.

Figura 1. Os fãs “apolíticos”



Fonte: Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Votado¹⁴

A relação entre arte e vida, como reflexo e refração de vozes, revela embate entre forças centrípetas (que fazem com que esse discurso ganhe força, não só com o presidente, mas também entre seus seguidores, o que estimula a intolerância e a violência) e centrífugas (resistentes à intolerância). As forças centrífugas, representadas pelos fãs que se posicionaram a favor do manifesto, mostram, pelos comentários, as simetrias entre Bolsonaro e Voldemort. Na saga, o vilão quer livrar o mundo daqueles que considera indignos de pertencerem à comunidade bruxa e quando ascende ao poder os persegue. Bolsonaro declara seu favoritismo à ditadura e à tortura. A partir dessas simetrias, o manifesto e os fãs contrários aos “apolíticos” apresentam trechos das obras para comprovar aos *potterheads* a relação entre arte e vida, bem como o perigo de alguém como Bolsonaro no poder.

Ao tratar do signo ideológico, Volóchinov (2017, p. 113) afirma que

Justamente aquilo que torna o signo ideológico vivo e mutável faz dele um meio que reflete e refrata a existência. A classe dominante tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoacental. Contudo, assim como Janus, qualquer signo ideológico tem duas faces. Qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva

¹⁴ 2 de outubro 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/Potterish/>. Acesso em: 06 jan. 2019.

deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira. Essa dialética interna do signo revela-se na sua totalidade apenas em épocas de crises sociais e de mudanças revolucionárias. Em condições normais da vida social, essa contradição contida em todo signo ideológico é incapaz de revelar-se em absoluto, pois na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje.

Os enunciados aqui analisados revelam o embate entre as forças centrípetas e centrífugas no período eleitoral de 2018 e, de maneira dialético-dialógica (PAULA; FIGUEIREDO; PAULA, 2011), os sujeitos refletem e refratam condições específicas das esferas artística, midiática e política. As esferas elaboram os seus tipos relativamente estáveis de enunciados – os gêneros (BAKHTIN, 2016) – e as vozes se revelam na interação, aqui, na tensão entre os fãs favoráveis à associação de Voldemort a Bolsonaro e os “apolíticos”. As esferas midiática e política são do plano da vida. Fora dele, a arte inexistente (BAKHTIN, 2011).

Conforme Volochínov (2013), as vozes sociais são produtos da atividade humana que reverberam nos enunciados, no caso, na esfera midiática (aqui representada pela página do Potterish, por fãs que se posicionaram frente à candidatura de Bolsonaro, ao semiotizarem o embate entre forças centrípetas – em consonância com o discurso de Bolsonaro e, conseqüentemente, compactuaram com a intolerância marcada nele; e centrífugas – o manifesto e os fãs que mobilizaram a obra para estabelecer as assimilações entre o discurso do presidencial e a saga). Não é só o conteúdo temático que reflete e refrata as vozes, mas também a forma composicional e o estilo (autoral e genérico).

Bakhtin (2011, p. 261-262) afirma que “todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”. Eles se manifestam nas esferas, regidas a partir de produtos ideológicos que semiotizam sujeitos em interação com seus outros: no caso, fãs “apolíticos” e fãs que compactuam com o manifesto se posicionam frente ao discurso em voga. O valor defendido por Voldemort e Bolsonaro é a “superioridade” do ser (bruxo-homem).

Conforme Medviédev (2012), esses produtos são criações construídas nas esferas da atividade humana – semiotizadas, neste estudo, pelas midiática e política. Tais produtos são objetos materiais e partem da realidade que circunda o sujeito. As criações ideológicas possuem sentido e valores internos e externos. Esses produtos inexistem fora

- | Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política

da concretude. Nesse sentido, Medviédev (2012) reitera que as concepções de mundo dão forma à realidade ideológica quando enunciadas por meio dos signos e dos atos de linguagem.

Aquele-que-não-deve-ser-nomeado/votado: embates sobre Voldemort e Bolsonaro

As produções midiáticas dão vida às mais diversas discussões (JENKINS, 2006). Segundo Barissa (2019), a saga, desde o seu primeiro livro (*Harry Potter e a Pedra Filosofal*, 1997), possui grande repercussão em plataformas digitais e os fãs atuam de forma enfática na rede, em páginas voltadas à obra, produzindo até hoje, mesmo após o encerramento da saga, com o oitavo filme da franquia (*Harry Potter e as Relíquias da Morte*, 2011), os mais diversos enunciados. A pesquisadora aponta que esses fãs se colocam em uma nova posição: a de um leitor que produz, um leitor-autor que valora a obra a partir de suas visões de mundo.

A produção ideológica toma forma na linguagem enunciada. A ideologia do signo modela a sociedade e garante o funcionamento do meio social, pois um determinado valor continua a existir enquanto reflexo e refração que toma forma na interação entre dois ou mais sujeitos. Aqui, no caso, como os fãs responderam aos valores bolsonaristas no período eleitoral de 2018 no Brasil. Arte e vida, de maneira conjunta, revelam o homem enunciado, o sujeito situado social, histórica e culturalmente.

Para os estudos bakhtinianos (BAKHTIN, 2017), a arte parte e semiotiza o solo social e, por isso, constitui-se, arquetonicamente, como seu reflexo e refração. Ao se considerar a temática política em *HP*, percebe-se que os atos de Voldemort, do início a fim da saga, pautam-se pelo poder autoritário, cerceador, persecutório, discriminador e preconceituoso, o que remete aos pronunciamentos de Bolsonaro. Ao se pensar nas esferas política e midiática, percebe-se a ação dos fãs “apolíticos” em choque com a manifestação dos fãs que enxergam simetria entre o vilão e o candidato, por suas palavras. Volóchinov (2017, p. 101), quanto à noção de palavra, afirma que:

Esse papel excepcional da palavra como um meio da consciência determina o fato de que a palavra acompanha toda a criação ideológica com seu ingrediente indispensável. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de qualquer fenômeno ideológico (de um quadro, música, rito, ato) não podem ser realizados sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem nem ser isolados, nem completamente separados dele.

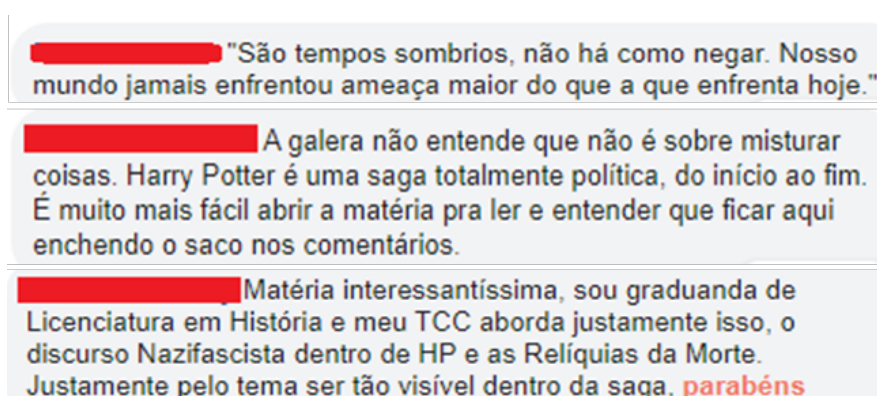
Com base nessa concepção, entende-se a conexão arte e vida: Bolsonaro e Voldemort manipulam e controlam as mídias para que essas alienem e conduzam as pessoas a pensarem o quanto eles são heróis em quem devem confiar. Aqueles que não convencem, perseguem, discriminam e oprimem em níveis diversos (desde a censura até a retirada de materiais de “conteúdo ideológico” de circulação, corte de verbas, violência física e simbólica, assim como punição aos diferentes, que resistem e discordam dessas práticas).

Conforme Machado e Gonzatti (2019), na saga *Harry Potter*, Voldemort faz uso de um feitiço de rastreamento que impossibilita as pessoas dizerem o seu nome. Assim, toda pessoa que use o signo Voldemort (nome criado por ele para si, uma vez que se envergonha do seu nome verdadeiro, Tom Riddle, por pertencer ao seu pai *trouxá*) é localizada. Devido ao medo do vilão, a comunidade bruxa passou a chamá-lo por outros nomes, sendo os mais recorrentes “Você-Sabe-Quem” e “Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado” – daí, a manchete do manifesto contra Bolsonaro: “Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Votado”.

Em razão das semelhanças entre os dois sujeitos, uma parcela expressiva dos fãs passou a se posicionar contra o discurso de ódio voltado a mulheres, pessoas não-brancas e LGBTQIA+ proferido por Bolsonaro. Para isso, esses fãs se apoiaram na narrativa ficcional, utilizando-a como instrumento para a mobilização política.

Ao que concerne à publicação do Potterish, os fãs respondem em concordância e discordância à posição do portal. Alguns dos comentários tratam da postura de Bolsonaro:

Figura 2. Manifestação dos fãs sobre a relação entre os discursos de Voldemort e Bolsonaro



Fonte: Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Votado¹⁵

15 2 de outubro 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/Potterish/>. Acesso em: 06 jan. 2019.

- | Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política

Com base nos estudos de Volóchinov (2017, 2013), aqui explanados, sobre signo ideológico e palavra, pode-se dizer que a política assumida por esses líderes (Voldemort e Bolsonaro) mantém a ideologia conservadora e intolerante no dia a dia, visto que ambos possuem o seu “exército” de seguidores. Esses são responsáveis por, de formas diversas, discriminar, perseguir e punir aqueles que resistem a esses ideais e o fazem por meio de insultos, boicotes e ameaças. Para isso, apropriam-se das mídias, especialmente com *fake news*, para manipular as pessoas e estimulá-las a defender esses valores. É a isso que os fãs respondem. De acordo com Volóchinov (2017, p. 109), sobre repertório discursivo,

Cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana. Cada grupo de formas homogêneas, ou seja, cada gênero discursivo cotidiano, possui seu próprio conjunto de temas. Existe uma unidade ininterrupta e orgânica entre a forma da comunicação [...], a forma do enunciado [...] e o seu tema.

O repertório não é um fenômeno apenas individual – os valores inexistem fora da interação, pois é ela que os reafirma. Para que os governos existam, é preciso que sujeitos respondam a eles. É contra esse discurso que o manifesto do Potterish toma forma, assim como as respostas dele sucedidas. Voldemort e Bolsonaro se assemelham, como já mencionado, por possuírem uma ideologia de “pureza” parecida. No caso do primeiro, quando ele ascende ao poder, pelo controle do *Ministério da Magia*¹⁶, bem como pela manipulação da principal fonte de notícias do mundo mágico, o jornal *O Profeta Diário*, pois iniciou uma campanha de perseguição contra aqueles que considerava “impuros”. Com base em Volóchinov (2017, p. 92) acerca da relação entre instrumento de produção (o jornal) e signo ideológico,

Um instrumento de produção é em si mesmo privado de significação e possui apenas uma utilidade: a de servir para algum objetivo de produção. O instrumento serve a esse objetivo na qualidade de objeto singular, sem refletir nem substituir nada. No entanto, um instrumento de produção também pode ser transformado em signo ideológico.

Os sujeitos mais atingidos com a política opressora de Voldemort são os chamados “mestiços” ou “nascidos trouxas”. Além deles e das criaturas, as pessoas que apoiam essas causas, mesmo sendo “sangue puro”, também são perseguidas, consideradas “traidoras do sangue”. No plano da vida, não é difícil visualizar essa ideologia da “pureza” e da

¹⁶ Governo bruxo.

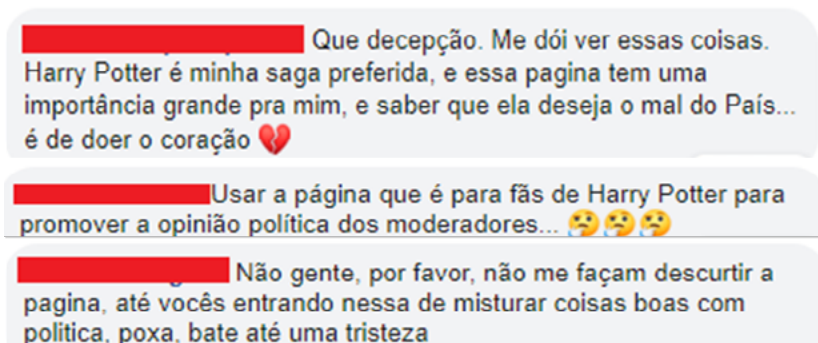
“superioridade”. Desde as últimas eleições, muitos brasileiros têm proferido discursos intolerantes. Uma voz se libertou: a do nazifascismo, antes, inibida e, agora, estimulada.

Bolsonaro, em diversas entrevistas ao longo dos 30 anos que atua na política brasileira, mostrou-se machista, racista, homofóbico e intolerante. Ao ganhar as eleições, comentários desse teor, que representam, portanto, essa voz, advindos, principalmente, do seu eleitorado, a cada dia, de maneira mais frequente, são direcionados a mulheres, professores, jornalistas, imigrantes, indígenas, negros, LGBTQIA+, entre outros.

De acordo com Volóchinov (2017), as palavras atuam como uma manifestação efetiva da produção de sentidos. As vozes sociais (repletas de juízos de valor), expressas por sujeitos em interação viva, refletem e refratam um embate ideológico, visto que os valores conservadores e resistentes se digladiam no cotidiano, por meio da tensão entre as forças centrípetas e centrífugas, colocando em contato infra e superestrutura.

No caso do manifesto do Potterish, como mostrado na Figura 2, parte dos fãs enxerga e debate acerca das semelhanças entre os dois líderes, em diálogo, outra parcela se manifesta contra a posição do portal. Muitos, como na Figura 3, argumentam com ameaça (de “descurtir a página”) e lamentos emotivo-volitivos (expressando tristeza e decepção), uma vez que ela tem propagado, do ponto de vista deles, o discurso de um partido específico (em alusão ao PT), o que é típico no discurso dos adeptos seguidores de Bolsonaro:

Figura 3. Fãs contrários à associação de *Harry Potter* com a política brasileira



Fonte: Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Votado¹⁷

Mais do que insultos, nesses comentários coletados, a estratégia discursiva reinante é a da ameaça. Isso não significa que outros comentários não utilizem insultos como manifestação argumentativa. Em geral, os insultos se voltam ao PT. Como, neste artigo,

¹⁷ 2 de outubro 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/Potterish/>. Acesso em: 06 jan. 2019.

- | Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política

o objetivo não se volta à relação entre Bolsonaro e o antipetismo, mas entre Voldemort e Bolsonaro, comentários selecionados representam o tom da voz dominante referente à temática aqui explorada. Além da ameaça, o lamento também impera, como pôde ser visto na Figura 3.

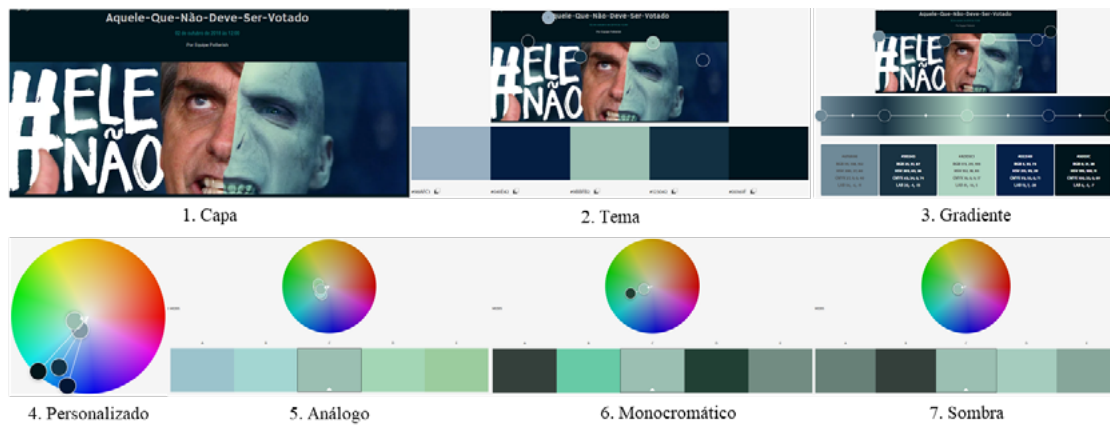
Hobsbawm e Santarrita (1995), ao discorrerem sobre o fascismo, destacam que se trata de um movimento de superioridade, pautado no nacionalismo, no anticomunismo, na mobilização de massas e na defesa de valores “tradicionais”. Para os historiadores, é um movimento que se opõe à emancipação e à hiperculturalidade (HAN, 2019) hipermoderna (LIPOVETSKY, 2004). O discurso dos representantes fascistas assume uma lógica conservadora, como estudam Diwan (2007) e Black (2003).

Os fãs respondem ao manifesto do Potterish porque ele se volta à temática central da saga e utiliza o vilão em analogia a um dos candidatos à presidência, no período mais intenso de campanha (o segundo turno das eleições de 2018). Trata-se, o manifesto, de um texto opinativo comparativo (Voldemort e Bolsonaro). A própria capa revela o posicionamento do portal ao integrar os sujeitos, num rosto só, com uma montagem em escala cromática temática de cores frias, trabalhadas de maneira análoga (na mesma região cromática), monocromática (com variações tonais das mesmas cores, em escalas mais claras ou mais escuras, mais agudas ou mais graves, mais intensas e brilhantes ou mais relaxantes e opacas, misturadas) e personalizada na paleta gradiente de verde e azul que, na saga, caracterizam as sombras (cinzas e pretas)¹⁸ e semiotizam o “mal”, representado por Voldemort, como pode ser visto nos fotogramas 2, 3, 4, 5, 6 e 7, produzidos¹⁹ a partir do cartaz (fotograma 1) da Figura 4:

18 Para se aprofundar na relação da saga romanesca e filmica, ler Paula e Siani (2021, no prelo). As autoras demonstram, em sua análise, o quanto, já na abertura dos filmes, conforme os temas ficam mais complexos, “adultos” e o discurso eugenista do nazifascismo se estabelece, com a volta e o fortalecimento de Voldemort, mais sombrias e escuras se tornam as obras filmicas, com exploração da escala cromática de tons de verde, azul, cinza e preto, acompanhadas pelas mortes e magias “proibidas” (por se tratarem de maldições), com perseguições e torturas, a ponto de as próprias personagens verbalizarem que “São tempos sombrios”, “igualzinho a outra vez”, remetendo, junto a outros tantos fatos do enredo, a uma segunda guerra bruxa, em alusão à segunda guerra mundial.

19 Para a extração de cores e a montagem das escalas, foram utilizados o Adobe Color, o Canvas e o Colordot. A interpretação se pautou em Guimarães (2001), Goethe (2013), Haynes (2008), Heller (2013) e Kandinsky (1970).

Figura 4. Capa do Manifesto do Potterish e sua escala cromática



Fonte: Fotograma 1 – Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Votado²⁰ e Fotogramas 2 a 7 – Produção das autoras

As cores, como outros elementos, de todas as dimensões (construção verbal, ponto, linha, formas, suas direções, foco, ângulo, cenografia, figurino, trilha sonora, vocalidade, entonação, tonalidades, tons, silêncio, pausa, ritmo, entre outros), têm sentidos variados que, no enunciado, materializam sentidos em integração com o todo unitário arquitetônico discursivo e não podem ser analisados isoladamente. Em *HP*, azul e verde constroem, junto com outros elementos, o sentido emotivo-volitivo-ideológico de paralisia, medo, terror, depressão, melancolia, tristeza, aflição, tensão, mistério sinistro e, nesse sentido, liga-se, em seus vários tons e matizes, com o efeito de tempo-espaço-sujeito sombrio.

O cartaz-montagem elaborado e postado pelo Potterish se apropria dessa significação composicional fílmica e a integra (não apenas pela junção das meias faces de Bolsonaro e Voldemort, nessa ordem e centralizados, em primeiro plano no enunciado), mas para transpô-la, da arte à vida, especificamente, à política e ao político negado, pois a única inscrição que se sobrepõe, ao lado da metade da face de Bolsonaro, como que a empurrá-la e, tridimensionalmente, acima dela, em primeiríssimo plano, em branco (paz e união de todas as cores, vozes e sujeitos), é a *hashtag* de um movimento expressivo, sobre a qual será melhor dito adiante, contra esse sujeito (Bolsonaro) e os valores que ele representa, a “#ELENÃO” (assim, em caixa alta e verticalizada). O verbal expressa o posicionamento do portal, que se coloca junto ao movimento “#EleNãO”, como rival do vilão/mal Bolsonaro-Voldemort, já não mais dois e sim dois-em-um, um-em-dois, vida-

²⁰ 2 de outubro 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/Potterish/>. Acesso em: 06 jan. 2019.

em-arte, arte-em-vida. Tudo alinhavado pela ambientação escura, sombria, fria, verde-azulada “Sonserina”²¹.

Outra apropriação, em trocadilho, presente no cartaz, ocorre com uma das expressões que nomeiam Voldemort: “Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado” passa a ser “Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Votado”, uma vez que nomeado Bolsonaro já não era. Não usar o seu nome nas redes sociais foi uma estratégia da oposição para tentar driblar os *boots* e os algoritmos, a fim de restringir o alcance de sua campanha publicitário-política, calcada em *fake news*. O candidato passou a ser chamado, então, pelo pronome de terceira pessoa do singular (a não-pessoa do discurso, segundo Benveniste (1989, 1991), uma vez que não tem voz, mas é o assunto sobre o qual os sujeitos do discurso eu-tu/outro falam): Ele, o que, por um lado, dribla sua campanha e, por outro, também o fortalece, pois é tão conhecido que nem precisa ser nomeado. Como diria Fiorin (2016), são muitas “as astúcias da enunciação”.

Diferente de Voldemort, não nomeado por medo, Bolsonaro não era nomeado como forma (ainda que ambígua) de combate/enfrentamento. A troca de “nomeado” por “votado” coloca, no plano verbo-vocal, Bolsonaro no lugar de Voldemort, o que confirma, no plano visual, a união dos dois sujeitos em um, como o Jano Bifronte, representado pela unidade das caras-metades de Voldemort e Bolsonaro.

A *hashtag* movimentou uma página desenvolvida por e para mulheres, chamada “Mulheres contra Bolsonaro”, que viralizou e se tornou um dos maiores movimentos de oposição à eleição de Jair. A “#EleNão” popularizou e empoderou a voz antagônica das mulheres que se sentiram ofendidas com os insultos e o tratamento a elas direcionados pelo então candidato. Nomear e votar, por similitude, mais do que aproximar e identificar os sujeitos, passaram a constituir o valor de resistência às vozes sociais que aqueles sujeitos representavam/representam. Ato de linguagem que revela posicionamento e pretende funcionar na prática, como um outro tipo de campanha, surgida na infraestrutura, como força centrífuga cotidiana popular. Uma força centrífuga ou centrípeta não atua o tempo inteiro e nem da mesma maneira e com o mesmo vigor. Isso não significa que, em determinado contexto, de forma situada, determinadas vozes opositoras também não possam ser resistência (no caso à eleição de Bolsonaro). Esse é o caso do movimento #EleNão, com sua participação ativa naquele momento específico da eleição.

21 Sonserina é uma das casas que abriga os alunos em *Hogwarts*. Sua cor é verde e prata/cinza. Seu símbolo é uma serpente – falsidade e sabedoria, ao mesmo tempo. Voldemort foi dessa casa em seu tempo de escola. A casa fica nas masmorras do castelo, ou seja, um dos piores lugares, pois um cárcere subterrâneo, descrito por Rowling nos livros como úmido e frio, hierarquicamente abaixo de todos. Os bruxos selecionados para viverem nessa casa são inteligentes e preciosos, mas fazem tudo por poder, são egoístas e excêntricos. Mal compreendidos, muitas vezes, pois sinistros e misteriosos. Salazar Sonserina é o bruxo que a representa e, dentre as características negativas pregadas por ele aos alunos, destaca-se a ambição e a valorização da “pureza” da raça.

O manifesto circulou no portal e no Facebook, porém ganhou maior repercussão no último (seguido, até 02/10/2020, por 386.279 pessoas e, dessas, 382.016 fãs curtiram a postagem). O enunciado, postado em 02/10/2018, tem a legenda “Aos fãs apolíticos sentimos informar, *Harry Potter* é pura política”. Esse manifesto repercutiu bastante entre os fãs. Em 02/10/2020, dois anos depois, a publicação contava com 5,8 mil reações, 1,2 mil comentários e 2 mil compartilhamentos. A autoria é de um dos editores da equipe. O manifesto contextualiza as manifestações ocorridas no período eleitoral e surgiu, segundo consta na página, em razão da necessidade de combater o discurso de ódio propagado por Bolsonaro e seus seguidores. Juntamente ao texto verbo-vocal há a imagem do cartaz com a frase “Quando Voldemort é candidato à presidência, nós precisamos de uma nação de Hermiones! #EleNão”, o que remete, por analogia, às mulheres adeptas ao movimento, também criado por mulheres.

Ao longo do texto são citados movimentos de resistência existentes na saga: a “Ordem da Fênix” (movimento político de resistência a Voldemort e aos Comensais da Morte); a “Armada de Dumbledore” (movimento instituído em *Hogwarts* em um momento no qual os alunos foram impedidos pelo Ministério de praticar magia defensiva. Com ele, os alunos, secretamente, praticam magia, a fim de se defender e sobreviver na guerra que se aproxima); e o “Fundo de Apoio à Libertação dos Elfos Domésticos” (movimento fundado por Hermione, a fim de colocar um fim no regime escravocrata dos Elfos Domésticos). O editorial relembra, por fim, a importância de lutar e de defender a democracia em um momento frágil, no qual a liberdade é cada vez mais escassa e os insultos, a tortura e o preconceito ganham mais força:

Aos fãs apolíticos, sentimos informar: a série *Harry Potter* é puramente política. *A Ordem da Fênix*, como organização de luta e resistência, é política. *A Armada de Dumbledore*, pondo-se à frente da tirania de Dolores Umbridge, é política. Dumbledore e Newt se unindo para lutar contra o fascismo de Grindelwald, que pregava a supremacia bruxa sobre trouxas, é política. O Fundo de Apoio à Libertação dos Elfos Domésticos (F.A.L.E.), tão ridicularizado e incompreendido, é luta pelos direitos das minorias, é resistência e é política. J. K. Rowling se preocupou em estabelecer instâncias claras de poder no mundo bruxo. O Ministério da Magia é a evidência mais óbvia de como é possível utilizar-se do poder para fazer mal àqueles que deveriam ser, em primeiro lugar, defendidos. A lição nos parece clara: a democracia é uma entidade frágil com a qual não se brinca, que deve ser alimentada todos os dias de modo a se fortalecer. (POTTERISH, 2018).

A palavra (no sentido alargado utilizado por Volochínov, 2013) reverberada por Voldemort e Bolsonaro, aproxima-os pela temática da “pureza” (DIWAN, 2007) nazifascista, materializada pelos atos de linguagem que semiotizam a significação dos eventos por cada um deles defendidos, nas esferas literária e política. Um desses atos que aproxima os dois sujeitos é a manipulação das mídias contra aqueles que assumem como seus “inimigos”, considerados “impuros”. Contra esses atos é que o Potterish se posiciona. O discurso dessas personagens compõe a consciência de dado grupo, que se autodesigna “conversador”, “nacionalista” e “de direita”, em oposição a outros, em especial, ao de “esquerda”. O sujeito sempre se posiciona, de maneira responsiva e responsável, em embate, na arena discursiva.

No enunciado, os valores absorvidos pela consciência são revelados. Nesse sentido, a consciência humana é, ao mesmo tempo, individual e social, pois os signos absorvidos pertencem ao solo social. O conservadorismo e o autoritarismo marcam diversos governos ao longo da história. Neste estudo, foi possível visualizar o quanto a arte semiotiza a vida, bem como o quanto governos de direita, simbolizados por Voldemort e Bolsonaro, possuem elementos em comum: políticas de censura a materiais que fazem com que as pessoas pensem, punição de professores que incentivem a criticidade e o questionamento, tortura ou perseguição de minorias e daqueles que discordem de suas práticas, blasfêmias sobre sujeitos considerados “rivais”, transformados em sujeitos “perigosos”, entre outras.

Considerações finais

Este artigo revelou que a política ficcional de *Harry Potter* ganha força no Brasil contemporâneo e que o discurso do vilão da saga se assemelha ao do presidente, pela discriminação aos considerados “impuros” (feministas, pessoas de etnias não-brancas, LGBTQIA+, dentre outros considerados “sangue ruim”).

Ao se considerar a noção dialética de infra e superestrutura, explicitada no ensaio *O trabalho Alienado*, de Marx (2007), pode-se dizer que o discurso de *HP* se cristaliza na superestrutura, legitima-se com as forças centrípetas (pelos seus seguidores, que, no cotidiano, incorporam o signo “sangue ruim” e ofendem aqueles que se opõem ao governo) e se ressignifica, na infraestrutura, com as forças centrífugas, na vida cotidiana, num movimento que faz com que os fãs se posicionem, em reação responsivo-responsável.

A troca de sentidos, mediada pelo contato do sujeito (eu) com os seus outros na interação, corresponde a domínios diferentes de valores refletidos e refratados em enunciados que materializam vozes sociais em embate, como ocorreu com os fãs de *HP*

no Potterish. Volóchinov (2017, p. 205), ao se referir ao enunciado e aos sujeitos como representantes sociais, afirma que

[...] o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. *A palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais com o falante (pai, irmão, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado.

Os sujeitos semiotizam as vozes de grupos sociais, em épocas e espaços distintos. Nesse sentido é que Voldemort e Bolsonaro semiotizam, na arte e na vida, junto com seus seguidores, a voz social do nazifascismo enquanto o Potterish, em seu manifesto, posiciona-se, em oposição a essa voz, como resistência e os fãs da página entram em embate responsivo e responsável ao coadunarem com uma dessas vozes.

No plano da arte, tal qual Bolsonaro, o discurso e as práticas de Voldemort são marcados pela ideologia da “pureza”. Os dois sujeitos se dedicam às suas forças, na figura dos seus subordinados (comensais da morte e bolsominions), para censurar, perseguir e cercear a liberdade daqueles que não concordam com os seus valores e atos, marcados pelo ódio às minorias, pela manipulação da mídia, pela desvalorização da educação e da pesquisa, pela força, simbólica e física, tanto na comunidade mágica-bruxa quanto na sociedade brasileira.

Os discursos de Voldemort, na arte e de Bolsonaro, na vida, são marcados por alguns elementos recorrentes, característicos de governos autoritários e que combatem, de formas diversas, aqueles que os contestam por meio da repressão e da opressão. A ambição pelo poder, a construção de um exército de subordinados que disseminam o ódio e a violência, a sensação de medo e impotência, o cerceamento da liberdade, a censura nas escolas, os desaparecimentos, os exílios e a manipulação das mídias são elementos que aproximam a arte da vida, ainda que com acabamentos arquitetônicos distintos.

Os discursos de Voldemort e Bolsonaro, marcados pela ideologia da “superioridade”, constituem esses sujeitos e as vozes sociais nazifascistas por meio da linguagem. O uso da propaganda, nas mídias, na arte e na vida, colabora para com a vilanização daqueles que contestam esses sujeitos e seus governos. As mídias instauram

- | Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política

o medo e a devoção da população frente àquele que os governa e manipulam fatos com mentiras (as *fake news*). É comum que governos autoritários tenham seu exército de súditos fiéis (amparados por parte da Igreja), assim como uma marca identitária que os compõe e representa sua postura política (o nacionalismo verde-e-amarelo, no caso de Bolsonaro, simbolizado pela camiseta da seleção, a bandeira do Brasil e o seu *slogan* de campanha; e a marca negra de Voldemort).

Este artigo refletiu, fundamentado nos estudos bakhtinianos, sobre as simetrias entre Voldemort e Bolsonaro, entendidos como sujeitos da arte e da vida, representantes de vozes e valores nazifascistas, em cotejo com os comentários mais repercutidos no Facebook sobre essa relação, produzidos pelos fãs em resposta ao manifesto do Potterish contra Bolsonaro no período eleitoral de 2018. Parte dos fãs posicionou-se a favor do manifesto, calcada em eventos da obra e sendo os insultos proferidos e as práticas propostas pelo então candidato como perigosas e, portanto, a serem combatidas; enquanto outra parte se autodenominou “apolítica” e questionou a relação arte e política, recusando-se à discussão com uma estratégia discursiva marcada por ameaças (“descurtir” a página) e lamentos (seja em nome de uma “neutralidade” inexistente, seja por discordarem do Potterish e serem eleitores de Bolsonaro).

Pensar na relação arte e vida a partir das figuras de Voldemort e Bolsonaro para refletir sobre a ação de governos autoritários por meio do embate de vozes dos fãs da saga revelou vozes, valores e práticas sociais, além de demonstrar a importância do papel da arte e das mídias para a constituição sócio-político-cultural e a formação das consciências humanas.

Referências

ADOBE COLOR WHEEL. **Adobe Color**. Disponível em <https://color.adobe.com/pt/create/color-wheel>. Acesso em: 27 set. 2020.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural** (Feminismos plurais). São Paulo: Pólen Livros, 2019.

BAKHTIN, M. **O homem ao espelho – Apontamentos dos anos 1940**. São Carlos: Pedro & João, 2019.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Rio de Janeiro: 34, 2017.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Rio de Janeiro: 34, 2016.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. **A palavra própria e a palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João, 2019.

BARISSA, A. B. M. **Por e para fã: uma análise dialógica de Severo Snape em uma produção transmidiática**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2019 (Mimeo).

BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. *In*: BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1991a.

BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. *In*: BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1991b.

BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. *In*: BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1991c.

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. *In*: BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.

BLACK, E. **A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior**. São Paulo: A Girafa, 2003.

CANVA COLOR PALETTE GENERATOR. **Canva**. Disponível em: <https://www.canva.com/colors/color-palette-generator/>. Acesso em: 27 set. 2020.

- | Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política

CECATTO, I. **O Voldemort da vida real**, 2009. Disponível em: <https://potterish.com/o-voldemort-da-vida-real/>. Acesso em: 04 maio 2020.

CHAUÍ, M. **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

COLORDOT HAIL PIXEL. **Colordot**. Disponível em: <https://color.hailpixel.com/>. Acesso em: 27 set. 2020.

DIWAN, P. **Raça pura**: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Contexto, 2016.

GOETHE, J. W. **Doutrina das Cores**. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.

GUIMARÃES, L. **A cor como informação**: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. São Paulo: Annablume, 2001.

HAN, B-C. **Hiperculturalidade**: Cultura e Globalização. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

HAYNES, D. J. **Bakhtin and the visual arts**. Nova Iorque: Cambridge, 2008.

HELLER, E. **A psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HOBBSAWM, E.; SANTARRITA, M. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JENKINS, H. **Convergence Culture**: Where Old and New Media Collide. Nova Iorque: NYU Press 2006.

KANDINSKY, W. **Ponto, Linha, Plano** – contribuição para análise dos elementos picturais. Lisboa: Edições 70, 1970.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MACHADO, F. V. K.; GONZATTI, C. Harry Potter e aquele-que-não-deve-ser-votado: imaginação cívica, ativismo de fãs e fascismo eterno em redes digitais do jornalismo de cultura pop. **C&S**, v. 41, n. 2, p. 373-403, 2019.

MARX, K. O trabalho alienado. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. HTML 2007. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/index.htm>. Acesso em: 27 set. 2020.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 122-151, dez. 2016.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, N. R. de. **A febre amarela “minions”**: uma análise bakhtiniana. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2020 (Mimeo).

PAULA, L. de. O enunciado verbivocovisual de animação – a valoração do “amor verdadeiro” Disney – uma análise de Frozen. *In*: FERNANDES JR., A.; STAFUZZA, G. B. (org.). **Discursividades Contemporâneas**: política, corpo, diálogo. Série Estudos da Linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2017. p. 287-314.

PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. O Marxismo do/no Círculo. *In*: STAFUZZA, G. B. (org.). **Slovo** – o Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos. Curitiba: Appris, 2011, p. 79-98.

PAULA, L. de; LOPES, A. C. S. A eugenia de Bolsonaro: leitura bakhtiniana de um projeto de holocausto à brasileira. **Linguagem**, São Carlos, Dossiê Discurso em tempos de pandemia, v. 35, p. 35-76, set./2020. Disponível em: <http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/769>. Acesso em: 10 out. 2020.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. **Estudos Linguísticos** (São Paulo), p. 706-722, jun. 2020a. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v49i2.2691>. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2691/1713>. Acesso em: 16 set. 2020a.

- | Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. **Revista Diálogos (RevDia)**, Intergrupos: estudos bakhtinianos, v. 8, n. 3, p. 111-131, 2020b. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039>. Acesso em: 28 nov. 2020b.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. **Linha D'Água** (On-line), São Paulo, v. 33, n. 3, p. 105-134, set.-dez. 2020c. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v33i3p105-134>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296>. Acesso em: 28 nov. 2020c.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Recepções do pensamento bakhtiniano no ocidente: a verbivocovisualidade no Brasil. In: BUTTURI JÚNIOR, A.; BRAGA, S.; SOARES, T. B. (org.). **No Campo Discursivo: teoria e análise**. Campinas: Pontes, 2020d. p. 133-166.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. **Polifonia**, 2020e (no prelo).

PAULA, L. de; OLIVEIRA, F. A. A. de. O signo “resistência” nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil. **Entreletras** (Araguaína), v. 10, n. 2, p. 350-371, jul./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2179-3948.2019v10n2p350>. Disponível em <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/6999>. Acesso em: 10 out. 2020.

PAULA, L. de; OLIVEIRA, F. A. A. de. A “nação” nas redes sociais e na política brasileira. **Entrepalavras**, Fortaleza, [S.l.], v. 10, n. 3, out. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-31858>. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1858>. Acesso em: 29 nov. 2020.

PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. **Raído**, Dourados, v. 11, n. 25, p. 178-201, jul. 2017. DOI: <https://doi.org/10.30612/raido.v11i25.6507>. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/6507>. Acesso em: 10 out. 2020.

PAULA, L. de; SIANI, A. C. Filme e Romance: *Harry Potter e O Cálice de Fogo*. In: DIONÍSIO, M. de L.; REMENCHE, M. de L. R. (org.). **Ler e Escrever na Cibercultura: concepções e práticas**. Campinas: Pontes, 2021 (no prelo).

PAULA, L. de; SIANI, A. C. Uma análise bakhtiniana da necropolítica brasileira em tempos de pandemia. **Revista da Abralin**, 2020a (no prelo).

PAULA, L. de; SIANI, A. C. O sangue puro em Harry Potter e seus ecos dialógicos eugênicos. **Calidoscópio**, v. 18, n. 3, p. 590-615, set./dez. 2020b. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2020.183.06>. Acesso em: 08 dez. 2020b.

PAULA, L. de; SIANI, A. C. Gênero, raça e classe em *Harry Potter*: a constituição dialógica de Hermione Granger e Belatriz Lestrange. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v. 1, n. 1, p. 47-74, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3IVqSke>. Acesso em: 08 dez. 2020.

PONZIO, A. **Encontros de palavras**. O outro no discurso. São Carlos: Pedro & João, 2018.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2016.

PONZIO, A. **Procurando uma Palavra Outra**. São Carlos: Pedro & João, 2010.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2015a.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2015b.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2015c.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2015d.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2015e.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2015f.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2015g.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**. Rio de Janeiro: Claro Enigma, 2013.

- | Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1993.

VOLÓCHINOV, V. **Palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Rio de Janeiro: 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Rio de Janeiro: 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João, 2013.

WARNER BROS. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Direção de Mike Newll, 157 min., 2005.

WARNER BROS. **Harry Potter e as Relíquias da Morte Parte II**. Direção de David Yates, 130 min., 2011.

WARNER BROS. **Harry Potter e as Relíquias da Morte Parte I**. Direção de David Yates, 146 min., 2010.

WARNER BROS. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Direção de David Yates, 153 min., 2009.

WARNER BROS. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Direção de David Yates, 138 min., 2007.

WARNER BROS. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Direção de Alfonso Cuarón, 142 min., 2004.

WARNER BROS. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Direção de Chris Columbus, 174 min., 2002.

WARNER BROS. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Direção de Chris Columbus, 159 min., 2001.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: PAULA, Luciane de; MOURA, Giovana Cristina de. Voldemort e Bolsonaro: diálogo entre arte, mídia e política. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 169-203, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 07/12/2020 | Aceito em: 23/01/2021.

ASPECTO VERBAL NAS CONSTRUÇÕES COM VERBO-SUPORTE

VERBAL ASPECT IN SUPPORT-VERB CONSTRUCTIONS

Larissa PICOLI¹

Oto Araújo VALE²

Eric LAPORTE³

Resumo: Este artigo tem o objetivo de discutir sobre o aspecto verbal nas Construções com Verbo-Suporte (CVS) e com extensões de verbo-suporte, focalizando a função semântica que os verbos podem ter quando exprimem aspecto. Para isso, analisamos a relação entre frases formadas com vários verbos-suporte e que diferem pelo aspecto. Por exemplo, as frases *Zé (ganhou + está com + perdeu a) coragem* indicam os aspectos *incoativo*, *durativo* e *terminativo*, respectivamente. Muito se discute sobre as CVS, mas o aspecto nessas construções ainda é um assunto de pouco interesse entre os pesquisadores no Brasil. Essa pesquisa está embasada no modelo teórico-metodológico do Léxico-Gramática (LG), desenvolvido por Gross (1975). O LG propõe a descrição e formalização dos itens lexicais em tábuas. Dessa forma, como resultado da descrição formal, apresentamos duas tábuas, que podem ser utilizadas no Processamento de linguagem natural (PLN), por meio de programas de computador.

Palavras-chave: Construções com verbo-suporte. Aspecto verbal. Léxico-gramática.

Abstract: This article aims to discuss verbal aspect in constructions with support-verbs (CVS), focusing on the semantic function of support-verbs as aspect markers. We analyze the relation between sentences formed with various support-verbs and differing in aspect. For example, sentences like *Zé (ganhou + está com + perdeu a) coragem* "Zé (got + has + lost his) courage" indicate respectively inchoative, durative, and terminative aspects. CVS are currently a hot topic, but aspect in these constructions is still a subject of little interest amongst researchers in Brazil. This research is based on the theoretical-methodological model of the Lexicon-Grammar (LG), developed by Gross (1975). The LG proposes the description and formalization of lexical items in tables of properties. Thus, the results of our formal description include two tables, which can be used in Natural Language Processing (NLP), through computer programs.

Keywords: Support-verb constructions. Verbal aspect. Lexicon-grammar.

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; larissa_picoli@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2078-9400>

2 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; otovale@ufscar.br; <https://orcid.org/0000-0002-0091-8079>

3 Université Gustave Eiffel, Marne-la-Vallée, França; eric.laporte@univ-paris-est.fr; <https://orcid.org/0000-0002-0984-0781>

- | Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte

Apresentação

Esta pesquisa investiga o aspecto nas construções com verbo-suporte, doravante *CVS*, no Português do Brasil. Entendemos *CVS* como uma construção formada por um verbo-suporte (*Vsup*) seguido de uma unidade lexical predicativa não verbal, como (1).

(1) *Zé tem coragem*

Usamos o termo consagrado de *CVS* sem intenção de referir à Gramática das Construções no sentido de Goldberg (1994). Existem várias formas de definir os *Vsup*, mas, neste artigo, adotamos a definição de Gross (1981, 1998): verbos que se combinam com uma unidade lexical predicativa não verbal formando um predicado semântico completo.

O *Vsup* de (1) carrega apenas as marcas de tempo, modo, pessoa e número, mas vários *Vsup* em diversos idiomas possuem variantes que introduzem diferenças aspectuais (LABELLE, 1974; GROSS, M., 1981; LANGER, 2005):

(2) *Zé (ganhou + perdeu a) coragem⁴*

Gross (1981, p. 33) introduz o termo de “extensões de verbo-suporte” para esses verbos que são diferentes dos *Vsup* de base como *ter*. Nessa perspectiva, a frase (1) com o *Vsup ter* apresenta o aspecto durativo, mas vemos que o aspecto não é marcado, já que passa a ser pontual se colocamos a frase no pretérito perfeito. As frases de (2) estão no aspecto incoativo, no caso de *ganhar*, e terminativo, no caso de *perder*. A única diferença de sentido entre (1) e (2) é de aspecto, enquanto a única diferença de forma é a substituição de *ter* por *ganhar* ou *perder a*, o que é um motivo para considerar que “o aspecto se concentra no verbo” (TRAVAGLIA, 2016, p. 261).

O aspecto é uma propriedade das frases que está associada ao *tempo*. Costa (2016) destaca que aspecto e tempo gramatical são categorias linguísticas temporais, referindo-se ao tempo físico. Semanticamente essas categorias se diferenciam na medida em que *tempo* expressa noções de presente, passado, futuro e suas subdivisões e aspecto denota noções como duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento, repetição, hábito e fim.

(3) *Corri até a praça*

A frase (3) está no *tempo* passado, já que a ação ocorreu antes do momento da fala, e no aspecto acabado, tendo em vista que a ação já foi concluída, chegou ao fim.

4 O símbolo “+” separa elementos que podem comutar.

Na literatura, a categoria de aspecto, no estudo do verbo, ganhou destaque nos estudos de Castilho (1967) e Travaglia (2006) e nas gramáticas tradicionais de autores como Bechara (2006), Cunha e Cintra (2017), Cegala (2008). No entanto, esses autores dedicam pouco espaço às extensões aspectuais de *Vsup*. Por exemplo, Travaglia (2016) aborda esse tema em 3 páginas. Diante disso, ressaltamos a relevância de estudos descritivos sobre aspecto e CVS no Português do Brasil.

Para dissertar sobre o aspecto nas extensões de *Vsup* neste artigo, optamos pelo modelo do Léxico-Gramática, que veremos na próxima seção, pelo fato de que por meio desse modelo podemos construir recursos linguísticos, no formato de tábuas, que podem ser utilizados no Processamento de Linguagem Natural (PLN), para finalidades como a tradução automática de um texto de língua estrangeira para o português (ou vice-versa), a geração de resumo a partir de um texto fornecido à máquina etc.

O Léxico-Gramática

O modelo teórico-metodológico do Léxico-Gramática (LG) foi proposto por Gross (1975), a partir de estudos sobre os verbos do francês, com o intuito de descrever o funcionamento sintático dos itens lexicais por meio das noções de distribuição e de transformação entre frases⁵. Esse modelo tem como precursores o *distribucionalismo* e o *transformacionalismo* de Harris (1962).

O propósito do *distribucionalismo* é descobrir como os elementos linguísticos se combinam. Para isso, essa análise explora os paradigmas, observando a seleção e substituição de um item lexical. O *transformacionalismo*, por sua vez, tem como objetivo descrever as relações entre frases. Dessa forma, propõe, a partir de qualquer frase, aplicar transformações sintáticas e observar a correspondência entre as frases, por exemplo:

- (4) *Zé alugou o carro* N_o *alugar* N_i
 (5) *O carro foi alugado por Zé* N_i *ser alugado* *Prep* N_o

Aplicamos à frase (4) a transformação da passiva, que consiste em utilizar um verbo auxiliar, como *ser*, e passar o argumento N_o para uma posição sintática preposicionada. São exemplos de transformações sintáticas a *pronominalização*, a *passivação*, a *nominalização* e a *formação de uma oração relativa*. Interessa, para o LG, tanto as regularidades, quanto as irregularidades da língua, na medida em que esse está baseado no uso efetivo do idioma e investiga a produtividade que as transformações podem ter, incluindo os limites desta produtividade.

⁵ O LG, em inglês *Lexicon-Grammar*, é diferente da Lexicogramática, em inglês *Lexicogrammar*, uma visão da gramática que realça a importância das escolhas lexicais (HALLIDAY, 1985).

- | Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte

O LG tem como unidade mínima de sentido e de sintaxe a frase elementar. Essa escolha teórica é motivada pela observação de que o significado de uma palavra depende frequentemente dos outros elementos que a acompanham na frase. Com isso, é preferível observar todas as propriedades de um item lexical em frases. Essa precaução metodológica visa também melhorar a confiabilidade da observação semântica. O julgamento semântico aplicado a partes de frases pode variar em função do observador, enquanto o julgamento aplicado a frases completas é mais reprodutível.

Laporte, Smarsaro e Rocha (2012) destacam que o LG investiga o léxico, já que observa as informações sobre as palavras; e a gramática, tendo em vista que analisa as combinações e restrições das palavras. Esse método, portanto, propõe um modelo que atribui a cada item lexical uma gramática, em que cada item lexical pode ter as próprias restrições à aplicação de determinadas operações sintáticas; além disso, no caso de entradas lexicais predicativas, o número de argumentos e a seleção de cada argumento são propriedades gramaticais próprias a cada entrada.

Esse modelo leva a esquadrihar o léxico, examinando uma por uma as propriedades sintático-semânticas de cada item lexical. O LG propõe apresentar esse tipo de descrição formal em forma de tábuas, também chamadas de tabelas ou matrizes. Nessa formalização dos resultados das análises, nas colunas estão as propriedades formais (estruturais, distribucionais e transformacionais) e nas linhas estão as entradas lexicais. As tábuas são constituídas de sinais binários: marcamos com “+” quando determinado item lexical admite determinada propriedade formal e marcamos com “-” quando ele não aceita a propriedade. Neste artigo, descrevemos diversas variantes aspectuais de CVS em duas *tábuas* (TÁBUA ASPECTO - 1 e TÁBUA ASPECTO - 2) do LG (ver APÊNDICE).

O conhecimento das transformações permite fazer uma análise transformacional de qualquer frase, decompondo-a em *frases elementares* (HARRIS, 1962). Cada uma das frases elementares obtidas por esse processo abarca uma parte das informações veiculadas pela frase inicial. Comentando o processo, Sager e Nhàn (2002, p. 88) destacam que “uma análise transformacional de uma frase vai mais longe do que outras análises gramaticais, em um aspecto específico: está mais próxima de uma decomposição informacional da frase”. Com efeito, a descrição das propriedades formais no LG requer levar em consideração o conteúdo informacional das construções. Por exemplo, a noção de preenchimento de uma posição argumental pressupõe que a forma que preenche o argumento se combine com o predicado de maneira composicional, ou seja, que a substituição de uma forma por outra altere o sentido da frase de uma forma predizível. Da mesma forma, a noção de operação sintática inclui o fato de que a aplicação de uma operação determinada altere o sentido da frase de uma forma predizível. Nesse sentido, as análises são de natureza sintático-semântica.

Uma linha de uma tábua do LG é dedicada a uma entrada lexical e descreve construções em que aparece a entrada. Uma dessas construções é escolhida como ponto de referência e as outras são descritas a partir desta, por intermédio de transformações. A construção que serve como ponto de referência é chamada a *frase de base* da entrada lexical. Sempre se trata de uma frase elementar em que o núcleo do predicado é o item lexical descrito na entrada.

Construções com verbo-suporte

Existem várias propriedades definidoras de *Vsup*, aproximadamente equivalentes. Gross (1981, 1998) e Cattell (1984), entre outros, definem *Vsup* como uma classe de verbos que se liga a uma unidade predicativa não verbal para formar uma “unidade complexa de predicação” (MACHADO VIEIRA, 2014, p. 102). A unidade lexical predicativa funciona como “núcleo predicativo” (ATHAYDE, 2001, p. 10), selecionando argumentos, e pode ser um nome (*Npred*), um adjetivo ou um sintagma preposicionado cristalizado. Encontraremos exemplos desses três tipos no decorrer deste artigo. A função do *Vsup*, portanto, é ser suporte flexional para o núcleo predicativo da construção. Esta definição dos *Vsup* lança mão de uma noção semântica: a de predicado selecionando argumentos, e de uma noção sintática: a de verbo.

Segundo outra definição frequentemente encontrada, os *Vsup* são caracterizados como verbos com sentido esvaziado (CHISHMAN; ABREU, 2014), uma propriedade que remonta à noção de *verbo leve* (JESPERSEN, 1942, p. 117), “um verbo insignificativo”. Matsumoto (1999), Langer (2005), Storrer (2007) e Kotsyba (2014) adotam em paralelo as definições pelo predicado semântico não verbal e pelo verbo esvaziado de conteúdo semântico.

No quadro teórico do LG, que investiga uma por uma as entradas lexicais, a segunda propriedade definidora pode acarretar obstáculos práticos. Sem possibilidade de medir a “quantidade de sentido”, é difícil ponderar se, em determinada construção, como *dar um beijo*, *fazer um acordo*, *fazer a limpeza*, o esvaziamento de sentido é suficiente para classificar o verbo na categoria de *Vsup*. A propriedade depende de um julgamento semântico sobre uma parte de frase e não sobre uma frase inteira. Como já dissemos, o LG evita este procedimento observacional e prefere o critério do predicado semântico não verbal, por ser aplicável por meio de vários índices formais que voltaremos a expor em seguida.

Labelle (1974) é o primeiro a delimitar um amplo conjunto de *CVS* apresentando determinadas propriedades e a inventariar sistematicamente as entradas lexicais

- | Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte

relevantes. Este estudo evidencia a existência de variantes em que o verbo cumpre uma função semântica (LABELLE, 1974):

(6) *Paulo tem um acordo com Eva*

(7) *Paulo faz um acordo com Eva*

A substituição de *ter* por *fazer* em (6) provoca uma mudança de aspecto: (7) descreve um evento inicial que inaugura a situação de (6). Outros verbos têm uma contribuição ainda mais nitidamente aspectual, como em *ganhar coragem* e *perder a coragem* em (2), ou intensiva, como em *esbanjar felicidade*, ou ainda "modal" (MEYERS; REEVES; MACLEOD, 2004, p. 97), como em *carecer de coragem ou fazer uma OPA / tentar uma OPA*. Porém, apesar de terem um conteúdo semântico, esses verbos não podem ser analisados como verbos plenos nessas construções. Um verbo pleno seleciona os argumentos, ou seja, determina a distribuição do sujeito e dos complementos, enquanto o sujeito e os complementos de um *Vsup* não têm uma distribuição característica (RANCHHOD, 1990). Por exemplo, a análise de *ganhar* e *perder* como verbos plenos é válida em (8):

(8) *Zé (ganhou + perdeu) um relógio*

As possibilidades de sujeito e de complemento em (8) são determinadas pelo verbo. Para testar a análise de *ganhar* e *perder* como verbos plenos em (2), podemos observar a seleção dos argumentos também. O sujeito humano *Zé* de (2) não pode ser substituído por qualquer substantivo não humano, o que pode ser verificado pelo fato de que formas como (9) não estão em uso:

(9) **A notícia do incêndio (ganhou + perdeu a) coragem*

Essa seleção não é imposta pelos verbos *ganhar* e *perder*, e sim pelo *Npred coragem*, porque, em (10), *ganhar* e *perder* aceitam o sujeito não humano que não aceitam em (9):

(10) *A notícia do incêndio (ganhou + perdeu a) visibilidade na imprensa*

Em (10), o sujeito é selecionado pelo predicado nominal *visibilidade*. Assim, a análise de *ganhar* e *perder* como verbos plenos é inadequada em (2) e (10).

Gross (1981, p. 33) chama "extensão de verbo-suporte" (*EVS*) esses verbos que, quando substituem os *Vsup*, cumprem uma função semântica sem que a substituição altere a estrutura argumental da frase e a seleção dos argumentos. Assim, o número de argumentos em (2) e a seleção dos argumentos permanecem os mesmos de (1)⁶.

6 É mais relevante comparar extensões aspectuais a verbos auxiliares do que a verbos plenos, mas o verbo auxiliar é empregado com outro verbo, enquanto a *EVS* é empregada com um predicado não verbal. Aliás, alguns verbos admitem ambas as sintaxes: *começar um estudo / começar a estudar*.

A semelhança entre *CVS* e *EVS* tem uma consequência prática: se as entradas lexicais dos nomes predicativos são descritas com base nas *CVS* em que aparecem esses nomes, a descrição obtida é relevante para as extensões aspectuais também. Assim, no LG, a construção com *Vsup* de base é sempre escolhida como frase de base do *Npred*. O vínculo entre *CVS* e *EVS* é investigado com inventários sistemáticos de entradas lexicais, no caso do francês, por Vivès (1984) e Danlos (1988), e no caso do português europeu (“substituição de *estar* por variantes aspectuais”), por Ranchhod (1990, p. 110). Mel’cuk *et al.* (1995) atribuem o nome de “função lexical sintagmática *Oper₁*” à relação entre uma *CVS* e suas extensões aspectuais. O paralelismo entre *Vsup* de base e extensões de *Vsup* leva até vários autores a incluir as extensões na categoria dos *Vsup* (DIESING, 1998; MATSUMOTO, 1999; MEYER; REEVES; MACLEOD, 2004; LANGER, 2005; STORRER, 2007; GARCIA-VEGA; MACHONIS, 2014; KOTSYBA, 2014; MACHADO VIEIRA, 2014; SAMVELIAN; DANLOS; SAGOT, 2014). Quando um tipo de *CVS* “não admite variantes aspectuais”, o fato é digno de ser notado (MOTA; BAPTISTA; BARREIRO, 2018, p. 127). Os manuais de gramática do português que mencionam os *Vsup* ainda não tratam das *EVS* (NEVES, 2000), mas não encontramos na literatura publicações que contestassem a relação entre *CVS* e *EVS*.

Em prática, a definição das *CVS* pelo predicado não verbal pode ser aplicada de duas formas: pela intuição semântica, que infelizmente pode carecer de reprodutibilidade, ou por meio de índices formais diretamente observáveis, geralmente mais nítidos. Na perspectiva de uma descrição sistemática de unidades lexicais, a segunda opção é mais satisfatória. Podemos, por exemplo, investigar a seleção dos argumentos, como no caso de (9) e (10): este método consiste em observar combinações sintagmáticas e pode servir para validar ou desvalidar hipóteses, mas não é sempre aplicável. Assim, esse método é completado por outros critérios sintáticos, relativamente técnicos, que são diferentes no caso i) de *Vsup* elementares ou de base, semanticamente esvaziados, como no exemplo (1), e ii) de extensões de *Vsup*, com função semântica, como em (2). Os primeiros possuem uma propriedade sintática característica, que vamos resumir a seguir. As extensões de *Vsup*, por sua vez, podem ser reconhecidas observando as particularidades da transformação entre a *CVS* de base e a construção com *EVS*.

O critério formal para reconhecer se um verbo é *Vsup* de base diz respeito a frases complexas em que a suposta *CVS* é o predicado de uma oração subordinada, como em (11):

(11) *A coragem que o Zé teve foi admirável*

Se *ter coragem* é uma *CVS*, ela é o predicado da oração relativa *que o Zé teve*. Uma operação sintática (DALADIER, 1978) aplicada a (11) produz uma variante com o mesmo sentido, mas sem o verbo *ter*:

- | Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte

(12) *A coragem do Zé foi admirável*

O critério consiste em verificar se uma operação sintática com essas características se aplica a algum tipo de frase complexa. Verificamos que o verbo *ter* é retirado da frase (11) pela operação e que há equivalência semântica entre (11) e (12). Assim, *ter* é considerado *Vsup* de base em (11) e, portanto, também na frase (1), que está embutida em (11). Investigações extensas e abrangentes mostraram que é o caso de todos os predicados nominais conhecidos (GROSS, 1981; GIRY-SCHNEIDER, 1987; FOTOPOULOU, 1992; MEYERS; REEVES; MACLEOD, 2004; LANGER, 2005). A retirada do *Vsup* sem alteração do sentido da frase (11) corrobora a intuição de esvaziamento semântico do verbo, pois essa operação evidencia um contexto em que o verbo pode sumir sem mudança de sentido, mas o critério da retirada é mais confiável do que a intuição de esvaziamento, pois a aplicabilidade de operações sintáticas como a de (11)-(12) pode ser verificada.

Em resumo, o critério que acabamos de descrever restringe *CVS* a construções com um predicado não verbal que pode também ser empregado sem o *Vsup* com o mesmo sentido, como nos seguintes grupos nominais: *a coragem do Zé, a visibilidade da notícia do incêndio, a OPA da Latam*. As operações sintáticas que produzem variantes sem *Vsup* dependem da categoria gramatical do predicado e do idioma, mas a operação de (11)-(12) funciona com predicados nominais em muitos idiomas.

O leitor pode estranhar que a aplicação de critérios formais, como nas experiências dos exemplos (9)-(10) ou (11)-(12), leve a produzir sequências a fim de verificar se essas estão em uso efetivo na língua. Mas a contradição entre sequência produzida e uso efetivo é só aparente. Uma gramática que visa representar os usos de um idioma deve também, logicamente, caracterizar os limites desses usos. Os *corpora* existentes não são suficientes para observar esses limites, porque os locutores inventam frases todos os dias. A exploração dos limites necessita também aplicar metodicamente os processos de invenção de frases, especialmente quando se trata de expressões pouco frequentes na escrita ou de processos pouco usados, por que as sequências produzidas têm menos chances de aparecer nos *corpora* existentes. Quando julgamos que uma sequência produzida está em uso ou não, o julgamento deve ser isento de preconceito e pode ser verificado e desafiado pelo leitor. Assim, o fato de que uma determinada sequência está ou não está em uso não é inventado. Tal fato, por sua vez, pode ser usado para pôr à prova uma análise a fim de verificar se ela é válida.

Gross (1981, 1998), Ranchhod (1983), Cattell (1984) e Machado Vieira (2014) consideram pelo menos algumas frases copulativas como *CVS*, como em

(13) *Ana é corajosa*

Na verdade, em (13), *ser corajosa* apresenta todas as características de uma CVS, quer intuitivas, quer técnicas, incluindo o critério da retirada do *Vsup*:

- O que denota a propriedade do sujeito não é a cópula e sim o adjetivo, como pode ser deduzido pela comparação de (13) com *Ana é covarde*.

- O adjetivo seleciona os argumentos da frase, que neste caso é o sujeito humano *Ana*.

- O sentido essencial da frase pode ser representado por um predicado semântico, que é idêntico ao de *coragem*.

- Existe uma operação sintática que produz uma variante sem *Vsup* a partir de uma frase complexa com uma oração relativa:

(14) *Uma mulher que era corajosa lutou pela liberdade*

(15) *Uma mulher corajosa lutou pela liberdade*

Assim, as cópulas podem ser um caso especial de *Vsup*. Da mesma forma, os outros verbos de ligação podem ser *EVS* das cópulas *ser* e *estar*⁷. Todavia, os manuais de gramática do português ainda não mencionam o comportamento de *Vsup* dos verbos de ligação (NEVES, 2000).

Os *Vsup* semanticamente esvaziados, como *fazer* e *ter*, conforme aponta Neves (2000), podem, junto com *Npred*, denotar um sentido global e podem ter, em alguns casos, um verbo pleno correspondente, por exemplo

(16) *Zé fez a limpeza do apartamento*

(17) *Zé limpou o apartamento*

O *Vsup* de base *fazer* seguido do *Npred limpeza* em (16) tem o verbo pleno *limpar* como correspondente, como vemos em (17). É pertinente destacar que não é toda CVS com *fazer* que vai ter um verbo pleno correspondente, por exemplo:

(18) *Zé fez a ata da reunião*

(19) **Zé atou a reunião*

⁷ As cópulas *ser* e *estar* têm uma diferença interessante com muitos outros *Vsup* conhecidos, como *ter* ou *fazer*: o uso de *ser* e *estar* como *Vsup* não se opõe claramente a outro uso dos mesmos verbos com um sentido mais básico. O uso de *ser* e *estar* como *Vsup* é um dos usos mais básicos desses verbos, senão o mais básico. Esse exemplo é um motivo para não considerar como propriedade definidora dos *Vsup* a oposição entre o uso como *Vsup* e outro uso mais básico do mesmo verbo. O termo de esvaziamento semântico pode ser interpretado como implicando esta propriedade. Para classificar os padrões sintático-semânticos, parece mais relevante dar prioridade a critérios relativos ao comportamento próprio dos padrões em análise do que à existência de outros usos.

- | Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte

Ranchhod (1990) apresenta várias propriedades sintáticas das CVS, a saber: a) relação entre N_0 e o $Npred$, b) formação de frases conversas, c) descida do advérbio, d) retirada do $Vsup$ e formação de grupo nominal, e) restrições nos determinantes e f) substituição do verbo-suporte por variantes aspectuais ou estilísticas.

a) Relação entre N_0 e o $Npred$

Como já dissemos, numa CVS quem seleciona os argumentos da frase é o $Npred$. Gross (1994, p. 237 *apud* BAPTISTA, 2005) afirma que “Os verbos-suporte são verbos que não apresentam restrições de seleção relativamente ao seu sujeito e complementos. Em vez disso, a relação de seleção estabelece-se entre o sujeito e o complemento”. Voltando à frase (16), percebemos que o $Npred$ *limpeza* não aceita qualquer N_0 não humano:

(20) **O carro fez a limpeza do apartamento*

Essa seleção é imposta pelo $Npred$ *limpeza* e não pelo $Vsup$ *fazer*, porque o $Vsup$ *fazer* aceita sujeitos não humanos, por exemplo em

(21) *O carro fez um estalo*⁸

b) Formação de frases conversas

G. Gross (1989) traz a transformação de conversão que é uma operação sintática em que o argumento do $Npred$ com função de sujeito na frase de base passa a ser um complemento preposicionado e vice-versa:

(22) *Ana deu um tapa em Zé*

(23) *Zé levou um tapa de Ana*

Em (22), a posição de sujeito é preenchida pelo N_0 humano, *Ana*, e na frase conversa (23), esse argumento torna-se o complemento preposicionado *de Ana*. O complemento preposicionado de (22) passa pela modificação contrária. A única diferença semântica é que o foco da frase (22) é a *Ana* e o da frase (23) é o *Zé* e o sentido da frase não é alterado.

8 Podemos pensar em outra análise, em que *fazer* em (21) não tem o mesmo sentido de *fazer* em (16) e corresponde a outro item lexical, que impõe outra seleção do sujeito. Essa análise se baseia numa intuição que atribui uma parte do sentido de (16) a *fazer* e outra a *limpeza*, mas não temos como verificar de forma confiável em qual parte de (16) reside cada elemento de sentido, porque o sentido de (16) não é observado senão em (16) inteiro. Alcançamos aqui um limite do julgamento semântico sobre partes de frases. Além disso, se realmente *fazer* em (16) tem um conteúdo semântico suficiente para selecionar um argumento, é natural esperar que essa seleção suma numa frase em que *fazer* não estiver presente. Mas isso não acontece:

a) *A limpeza do apartamento que foi feita (por Zé + *pelo carro) levou um dia*

b) *A limpeza do apartamento (por Zé + *pelo carro) levou um dia*

Quando tiramos o $Vsup$, o argumento *carro* continua inaceitável, sugerindo que o $Npred$ *limpeza* seja responsável pela seleção.

A seleção e os papéis semânticos dos dois argumentos se mantêm: nas duas frases, *Ana* tem um papel ativo, dinâmico e causal e *Zé* muda de estado. Baptista (1997) compara a conversão à relação entre uma frase ativa e uma frase passiva, relação em que os papéis semânticos também são conservados.

O critério da retirada do *Vsup* aplicado a (14) e (15) classifica *dar* como *Vsup* de base (o *tapa de Ana em Zé*) e *levar* como *EVS*. Calcia (2016), Calcia e Vale (2019) analisam a conversão no Português Brasileiro em frases com *dar*, *fazer* e *ter* e observam que as *EVS* que aparecem nas frases conversas, que são também chamadas verbos conversos, são *levar*, *receber*, *ter* e variantes desses verbos. Os pares principais de *Vsup* com verbos conversos são: *dar/receber*, *dar/levar*, *fazer/receber* e *ter/ter*. As construções com *Vsup dar* são as que mais produzem construções conversas, como em:

(24) *Zico me deu um conselho*

(25) *Recebi um conselho de Zico*

c) Descida do advérbio

Acontece por meio da substituição do advérbio terminado em *-mente* pelo adjetivo correspondente modificando o *Npred* (GIRY-SCHNEIDER, 1987):

(26) *Zé assustou bruscamente Ana*

(27) *Zé deu um susto brusco em Ana*

Nesta transformação há equivalência de sentido entre as frases. A modificação que o advérbio promove no predicado verbal não sofre alteração quando ele é nominalizado (BAPTISTA, 2005).

d) Retirada do *Vsup* e formação de grupo nominal

Essa propriedade é o critério ilustrado pelos exemplos (11) e (12).

e) Restrições nos determinantes

Há *CVS* que têm restrições quanto aos determinantes possessivos que acompanham o *Npred*, como

(28) *Zé fez um carinho em Ana*

(29) *Zé fez (*o meu + *o seu + *o nosso) carinho em Ana*

f) Substituição do *Vsup* por variantes aspectuais ou estilísticas

Alguns *Vsup*, como já vimos, admitem variantes aspectuais. Vejamos um exemplo:

- | Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte

(30) *Zé tem raiva de Ana*

(31) *Zé (ficou + anda + vive + continua) com raiva de Ana*

O *Vsup ter*, na frase de base (30), admite diversas variantes que alteram o significado de forma predizível. As variantes em (31) apresentam as mesmas propriedades de *ganhar* e *perder* que notamos em (2) e, portanto, podem ser analisadas como *EVS*. A diferença principal é que ocorrem com a preposição *com*. O estudo de Santos (2015) sobre os predicados nominais com *Vsup ter* menciona duas outras variantes de *ter*: *estar com* e *sofrer de*, que não contribuem nitidamente para o aspecto da frase, mas também são construídas com preposições. Há diversas pesquisas recentes sobre *CVS* que seguem o modelo teórico-metodológico do LG e mencionam diversas variantes aspectuais, dentre as quais se destacam Rassi (2015), que descreve e classifica o verbo *dar*, Barros (2014), que apresenta a descrição e classificação dos predicados nominais com *Vsup fazer*, Chacoto (2005) que disserta sobre o verbo *fazer* em construções nominais predicativas, Malacoski (2017), que descreve o *Vsup ter* e nomes humanos de relação, entre outros.

A função semântica dos *Vsup*

O estudo de Gross (1998) sobre a função semântica dos *Vsup* é um dos resultados de um empreendimento coletivo e metódico de descrição das *CVS* e *EVS* em francês e em outros idiomas, que Gross tinha orientado continuamente desde 1970 e que deu origem à publicação de teses, artigos e livros. Esse artigo, portanto, leva em consideração as lições aprendidas na investigação de milhares de entradas lexicais.

No início, Gross (1998) se vale da noção de transformação sintática de nominalização. Esse processo consiste em, a partir de uma frase formada com um verbo distribucional, transformar esse verbo em nome. Gross cita, por exemplo, o equivalente francês de:

(32) *Zé gritou*

(33) *Zé deu um grito*

O verbo distribucional *gritar* em (32) é nominalizado em (33), *grito*, e o verbo da frase transformada é o *Vsup dar*. *Gritar* é considerado um verbo pleno ou verbo distribucional, tendo em vista que é ele quem seleciona os argumentos da frase, e em (32) há apenas um argumento: o sujeito. E *dar* é um *Vsup*, pois não é ele que seleciona o sujeito e sim o nome predicativo (*Npred*) *grito*. Harris (1981) ressalta que no processo de transformação de uma frase em outra se mantém o sentido. Isso quer dizer que há correspondência semântica entre (32) e (33).

Gross destaca que o *Vsup*, por exemplo, o equivalente francês de *dar* em (33), é semanticamente esvaziado assim como os verbos *fazer* e *ter* nas frases:

- (34) *Zé dividiu as tarefas*
- (35) *Zé fez a divisão das tarefas*
- (36) *Suas palavras importam*
- (37) *Suas palavras têm importância*

Em (35) e (37) a função dos *Vsup* é de reestruturar sintaticamente a frase, mas sem modificar o sentido. As relações de sentido entre os verbos e o sujeito e entre os verbos e os complementos se mantêm entre a frase verbal e a transformada. Em (35), por exemplo, o complemento *as tarefas* manteve a mesma relação de sentido com *divisão* que tinha em (34) com *dividir*.

Gross (1998) investiga as relações semânticas entre *CVS* de base semanticamente esvaziados, como (38), e construções com *EVS*, como (39), no intuito de estudar a função semântica dos *Vsup*, por exemplo, em (1) e (2), repetidos aqui por conveniência:

- (38) *Zé tem coragem*
- (39) *Zé (ganha + perde a) coragem*

Para cada extensão de *Vsup* em (39), comparamos semanticamente a construção de base com a construção com a extensão de *Vsup* e verificamos se as construções são equivalentes semanticamente ou se há diferença semântica. Podemos perceber que entre (38) e (39) existe uma diferença semântica de aspecto. O aspecto de (38) é durativo. Tomando como referência (38), em (39) as frases exprimem os aspectos incoativo (*ganhar*) e terminativo (*perder*). Passando as frases para o pretérito perfeito, (38) se torna pontual, mas (39) conserva os aspectos incoativo e terminativo. Assim, *ganhar* e *perder* podem ser considerados como marcas de aspecto em (39).

Para discutir a função semântica dos *Vsup*, Gross (1998) analisa o efeito semântico de várias operações sintáticas que introduzem *EVS* em frases formadas com *Vsup* de base em francês. Existem situações paralelas em português do Brasil. Mencionamos a seguir três dessas operações sintáticas:

- a) Relações entre frases com *Vsup* e frases causativas e agentivas

- (40) *Zé tem medo de aviões*
- (41) *Essa notícia deu medo de aviões em Zé*

Vemos que a frase de base (40) é formada com *Vsup ter*, que é semanticamente esvaziado, enquanto em (41) há o verbo causativo, *dar*, e um argumento adicional, *essa*

- | Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte

notícia, que denota a causa da situação expressada por (40). Gross (1998) classifica o equivalente francês de *dar* em (41) como *EVS*.

b) Relações entre frases com *Vsup* e frases com *Vsup* intensivos

Frases com *Vsup* semanticamente esvaziados podem ser comparadas com frases mais expressivas:

- (42) *Zé tem (coragem + entusiasmo + alegria + desejo)*
(43) *Zé esbanja (coragem + entusiasmo + alegria + desejo)*

O sentido de (43) não corresponde ao sentido concreto de *esbanjar* (*Rochinha esbanja a herança em orgias*) e sim ao sentido de (42), a única diferença semântica com (42) sendo a maior intensidade e expressividade de (43). Os argumentos não diferem. Os argumentos permanecem selecionados pelo *Npred*. Por exemplo, (42) e (43) não admitem o sujeito não humano *prédio*, enquanto esse sujeito se torna possível com outros *Npred*:

- (44) *O prédio tem estilo*
(45) *O prédio esbanja estilo*

Isso caracteriza *esbanjar* em (43) e (45) como uma *EVS* com valor semântico intensivo.

c) Associação entre o aspecto e o *Vsup*

Deixamos por último o tópico sobre o aspecto, pois ele é o centro deste artigo. Tomamos como ponto de referência uma frase com *Vsup* de base:

- (46) *Zé fez a montagem do filme*

Substituindo o *Vsup*, a frase passa a exprimir aspecto:

- (47) *Zé (iniciou + terminou) a montagem do filme*

O verbo *iniciar* exprime o início da ação e *terminar* denota o fim.

Gross (1998) classifica o aspecto presente nas *CVS*, por comparação com uma frase de referência, em quatro grupos: *incoativo*, *durativo*, *terminativo* e *de repetição ou de frequência*. Primeiramente apresentamos as frases de base e na sequência tratamos dos quatro grupos.

Na frase de base de uma expressão com *Vsup*, o verbo é semanticamente esvaziado:

- (48) *Zé tem inveja de Ana*
(49) *Zé fez fofoca de Ana*

(50) *Ficar sem internet é um pé no saco*

Esta intuição de um verbo semanticamente esvaziado pode ser corroborada por operações sintáticas de retirada do verbo:

A inveja que você tem de Ana é insuportável = Sua inveja de Ana é insuportável

Repeti a fofoca que você fez de Ana = Repeti sua fofoca de Ana

Acho que esse programa é um pé no saco = Acho esse programa um pé no saco

Além dos verbos *ser*, *ter* e *fazer*, Gross (1998) cita os equivalentes franceses dos *Vsup* *estar* e *proceder a*:

(51) *Zé está azul de fome*

(52) *Zé procedeu à leitura da ata*

Cabe salientar que há frases que admitem mais de um *Vsup* semanticamente esvaziado, como acontece em

(53) *Zé (tem + está com) esperança*

Em (53), a frase com *estar* pode ser percebida como menos durativa do que a frase com *ter*, mas a diferença semântica não é saliente.

Para simplificar a organização do LG, as transformações sintáticas são representadas nas tábuas no Léxico-gramática tomando como ponto de referência uma construção única, que é a frase de base. Em se tratando de aspecto, todas as transformações que aplicamos partem, então, da construção de base. Portanto, o efeito semântico de uma operação sintática, e em especial o efeito aspectual, não pode ser descrito, em todo rigor, como um aspecto absoluto e sim como uma diferença relativa ao aspecto da construção de base. Por exemplo, as frases de (47) são incoativa e terminativa relativamente a (46), no sentido em que elas denotam o início e o fim da ação denotada por (46). Da mesma forma, o aspecto de (6) pode ser descrito como durativo de forma absoluta, mas resultativo relativamente a (7); simetricamente, o aspecto de (7) é pontual de forma absoluta, mas incoativo relativamente a (6).

O *aspecto incoativo* exprime o início de uma ação ou de um estado. Castilho (1967, p. 41) denota o aspecto de “início” pelos termos de “inceptivo” (p. 19), “incoativo” (p. 67) e “ingressivo” (p. 41). As diferenças semânticas entre essas categorias aparecem nítidas em alguns exemplos, mas não em todos e não encontramos na literatura sobre aspecto critérios formais para corroborar a intuição semântica em exemplos duvidosos. Tais critérios são necessários num empreendimento de descrição sistemática de entradas

- | Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte

lexicais. Assim, não tentamos distinguir várias categorias de “início”, e usamos o termo de incoativo, que é generalizado hoje. Gross (1988) destaca como incoativos os equivalentes franceses dos verbos *se tornar*, *ir* e *cair*, por exemplo

- (54) *Zé (é + se tornou) um mala sem alça*
 (55) *O carro (está em + foi para o + saiu para o) conserto*
 (56) *Essa palavra (está + cai) em desuso*

Podemos citar como verbos incoativos também *ficar*, *virar*, *ganhar*, como vemos em:

- (57) *Zé (é + ficou + virou) um mala sem alça*
 (58) *Zé (tem + ganhou) coragem*

Os verbos *entrar*, *juntar*, *tomar*, *iniciar* podem denotar aspecto incoativo, por exemplo:

- (59) *Zé (está + entrou) numa enrascada*
 (60) *Zé (tem + juntou + tomou) coragem*
 (61) *Zé (fez + iniciou) um discurso*

Alguns verbos auxiliares podem denotar aspecto incoativo, por exemplo, *dar*:

- (62) *Ana deu de cantar no coral da igreja*

Rassi (2015) mostra que o verbo auxiliar *dar de* pode ser parafraseado pelo auxiliar *começar a*, que também exprime aspecto incoativo:

- (63) *Ana começou a cantar no coral da igreja*

Tendo em vista que neste artigo analisamos o aspecto verbal em construções com *Vsup Npred*, não nos interessam aqui as construções com verbo auxiliar.

O *aspecto durativo* denota que a ação ou o estado é contínuo e duradouro. Gross (1998) traz como exemplos os equivalentes franceses dos *Vsup permanecer*, *conservar* e *manter*, como nas frases:

- (64) *Zé (é + permanece) uma manteiga derretida*
 (65) *Zé (tem + mantém) a cabeça no lugar*
 (66) *Zé (tem + mantém + conserva + permanece com) o plano*

Ademais destacamos também as variantes *continuar*, *viver*, *andar* e *prosseguir*:

- (67) *A situação (está + continua + vive + anda + prossegue) ruça*
 (68) *Zé (está + continua + vive + anda) mal das pernas*

Algumas variantes expressam matizes aspectuais sutis: por exemplo, *viver* em (67) parece introduzir um aspecto intermediário entre durativo e de frequência.

É pertinente destacar o comportamento do *Vsup* *estar*:

(69) *Zé (está + continua + vive) azul de fome*

O verbo *estar* em (69) pode ser escolhido como *Vsup* de base, porque satisfaz o critério da retirada sem mudança semântica:

Zé saiu já estando azul de fome = Zé saiu já azul de fome

Já em (70), esse mesmo verbo *estar* comuta com *ser*:

(70) *Ana (é + está) um violão*

A frase (70) é durativa, mas com uma diferença aspectual dependendo do verbo. A frase com o verbo *estar* denota uma situação ocasional ou episódica, enquanto a frase com *ser* descreve uma situação estável. Os dois verbos podem ser retirados sem mudança semântica:

(71) *Eu acho que Ana é um violão* = (72) *Eu acho Ana um violão*

(73) *Eu acho que Ana está um violão* = (72) *Eu acho Ana um violão*

As construções (71) e (73) são aspectualmente diferentes, mas (72) pode ser equivalente a qualquer uma dos dois, dependendo do contexto. Portanto, *ser* e *estar* podem ser escolhidos como *Vsup* de base. Escolhendo *ser* que ocorre com essa expressão mais comum e mais naturalmente, a substituição de *ser* por *estar* passa a contribuir para um matiz aspectual que pode ser descrito, em comparação com a frase de base, como mais ocasional ou episódico.

O *aspecto terminativo* é aquele que exprime a finalização ou o encerramento de uma ação ou estado. Os equivalentes franceses de *sair*, *terminar* e *perder* são verbos que podem denotar aspecto terminativo, de acordo com Gross (1998), por exemplo

(74) *Zé (está em + saiu de) uma enrascada*

(75) *Zé (tem + perdeu a) paciência*

Com extensões de *Vsup* terminativas, o determinante do *Npred* costuma ter uma distribuição diferente do que com o *Vsup* de base.

Também podemos citar o verbo *concluir* como terminativo:

(76) *Zé (faz + concluiu) a leitura dos poemas*

- | Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte

Por fim, verbos como *repetir* e *reiterar* introduzem uma noção aspectual de *repetição ou frequência*, por exemplo:

(77) *Zé (repete + reitera) a atividade*

(78) *O vendedor (repete + reitera) a contagem*

Já mencionamos *viver* que contribui para um aspecto intermediário entre iterativo e de frequência.

Gross (1998) ressalta que há verbos que denotam repetição ou frequência e exigem complementos necessariamente no plural, como acontece com *multiplicar* e *acumular*:

(79) *Zé (multiplicou + acumulou) os (erros + prejuízos + benefícios)*

De maneira organizacional, apresentamos os quatro grupos da classificação aspectual separadamente. No entanto, vale destacar que uma *CVS* pode simultaneamente admitir mais de uma extensão de *Vsup* com diferentes aspectos, por exemplo:

(80) *Ficar sem internet (é + está + tornou + virou + ficou + continua + anda) um pé no saco*

(81) *Zé (faz + iniciou + mantém + continua com + repete + reitera + acumula) as atividades*

(82) *Zé (fez + iniciou + prosseguiu + concluiu + repetiu) a leitura*

Organizamos várias extensões de *Vsup* que denotam aspecto em duas tábuas (TÁBUA ASPECTO – 1 e TÁBUA ASPECTO – 2) (ver APÊNDICE) no formalismo do LG. Na TÁBUA ASPECTO – 1, há as entradas que têm *Vsup* de base *ser* ou *estar*, já na TÁBUA ASPECTO – 2 são as que têm *Vsup* de base *ter*, *fazer*, *ser de*, *estar Prep* e *proceder a*. Nas tábuas, apresentamos uma amostra de diversas expressões com verbo-suporte, e codificamos várias extensões aspectuais de *Vsup*. Verificamos que todas as entradas são *CVS*, aplicando critérios de validação da análise como *Vsup* de base. Essas propriedades definidoras de *Vsup* não são marcadas, pois as tábuas só contêm entradas em que essas propriedades são positivas. As propriedades marcadas são aquelas que dependem das entradas: entre outras, o valor do *Vsup* e das *EVS*. Seguindo o formalismo proposto pelo LG, marcamos com sinal “+” (positivo) quando a construção admite determinada propriedade, como distribuição do sujeito e variantes aspectuais, e com sinal “-” (negativo) quando não admite a propriedade.

Esse modelo de codificação binário (+) e (-) é utilizado para tratamento automático de linguagem. Dessa forma, essas tábuas representam um recurso linguístico que pode ser incluído em bases de dados de dicionário eletrônico para o Processamento Automático de Linguagem Natural.

Considerações finais

Este artigo descreve uma das funções semânticas principais das extensões de verbos-suporte, a contribuição ao aspecto verbal. Dessa forma, analisamos a relação entre a frase de base e frases formadas com extensões de *Vsup* que carregam aspecto.

Valendo-nos dos estudos de Gross (1998), classificamos as extensões aspectuais de *Vsup* em quatro grupos: incoativo, durativo, terminativo e de repetição ou de frequência. Descrevemos essa classificação em tábuas, no formalismo do LG, levando em conta sete *Vsup* de base e vinte e cinco⁹ extensões de *Vsup*, subdivididas nos quatro grupos da classificação aspectual.

Levamos em conta várias extensões aspectuais de *Vsup* ainda não investigadas no português do Brasil. Verificamos que o essencial das análises publicadas anteriormente na literatura sobre extensões aspectuais de *Vsup* em outros idiomas pode ser adaptado ao português do Brasil e que o raciocínio obtido permanece válido. Em especial, a relação entre construção com *Vsup* de base e construção com extensão de *Vsup* pode ser definida por meio de critérios sintático-semânticos aplicáveis em prática.

Ressaltamos que a discussão e descrição propostas aqui são introdutórias para os estudos sobre aspecto na perspectiva do LG. Desse modo, se torna relevante classificar um quantitativo maior de construções com *Vsup* e conseqüentemente descrever mais extensões de *Vsup*. Destacamos assim possibilidades de trabalhos futuros que ampliem o número de construções analisadas, explorando também outros *Vsup*.

Agradecimentos

Agradecemos aos pareceristas anônimos da revista pelas observações e pelos questionamentos sobre uma versão anterior deste artigo.

Referências

ATHAYDE, M. F. **Construções com verbo-suporte (Funktionsverbgefüge) do português e do alemão**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2001.

BAPTISTA, J. Sermão, tarefa e facada: uma classificação das expressões conversas *dar-levar*. **Seminários de Linguística**, Faro, v. 1, p. 5-38, 1997.

⁹ Há alguns verbos que ocorrem com e sem preposição, dependendo de qual verbo são variantes aspectuais. Nesses casos, contabilizamos apenas uma vez o verbo, mesmo que ele apareça em duas colunas.

- | Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte

BAPTISTA, J. **Sintaxe dos predicados nominais com *ser de***. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

BARROS, C. D. **Descrição e classificação de predicados nominais com o verbo-suporte *fazer* no português do Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CALCIA, N. P. **Descrição e classificação das construções conversas do português do Brasil**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

CALCIA, N. P.; VALE, O. A. Construções conversas do português do Brasil: descrição e classificação iniciais. **Linguamática**, v. 10, n. 2, p. 13-20, 2019.

CASTILHO, A. T. de. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. **Alfa**, Marília, v. 12, p. 11-135, 1967.

CATTELL, R. **Composite Predicates in English**. Sydney: Academic Press, 1984.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CHACOTO, L. **O verbo *fazer* em construções nominais predicativas**. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade do Algarve, Faro, 2005.

CHISHMAN, R. L. de O.; ABREU, D. T. B. de. Construções com verbos-suporte: propriedades gramaticais e discursivas. **Linha D'Água**, v. 27, n. 1, p. 153-168, 2014.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DALADIER, A. **Quelques problèmes d'analyse d'un type de nominalisation et de certains groupes nominaux français**. 1978. Tese (Doutorado em Linguística) – Université Paris 7, Paris, 1978.

DANLOS, L. Les phrases à verbe support *être Prép.* **Langages**, v. 90, p. 23-37, 1988. DOI: [10.3406/lgge.1988.1989](https://doi.org/10.3406/lgge.1988.1989)

DIESING, M. Light verbs and the syntax of aspect in Yiddish. **The Journal of Comparative Germanic Linguistics**, v. 1, p. 119-156, 1998.

FOTOPOULOU, A. Dictionnaires électroniques des phrases figées. Traitement d'un cas particulier: phrases figées/phrases à *Vsup*. In: KIEFER, F.; KISS, G.; PAJZS, J. **COMPLEX. Papers in Computational Lexicography**. Budapest: Hungarian Academy of Sciences, 1992. p. 147-161.

GARCIA-VEGA, M.; MACHONIS, P. The Support Verb *take*. In: KAKOYANNI-DOA, F. **Penser le Lexique-Grammaire. Perspectives actuelles**. Paris: Honoré Champion, 2014. p. 111-123.

GIRY-SCHNEIDER, J. **Les nominalisations en français. L'opérateur *faire* dans le lexique**. Genève: Droz, 1978.

GIRY-SCHNEIDER, J. **Les prédicats nominaux en français. Les phrases simples à verbe support**. Genève: Droz, 1987.

GOLDBERG, A. **Constructions: a Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: Chicago University Press, 1994.

GROSS, G. **Les constructions converses du français**. Genève: Droz, 1989.

GROSS, M. **Méthodes en syntaxe**. Paris: Hermann, 1975.

GROSS, M. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. **Langages**, v. 63, p. 7-52, 1981. DOI: [10.3406/lgge.1981.1875](https://doi.org/10.3406/lgge.1981.1875)

GROSS, M. Constructing Lexicon-Grammars. In: ATKINS, B.; ZAMPOLLI, A. **Computational Approaches to the Lexicon**. Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 213-263.

GROSS, M. La fonction sémantique des verbes supports. **Travaux de Linguistique**, v. 37, n. 1, p. 25-46, 1998.

- | Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte

HALLIDAY, M. A. K. Systemic Background. *In*: BENSON, J. D.; GREAVES, W. S. **Systemic Perspectives on Discourse**. v. 1. Norwood: Ablex, 1985. p. 1-15.

HARRIS, Z. S. **String Analysis of Sentence Structure**. The Hague: Mouton, 1962.

HARRIS, Z. S. The Elementary Transformations. *In*: HARRIS, Z. S. **Papers on Syntax**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1981. p. 211-235.

JESPERSEN, O. **A Modern English Grammar on Historical Principles. Part VI. Morphology**. London: George Allen and Unwin Ltd., 1942.

KOTSYBA, N. How light are aspectual meanings? *In*: ROBERING, K. **Events, Arguments, and Aspects**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2014. p. 261-300.

LABELLE, J. **Étude de constructions avec opérateur *avoir* (nominalisations et extensions)**. 1974. Tese (Doutorado em Linguística) – Université Paris 7, Paris, 1974.

LANGER, S. A formal specification of support verb constructions. *In*: LANGER, S.; SCHNORBUSCH, D. **Semantik im Lexikon**. Tübingen: Gunter Narr, 2005. p. 179-202.

LAPORTE, E.; SMARSARO, A.; ROCHA, L. H. P da. Um recurso linguístico para o processamento automático de linguagem natural: descrição do verbo passar. *In*: CARMELINO, A. C. *et al.* **Questões linguísticas: diferentes abordagens**. Vitória: UFES, 2012. p. 141-156.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do português. **Soletras**, v. 28, p. 99-125. 2014. DOI: [10.12957/soletras.2014.14200](https://doi.org/10.12957/soletras.2014.14200)

MALACOSKI, L. A. S. **Descrição sintático-semântica de construções com o verbo-suporte *ter* e nomes humanos de relação para o Processamento Automático de Linguagem Natural**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

MATSUMOTO, M. Composite Predicates in Middle English. *In*: BRINTON, L. J.; AKIMOTO, M. **Collocational and Idiomatic Aspects of Composite Predicates in the History of English**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1999. p. 59-94.

- MEL'CUK, I.; CLAS, A.; POLGUÈRE, A. **Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire**. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1995.
- MEYERS, A.; REEVES, R.; MACLEOD, C. NP-external arguments. A Study of argument sharing in English. *In: ACL Workshop on Multiword Expressions. Integrating Processing. Proceedings...* Association for Computational Linguistics, 2004. p. 96-103.
- MOTA, C.; BAPTISTA, J.; BARREIRO, A. The Lexicon-Grammar of Predicate Nouns with *ser de* in Port4NooJ. *In: 12th International Conference Nooj 2018*. Berlin: Springer, 2019. p. 124-137.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- RANCHHOD, E. M. On the support verbs *ser* and *estar* in Portuguese. **Lingvisticae Investigationes**, v. 7, n. 2, p. 317-353, 1983. DOI: [10.1075/li.7.2.07ran](https://doi.org/10.1075/li.7.2.07ran)
- RANCHHOD, E. M. **Sintaxe dos predicados nominais com *estar***. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990.
- RASSI, A. P. **Descrição, classificação e processamento automático das construções com o verbo *dar* em português Brasileiro**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.
- SAGER, N.; NHÀN, N. T. The computability of strings, transformations, and sublanguage. *In: NEVIN, B. E.; JOHNSON, S. B. The legacy of Zellig Harris*. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 79-120.
- SAMVELIAN, P.; DANLOS, L.; SAGOT, B. On the predictability of light verbs. *In: KAKOYANNI-DOA, F. Penser le Lexique-Grammaire. Perspectives actuelles*. Paris: Honoré Champion, 2014. p. 209-221.
- SANTOS, M. C. A. dos. **Descrição e classificação dos predicados nominais com o verbo-suporte *ter* em Português do Brasil**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

- | Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte

STORRER, A. Corpus-based investigations on German support verb constructions. *In*: FELLBAUM, Ch. **Collocations and Idioms: Linguistic, Lexicographic, and Computational Aspects**. London: Continuum, 2007. p. 164-188.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

VIVÈS, R. L'Aspect dans les constructions nominales prédicatives: *avoir, prendre*, verbe support et extension aspectuelle. **Lingvisticae Investigationes**, v. 8, n. 1, p. 161-185, 1984. DOI: [10.1075/li.8.1.liv](https://doi.org/10.1075/li.8.1.liv)

COMO CITAR ESTE ARTIGO: PICOLI, Larissa; VALE, Oto Araújo; LAPORTE, Eric. Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 204-229, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 07/10/2020 | Aceito em: 23/01/2021.

APÊNDICE

TÁBUA ASPECTO-1																	
Npred	N0				base	Incoativo				Durativo				Exemplo			
	N0=:Nhum	N0=:Nhum	N0=:Nhr	N0=:F	ser	estar	tornar(se)	ficar	cair	virar	permanecer	estar	continuar		viver	andar	perseguir
azul de fome	+	-	-	-	-	+	+	+	-	+	+	-	+	+	+	-	Zé está azul de fome
mala sem alça	+	-	-	-	+	-	+	+	-	+	+	+	+	-	-	-	Zé é um mala sem alça
bem da cabeça	+	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	Zé não está bem da cabeça
cortar o coração	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Essa história é de cortar o coração
violão	+	-	-	-	+	-	+	-	-	+	-	+	+	-	-	-	Ana é um violão
manteiga derretida	+	-	-	-	+	-	+	+	-	+	+	-	+	-	+	-	Zé é manteiga derretida
mal das pernas	+	+	-	-	-	+	-	+	-	-	+	-	+	+	+	-	Zé está mal das pernas
ruça	-	+	-	-	-	+	+	+	-	-	+	-	+	+	+	+	A situação está ruça
cama	+	-	-	-	-	+	-	+	+	-	+	-	+	+	+	+	Zé está de cama
pé no saco	+	+	+	+	+	-	+	+	-	+	-	+	+	-	+	-	Ficar sem internet é um pé no saco

• | Aspecto verbal nas construções com verbo-suporte

TÁBUA ASPECTO - 2										
Npred	N0	Vsup de base	Incoativo	Durativo	Terminativo				Rep. ou freq.	Exemplo
					concluir	perder	sair Prep			
inveja	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé tem inveja de Ana
fofoca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé fez fofoca de Ana
leitura	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé fez a leitura da ata
parafuso a menos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé tem um parafuso a menos
enrascada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé está numa enrascada
conversa fiada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé está numa conversa fiada
pindaíba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé está numa pindaíba
paciência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé tem paciência
rua da amargura	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé está na rua da amargura
atividades	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé fez as atividades
contagem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	O vendedor fez a contagem
trabalhos plano	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé fez os trabalhos plano
amigo novo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé tem um amigo novo
conserto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	O carro está em conserto
desuso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Essa palavra está em desuso
discurso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé fez um discurso
coragem	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Zé tem coragem

CONTRIBUIÇÕES DE UM CURSO EAD PARA O LETRAMENTO EM AVALIAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS ADICIONAIS PARA CRIANÇAS

CONTRIBUTIONS OF A DISTANCE-MODE COURSE TO THE ASSESSMENT LITERACY OF TEACHERS OF ADDITIONAL LANGUAGES TO CHILDREN

Gladys QUEVEDO-CAMARGO¹
Juliana Reichert Assunção TONELLI²

Resumo: A inserção de línguas adicionais nos anos iniciais escolares implica reformulação dos cursos de Letras e investimentos na formação docente para avaliar a aprendizagem (TONELLI; CRISTOVÃO, 2010; BUENO, 2020). Estudos apontam para a importância do desenvolvimento de conhecimentos sobre a avaliação de línguas adicionais e a urgência de desenvolver habilidades que possibilitem um trabalho mais bem informado com avaliação (QUEVEDO-CAMARGO, 2020). O objetivo deste artigo é apresentar uma análise temática (MINAYO, 2007) de diários reflexivos (REICHMANN, 2013) de participantes em um curso na modalidade de ensino a distância (EAD) sobre avaliação em contextos de ensino-aprendizagem de línguas adicionais para crianças, cuja escrita foi orientada por perguntas-guia. Buscaram-se evidências de impacto de um dos módulos do curso nas reflexões das cursistas sobre cinco conceitos básicos da área de avaliação: autenticidade, confiabilidade, efeito retroativo, praticidade e validade (ISAACS, 2013; GREEN, 2014). Para a análise temática, utilizou-se o *software* Atlas.ti (Versão 9.0). Os diários sugerem que o módulo analisado foi bem-sucedido, visto que provocou reflexões sobre tais conceitos nas cursistas, que, em geral, não possuem formação específica para atuar no ensino de línguas adicionais para crianças, contribuindo para o Letramento em Avaliação (COOMBE, 2018) das participantes.

Palavras-chave: Letramento em avaliação de línguas. Ensino de línguas para crianças. Ensino a distância EAD. Diários reflexivos.

Abstract: The inclusion of additional languages in the early years of education implies the need to redesign language teacher education courses and improve teachers' assessment knowledge (TONELLI; CRISTOVÃO, 2010; BUENO, 2020). Several studies highlight the importance to develop knowledge about additional language assessment and the urgency to develop skills to enable well-informed work with assessment (QUEVEDO-CAMARGO, 2020). The aim of this article is to present a thematic analysis (MINAYO, 2007) of reflexive diaries (REICHMANN, 2013) written by participants of a distance-mode course on assessment in contexts of additional language teaching and learning for children, whose writing was guided by a set of questions. Evidence of possible impact exerted by one of the course modules on the participants' reflections in relation to the five key assessment principles – authenticity, reliability, validity, practicality, and washback (ISAACS, 2013; GREEN, 2014) – was sought. The thematic analysis was conducted by using the software Atlas.ti (Version 9.0). The diaries suggest that the analysed course module was successful as to raise participants' awareness concerning the concepts approached, considering that, in general, they have had no specific education to teach additional languages to children, thus contributing to the participants' assessment literacy (COOMBE, 2018).

Keywords: Language assessment literacy. Language teaching to children. Distance-mode teaching. Reflexive diaries.

1 Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil; gladys@unb.br; <https://orcid.org/0000-0002-4802-5296>

2 Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil; jtonelli@uel.br; <https://orcid.org/0000-0001-5102-5847>

- | Contribuições de um curso EAD para o letramento em avaliação de professores de línguas adicionais para crianças

Introdução

No Brasil, o aumento da inserção de línguas adicionais, particularmente da língua inglesa, nos anos iniciais – Educação Infantil e Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) – impõe importantes desafios. Destaca-se a formação da profissional³ de Letras (TONELLI; CRISTOVÃO, 2010) para atuar nessa etapa de escolarização e para a avaliação da aprendizagem nessa etapa de vida escolar.

Conforme Rich (2019), em vários países onde a língua inglesa não é oficial, sua inserção nos anos iniciais tem impactado a formação de professoras. Porém, no contexto brasileiro, a ausência de documentos oficiais que orientem o ensino e o trabalho docente na Educação Infantil contribui para que essas profissionais se sintam pouco amparadas e expostas a uma formação inicial fragmentada, à mercê de iniciativas isoladas (TONELLI; QUEVEDO-CAMARGO, 2020).

Em concordância com McKay (2006), consideramos ser necessário um olhar específico para esse contexto de avaliação da aprendizagem de língua adicional por crianças pequenas, tendo em mente que, ao falarmos em crianças, temos uma amplitude etária que varia de poucos meses a aproximadamente 11 anos de idade, ou seja, o quinto ano escolar⁴. Ademais, as crianças, dependendo da faixa etária, estão em diferentes momentos de desenvolvimento físico, cognitivo e social, que estão interligados (MORAES; BATISTA, 2020).

Ainda são poucas as pesquisas que se ocupam em discutir a avaliação da aprendizagem de línguas na Educação Infantil bem como a formação docente para tal contexto (TONELLI; QUEVEDO-CAMARGO, 2018; BUENO, 2020). Tal cenário pode ser decorrente do fato de que 1) parece haver uma crença generalizada de que, por se tratar de estudantes em fase inicial de escolarização e que, portanto, estariam tendo seus primeiros contatos formais⁵ com a língua adicional, a avaliação não seria necessária; e, decorrente disso, 2) a avaliação, no contexto infantil, por não ser sistematizada e/ou formalizada na sala de aula, não tem sido objeto de investigação.

3 Neste artigo, optamos por utilizar o gênero feminino para nos referirmos a todos os gêneros.

4 De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), é considerada criança aquela até 12 anos incompletos.

5 Utilizamos o termo “contato” ou, ainda, “aprendizagem formal”, para nos referirmos àquele que acontece e é sistematizado no ambiente escolar, haja vista que as crianças, geralmente, têm contato informal com a língua inglesa por meio de jogos digitais, programas de televisão, músicas, etc.

Assim, justifica-se a urgência de trabalhar o desenvolvimento de conhecimentos sobre a avaliação de línguas adicionais com essas profissionais. Tal trabalho insere-se no que se chama de Letramento em Avaliação de Línguas (LAL) (BRINDLEY, 2001; SCARAMUCCI, 2016; QUEVEDO-CAMARGO; SCARAMUCCI, 2018), que, em sua essência, abarca iniciativas que objetivam propiciar aos diferentes agentes educacionais – mães, pais, responsáveis, autoridades educacionais, elaboradoras de exames, e sobretudo professoras – conhecimentos que lhes permitam compreender os diferentes aspectos envolvidos no processo avaliativo de forma que possam refletir criticamente sobre eles a partir de suas próprias realidades e tomar decisões bem informadas.

Inbar-Lourie (2008) e Hasselgreen (2012) chamam a atenção para o fato de que, em geral, professoras de línguas têm baixo letramento em avaliação por falta de formação acadêmica. No Brasil, um levantamento feito por Quevedo-Camargo (2020) indica situação semelhante e corrobora o que já havia sido afirmado por Scaramucci (2016).

Dessa feita, o objeto deste artigo é apresentar uma análise temática (MINAYO, 2007) dos relatos reflexivos (REICHMANN, 2013) escritos das cursistas relativos a um dos módulos de um curso de extensão ministrado na modalidade extensão no primeiro semestre de 2020 pelas autoras, em formato de ensino a distância (EAD), sobre avaliação em contexto de ensino e aprendizagem de línguas adicionais para o público infantil. Nessa análise, nosso intuito foi identificar evidências de impacto dos conceitos abordados no módulo nas reflexões das cursistas, visto serem primordiais para a elaboração de tarefas e instrumentos avaliativos.

O texto prossegue com três seções. Na primeira, discorremos sobre o conceito de LAL e sua contribuição para a avaliação no ensino infantil. Na segunda, contextualizamos a iniciativa de LAL realizada e o foco da nossa análise, e na terceira seção, apresentamos essa análise. Nossas considerações finais encerram o artigo.

O Letramento em Avaliação de Línguas e sua contribuição para o contexto de ensino infantil

A partir de uma expansão do termo Letramento, relacionado às habilidades de escrever e ler (SOARES, 1999), passou-se a utilizar essa palavra com o significado de conhecimentos, habilidades e competências relativas a diversos domínios do nosso cotidiano (TAYLOR, 2013). Stiggins (1991) valeu-se dessa noção para propor o termo *Assessment Literacy* – Letramento em Avaliação, chamando a atenção da comunidade educacional e acadêmica estadunidense para a responsabilidade que tinham ao tomar decisões importantes, com base em resultados de avaliações, que afetariam grandemente

- | Contribuições de um curso EAD para o letramento em avaliação de professores de línguas adicionais para crianças

a vida das estudantes. Ele propunha que se buscasse compreender quais conhecimentos e habilidades deveriam constituir tal letramento, defendia que a profundidade desse letramento deveria ser diferenciada dependendo do agente educacional envolvido (pais, mães ou responsáveis, professoras, autoridades educacionais etc.), e posicionava-se a favor do desenvolvimento de programas de Letramento em Avaliação específicos para as necessidades desses agentes educacionais.

Brindley (2001) trouxe o conceito para a área de línguas e a formação de professoras, dividindo-o em quatro frentes: as práticas avaliativas utilizadas pelos docentes; seus saberes e suas competências; suas necessidades de desenvolvimento profissional; e o conteúdo de programas de desenvolvimento profissional voltados para a avaliação. Desde então, diversos autores propuseram definições para Letramento em Avaliação de Línguas (LAL). Neste artigo, adotamos a definição de Coombe (2018, p. 10, tradução nossa⁶):

1. Letramento em Avaliação é o conhecimento e a compreensão abrangente sobre as competências e habilidades dos alunos, sobre como interpretar os dados coletados a partir das avaliações, e sobre como usar a interpretação de tais dados para aprimorar o aprendizado e o desenvolvimento das alunas por meio da tomada de decisões adequadas;

2. O *know-how* fundamental e essencial para elaborar e aplicar itens confiáveis de testes em termos de princípios de elaboração, especificações, confiabilidade, validade e padronização. A atribuição padronizada de notas ou escores também é um elemento inerente à avaliação. Com relação aos programas escolares ou cursos, as professoras precisam entender os objetivos do curso e alinhar suas práticas formais e informais de avaliação para determinar o quanto os objetivos estão sendo atingidos e como as práticas de ensino/aprendizagem podem ser mais eficazes. Portanto, não só avaliadoras profissionais, mas também as professoras, precisam desenvolver o letramento em avaliação.

6 No original: "1. Assessment literacy is the knowledge about, and a comprehensive understanding of, students' skills and ability, interpreting the collected data from the assessments, and using these interpretations to improve students' learning and development by making appropriate decisions. 2. The fundamental know-how essential for constructing and implementing reliable test items in terms of the principles of test design, test specifications, reliability, validity and standardization. Standardized scoring or marking is also an integral element of assessment. With regards to school courses/programs, teachers need to understand the objectives of the course and align their formal and informal assessment practices to determine how far objectives are met and how teaching/learning practices may be made more effective. Therefore, not only professional assessors, but also program teachers, need to develop assessment literacy".

Trabalhos brasileiros que abordam os conceitos inerentes à LAL para atuar junto ao público infantil começam a despontar. Preocupadas em conhecer o nível de LAL das docentes de inglês para crianças, Tonelli e Quevedo-Camargo (2019) buscaram identificá-lo em um grupo de alunas de um curso de pós-graduação *lato sensu* em Ensino de Inglês para Crianças, também na modalidade EAD e de participantes inscritos em um evento bianual voltado à formação de professores de línguas adicionais para crianças pequenas. Essa investigação foi feita por meio de um questionário *on-line* utilizando o *GoogleForms*, adaptado da *Language Assessment Literacy Survey*⁷ elaborado por Kremmel e Harding (2019)⁸. Essa *survey*, que chamamos de questionário, foi composta por 70 assertivas que versavam sobre temas ligados à avaliação no contexto investigado⁹, conforme reportado pelas autoras. Foram obtidas 151 respostas de docentes de várias partes do país. Os resultados indicaram que a grande maioria das participantes considera que não sabe ou sabe pouco sobre assuntos cruciais para o trabalho docente em avaliação e para a integração do ensino, aprendizagem e avaliação ao atuar com crianças pequenas.

O trabalho de Moraes e Batista (2020) ressalta a importância de a professora ter conhecimento sobre avaliação, linguagem e, em conformidade com McKay (2006), entendimento sobre os níveis de desenvolvimento da criança. Para os autores, no contexto infantil, deve-se incluir outros elementos não presentes quando se trata de adultos, como saber o que a criança consegue fazer em termos de coordenação motora fina e grossa, por exemplo, pois a ausência de conhecimentos sobre o aspecto motor pode interferir na natureza das atividades avaliativas e comprometer tanto o processo avaliativo quanto o de aprendizagem.

Contextualizando o estudo

O curso de extensão “Avaliação da aprendizagem de inglês por crianças” ocorreu nos meses de abril e maio de 2020¹⁰ e foi ofertado na modalidade a distância (EAD) por meio do Núcleo de Ensino a Distância (NEAD) e do Laboratório de Tecnologia Educacional da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Participaram do curso 43 pessoas, cujos perfis são apresentados no quadro 1, a seguir.

7 Disponível em: <http://wp.lancs.ac.uk/ltrg/projects/language-assessment-literacy-survey/>

8 O questionário foi traduzido e adaptado por nós, tendo em mente o contexto de ensino de línguas adicionais para crianças no Brasil.

9 No questionário *on-line* foi incluído o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) no qual a respondente declarou ciência e concordância com as informações contidas na seção “Apresentação ao participante”.

10 A elaboração deste curso foi um dos resultados de pesquisa de pós-doutoramento feita pela segunda autora deste artigo, sob a supervisão da primeira.

- | Contribuições de um curso EAD para o letramento em avaliação de professores de línguas adicionais para crianças

Quadro 1. Perfil dos cursistas

Idade média	Região do país	Nível de escolarização	Experiência profissional no ensino de inglês para crianças
18 a 38 anos	PR - 73% SP - 15% PA - 2%	Graduandas - 12% Graduadas - 37% Pós-graduandas - 23% Pós-graduadas - 28%	Já atuou ou está atuando - 78% Nunca atuou e/ou não está atuando - 22%

Fonte: Elaboração própria

O quadro 1 mostra que as cursistas são um público jovem e, em sua grande maioria (88%), em formação continuada, visto que somente 12% eram graduandas. Tal cenário indica, conforme discutiremos mais adiante, que a avaliação de línguas no contexto infantil tem sido pouco estudada na formação inicial. Além disto, 78% delas atuou ou estava atuando no ensino de inglês nos anos iniciais, o que ressalta a importância de terem mais acesso a conhecimentos sobre avaliação.

O curso foi ministrado em oito módulos compostos por videoaulas assíncronas com duração de aproximadamente uma hora cada, com exceção do Módulo 1, que foi introdutório. Sua função foi propiciar familiarização ao ambiente virtual de aprendizagem (AVA) utilizado e explicitar os objetivos do curso, as formas de interação, as questões éticas¹¹ referentes à participação e à autorização (ou não) do uso dos dados provenientes do curso para pesquisas futuras, bem como questões burocráticas.

O Módulo 2, intitulado “Visões sobre avaliação da aprendizagem de línguas adicionais na educação infantil”, objetivou suscitar reflexões sobre a avaliação, seus componentes e suas relações complexas em contextos educacionais. Foram apresentados vídeos com depoimentos de agentes educacionais (professoras, alunas e coordenadora pedagógica), que expressavam como compreendem a avaliação da aprendizagem de línguas. A partir da apresentação dos vídeos, as cursistas foram estimuladas a redigir diários reflexivos após o término de cada módulo, prática que foi denominada de *Think it over*¹².

¹¹ O curso fez parte de atividades desenvolvidas no Projeto de Pesquisa “Avaliação da Aprendizagem de Línguas Estrangeiras nas Séries Iniciais de Escolarização”, registrado na Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina, sob nº 11.779. Aprovação do Comitê de Ética Envolvendo Seres-humanos CAAE 07609319.4.0000.5231

¹² Não houve solicitação de diário reflexivo após o primeiro e o último módulos.

Nos Módulos 3 a 6, as cursistas foram orientadas a ler artigos acadêmicos que aprofundavam a temática explorada em cada um. Além disso, nos Módulos 3 a 7¹³, perguntas-guia foram sugeridas às cursistas para que pudessem elaborar suas reflexões e registrá-las nos diários reflexivos. Essas perguntas estão no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2. Perguntas-guia para elaboração dos diários reflexivos nos módulos 3 a 7

- Quais aspectos explorados no módulo me chamaram mais atenção?
- Há algum ponto que reconheço que já faço ou que preciso incorporar em minha prática?
- Quais ideias me ocorreram quando li os textos ou assisti às aulas?
- Reconheço na temática explorada pontos que gostaria de me aprofundar?

Fonte: Elaboração própria

O Módulo 3, intitulado “Para início de conversa”, objetivou situar as cursistas em relação ao lugar da avaliação nos diferentes níveis educacionais, desde a sala de aula até o nível mais macro representado pelas políticas públicas nacionais. O Módulo 4, intitulado “Contextos e agentes da avaliação de línguas adicionais na educação infantil”, partiu da reflexão anterior sobre questões contextuais gerais e concentrou-se nos agentes – pais, mães, responsáveis, alunos, professores, coordenadores, diretores e autoridades educacionais – inseridos no contexto de ensino de línguas adicionais na Educação Infantil. O Módulo 5, chamado “Funções e objetivos da avaliação de línguas adicionais na educação infantil”, trouxe para reflexão a importância da definição dos objetivos de aprendizagem e a relação dessa definição com as funções clássicas da avaliação – diagnóstica, formativa e somativa. O Módulo 6, “Conceitos básicos da avaliação de línguas adicionais”, abordou cinco conceitos relevantes para avaliação de línguas adicionais: validade, confiabilidade, praticidade, autenticidade (GREEN, 2014; RETORTA; MAROCHI, 2018) e efeito retroativo (potencial de impacto) (QUEVEDO-CAMARGO, 2014). Os Módulos 7 e 8 – “Atividades avaliativas parte 1 e 2”, de caráter mais prático, buscou levar as cursistas a refletir sobre modalidades de práticas avaliativas e suas demandas linguísticas, cognitivas e interacionais, entre outras. Embora o Módulo 7 tenha se concentrado em atividades práticas, contemplou também aspectos teóricos, como a elaboração de rubricas e seu papel no ensino para crianças pequenas. O Módulo 8 foi totalmente dedicado à análise prática de atividades.

Para a análise dos diários reflexivos, adotamos a abordagem qualitativa e interpretativista (MARCONI; LAKATOS, 2003). A exemplo de outros trabalhos dessa

¹³ Como o Módulo 8 tinha um caráter mais prático, as perguntas relativas a ele versavam sobre a análise das atividades apresentadas.

- | Contribuições de um curso EAD para o letramento em avaliação de professores de línguas adicionais para crianças

natureza ou de natureza mista que analisaram textos produzidos oralmente ou por escrito por participantes (SHEEHAN; MUNRO, 2019, por exemplo), nesta pesquisa os diários reflexivos dos Módulos 3 a 6 foram analisados por meio do *software* Atlas.ti (Versão 9.0) com base nos temas das perguntas-guia sugeridas, que se transformaram em categorias temáticas para análise conforme apresentadas no Quadro 3. A cada uma, atribuímos a elas códigos para agrupamento e busca no *software* Atlas.ti.

Quadro 3. Categorias temáticas e códigos gerados para rastreamento

Categoria temática	Código
O que chamou a atenção da cursista no módulo	1
Algo que a cursista declara já fazer	2A
Algo que a cursista acha que precisa incorporar na sua prática	2B
Ideias ou reflexões suscitadas pelo módulo	3
O que a cursista declara querer aprofundar	4

Fonte: Elaboração própria

Os diários reflexivos foram agrupados em quatro arquivos Word – um por módulo (3 a 6). Cada cursista foi também codificada, recebendo a letra “C” e um número; assim, por exemplo, no arquivo Módulo 3, o trecho do diário reflexivo da Cursista 1 foi identificado como C1. Na fase seguinte, os quatro arquivos foram inseridos no *software* e rastreados a partir de leitura cuidadosa em busca das categorias temáticas (provenientes das perguntas-guia) em cada módulo.

Por questões de espaço, neste artigo optamos por apresentar somente a análise de um dos módulos. O escolhido foi o Módulo 6, justamente por ter abordado os conceitos centrais para a elaboração de instrumentos avaliativos: autenticidade, confiabilidade, efeito retroativo, praticidade e validade. Esse foi, certamente, o módulo com conteúdo mais teórico e, portanto, provavelmente mais distante do cotidiano das cursistas. Harding e Kremmel (2016) defendem que as professoras, por serem as principais usuárias da avaliação de línguas, precisam estar familiarizadas com os princípios da avaliação de línguas, enquanto Fulcher (2012) afirma que elas devem ter conhecimentos sobre como elaborar tarefas e instrumentos avaliativos. Esses cinco princípios ou conceitos são considerados, pela literatura em avaliação educacional e de línguas¹⁴, como básicos e fundamentais para a elaboração de quaisquer instrumentos avaliativos, sejam eles para avaliação formativa, somativa ou de larga escala.

¹⁴ Ver, por exemplo, Pellegrino, Chudowsky e Glaser (2001), Isaacs *et al.* (2013), Green (2014), e Skinner (2017).

A análise do Módulo 6

A busca por excertos relativos às categorias temáticas nos diários reflexivos relativos ao Módulo 6, com a utilização do *software* Atlas.ti (V.9), produziu os seguintes dados:

Quadro 4. Excertos do Módulo 6 por categoria temática

Código	Categoria temática	Nº de excertos
1	O que chamou a atenção da cursista no módulo	27
2A	Algo que a cursista declara já fazer	11
2B	Algo que a cursista acha que precisa incorporar na sua prática	05
3	Ideias ou reflexões suscitadas pelo módulo	38
4	O que a cursista declara querer aprofundar	8
Total		89

Fonte: Elaboração própria

No Quadro 4, chama a atenção o número de excertos nas categorias temáticas de códigos 1 e 3, que parecem indicar que o Módulo 6 tenha, de alguma forma, desafiado as cursistas a refletirem sobre os conceitos apresentados – validade, confiabilidade, praticidade, autenticidade e efeito retroativo – e as relações desses conceitos com a prática docente no contexto de ensino de línguas adicionais para crianças. O artigo acadêmico proposto para leitura após o Módulo 6 foi “A validação de um teste” (RETORTA; MAROCHI, 2018), que explicita os conceitos apresentados.

Foram separados os excertos referentes a esses códigos – 27 do Código 1 e 38 do Código 3 – em dois arquivos e repetidos os procedimentos de análise temática (MINAYO, 2007) por meio do *software* Atlas.ti tendo como categorias os cinco conceitos fundamentais trabalhados no Módulo 6. Criamos uma sexta categoria – Comentários gerais – para abarcar trechos dos diários reflexivos que apresentassem indícios de impacto do módulo que não se encaixassem nas categorias anteriores. No Quadro 5, apresentamos o resumo dessas categorias:

- | Contribuições de um curso EAD para o letramento em avaliação de professores de línguas adicionais para crianças

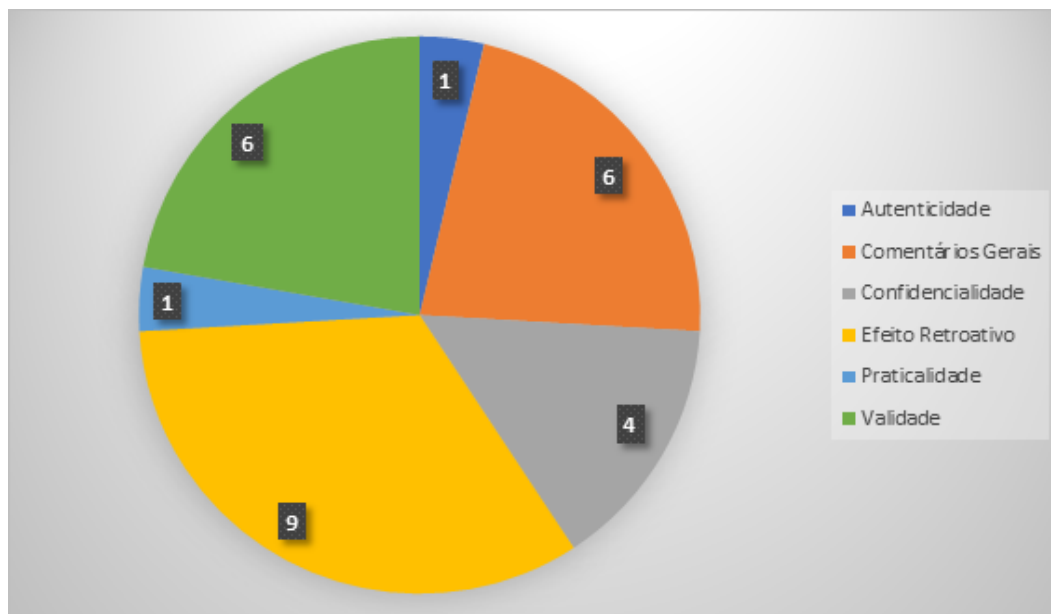
Quadro 5. Categorias temáticas para análise dos excertos dos Códigos 1 e 3 no Módulo 6

Categoria	Foco de busca	Código atribuído
Autenticidade	Trechos relativos ao conceito autenticidade, com ou sem menção explícita ao termo	A
Confiabilidade	Trechos relativos ao conceito confiabilidade, com ou sem menção explícita ao termo	C
Efeito retroativo	Trechos relativos ao conceito efeito retroativo ou ao impacto da avaliação em alguma dimensão do ensino-aprendizagem ou em algum agente, com ou sem menção explícita ao termo	ER
Praticidade	Trechos relativos ao conceito praticidade, com ou sem menção explícita ao termo	P
Validade	Trechos relativos ao conceito validade, com ou sem menção explícita ao termo	V
Comentários gerais	Trechos relativos ao Módulo 6 como um todo	CG

Fonte: Elaboração própria

A análise dessas categorias é apresentada nos Gráficos 1 e 2, a seguir.

Gráfico 1. Excertos do Código 1: O que chamou a atenção da cursista no módulo



Fonte: Elaboração própria

Como demonstrado no Gráfico 1, dos 27 excertos identificados no Código 1, o que mais se destacou foi o conceito de *efeito retroativo*. As cursistas relataram, conforme

evidenciado nos excertos a seguir, terem tido contato recente com ele e também reconheceram sua relevância, particularmente no contexto de ensino para crianças.

O outro aspecto é o efeito retroativo (washback effect), que deveria ser muito mais falado e apresentado nas licenciaturas. Eu só fui conhecer o termo em um curso de metodologias e fiquei encantada como é verdadeira essa questão. (C5)

Módulo superinteressante, pois temos que avaliar tantas coisas que já estão no automático e que se esquecermos podemos causar um sério problema para nós mesmos e principalmente para nossos educandos. (C23)

Eu não conhecia a definição de efeito retroativo, até esse ano. (C27)

O segundo conceito mais comentado foi *validade*. As cursistas relataram desconhecimento, como mostram os excertos abaixo.

Dessa vez o módulo tratou de algo novo para mim, a questão da validade dos testes. (C37)

Acredito que tudo neste módulo seja interessante e de grande utilidade, porém o conceito de validade que segue a linha da utilidade, relevância e interpretações do teste (C17)

A questão da validade dos testes foi algo que me surpreendeu, percebi que muitas coisas precisam ser levadas em conta quando falamos sobre isso, muitas das nossas percepções podem afetar os testes que elaboramos para os nossos alunos, daí a importância de testes realmente justos e validados. (C37)

O terceiro conceito mais comentado foi a confiabilidade, que, como mostram os excertos, levou as cursistas a refletirem particularmente sobre aspectos relativos à inclusão das crianças e à afetividade na sala de aula.

O que mais me levou a pensar foi o tópico confiabilidade, pois ao envolver tanto as emoções e momentos de alunos e o professor, acredito que pensarei melhor em quanto isso pode afetar na hora da avaliação. (C33)

Esse módulo me chamou mais atenção no cuidado, que devemos estar atentos na hora de fazer uma avaliação, cada detalhe que devemos prestar atenção, desde o ambiente até o psicológico de cada aluno. Pensar também além da sala de aula ao preparar uma avaliação, qual o contexto dos alunos, tentar incluir todos eles para que todos consigam realizar a prova. (C21)

Quanto ao único excerto relativo à *praticidade*, houve somente um comentário, que se refere especificamente aos custos provenientes do uso de fotocópias ou materiais como cartolina ou papel sulfite, por exemplo, ao se planejar atividades avaliativas.

os tópicos que me chamaram mais a atenção em termos de avaliar crianças é o fator confiabilidade [...], dentre os fatores também, a questão dos custos (C2)

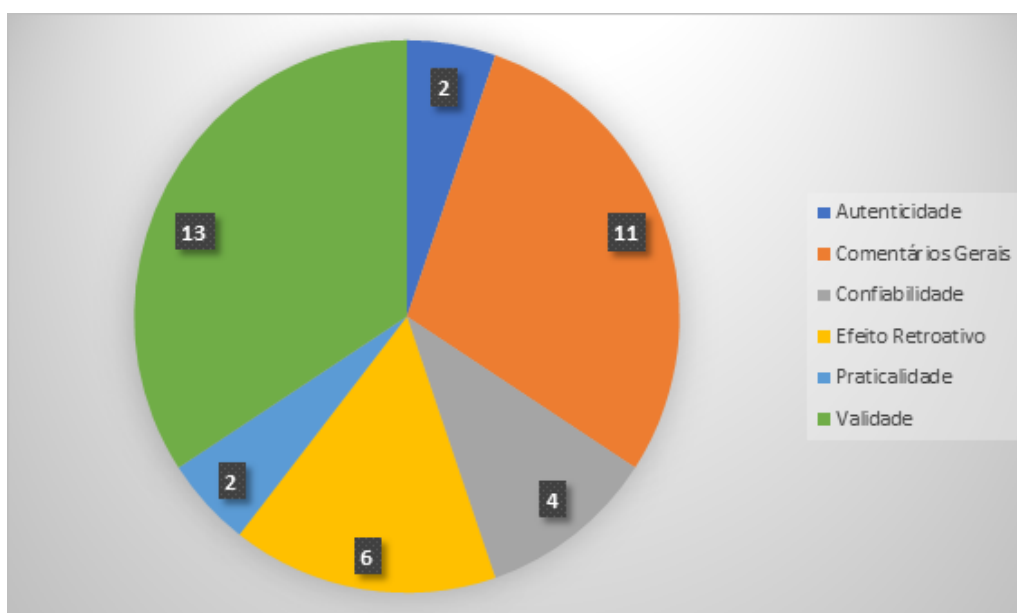
- | Contribuições de um curso EAD para o letramento em avaliação de professores de línguas adicionais para crianças

Com relação à *autenticidade*, C21 comentou que

é muito importante para que aquilo não seja repetitivo, para que eles vejam o idioma inserido no real, situações que eles podem acabar se deparando no futuro [...].

Com relação ao Código 3, a análise gerou o seguinte gráfico:

Gráfico 2. Excertos do Código 3: Ideias ou reflexões suscitadas pelo módulo



Fonte: Elaboração própria

Nos 38 excertos do Código 3, houve novamente menção aos conceitos fundamentais. O mais referenciado foi a validade que, de acordo com as cursistas, envolve considerar as particularidades da criança, e ponderar o quão significativa a tarefa avaliativa é para ela. No excerto a seguir, esta ideia fica evidenciada:

[...] precisa ser levado em conta o quão significativo aquele conteúdo será para a vida social e particular do aluno. (C31)

Outro aspecto mencionado nos diários foi como os instrumentos podem e devem ser adequados a cada faixa etária e aos contextos, ainda que aparentemente possam ser os mesmos, como é o caso, por exemplo, dos mesmos anos escolares. Tais preceitos encontram respaldo nos trabalhos de Bueno (2020) e Moraes e Batista (2020), por exemplo, uma vez que apontam a importância da adequação dos instrumentos e das atividades avaliativas quando falamos em avaliação do processo de aprendizagem no ensino infantil.

Os diários reflexivos apontam, ainda, que o conceito de validade era novo para a maioria das cursistas, confirmando a pesquisa de Tonelli e Quevedo-Camargo (2019) sobre o baixo grau de LAL por parte de docentes que atuam no ensino de línguas adicionais junto às crianças. Os dois excertos a seguir exemplificam tais pontos:

Achei muito interessante o exemplo [...] sobre a aplicação de provas iguais em turmas que podem ter contextos, necessidades, conhecimentos diferentes. Essa é uma prática bastante comum como professores que atuam na mesma instituição de ensino, porém em turmas diferentes, mas na mesma etapa de aprendizagem. A reflexão que toma conta desse tema é a de que até que ponto o que um colega meu utilizou na escola, poderá ser válido para minha turma. (C26)

Tratando-se de crianças aprendendo inglês, creio que seja ainda mais importante refletir sobre essas questões, é necessário estabelecer muito claramente o que queremos avaliar, tendo em vista o que de fato ensinamos. (C22)

O conceito de efeito retroativo foi o segundo mais mencionado nessa etapa de análise. Tendo em conta o contexto, o excerto a seguir indica reflexões sobre a importância da avaliação para além de algo pontual ou momentâneo.

É interessante pensar que uma avaliação não tem somente a função de atingir o aprendizado do aluno que a realizou, mas ela pode atingir um campo muito mais amplo. (C14)

De nossa perspectiva, o fato de C14 concluir que a avaliação vai muito além de verificar a aprendizagem, podendo refletir também na recondução da aula e até do seu planejamento (MISTRY; SOOD, 2015), parece indicar que sua concepção sobre o ato de avaliar se restringia ao resultado e não ao processo avaliativo.

A confiabilidade, terceiro conceito mais mencionado, mostrou-se localizada na afetividade que permeia o ato de avaliar crianças aprendendo uma língua adicional. Nesse quesito, os relatos registraram a possibilidade de o estresse e a ansiedade – inerentes aos processos avaliativos – comprometerem a confiabilidade de uma avaliação. Os próximos excertos ilustram tal aspecto.

[...] relação entre professor e aluno interfere muito nos resultados [...] (C14).

[...] para evitar que a avaliação cause algum tipo de ansiedade ou estresse, ele seja bem típico do cotidiano dos alunos, assim eles podem engajar-se mais e performar seu conhecimento melhor. (C36)

A análise aponta também que, ao se assumirem professoras de inglês para crianças (TONELLI; CRISTOVÃO, 2010), as cursistas indicam que a confiabilidade envolve, ainda, colocar-se no lugar do outro, como comprova este excerto:

- | Contribuições de um curso EAD para o letramento em avaliação de professores de línguas adicionais para crianças

Como professora (de crianças) penso bastante em empatia e perceber o outro como “o outro”. (C35).

Por fim, a autenticidade e a praticidade, embora menos mencionadas, mobilizaram reflexões sobre a influência de fatores externos à escola no processo avaliativo. Nas palavras de C14,

Como estudei todos os meus anos no sistema público, percebo que, no quesito praticidade, o campo do custo da avaliação se faz bem presente, a escola depende das verbas do governo, que são limitadas, e por isso sempre foi comum onde estudei faltarem desde materiais básicos, como cartolinas, até outros mais caros, como bons computadores. (C14)

Importa considerar que, para que uma atividade seja significativa, muitas vezes serão necessários recursos materiais que a viabilizem. Isso nos leva a concluir que as cursistas reconhecem que conceitos como validade, autenticidade e praticidade, por exemplo, não são dissociados, conforme ilustrado a seguir.

Em relação à praticidade, penso que com a experiência, errando e acertando, vamos aprendendo a “facilitar” nossa vida e a do aluno. Com a prática vemos que, ao preparar uma avaliação, devemos pensar também em como será o processo de correção. (C29)

[...] conceito de autenticidade me fez pensar muito nas aulas de gêneros textuais [...] a importância da autenticidade na prática em sala de aula, pois ela cria um engajamento entre o aluno, a atividade e uma futura circulação do resultado dessa atividade. (C14)

Na categoria *comentários gerais*, destacam-se reflexões que mostram o quanto a avaliação pode e deve ser explorada dadas as suas especificidades, a sua abrangência e relevância no cotidiano da educação infantil. Dos 17 excertos categorizados como comentários gerais (6 no código 1 e 11 no código 3), destacam-se a complexidade da avaliação, suas consequências positivas e negativas, o sentimento de despreparo profissional, a avaliação de estudantes com algum tipo de deficiência, dentre outros. Os trechos subsequentes ilustram esses apontamentos.

[...] apesar da avaliação ser parte inerente de todo processo de ensino, percebo que não estamos devidamente preparados para fazê-lo como realmente deveria. Mas entendo que esse processo tem caminhado, ainda que a passos pequenos, para atender as finalidades. (C11)

[...] estava pensando em como a avaliação é algo que exige de nós, professores, uma atenção absurda para ser o mais “democrática”. (C13)

Devemos parar de ignorar que em nossas salas, nos dias de hoje, encontramos com mais frequência alunos que fazem uso de medicamentos, pois sofrem de transtornos mil e outras doenças/deficiências. É triste saber que podemos fazer parte do processo de exclusão destes alunos, sabendo que somos aqueles que deveriam dar oportunidades. Levarei estes conceitos anotados comigo de agora em diante para sempre me lembrar de dar o meu melhor. (C13)

Os excertos revelam ainda que o tema, conforme exposto anteriormente, tem sido pouco discutido, especialmente no contexto de línguas adicionais para crianças.

Nunca pensei e não me recordo em ter estudado os conceitos básicos da avaliação [...] (C23)

Antes dessa aula, não conhecia os cinco conceitos (C22)

Eu estou de queixo caído, pois eu nunca havia assistido uma aula sobre conceitos básicos de avaliação! Eu tô de cara! Muito conhecimento! (C35)

Durante a análise dos diários decorrentes do Módulo 6, foi possível identificar também que o capítulo disponibilizado como leitura complementar contribuiu para promover tais reflexões, conforme explicitado no excerto a seguir:

[...]o texto teórico conseguiu me trazer uma clareza de qual o meu propósito com aquela avaliação, e com toda certeza pensarei nesse aspecto ao avaliar um aluno a partir de agora, pois quero sempre avaliar aquilo que acho que deve ser cobrado com base nas atividades e aulas sobre o tema, e não, por exemplo, pegar algo pronto da internet sem adaptar para a realidade da minha turma. (C33)

Esses relatos corroboram o que a literatura já traz sobre a carência de letramento em avaliação de línguas dos docentes em geral (INBAR-LOURIE, 2008; HASSELGREEN, 2012, entre outros), e evidenciam que não é diferente em meio aos profissionais que atuam no ensino para o público infantil.

Antes de tecermos nossas considerações finais, depreendemos que, a partir da análise realizada, o módulo abordou elementos considerados centrais do LAL os quais servem para pensar a avaliação tanto formativa quanto somativa na sala de aula. Tendo em vista que a familiaridade com esses conceitos auxilia na elaboração de instrumentos e possibilita às professoras tomar decisões para seu próprio contexto, eles são igualmente imprescindíveis quando trata-se do público infantil e sua variedade etária.

Consideramos que houve fortes evidências de que o módulo analisado contribuiu para suscitar reflexões importantes e despertar nas cursistas a consciência de que é preciso pensar a avaliação a partir de conhecimentos técnicos para que se possa realizar um processo avaliativo justo e apropriado às alunas e à situação de ensino-aprendizagem em que se encontram.

- | Contribuições de um curso EAD para o letramento em avaliação de professores de línguas adicionais para crianças

Considerações finais

Este artigo discutiu as contribuições de um curso EAD para o Letramento em Avaliação de professoras de línguas adicionais para crianças. Para tanto, foram analisados diários reflexivos redigidos pelas participantes de um curso na modalidade EAD sobre avaliação da aprendizagem de línguas adicionais para crianças.

A análise concentrou-se na busca por indícios de reflexões, nos diários das cursistas, suscitadas por um dos módulos do curso: o módulo sobre os conceitos fundamentais da avaliação – autenticidade, confiabilidade, efeito retroativo, praticidade e validade –, considerados como essenciais para a elaboração de instrumentos avaliativos formativos, somativos e também em avaliações de larga escala. Para a análise, utilizou-se o *software* Atlas.ti (Versão 9.0) com base em categorias temáticas a partir de perguntas-guia que orientaram a reflexão das cursistas após cada módulo do curso. Os diários indicaram que o módulo foi bem-sucedido no sentido de provocar reflexões nas cursistas sobre os conceitos abordados, indicando possível ampliação do conhecimento sobre avaliação dessas professoras que, em geral, não possuem formação específica para atuar no ensino de línguas adicionais para crianças.

Referências

BRASIL. **Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA** – Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 05 jan. 2021.

BUENO, B. A. G. **Chameleon**: o jogo de tabuleiro como instrumento de avaliação para a aprendizagem da língua inglesa por crianças. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

BRINDLEY, G. Language assessment and professional development. *In*: ELDER, C.; BROWN, A.; GROVE, E.; HILL, K.; IWASHITA, N.; LUMLEY, T.; McNAMARA, T.; O'LOUGHLIN, K. J. (ed.). **Experimenting with uncertainty**: Essays in honour of Alan Davies. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2001. p. 126-136.

COOMBE, C. **An A to Z of second language assessment**: how language teachers understand assessment concepts. London, British Council, 2018. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org/z-second-language-assessment>. Acesso em: 10 dez. 2020.

FULCHER, G. Assessment literacy for the language classroom. **Language Assessment Quarterly**, v. 9, n. 2, p. 113-132, 2012.

GREEN, A. **Exploring language assessment and testing**. Oxon: Routledge, 2014.

HARDING, L.; KREMMEL, B. Teacher assessment literacy and professional development. *In*: TSAGARI, D.; BANERJEE, J. (ed.). **Handbook of second language assessment**. Berlin, Germany: De Gruyter, 2016. p. 413-428.

HASSELGREEN, A. Assessing young learners. *In*: COOMBE, C.; DAVIDSON, P.; O'SULLIVAN, B.; STOYNOFF, S. (ed.). **The Cambridge guide to second language assessment**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 171-177.

INBAR-LOURIE, O. Constructing a language assessment knowledge base: A focus on language assessment courses. **Language Testing**, v. 25, n. 3, p. 385-402, 2008.

ISAACS, T.; ZARAM C.; HERBERT, G.; COOMBS, S. J.; SMITH, C. **Key concepts in educational assessment**. London: Sage, 2013.

KREMMEL, B.; HARDING, L. Towards a Comprehensive, Empirical Model of Language Assessment Literacy across Stakeholder Groups: Developing the Language Assessment Literacy Survey. **Language Assessment Quarterly**, v. 17, n. 1, p. 100-120, 2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

McKAY, P. **Assessing young language learners**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MISTRY, M.; SOOD, K. **English as an additional language in the early years: linking theory to practice**. Oxon: Routledge, 2015.

- | Contribuições de um curso EAD para o letramento em avaliação de professores de línguas adicionais para crianças

MORAES, I. T.; BATISTA, E. G. Letramento em avaliação para professores de línguas estrangeiras para crianças: orientações teórico-práticas. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 19, n. 2, p. 15-42, 2020.

PELLEGRINO, J. W.; CHUDOWSKY, N.; GLASER, R. (ed.). **Knowing what students know: the science and design of educational assessment**. Washington, DC: National Academy Press, 2001.

QUEVEDO-CAMARGO, G. Formação de professores de línguas adicionais e letramento em avaliação: breve panorama e desafios para os cursos de licenciatura em LEM no Brasil. **Calidoscópico**, v. 18, n. 2, p. 435-459, 2020.

QUEVEDO-CAMARGO, G. Efeito retroativo da avaliação na aprendizagem de línguas estrangeiras: que fenômeno é esse? *In*: MULIK, K. B.; RETORTA, M. S. (org.). **Avaliação no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: diálogos, pesquisas e reflexões**. Campinas: Pontes, 2014. p. 77-93.

QUEVEDO-CAMARGO, G.; SCARAMUCCI, M. V. R. O conceito de letramento em avaliação de línguas: origem de relevância para o contexto brasileiro. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, v. 22, n. 1, p. 225-245, 2018.

REICHMANN, C. L. (org.). **Diários reflexivos de professores de línguas: ensinar, escrever, refazer(-se)**. Campinas: Pontes Editores, 2013.

RETORTA, M. S.; MAROCHI, T. B. **Avaliação em línguas estrangeiras: da teoria à prática**. Curitiba: CRV, 2018.

RICH, S. Early language learning teacher education. *In*: GARTON, S.; COPLAND, F. (ed.). **The Routledge Handbook of Teaching English to Young Learners**. New York, NY: Routledge, 2019, p. 44-59.

SCARAMUCCI, M. V. R. Letramento em avaliação (em contexto de línguas): contribuições para a linguística aplicada, educação e sociedade. *In*: JORDÃO, C. M. (org.). **A linguística aplicada no Brasil: rumos e passagens**. Campinas: Pontes, 2016. p. 141-165.

SHEEHAN, S.; MUNRO, S. **Classroom assessment**: the development of teachers' cognition. London: British Council, 2019.

SKINNER, R. R. **Basic concepts and technical considerations in education assessment**: a primer. Washington, DC: Congressional Research Service, 2017.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica, 1999.

STIGGINS, R. Assessment literacy. **Phi Delta Kappan**, v. 72, p. 534-539, 1991.

TAYLOR, L. Communicating the theory, practice and principles of language testing to test stakeholders: some reflections. **Language Testing**, v. 30, n. 3, p. 403-412, 2013.

TONELLI, J. R. A.; CRISTOVÃO, V. L. L. O Papel dos cursos de letras na formação de professores de inglês para crianças. **Calidoscópico**, v. 8, n. 1, p. 65-76, 2010.

TONELLI, J. R. A.; QUEVEDO-CAMARGO, G. Teaching EFL to children: reflections on (future) teachers' language assessment literacy. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 17, n. 1, p. 63-91, 2018.

TONELLI, J. R. A.; QUEVEDO-CAMARGO, G. Saberes necessários ao professor para avaliar a aprendizagem de crianças na sala de aula de línguas estrangeiras. **Fólio: Revista de Letras**, v. 11, n. 1, p. 583-607, 2019.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: QUEVEDO-CAMARGO, Gladys; TONELLI, Juliana Reichert Assunção. Contribuições de um curso EAD para o letramento em avaliação de professores de línguas adicionais para crianças. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 230-248, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 11/02/2021 | Aceito em: 24/02/2021.

CROFT, William. **Ten lectures on construction grammar and typology.** Leiden/Boston: Brill, 2020.

Andre Vinicius Lopes CONEGLIAN¹

O livro *Ten lectures on construction grammar and typology* (doravante, TLCGT) traz a transcrição² de dez palestras ministradas por William Croft no *Fórum Internacional Chinês de Linguística Cognitiva*, em novembro de 2010. O livro faz parte da série *Distinguished lectures in cognitive linguistics* (traduzido livremente como *Palestras distintas em linguística cognitiva*), publicado pela editora Brill, com aproximadamente 26 livros publicados – todos derivados de palestras realizadas no Fórum. É oferecido, ainda, um material suplementar, que consiste na gravação das palestras, disponibilizado *on-line* pela editora.

Ao longo das dez palestras que compõem o livro, Croft mostra, tanto na teoria quanto na prática, as implicações e a importância de combinar a visão cognitivista da gramática, tal como configurada no modelo da gramática de construções, com a agenda investigativa da tipologia linguística. O livro segue um conjunto de publicações do próprio autor, na busca de defender a pertinência da conjugação desses dois paradigmas. Citem-se, nessa linha, especialmente, os livros *Radical construction grammar* (CROFT, 2001), *Typology and universals* (CROFT, 2003) e *Verbs* (CROFT, 2012), bem como um sem-número de artigos e de capítulos aos quais serão feitas referências ao longo desta resenha.

Na linha de uma apreciação geral, vê-se muito facilmente que TLCGT é extremamente rico em seu conteúdo e pode servir muito bem como porta de entrada para quem tem interesse tanto em estudar gramática de construções, porque Croft apresenta desenvolvimentos atuais da teoria, bem quanto em estudar tipologia, porque o autor problematiza métodos e aponta direcionamentos atuais de pesquisa. Dada a natureza do material – transcrição de palestras –, há inúmeras lacunas que podem – e devem – ser preenchidas caso haja interesse de se empreender um estudo do livro. Nesse sentido, esta resenha, ao apresentar temas, perguntas, hipóteses e teses desenvolvidas ao longo

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; coneglian03@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-1726-8890>

² A série em que este livro foi publicado é editada por Thomas F. Li, que esclarece, na apresentação do livro, que as transcrições e revisões passaram pela aprovação do autor. No que diz respeito à transcrição, explica o editor que certas escolhas formais foram tomadas a fim de otimizar a leitura e eliminar o caráter de oralidade próprio de uma palestra.

- | Ten lectures on construction grammar and typology

das dez palestras, traz indicações de como elas têm sido trabalhadas no conjunto da obra de Croft, fazendo-se referência a outras publicações em que temas particulares são desenvolvidos. Assim, o que se busca mostrar, ao final, é que Croft apresenta, neste livro – e na sua obra, em geral –, uma teoria linguística consistente, que compreende desde a descrição gramatical de línguas particulares, como uma tarefa basilar para o estudo das línguas, até o tema da evolução e da mudança linguística, passando pela comparação tipológica das línguas do mundo.

Do ponto de vista da organização, as palestras apresentam uma mesma condução. Elas se iniciam pela introdução do seu tema geral e pela recapitulação do que foi discutido até então. Introduzido o tema, Croft apresenta a pergunta que busca responder ao longo da palestra. A resposta vem na forma de uma tese central, cujos argumentos se constroem por meio de análises de inúmeros fatos gramaticais de variadas línguas. A conclusão é feita, geralmente, por meio de um resumo da discussão e de uma ligação com o tema da palestra seguinte. Nesse sentido, destaque-se que o autor imprime seu estilo na condução das palestras, caracterizado pela defesa consistente de uma tese e pela abundância de exemplos, o que reflete a firmeza e a segurança que pode ser verificada em todas as publicações do autor. Assim, quem se põe a estudar TLCGT tem lições³ não só de gramática de construções e de tipologia, mas também de planejamento e de argumentação linguística (vejam-se CROFT, 2010a, 2013).

Toda a esquematização pode sugerir o empobrecimento da complexidade do conteúdo do livro, no entanto, o paralelismo das palestras é evidente, como ilustra o Quadro adiante, que traz uma visão geral dos temas, perguntas e fatos gramaticais discutidos em TLCGT.

Quadro 1. A distribuição de temas nas dez palestras de TLCGT

Palestra	Pergunta central	Tese central	Fatos gramaticais discutidos
01 – Pontos básicos de gramática de construções	Qual o ganho teórico e descritivo de um modelo construcional de gramática?	O modelo construcional prevê uma representação uniformizada para toda a estrutura gramatical de uma língua, isto é, o modelo permite a descrição de todas as estruturas de uma língua como sendo pareamentos de forma e função.	Construção comparativo-condicional no latim; expressões idiomáticas em inglês; construções com verbos transitivo e intransitivo em inglês; auxiliaridade verbal em inglês.

³ Fala-se em “lições” pela natureza do gênero em questão.

<p>02 – Gramática de construções radical: categorias e construções</p>	<p>Se o modelo não apresenta relações sintáticas ou tipo formais de construção, como captar generalizações gramaticais?</p>	<p>O método mais adequado para a investigação de categorias sintáticas é o método distribucional, que permite que sejam construídos argumentos para sustentar análises linguísticas.</p>	<p>Comparação de verbos e adjetivos no inglês; construções de objeto direto no inglês; multifuncionalidade de <i>since</i> e de preposições no inglês; modificação e predicação em <i>salish</i>; comparação de determinantes em inglês e alemão.</p>
<p>03 – Gramática de construções radical: “Classes de palavras” na língua chinesa</p>	<p>Por meio de que construções pode-se definir classes e subclasses de palavras?</p>	<p>As categorias sintáticas e as classes de palavra se definem construcionalmente.</p>	<p>Ausência de cópula no chinês e no cantonês em construções de predicado nominal; a distinção entre classes verbais e nominais no chinês e no cantonês.</p>
<p>04 – Estrutura interna das construções</p>	<p>Uma gramática de construções precisa de relações sintáticas?</p>	<p>As relações sintáticas se resolvem em termos de relações simbólicas. A estrutura sintática, por si só e esquemática por natureza, evoca uma estrutura semântica rica, cuja comunicação é a finalidade funcional da gramática.</p>	<p>Construções com verbo intransitivo no inglês; possessivos no <i>tsotsil</i>; flutuação de quantificador em <i>pima</i>; orações relativas em <i>uzbek</i>; proposição <i>vs.</i> sujeito-predicado no inglês e no <i>cree</i>; estrutura oracional em <i>quéchua</i> [...] ⁴</p>
<p>05 – Espaço sintático das construções</p>	<p>Existe um inventário universal de construções que podem ser identificadas numa e noutra língua?</p>	<p>Não há universais construcionais no que diz respeito à estrutura. As construções podem ser comparadas pela sua função. Na verdade, existe um espaço sintático de possibilidades estruturais, no qual se aplicam restrições de caráter universal.</p>	<p>O fato gramatical desta palestra são as construções de voz, particularmente a voz passiva e a voz inversa, que são examinadas numa variedade de línguas.</p>

4 A lista de exemplos discutidos na Palestra 04 é extensa. Por questão de espaço, incluíram-se apenas os primeiros exemplos.

- | Ten lectures on construction grammar and typology

06 – Gramática e verbalização da experiência	Por que as línguas, aparentemente, têm os mesmos tipos de categorias e não outros?	A explicação para a origem da gramática, bem como dos tipos de categorias e de construção de que uma língua dispõe está na verbalização da experiência.	Narrativas de <i>Pear stories</i> (CHAFE, 1980) em inglês.
07 – Universais tipológicos e o modelo de mapa semântico	Como se representam generalizações sintáticas na gramática de construções [radical]?	Geralmente, na gramática de construções, propõem-se taxonomias e relações hierárquicas entre as construções. Na gramática de construções radical, assume-se que generalizações sintáticas não formam taxonomias estáveis, uma vez que os fatos sintáticos das línguas são mais “caóticos” (<i>messier</i>) do que se assume.	Rede taxonômica de verbos transitivos no inglês; escala de animacidade em um conjunto vasto de línguas indígenas; marcação de caso no inglês, em tongan e somoan; pronomes indefinidos uma amostragem de 40 línguas (com base em Haspelmath, 1997) classes de palavras em inglês, lango e cantonês.
08 – Mapas semânticos e escala multidimensional	Em que medida os espaços conceptuais, captados por meio de mapas semânticos (Palestra 07), podem ser considerados universais? E que tipo de categorias são, de fato, universais?	Verifica-se ampla variação no que diz respeito às construções e às categorias gramaticais, tanto na comparação entre línguas quanto dentro de uma mesma língua. A variação é restringida pela estrutura de um espaço conceptual, que é tomado como sendo universal e, assim, apresentando validade tipológica.	Pronomes indefinidos em uma amostragem de 40 línguas (com base em Haspelmath, 1997); aspecto verbal gramatical em uma amostra de 65 línguas (com base em Dahl, 1985); preposições em inglês, com base nos dados de Bowerman (2018).
09 – Semântica de exemplares e o modelo da gramática	Qual é o denominador semântico comum que pode servir de base para a comparação de línguas?	O mapeamento forma-função se dá por meio de probabilidades distribucionais de formas que são usadas para verbalizar tipos particulares da experiência.	Narrativas de <i>Pear stories</i> (CHAFE, 1980) em inglês.

10 – Da gramática de construções à Linguística evolucionária	É possível adaptar o modelo evolucionário da biologia para explicar mudança linguística?	A interação entre processos cognitivos e sociais combinada com sistemas sociais em constante mudança resulta na constante evolução do sistema linguístico.	Mudança sonora no inglês e em outras línguas indo-europeias; mudança do presente simples para o subjuntivo no armênio moderno.
--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria

As palestras que compõem o livro se organizam em duas partes complementares. Na primeira parte (Palestras de 01 a 05), o tema central discutido pelo autor é “sintaxe é mais simples do que se pensa”⁵ (TLCGT, p. 3). Nessas palestras, ao mesmo tempo em que expõe sua teoria de sintaxe, a teoria da gramática de construções radical (do inglês *radical construction grammar*), Croft critica as propostas que apresentam estruturas sintáticas extremamente complicadas, acompanhadas de uma metalinguagem igualmente complicada, particularmente aquelas de modelo componencial⁶ (Palestra 01). O autor explicita o seu modelo a partir de categorias e de construções sintáticas de um ponto de vista tipológico (Palestra 02), mas também apresenta um exame do estabelecimento de categorias e construções em uma língua específica (Palestra 03⁷). Com essa delimitação teórica e empírica, Croft mostra como se organizam internamente as construções (Palestra 04) e como elas se distribuem em um espaço sintático (Palestra 05), que capta exatamente a tensão entre o que é universal e o que é específico de uma língua.

Na segunda parte (Palestras de 06 a 10), Croft assenta as bases para um modelo baseado no uso⁸ (*usage-based model*, em inglês), explorando os desdobramentos de sua teoria sintática na direção de estabelecer exatamente um quadro teórico coerente, que passa pela centralidade da semântica e da pragmática (Palestras 06 e 07), capta a variação inerente às línguas (Palestras 08 e 09) e especifica o modo pelo qual se dão processos de

5 Original: “syntax is simpler than you think”.

6 A maior parte da Palestra 01 é dedicada ao cotejo entre o modelo componencial, alvo de fortes críticas por parte do autor, e o modelo construcional. A ideia básica que sustenta a discussão é o fato de que, no modelo construcional, são postuladas relações simbólicas entre os polos da forma e da função. A aceitação desse ponto é crucial para a proposta de que, na teoria da gramática de construção radical, o cerne da análise é a estrutura interna das construções, tal como desenvolvido na Palestra 05. A esse respeito, vejam-se, especialmente, Croft (2004) e Croft e Cruse (2004, caps. 09 e 10).

7 Para descrições de construções gramaticais de línguas particulares no modelo da gramática de construções radical, vejam-se Croft (manuscrito a, b) e Taoka (2000).

8 Veja-se Croft e Cruse (2004, cap. 10).

- | Ten lectures on construction grammar and typology

evolução e de mudança linguística (Palestras 09⁹ e 10¹⁰). Croft não estabelece uma tese central a ser desenvolvida no segundo conjunto de palestras, como ocorre para o primeiro conjunto, mas é notável a defesa de que “as categorias gramaticais são extremamente diversas entre as línguas”¹¹ do mundo (TLCGT, p. 245).

Os temas de que trata Croft, nas dez palestras, são extremamente diversos, mas há uma continuidade entre eles e há um conjunto de premissas que perpassam toda a obra. O que parece ser o fio condutor de toda a proposta pode ser captado em partes da conclusão da Palestra 04, em que o autor diz acreditar que “é importante olhar, de fato, para a estrutura sintática e defender que a estrutura sintática é mais simples do que tradicionalmente se assumiu e, ao mesmo tempo, mostrar que a estrutura semântica é mais complexa e mais rica do que anteriormente se assumiu”¹² (TLCGT, p. 123). É exatamente aí que está a imbricação, bem como a continuidade, dos temas das palestras da primeira e da segunda parte¹³.

É interessante notar que o fio condutor das palestras não tem apenas natureza teórica, isto é, não é a respeito apenas da linguagem que se propõe uma hipótese. O ponto central está no modo como se concebe a linguagem, especialmente como se concebem os componentes sintático e semântico e o seu mapeamento. Pode-se dizer, assim, que, ao longo das palestras, Croft discute questões essencialmente metateóricas, principalmente no que concerne à representação das categorias e das construções. Esse enquadre faz toda a diferença para a condução que o autor confere aos temas de cada palestra, privilegiando, em todos os casos, questões metodológicas, tais como, a pertinência do método distribucional para o modelo construcional (Palestras 02 a 04), a implicação desse método para a formulação de hipóteses sobre a sintaxe das línguas (Palestra 05) e as possíveis técnicas para modelagem da variação sintática e semântica (Palestras 05, 07 a 09). Faz todo sentido que seja dessa forma que se constituem as dez palestras, uma vez que Croft alcança, talvez não intencionalmente, a proposição de uma teoria global da linguagem¹⁴.

9 Croft disponibiliza em seu *website* dois manuscritos de textos não publicados que abordam exatamente o tema da Palestra 09 (CROFT, manuscrito a, b).

10 Na Palestra 10, Croft traça um paralelo entre evolução linguística e evolução biológica. O todo da proposta vem de Croft (2000).

11 Original: “[...] grammatical categories are extremely diverse across languages”.

12 Original: “[...] it is very important that we actually look at syntactic structure and make the arguments that syntactic structure is simpler than we traditionally thought at the same time that we’re also showing that semantic structure is more complex and richer than we previously assumed”.

13 A esse respeito, vejam-se, especialmente, Croft (2007, 2010b).

14 Contudo, o autor conjuga esses pressupostos para o estudo da linguagem como um sistema complexo (CROFT, 2014).

Nesse contexto, é pertinente apontar que, na Palestra 07, que mostra exatamente o ponto de encontro entre variação e universalidade, captável no modelo dos mapas semânticos (a esse respeito, veja-se Croft, 2003, cap. 5; manuscrito (a), (b)), Croft assume que não há uma única forma de representar generalizações sintáticas e semânticas; na verdade, defende o autor, há inúmeras formas de representar essas generalizações, desde que sejam captadas a variedade e a diversidade das categorias de uma língua para outra. O ponto central e, talvez, o que se tem mostrado como o mais problemático para as teorias linguísticas, especialmente aquelas de orientação tipológica, é justamente saber identificar o que são fatos específicos de cada língua, o que são fatos universais e onde está a possibilidade de comparação (veja-se a discussão em Croft, 2016).

O fato de as palestras apresentarem um enquadre metateórico não significa que não se faça a defesa de uma tese teórica central, segundo a qual as categorias linguísticas e as propriedades sintáticas são específicas para cada língua, mas podem ser comparadas, de modo que os fatos universais sobre as línguas repousam nas restrições de variação entre as línguas. Essa hipótese é justamente o que motivou Croft a formular uma teoria sintática construcional em perspectiva tipológica (Palestras 01, 03, 05, 08 a 10 – a esse respeito, vejam-se, principalmente, Croft, 2001 e 2004). O modelo da gramática de construções radical permite captar tanto as especificidades de línguas particulares quanto as regularidades tipológicas das línguas. Por isso é um modelo teórico que se estende por vários campos dos estudos da linguagem.

Ao longo desta resenha, procurou-se mostrar que um modelo teórico que capta a complexidade da linguagem não precisa ser, necessariamente, complicado. Nesse sentido, a gramática de construções radical, como uma teoria de linguagem, é extremamente minimalista na proposição de categorias e de relações sintáticas, ao mesmo tempo que faz uso de inúmeras metodologias para investigação da complexidade semântica e pragmática. Nesse contexto, defende-se fortemente que TLCGT é uma fonte segura para quem deseja se aventurar pelas veredas da gramática de construções, assim como da tipologia. A par de toda valiosa contribuição teórica que o livro faz, destaquem-se, principalmente, o rigor metodológico, a sensibilidade aos dados, a variedade de fenômenos gramaticais discutidos e a clareza na argumentação e nas análises. Esta obra pode servir, especialmente, ao público acadêmico brasileiro, uma vez que o modelo construcional tem tomado cada vez mais espaço nos departamentos de Letras e de Linguística e tem sido a base teórica de um crescente número de pesquisas sobre gramática do português. Certamente os leitores se depararão, a cada palestra, com aulas verdadeiramente magistrais.

- | Ten lectures on construction grammar and typology

Agradecimentos

Agradeço a leitura e os valiosos comentários de Maria Helena de Moura Neves e Juliano Desiderato Antonio.

Referências

BOWERMAN, M. **Ten lectures on language, cognition, and language acquisition.**

Leiden: Brill, 2018.

CHAFE, W. (org.). **The pear stories.** New Jersey: Academic Press, 1980.

CROFT, W. Comparative concepts and language-specific categories. **Linguistic Typology**, v. 20, n. 2, p. 377-393, 2016.

CROFT, W. Studying language as a complex adaptative system. **English linguistics**, v. 31, n. 1, p. 1-21, 2014.

CROFT, W. Hypothesis formation. *In*: LURAGHI, S.; PARODI, C. (org.). **The Bloomsbury companion to syntax.** London: Bloomsbury, 2013.

CROFT, W. **Verbs.** Aspect and causal structure. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CROFT, W. Ten unwarranted assumptions in syntactic argumentation. *In*: BOYE, K.; PEDERSEN, E. B. (org.). **Language usage and language structure.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2010a.

CROFT, W. The origins of grammaticalization in the verbalization of experience. **Linguistics**, v. 48, n. 1, p. 1-48, 2010b.

CROFT, W. The origins of grammar in the verbalization of experience. **Cognitive linguistics**, v. 18, n. 3, p. 339-382, 2007.

CROFT, W. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. *In*: FRIED, M.; ÖSTMAN, J. (org.). **Construction grammar(s): cognitive and cross-language dimensions.** Amsterdam: John Benjamins, 2004.

CROFT, W. **Typology and universals**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CROFT, W. **Radical construction grammar**. Syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. **Explaining language change: an evolutionary approach**. London: Longman, 2000.

CROFT, W. **Countability in English nouns denoting physical entities**. Manuscrito (a). Disponível em: <https://www.unm.edu/~wcroft/Papers/Count.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2021.

CROFT, W. **Exemplar semantics**. Manuscrito (b). Disponível em: <https://www.unm.edu/~wcroft/Papers/CSDL8-paper.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2021.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DAHL, Ö. **Tense and aspect systems**. Oxford: Blackwell, 1985.

HASPELMATH, M. **Indefinite pronouns**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

TAOKA, C. **Argument structure in Japanese**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade de Manchester, Manchester, 2000.

COMO CITAR ESTA RESENHA: CONEGLIAN, Andre Vinicius Lopes. Ten lectures on construction grammar and typology. Leiden/Boston: Brill, 2020. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 249-257, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 05/02/2021 | Aceito em: 18/02/2021.

ÍNDICE DE ASSUNTOS

Abordagem estrutural	68
Aspecto verbal	204
Círculo de Bakhtin	169
Construções com verbo-suporte	204
Diálogo	101, 169
Diários reflexivos	230
Editorial	101
Ensino a distância EAD	230
Ensino de línguas para crianças	230
Enunciação	56
Enunciado	169
Escravidão	35
Etiqueta	145
Família	35
<i>Folha de S. Paulo</i>	101
Formas de tratamento	145
<i>Harry Potter</i>	169
Ideologia	169
Influências históricas	68
Interação	10
Jornalismo digital	101
Letramento em avaliação de línguas	230

Léxico-gramática	204
Marcadores discursivos	10
Modalidades epistêmicas	129
Percursos figurativos e temáticos	129
Relações de discurso	10
Semântica do Acontecimento	35, 56
Senhor	35
Sociolinguística Variacionista	68
Sujeito	56
Triagem e Mistura	129
Uso estilístico	145
Variação linguística	145

SUBJECT INDEX

Bakhtin Circle	169
Dialogue	101, 169
Digital journalism	101
Discourse markers	10
Discourse relations	10
Distance-mode teaching	230
Editorial	101
Enunciation	56
Epistemic modalities	129
Family	35
Figurative and thematic routes	129
Forms of address	145
<i>Harry Potter</i>	169
Historical influences	68
Ideology	169
Interaction	10
Language assessment literacy	230
Language teaching to children	230
Lexicon-grammar	204
Linguistic variation	145
Reflexive diaries	230
Screening and mixtures	129

Semantics of Event	35, 56
Slavery	35
Social behavior	145
Stylistic use	145
Subject	56
Support-verb constructions	204
Utterance	169
Verbal aspect	204

ÍNDICE DE AUTORES

Andre Vinicius Lopes CONEGLIAN	249
Eliana Rosa STURZA	56
Enedino SOARES	145
Eric LAPORTE	204
Giovana Cristina de MOURA	169
Gladys QUEVEDO-CAMARGO	230
Gustavo Ximenes CUNHA	10
Heloisa Mara MENDES	101
Jorge Viana SANTOS	35
Juliana Reichert Assunção TONELLI	230
Kelly Cristini GRANZOTTO WERNER	56
Larissa PICOLI	204
Liliana de Almeida Nascimento FERRAZ	35
Luciane de PAULA	169
Marcela Langa LACERDA	68
Marilza de OLIVEIRA	145
Marina Célia MENDONÇA	101
Oto Araújo VALE	204
Sonia MERITH-CLARAS	129